

Disponibilizado gratuitamente pelo autor na quarentena. Abril de 2020
www.ordepserra.wordpress.com

ALALÁ DO LUARÉU

romance

Ordep Serra

Disponibilizado gratuitamente pelo autor na quarentena. Abril de 2020
www.ordepserra.wordpress.com

LIVRO PRIMEIRO

HISTÓRIA DE CÍNTIA

(I)

Foi este cafundó da gente o lugar em que o desembarque de homens na lua teve a maior repercussão: o lugarejo onde estou rabiscando, hoje conhecido pelo nome de Pedra Branca do Triunfo, antigamente Morro Azul. Um município da boca do mato, longe de tudo. Uma pequena cidade no brocotó do Brasil, no fundão mais fundo.

Reconheço: dito assim, sem mais nem menos, o que acabei de afirmar parece até brincadeira. Tem a cor do disparate, uma tinta que ofende os olhos e faz barulho. Na certa, fere os ouvidos inteligentes de quem me lê, quando lhe ecoa nos miolos, onde se junta a letra ao som. Dá impressão de bela balela, com um par de chifres no lombo, sinetas no rabo grosso, campainha no pescoço. Incrível, não?

Mas bem real.

Que nem o mundo.

Digo com fé: embora provoque espanto, o que agora lhes exponho é a verdade nua e crua — com as impurezas da lua.



Cá estamos numa curva de estrada, num trecho de campos gerais que aos poucos se encosta no lombo ardente da caatinga. Serras nos flancos de um tabuleiro nos vigiam soberanas, a noroeste e no sul. Pouco além das ondas imóveis há cidades com marca no mapa. O pontinho da gente mal se enxerga, ou nem aparece nas cartas. Um olho de agulha, um fim de mundo. É como dizem. E é certo. Mas em termos relativos não fazemos má figura, não nos achamos entre os piores nesta terra de pobreza. O chão fecundo e a trança da rodovia nos favorecem.

No miolo da sede se acha um naco de conforto, que não é para todos: água encanada, luz elétrica, ruas asfaltadas. Temos banco, escolas, clínicas, oficinas que dão para o gasto, cinema, campo de aviação, randevu, rodoviária. Contamos com silos e armazéns, mercado grande, um leque de lojas. Há renca de bares, botecos, açougues e

padarias, mais vendas de toda classe, além das quitandas. Uma olaria se esparrama perto dos barros da lagoa. Um alambique faz sucesso na curva do rio. O fórum é novo. E tem as igrejas. Um comerciozinho razoável.

As ruas melhores irradiam da Praça Triunfo, esgalhando outras, que deitam ramos desiguais. Tudo se intrinca, torce e trunca nos espaços retalhados pela teima dos pobres. Pois é assim que a cidade cresce: inchando.

O município tem poucos distritos. Na zona rural, a estampa dos vilarejos não varia: roças, mangas, casas singelas com expressão de cansaço, arruados toscos. Veem-se muitos casebres humildes na fimbria do mato. Mas também há fazendas de certo porte, com razoáveis lavouras, rebanhos de bois, ovelhas e cabras, alguma tinta de riqueza. Dá-se que boas águas de entre-rios nos protegem com seus lençóis no rigor da seca. É mais adiante que ela se encarnaça.

Das fazendas antigas, duas fizeram história: a primeira deu nome à vila e a segunda batizou a cidade, quando seus donos ganharam na política. Assim passamos de Morro Azul a Pedra Branca, do monte ao lagedo. Mais tarde, um casamento juntou as famílias dos maiorais. Triunfo de todos, dizem na escola. Agora sempre se sabe quem manda.



Quando a Magra roda sua foíce na terra sertaneja damos passagem a flagelados que vêm dos fornos do semiárido. Antigamente eles arranchavam como podiam em cabeças de porco, em tugúrios desocupados, em ruínas, onde quer que achassem um arremedo de abrigo. Ou nem isso: apenas zanzavam pelas ruas, enganando a fome com alguma paçoca, até encher os paus de arara. Não davam trabalho, não incomodavam ninguém. As almas boas lhes gotejavam sua caridade, no jornal lamentava-se o miserê, e logo vinha o alívio: os cassacos ganhavam a estrada, sumiam na bruma das vistas grossas. Um que outro por aqui ficava, se descobria onde encostar-se, fazendo bicos.

Mas dá-se que tudo muda no mundo, não é mesmo? Agora, os fugitivos da seca são caça de olhos atentos. As autoridades tratam de impedir que eles se demorem em nossa terra. Tomou-se esta medida depois que os homens pisaram na lua.



Todo o mundo sabe: o destino comum dos retirantes que a falta d'água expulsa do sertão é o sudeste do país. O Sampa, de preferência. Só que às vezes o rumo varia. Brasília sorveu muitas ondas de nordestinos. Sim, desde a primeira hora: desde o riscado de seu avião num planalto goiano. Mais ou menos na mesma época abriu-se outra frente e muito candango tomou o rumo da Amazônia.

Essa troca do povo faminto, do sul pelo norte, nasceu do capricho de quem manda, na cuia do poder. O governo federal entendeu de abrir uma grande estrada no alto do mapa: uma pista rompante floresta adentro, com vilas nos beijos. Empresários de olhos agudos se voltaram para o corpo da selva. Em busca de mão de obra para seus projetos, eles faziam encomenda de gente pobre, uma raça disposta a tudo. A panela do mundo verde ferveu com carne do sertão. Surgiram pastos onde era mato, montaram-se barracões e currais. Os poderosos enchiam os bolsos fazendo rombos na floresta. Aos poucos, porém, o sonho amazônico perdeu vapor. A enorme rodovia interrompeu-se na metade. Virou serpente de espinha torta, danada de estruidora. E a febre do norte declinou. Mas é com seus calafrios que a minha história começa.



Não falta quem lucre com calamidade. Quando o demônio do miserê invade o mundo com cheia, ou seca, ou qualquer catástrofe, logo aparecem graúdos espertos que descobrem um jeito de tirar proveito do flagelo, rindo com os dentes da desgraça. É o

normal. Eis o diferente: vez por outra, um Mané Pouca Coisa também se vale do tempo ruim, toma ousadia, tanto faz que mama um pouco na Cachorra da Moléstia.

Assim foi com Cristiano, vulgo Rolê. Ele cresceu e apareceu montado no lombo da miséria. Pouca saliva lhe bastava: era só falar em terras boas, emprego, dinheiro certo — num instante enchia o caminhão. Cobrava pouco da piãozada, mas ganhava dos mangangões uma grana preta por cada entrega. Chegou a possuir uma pequena frota. Para nossas medidas, não era pouca porcaria.

A festa dele não durou. Em dia incerto voltou-lhe um freguês. Era um magrela de queixos rijos, um catrumano sombrio. Sua voz espinhenta viajou de boca em boca, acusando que lá no norte, nas glebas novas, trabalho rude era certo, só não se usava pagamento. O ganho morria em dívidas: os laços do cativeiro. Tentativa de fuga dava assunto a bate-pau — e o resultado era carniça. Poucos escapavam.

Resumindo: na terra prometida, quem reinava era a Besta Fera.

Não foi só essa propaganda que deu limites a Cristiano. Teve outra complicação: passado o susto do alalá, o prefeito decretou que caminhão só tem direito de apanhar cassacos fora do comércio. Até hoje, é assim: candango que chega à sede, a polícia espana. Virou praxe, virou lei.

Tudo por causa do rumor da lua.

II

Sim, eu confirmo e torno a falar: em nossa terra, o sucesso dos astronautas que caminharam no satélite teve uma grande repercussão. Diferente: nada do que se viu nos lugares adiantados, ou já nos brongos do brocotó. Nós destoamos de todos. Em cidades sertanejas do mesmo porte que a nossa, houve até comemoração: nos colégios, os professores comentaram a grande viagem, montaram painéis com fotos e textos para instrução de seus alunos. Deram palestra, que muita gente assistiu. Curiosos aplaudiram.

Aqui, estourou silêncio — tão forte que ainda ecoa.

Houve, é claro, outras reações nesta zona pobre do mundo. Feitas as contas, a indiferença prevaleceu. Em cafundós dos arredores sequer chegou a notícia — ou chegou e morreu na porta: encontrei muito zé de muxoxo que não acredita na façanha dos astronautas americanos. Há teimosos que viram tudo na tevê e mesmo assim duvidaram. (Alegam que a máquina mente muito). Existe ainda um grupo emburrado de gente que viu e crê, mas não aceita: velhos beatos até hoje condenam o desaforo do foguete, xingam os gringos que pisaram na medalha de São Jorge.

A maioria não se incomoda com seus resmungos.

Enfim, no velho sertão — tirante o nosso trecho —, o rumor do desembarque dos astronautas no olho da Branca se espalhou sem grande incômodo, a lua pisada não doeu. Já neste cantinho, o efeito foi estrambótico: um estupor de barbaridade, um desmantelo que me deixou intrigado. Com o juízo pinicando, danei-me atrás de esclarecimento: resolvi estudar o que se passou. Queria saber o que aconteceu nesta cidade da Pedra Branca no dia vinte e um de julho do ano aluado de mil novecentos e sessenta e nove. Empenhei na procura a pouca força dos meus miolos.

Não estou seguro do proveito.

Mas não me arrependo.



Principiei minha expedição pela caça aos principais do alalá: busquei logo os personagens que teriam feito grandes proezas no front do frege, nas arrelias da lua. Nada fácil: quem não sumiu se escondeu, assim no longe como no perto. Alguns se embiocaram no casco de sua presença, com treita de jaboti. (Alguns? Digo mal: rebanho de cágados). Muitas estrelas do drama estavam fora de alcance. Fulano pisou no vento, Beltrano subiu na poeira, Sicrano virou fumaça. Quem viu, partiu — e adeus quem disse.

A quantas ando? Nem sei. O tempo aluado desvaria, muda de pele, vira fumaça do sabe-se lá. A história maluca se esconde com a língua ardendo: mora na moita, brinca de ausente, salta de si no cadê. A gente chama e ela foge. Mas deixa feridas.



Não há muito, um comerciante vindo de terras praianas botou na entrada de sua loja um grande poster com a imagem de um astronauta na lua. Na curva da noite lascaram-lhe o belo cartaz, invadiram sua loja, quebraram suas mercadorias. E ainda cobriram o suplicante de porrada.

Censurei esta sacanagem, mas tive um lucro: a revolta pariu murmúrios, destravou um pouco as línguas. Colhi uma safra inesperada de testemunhos do alalá.

E me embananei.

Era impossível botar ordem nos depoimentos, compor as ideias que os beiços turvos me assopravam, harmonizá-las, coser as notícias. A cada relato, a história tomava um caminho novo, mudava seu mapa.

Danei-me, então, a discutir com os enrolados tecelões desses enredos, chamando sua atenção para os fios soltos, os embaraços, o tangolomango das incongruências, os quiproquós da prosopopeia. Apresentava a este a versão daquele, pedia comentário, fazia comparação, media os comos e quandos, rodava a peneira. Questionadas, as criaturas desvairavam. Faziam novas narrativas, com muitas emendas — e aí, eu não tinha mais como separar-lhes a recordação do invento, o descoberto na sua memória do fruto peco de minha demanda, plantado expressamente para me contentar. Desse jeito, iam-me forjando um arranjo tosco, a cravar os pois de depois na história. Minha confiança murchou.

Mas ainda assim, avancei. Aos tropeços.

Certa vez, percebi que o bom Elias se assanhava muito na reprise de sua crônica. Chamei-lhe a atenção: a narrativa que lhe saía da boca, naquela hora, abria guerra contra as mais velhas. A filha enforcava a mãe.

— É que agora puxei outra ponta de recordação — ele explicou —. Peguei mais corda, vejo novas coisas. E quer saber? O acontecido também mudou.

Foi uma luz. Só nesse momento percebi que minha busca estava mal orientada, que era preciso dar-lhe outro rumo. Vi que merecia exame — era de ter algum sentido — o modo turvo como as pessoas, nesses estranhos depoimentos, buscavam o lume da lembrança. Os danados descreviam uma passagem do enredo até um ponto qualquer e aí se detinham, bruscamente, sem motivo manifesto. Começavam, então, a traçar-lhe à roda umas tremelicagens especulativas, com bolhas de livrosia. Vez por outra, algum relance passado brilhava no juízo lá deles com novo ardor, com uma chispa forte, grátis, que acendia imagens, alumiava trechos volúveis de sua memória, feito uma lâmpada a balançar-se na proa de um barco no mar sombrio, no abismo da noite — vadio barco, sem rumo nem prumo, leso de leme, falho de timão. Eu podia sentir o esforço das criaturas, seu empenho em botar ordem na narrativa — mas era tudo cansada besta, com pouco resultado. Ou senão, um engano a bater no peito, cheio de fé.

De novo, a boca sincera do Mestre Elias me ajudou:

— Quando você indaga do assunto, toda resposta que dou me parece errada. Ao passar pela cerca dos dentes a ideia rasga sua roupa e se lasca toda. No que chega a meus ouvidos mal reconheço. Minhas palavras são puros fiapos, restos do pensamento ferido e desfigurado, com lanhos na carne que ele não tem. Conto e desconto, anuncio mas renuncio, tanto digo como nego. Já reparou? É que a lembrança perde a direção. Escorrega do tempo, cai de ontem para hoje, se arreventa em nunca mais. Fique sabendo, meu caro: sua atenção é um veneno. A fim de fazer com que o amigo me compreenda, invento coisa que não sucedeu. Mas quando falo, fica logo sucedida.

Ora, esse Mestre Elias, *Papai Jaburu*, nunca se apertou em outros enredos, quando tinha de relatar peripécia acontecida, fosse perto ou fosse longe, no circo do mundo. As artes do verbo de boca, ele bem conhece. É mesmo danado de inteligente, embora não tenha letras. Às vezes, parece doido. Burro, não.

Paulo Marlene, Liá de Santinho, Mena de Severiano, Maria Perfeita, as damas do Bem Me Quer, Teo, Calixto, Alexandra, Virgínia, nenhum dos tantos que interroguei falou sem abalo. Todos mordidos de cisma, todos gagos da memória.

Até em mim pegou uma sombra. Não sei como: eu sequer me encontrava aqui quando se deu o desembarque dos gringos na lua. Novato no banco, naquela altura eu trabalhava em outra cidade. Só mais tarde se abriu agência na minha terra e consegui transferir-me.

De volta, estranhei o ambiente. Senti que um silêncio fosco girava ao redor de não sei o quê. Cocei os ouvidos e a nuvem passou. Pouco depois chegou-me um sinal. Era esquisito que nem um sonho, mas nasceu em boca pura. Seguiu-se um riacho de vozes abafadas. Abalou-me o surdo rumor.

A primeira coisa que me espantou foi bem simples. Ninguém queria conversa sobre a viagem dos astronautas, o pouso na lua. Era só eu tocar no assunto que me deixavam falando sozinho. O silêncio geral acordou meus galos. Vi que era a pele de um segredo merecedor de investigação. Dava sinais de um sucesso escabroso, um espanto que se queria negar. Pouco a pouco, sondei o poço: não tinha fundo.

A informação me vinha mais da arraia miúda. Bêbados, putas e doidos, povo de rua, pobres, doentes, vadios, flagelados em cabeças de porco, malandros errantes, bichas loucas, almas desesperadas, mendigos — essas foram minhas fontes principais. Somei-lhes meia dúzia de pessoas remediadas que tinham o vício do fuxico: é um grupo que sofre demais com o freio na língua. Tanto lhes dei alívio como pavor. O que me falavam no sábado, desdiziam no domingo.

Sou obstinado. Entrevistando essa vária gente, enchi cadernos grossos e gravei um monte de fitas. Colhi uma riqueza de histórias descabeladas. Logo me convenci de que entrava num labirinto, num arapuá. À volta de um desaforo enterrado vivo, o estrupício do verbo se enlaçava com as sombras da lua. Intrigado, me decidi a escrever a crônica do alalá: a saga do lunifício que perturbou minha terra.

Minha *mania* foi recebida de modos distintos no banco onde eu trabalhava. *Mania* era mesmo como chamavam meu projeto. Poucos colegas me levaram a sério. A maioria achava graça: com tanta pesquisa — diziam eles —, logo eu me formaria em lunático. Era

Disponibilizado gratuitamente pelo autor na quarentena. Abril de 2020
www.ordepserra.wordpress.com

como brincava o pessoal da república, o povo de fora. Os meus conterrâneos
esconjuravam. Não demorei a entender o motivo.

III

Numa sexta-feira, ao sair da agência, me deparei com o prefeito Magno. Depois de um breve cumprimento, ele indagou que raio de pesquisa eu fazia no jebe-jebe da gente. Fitei com calma os bugalhos frios do Grande Homem. Atrás da pose de nem-me-importa, tinha uma sombra. Saboreei sua inquietude:

— É que pretendo escrever um livro. Uma história de nosso município.

— Ah, bom! Está muito bem.

O tom de voz mostrou a gatura, o fel embaixo da rapadura. A pulga na orelha, que nem um brinco da moléstia. O ginge da cisma.

Compreensível. Mesmo que tenha vencido a luta, se não atinou com a lógica da batalha um campeão velho de guerra pode ficar como quem perde: aleijado da segurança.

No dia seguinte recebi um pacote gordo: cópias de relatórios que nada me interessavam, fotos velhas de Morro Azul, imagens de comícios e procissões na Pedra Branca, decretos, discursos. Acompanhava a maçaroca um bilhete com os cumprimentos do alcaide. Ele esperava que eu me desse bem com a arte de historiador.

Conversa de cobra, todo o mundo percebeu.

Ganhei apoio de uns colegas: de Celestino, de Heliodoro, de Apolônio, às vezes de Clariválter. Muitos, porém, se afastaram de mim.

E o velho angu se encarçou.

Não foi de vez, demorou um pouco. É que o quebra da loja deu no oposto da intenção: irritou o povo. A polícia teve de fingir inquérito. O comerciante ingênuo ganhou visitas, ouviu palavras de conforto, agradeceu e foi-se embora. Eu recebi sinais de apoio, sem a clareza da explicação.

Quem mais me estimulou foi dona Celi, por apelido Neneia, senhora que pouco sai de casa, mas acumula noventa anos de esperteza jovial. Eu estava comentando o problema do luaréu numa conversa com Poló, justo na calçada em que ela cochilava, na boca da noite. De repente, a velha abriu os olhos, deu uma risadinha e glosou:

— Desde que enterraram vivo aquele dia lunarioso o povo sofre do bestunto. E os meninos já nascem de memória fraca. Mas tudo muda, não é? Isso aqui era Morro Azul, virou Pedra Branca de Santa Clara do Triunfo, hoje não tem mais santa. O nome variou,

cresceu e diminuiu, mudou de cor, entrou na igreja e saiu pagão, enxugou-se da água benta na saia do padre. Mal e mal, guardou-se o Triunfo. Assim é o mundo. Filho de Laura, preste atenção: o que hoje se vê parado, amanhã se mexe. História de gente humana às vezes se enrosca de um jeito que ninguém acredita, mas com o tempo se afrouxa o nó. Ou se rompe a corda. O corisco sumido na escuridão deixa sua lasca na terra. Creia, de tudo fica um rastro. Santa Clara escureceu, porém ainda faz milagre. É que o segredo tem seus espinhos: quem guarda se fere, cedo ou tarde. Vá com jeito: se é turvo o centro, procure as bordas. Abra o leque das orelhas e converse com toda a gente, nas três pontas do Triunfo. O que um não sabe, outro saberá. Só a mim não pergunte nada, que não vale a pena. Falando francamente, além de caduca eu sou mentirosa.



Segui o conselho da velha Neneia. Num povoado próximo, achei um tonto que tivera destaque no fuzuê da Lua Velha. Segundo me disseram, quando lhe vinha o rompante, um furor dos bons, ele revia o luaréu. Meu colega Poló foi quem deu a dica.

Pedi a Deus para encontrar o lheguelhé bem atacado, mas não tive sorte. Encontrei-o no quintal de sua casa (ou melhor, da casa do irmão), acororado entre as galinhas. Tinha na cara um sorriso besta, de apresentador de televisão. Conversa rala: minhas perguntas topavam num toco. Melhor, num coqueiro dado ao vento, pois a tudo ele respondia batendo palmas. Seu irmão me explicou que ultimamente o pobre estava lerdo, em fase de estupor. Tinha parado com as visagens.

— Dantes ele se enfurecia que era uma beleza, dava grito raso e fundo, tanto de curva como de quina, com mel de música. Cantava, dançava, ria de rachar os vidros e falava uma babilônia. Eu botei-lhe a corrente no pé, prendi numa estaca. Não queria que o pobrezinho me fugisse para o feio do mundo. Um belo dia me apareceram aqui uns jornalistas fazendo reportagem sobre doidos pobres. Deixei que tirassem fotografia. Os danados armaram um escândalo medonho nas folhas da capital. A polícia me visitou. Esse coitado se viu solto no desamparo e por pouco eu não esbarro nas grades da cadeia. Deram-me o nome de Caim, quase me cospem na cara. Por ordem do governo, meu irmão

foi levado a um hospício de Salvador e fez tratamento grátis, de choque elétrico. Sarou demais, já nem sente o mundo.

Minha expedição não foi um pleno fracasso. Verifiquei um ponto que tinha em dúvida. O irmão do aluado me esclareceu:

— Diniz não é doido de nascença. Avariou com o atropelo que teve na cidade por obra do foguete lunático. Até esse dia, era apenas tonto, e mais de ofício que de verdade. Em parte por precisão, em parte por vocação, o mano se fez de bobo. Detestava a labuta da roça. Foi trabalhar na pensão de Eufrosina, lá na sede. Zina sempre gostou de ter um lelé nos serviços miúdos. É uma espécie de devoção. Sim, o maninho tava bem no emprego, posso dizer que era feliz. Até o dia do aluamento.

No que eu já estava para ir-me embora o moço leso abriu os olhos e deu um grito lascado. O irmão dele sorriu, falou que o mano estava melhorando, há muito não berrava assim. Daí o tonto tirou do bolso um treco que pôs na minha mão e declarou:

— Olhe, é você. Pode crer que é mesmo.

De fato, era eu. O que ele me deu foi um espelho de camelô, desses pequenos, redondinhos. Uma lua de bolso.

Tentei recomeçar a entrevista mas não teve jeito: o tipo tornou a fechar os olhos. E a boca de seu abismo.

IV

Achei mudança nos ares: o Grande Homem percebeu que havia interesse por minha crônica. Sua mãe (uma velha esperta, viciada em política) deu-lhe um conselho:

— Não se avexe, filho meu. O bicudo só incomoda por causa da atenção que desperdiçamos com ele. Deixe que faça seu fuxico. Assim o povo gasta um pouco do aperreio com o diabo daquela passagem. E não há de ser nada. No fim, o entezinho escreve suas besteiras diretamente para a lata de lixo. Quando que um jegue daqui vai publicar uma obra contra a vontade do Governo?

Gozei de trégua, abri meu jogo mais um pouco. Logo, porém, manifestou-se o problema interno da história, toda enrolada no desgoverno das lembranças.

Quase desisto.

Não pude. Já existia em meu coração um fervor pelo assunto. Nas falas embaraçadas achei um fio de música.

Uma entrevista me reforçou esta sensação. Fazia tempo que eu procurava o sujeito, sem saber de seu paradeiro. Hélio farejou a pista num arapué de boatos e garantiu: o homem estava em Feira de Santana. No sábado seguinte tomei o ônibus da madrugada. Lá pelo fim da tarde me vi num salão de madames, perguntando pela figura:

— Um moço alto, forte, por nome Paulo. Seu apelido é Marlene.

O cabra estava na sobreloja arrumando perucas. Entusiasmou-se. Desfiou-me sua vida inteira, só de prólogo. Quando entrou no caso fez quatro ou cinco narrativas que se contradiziam ferozmente. Se eu reclamava ele torcia as mãos, pedia desculpas e recomeçava o fuxico, embolando tudo outra vez. Foi o primeiro que me falou a valer de Heraldo Sofrônio. Mas em seguida confessou que mal o conhecia. Deu ricos detalhes de sucessos do Vinte e Um, referindo-se a passagens que não assisti, nem podia ter presenciado — assim a lógica me cochichava. Plantou-me outras dúvidas, onde eu já tinha os mandacarus de muitas.

Quando lhe indaguei o que sentiu na ocasião, o rapaz botou as mão na cabeça e danou-se a pressionar com as palmas as próprias fontes, como se quisesse espremer dos miolos uma ideia braba. Fungava com tremeliques, num faniquito da porra, e tanto gemia como se assoprava. Por fim, conseguiu falar:

— Foi uma glória, foi um horror. Me senti o máximo. Igual a uma imperatriz, entende? Não, não: um condenado na forca, pulando corda com seu carrasco.

Dito isso ele deu um gritinho e pegou a chorar. O dono do salão veio pedir que a gente não fizesse escândalo. Escabriado, respondi que já ia embora e Paulo se ajoelhou a meus pés:

— Não desista, meu anjo. Continue procurando, descubra o que foi aquilo. Se ninguém entender, é capaz que nada tenha acontecido. Seria insuportável.



Heliodoro deu de ombros. A seu ver, a presepada de Paulo Marlene se resumia a frescura. Observei-lhe que o mesmo se dava com outras testemunhas: mal a conversa avançava, uma ressaca furiosa lhes crescia nos miolos e eles se enredavam na burundanga da brenha, no cipoal do transtorno. O colega reconheceu que era bem assim. Repeti-lhe, então, a pergunta que me espicaçava:

— Que diabo terá sucedido nesta cidade por conta da lua esfogueteada? Por que sentiram seu calafrio só nesta nesga de chão?

Hélio esquivou-se: não é daqui nem do céu, não estava por estas bandas na passagem do alalá. Mas ponderou:

— A julgar pelos indícios que você tem reunido, essa zorra envolveu um furor de gente. São muitos os que poderiam dar resposta a tua pergunta. O fato é que não conseguem. Só uns loucos e poucos dão testemunho da experiência de uma legião.

— Se é que isso aconteceu — emendou Celestino, entrando na conversa. — Temos na rinha duas hipóteses: ou esses tipos de fala capenga são as luzes da paróquia, ou são uns desatinados como nunca se viu no mundo.

— Tudo é possível — retruquei —. Mas os outros também me dão testemunho. Falo dos desconfiados que minhas perguntas aborrecem. Beiços mordidos, caretas, essas coisas também falam. Quem diz “arreda” sente o enredo. Sua reação confirma a inana.

— Logo, quem ganha na briga de galos é a hipótese menos provável: se devo crer na tua conversa, a cambada de doidos torna-se a parcela mais razoável da população.

Embora não se lembrem direito do que mal te contam, guardam os cacos de alguma coisa que os outros perderam. São os prediletos da memória, os teus videntes zarolhos. No resto da tropa, só ficou o vazio. Um buraco na consciência.

— Sim, parece que deu um branco no pessoal da língua presa. A maioria nem sabe o que rejeita. Bambeiam no lamaçal, com pés de pano.

Nesse ponto, a empregada chamou-me: uma senhora queria falar comigo. Cabelos brancos, vestido preto, era uma velha espigada, ativa, de terço na mão. Me deu ideia de uma rainha pobre. Sentou-se calmamente na cadeira que lhe ofereci, aceitou o copo d'água e o café, perguntou de meu pessoal, só depois falou com voz solene:

— Escute, filho de Valéria: no meu tempo de meninota, cortaram a cabeça de uma mulher e jogaram num poço fundo, em noite de lua cheia. Tudo secou no povoado. O corpo, enterraram. A cabeça, ninguém achou. Quando o caso já estava pronto pra ser esquecido, ela pegou a assombrar. Apareceu aos assassinos, nadando no vento feito um balão. De tempos em tempos ela retorna. E provoca alalá. Tenha muito cuidado.

Agradei, levei-a até a porta a velha senhora, dei-lhe uns trocados para suas devoções e voltei à conversa com os colegas. Celestino quis saber como foi que eu tive o primeiro vislumbre do luaréu. Fiz-lhe um pequeno retrospecto.

V

Iniciei minha carreira de bancário numa cidade bem maior, numa nesga de sertão que se inclina para o sul, já quase nos beijos do litoral. Assumi o posto deixando aqui minha avó Naná e sua filha caçula, Mãe Laura — assim chamo a tia que me criou —, mais o filho de sua carne, Renato. Ele é órfão de pai. Meu tio Ricardo nos deixou meninotes. Eu não cheguei a conhecer o casal que me pôs no mundo. Renato e eu fomos educados por mulheres, com muito carinho, mas sem moleza: criação de sertanejas. Taí o núcleo de minha família, do lar de minha infância: avó, mãe e mano, mais a babá de nosso apego, a boa Zefa.

Não é toda a parentela, do tronco da gente inda tem uns ramos na região. Num município vizinho vive um irmão de mamãe com mulher e filhos. Perto deles se acha a fazenda de uma das manas de meu pai, casada com um engenheiro agrônomo que ela premiou com duas moças.

Há também os espalhados: nem todo o meu pessoal se encontra por estas bandas. Morei coisa de dois anos com uma tia paterna, em Salvador, no tempo em que lá estudei no Colégio Central. (Fazia, então o Curso Científico). Tia Sônia desmanchou o primeiro casamento e mudou-se para Belo Horizonte com o novo marido, a quem deu um filho. Por conta de seu casório morei quase um ano em uma pensão da Gamboa. Pouco depois voltei ao sertão, sem ter concluído o colegial: passei no concurso e entrei para o banco. Ou seja, afastei-me de novo dos parentes, da Pedra Branca, do seu morro azul e da boa casa onde cresci. Nas folgas eu aparecia, ou senão o mano me visitava.

No dizer de Vovó — que mãe Laura repete sempre — Nato é meu primo gêmeo. Todos nos acham parecidos. Ainda por cima, temos a mesma idade: vinte e cinco anos, com diferença de poucos meses. Somos colaços e filhos de irmãs. Coincidimos em muita coisa.

Há diferenças, evidentemente: cordas de viola, cada qual seu tom. Nato tem bigode, é um tantinho mais claro, menor dois dedos, hábil nos negócios. Rico de iniciativa, adora uma novidade. Não para quieto. Quanto a mim, sou de sossego, não giro tanto minha carrapeta.

Dois anos depois que assumi o emprego em outra praça, o mano entendeu de passar uma temporada em São Paulo (um estágio, um curso, perspectiva de promoções). Deixamos mãe e avó num sítio da parentela. É que nesse tempo eu trabalhava numa cidade muito distante e elas não quiseram mudar-se para tão longe. O convite do Tio Clemente veio a calhar: lá se foram as duas para a Fazenda Santa Flor, do velho Quelé, num município vizinho.

Zefa se acomodou por aqui mesmo, no rancho da filha, que beirava o cais das últimas. Sua neta caiu no mundo, achava-se longe quando a mãe morreu. A avó, coitada, soube que a moça tinha ido para uma cidade do sul e foi atrás. Em vão: não achou a querida. Só mais tarde, quando ela menos esperava, Lucina voltou.

Pra fazer a vida na terra natal.

Zefa enterrou-se num cu de judas, nunca mais deu notícias.

Quando Nato retornou, foi logo buscar avó e mãe. Dentro de um ano, voltei eu: tinha-se aberto a agência daqui. A família se reuniu, tornamos ao de costume. (Quase, quero dizer. Sem Zefa, não era a mesma coisa).

Um belo dia, Vovó me chamou a um canto:

— Lúcio, meu filho, enquanto a gente estava fora, aconteceu nesta cidade um reboliço medonho: a lua no olho da rua, um carnaval dos infernos. A terra pegou muita reima. Vá-se embora para longe desta pedra que escureceu.

Fiquei sem jeito. Era apegado a Vovó, sempre dei valor às palavras de sua boca. Até essa data, nunca lhe tinha encontrado uma falha na lucidez. De repente, lá estava a pobre — quase cega, quase surda — com histórias tresluadas, coisas sem pé nem cabeça. Que se passava?

Meu primo disse que tinha recebido o mesmo conselho. Mãe Laura cortou o assunto com poucas palavras: sua mãe beirava os cem.

Me conformei.

Menos de um mês depois, Naná morreu.

Renato decidiu ir de muda para São Paulo. Mãe Laura resistiu o quanto pôde, porém acabou acompanhando o filho do ventre. Foi então que entrei para a república. Estava só com meu lençol.

Um dia, no Bem Me Quer, uma cabrocha recusou-se a ficar comigo. Falou que me conhecia dos seus anos de respeito. Era a neta de Zefa, uma garota que eu vi tiquinha, meninota. Tinha crescido, pintado os cabelos, mudado muito. Não reconheci. Escabreado, comprei-lhe a noite só para conversar. Indaguei logo por onde andava sua avó. Lucina explicou:

— Vendeu a casa da finada minha mãe e mudou-se para o Sabe Deus. Está que se acaba de vexame. Nunca sarou dos ataques, desde a quizumba do dia venenoso.

Falava do caso pantalunático. Não sabia direito o que foi, mas abriu a trilha: me encaminhou a outras damas do mulherio, de quem peguei doidas lembranças, aos cacos. Elas me falaram de um Cordão de Borboletas, ou Aleluias, ou coisa assim, que fez muita folia no charivari do luaréu. Todas negavam ter participado, porém morriam de saudades. Juravam que foi uma glória. Disseram que a líder foi expulsa da Pedra. Saí logo à procura dela: da famosa Maria Perfeita, que já morava em outra cidade, no sul da Bahia.



Maria ficou assustada quando lhe revelei o motivo da entrevista. A conversa quase seca no portal. Por sorte, a bela mulher ainda se lembrava de mim. Apresentou-me a suas colegas como um antigo admirador.

Era verdade. Quando a conheci (havia coisa de uns doze anos), fiquei fascinado por sua beleza. Eu era ainda muito novo na época: praticamente um menino. Pedi sua ajuda contra minha virgindade e ela me despediu com um sorriso. Falou que era cedo, apelou ao cresça e apareça. No reencontro, em Ubaitaba, ela se recordou com prazer de meu deslumbramento. Só por isso aceitou a entrevista — contra uma boa paga, justa indenização pelo tempo gasto no lero. Ela segue muito concorrida.

Maria foi honesta. Aceitou o trato porque insisti, mas disse logo que eu me arriscava a perder tempo. Avisou que a lua lhe comeu os miolos, sua luz escura lhe freava a língua. Ou seja, ela ainda estava traumatizada com o luaréu. Tremia só de lembrar-se da Pedra Branca. Odiava foguetes, circo nem podia ver.

Topei assim mesmo. Bamburro.

Maria deu-me umas dicas, fez alusões. Mas pouco avançou. Falou mais de novidades. Revelou que estava noiva de um psiquiatra.

Não estranhei: ela costumava receber muitas propostas de casamento. Em geral, os candidatos eram homens idosos. Houve ofertas tentadoras, ela me disse; mas garantiu que dantes nunca tinha pensado a sério no assunto. Não curtia matrimônio. Sua legítima vocação não era muito compatível com esse tipo de contrato. Só resolveu arriscar-se com aliança por um motivo prático: grudada no médico, talvez se curasse do lunifício.

Do alalá, pouco falou. Repetiu que foi uma barbaridade, um carnaval delicioso terminado em fogo e sangue. Culpava o licor da cana e o disparate das estrelas pelo que fez naquele dia. Mas não estava arrependida:

— Segundo penso, foi a Pomba Gira quem me pegou. Não qualquer uma: a Rainha Cigana, a Mulher da Lua. Depois que assentei a danada num terreiro daqui, melhorei muito. Estou mais serena.

Dormimos juntos. No dia seguinte, ela me apresentou ao noivo e me convidou para o casamento. Aceitei. Deixei-lhes meu endereço para que avisem a data. Maria Perfeita prometeu contar-me a história do alalá assim que se cure. Espera ficar boa depois da lua de mel:

— Até lá passa meu nervoso. Meu noivo é bom médico, todo o mundo diz.

Senti que ela não estava me enrolando. Ficava mesmo de garganta presa quando pensava no luaréu. E foi amável. Confessou o desejo de fazer comigo sua despedida de solteira:

— Agora que você cresceu, ficou muito parecido com um moço que eu vi no dia desastroso, um homem lindo. Parecia um anjo na rede. Senti uma atração incrível por ele. Pena que era tarde demais para o amor. Ai de mim, tarde para tudo.

VI

Hélio escutou atentamente meu relato e comentou, de farol baixo:

— No pouco que a Maria Perfeita lhe falou, só vejo uma coisa certa: a louca folia, o triste furdunço, o carnaval de fogo e sangue. Por mais que abafem, dá para ver que aconteceram horrores. Um bando de gente sumiu, ninguém sabe como.

— Até na morte se passou esponja — confirmei. — Ainda não sei se mataram Xirico no dia do banzé ou se acabaram com ele depois. Quem abre a boca delira muito. Botam no enredo até pessoas que não estavam aqui na passagem da lua danisca. Mesmo defunto de outros tempos eles me envolvem na função.

— A propósito, tenho novas — Hélio prosseguiu —. Werner encontrou a mãe de Heraldo no Brongo do Pau Miúdo, em Salvador. Meu primo é um detetive porreta, mas embatucou. A velhinha mostrou-lhe um atestado de óbito do filho. Reza que Heraldo Sofrônio faleceu em oito de dezembro de 1968. Enfarte do miocárdio. No seu barraco tinha móveis bons, aparelho de tevê e outros luxos. Werner desconfia de um tapa-boca, de providências do Magno.

Dei de ombros:

— Confio em Werner, acredito nele por tudo que tem mostrado. Sou grato por sua ajuda. Mas esta hipótese que ele pariu sofre de exagero. Não acho que chegue a tanto o poderzinho de nosso prefeito, não creio que suas garras se estiquem até Salvador.

— Olhe que não lhe faltam aliados na Bahia. Magno tem liderança num raio regional e apoia o que há de pior no regime dominante. O argumento de Werner não me parece fraco. Tem a ver com o estilo do Grande. Ele maneja tudo assim: com dinheiro, ou com porrete.

Antônio Carlos, que vinha chegando com outros colegas, falou grosso, dirigindo-se a Heliodoro:

— Não alimente paranoia, Dom Hélio Dodó. Largue de banda esse esmiolado, não encha bola de maluquete. Lúcio é um perturbado, quem anda por sua trilha se perde. Já falei com um bando de gente daqui, ninguém conhece nem conheceu o tal Deraldo Sifrônio, ou como quer que se chame essa fantasia do lelé. Chega de onda! Parem de

caluniar o prefeito, que é gente boa. Magno merece o nome, é um Grande Homem, com maiúscula. Somos amigos. Na minha frente, pelo menos, não admito que falem mal dele.

— Então saia, porra. Se mande. Ou senão, fique de costas — eu retruquei.

— Fico onde quiser, seu prestígio se limita às putas — ele replicou.

— Antes assim. Qualquer uma tem mais valor do que você.

O cabra virou-se com cara de brabo, mastigando a xinga que não lhe passou dos beijos. Me viu arregaçar as mangas, perdeu o ânimo: deu meia volta, enfiou a tromba num quarto. Heliodoro me deteve: pôs-se no meio, cobrindo-lhe a retirada. Fernando Henrique arengou:

— Deixem disso. Com o país em plena distensão, brigar por bobagem não tem cabimento. Falemos de assunto sério. Vamos debater o futuro, a nova ordem política.

— Proponho um debate sobre a conjuntura internacional — falou Celestino.

— Necas — retrucou Zuza, o presidente da república —. O temário de hoje só tem um ponto: a formação de nosso time. Daqui a pouco chegam os colegas da Caixa que ficaram de participar.

Não me interessei. Era o único na casa que não jogava futebol. Me despedi dos colegas e saí sem rumo certo. Enquanto as pernas me carregavam pelas ruas de minha cidade, a memória levou-me longe. Tornei a uma noite de rica emoção, em outro pedaço da terra sertaneja.

VII

Ao chegar da agência, já encontramos as cadeiras arrumadas na maior sala da pensão. Jantei cedo e plantei-me defronte do aparelho antes de todos os outros. Nada perdi. Vibrei quando surgiu o primeiro astronauta de dentro do módulo Eagle e pisou o chão do satélite. Admirei sua coragem, sua calma, sua segurança. Bati palmas. Comemorei do mesmo jeito a caminhada do segundo na pele rugosa da lua. Aplaudi a turma toda: o pequeno grupo que se lançou ao mar dos astros, o fantástico time de técnicos a dar-lhes apoio na Terra e os sábios que conceberam o plano da grande jornada. Vibrei. E não fui o único. A cena lunar mexeu com os nervos da turma toda, nos empolgou. Só o velho Joca mostrou certa má vontade. De boca, ele era comunista fervoroso. Nunca se ligou ao partidão, nem ao outro. Aposentado, sozinho no mundo, era medroso, sofria de erisipela e de problemas cardíacos. Mas era rijo em suas convicções. De vez em quando subia nas tamancas e sapecava uma xinga nos gringos, descendo o pau no imperialismo ianque, no Tio Sam e sua família. Nem o Pato Donald escapava. Eu respeitava suas ideias, mas nunca aceitei sua birra. Por que xingar o povo todo, a gente boa do país de Jefferson, Elvis Presley, Thomas Edison e Marilyn Monroe? A bronca do velho me dava gastura. Naquela noite, porém, até Joca teve de reconhecer que a alunissagem da Apollo XI foi uma grande vitória, que era muito justo o orgulho do pessoal dos States com o sucesso.

Melhor dizendo: admitir, ele admitiu — mas não largou a implicância. Em suas palavras espinhentas, o grande feito do time de Armstrong foi curar uma dor de corno dos ianques. Explico: segundo o tinhoso, os gringos capitalistas viviam engasgados com as façanhas siderais dos russos, com o sucesso dos Sputnik e a imensa glória do Vostok.

A discussão tornou-se feroz quando Joca disse que ainda era de Yuri Gagárin a proeza máxima, realizada oito anos antes do show lunar, nos idos de mil novecentos e sessenta e um. É que o baixinho da Rússia foi o primeiro homem a sair do nosso planeta, rompendo a casca vaporosa da atmosfera.

Aceitei a tese joquiana só em parte. Sem dúvida, coube a Gagárin, com real prioridade, a demonstração conclusiva, atordoante, da extravagância do bicho mais assanhado da Terra, do inquieto animal que já se tornou capaz de deixar o mundinho onde

apareceu: um fantástico desaforo, marca de nossa natureza, de nossa vocação para o excesso. Porém, se o russo brilhou, os americanos não ficaram atrás. Pisar na lua foi uma bela ousadia.

Esticou-se o debate de um jeito engraçado. Um colega lembrou que não foi o famoso Yuri o primeiro terráqueo a vogar fora de seu mundo: coube essa honra a Laika, uma cachorrinha simpática. Brindamos todos a Laika, mas eu ponderei que ela não decidiu nem planejou a proeza, não teve escolha, morreu sem saber do alcance de sua façanha, não tomou consciência do sucesso, nem contou que a Terra é azul.

Justiça feita a Gagárin, logo depois reconhecemos que os astronautas americanos da Apollo XI foram mesmo pioneiros: foram os primeiros a fazer um desembarque fora da Terra.

A conversa cresceu. Logo brotaram palpites sobre a exploração de outros planetas, previsões de encontro com extraterrestres e sei mais o quê. Não faltou assunto. A primeira alunissagem deu-nos muito que falar — por coisa de uma semana.

Normal, pois não? Mesmo nos grandes centros, a graça do assunto logo mirrou. Conforme as notícias que li, milhões de pessoas acompanharam pela tevê os grandes momentos da Apollo XI: a partida do foguete, a chegada do módulo Eagle à lua, o passeio dos astronautas no satélite, seu resgate no Oceano Pacífico. A descida de Neil Armstrong e Aldrin Jr. no Mar da Tranquilidade foi visto por meio mundo. Já a turma da Apollo XII, que desceu no Mar das Tormentas da mesma lua perto de quatro meses depois, não deu ibope nenhum. Conrad e Bean se esforçaram, fizeram tudo bonitinho, porém não adiantou. Era a chocha segunda vez, o pessoal achou muito chato o programa.

Por así ficamos. Antes de meu retorno à terra onde nasci, eu jamais tinha ouvido falar de luaréu, de gente que adoeceu da chegada do homem à lua. Mas logo vi que essa viagem afetou meus conterrâneos. Passei, então, a indagar-me: que significava essa moléstia? Teria sido um caso isolado? Que sentidos teria a alunissagem para as secretas correntezas do espírito humano?

VIII

Quando comuniquei aos colegas o novo rumo da pesquisa, a direção que pretendia dar ao estudo, houve protestos na república. Heliodoro foi o primeiro a censurar-me:

— Desse jeito, rapaz, você se perde. Vai cair no buraco do subjetivo, no poço escuro onde se afoga a ciência. Não seja besta, não dê corda a fantasia. Analise os fatos sem perder de vista o caroço da problemática: é o acontecido aqui, o alalá dos loucos, o quebra-lua do cafundó. A relação com a proeza da Apolo XI foi um azar superficial, a mordida do acaso na circunstância. Não bote laço de fita em minhoca, não emplume cururu. A história é enrolada, tinha de ser: refletiu as distorções da consciência tabaroa. Mas a gente não deve render-se ao mistifório das brumas, à grossa neblina do morro azul.

— O tererê há de ter tido sua lógica — retruquei. — A chave do fenômeno talvez esteja no sentimento. Um incêndio cego comeu a memória do povo e o começo de tudo foi uma centelha criada por obra de espanto, pela imagem do voo à lua. Pergunto: será que só aqui, em nosso pedacinho de terra, uma coisa tão importante para a raça humana teve esse impacto? Preciso saber mais sobre os efeitos da entrada dos homens na flor do céu, as consequências dessa façanha no resto do mundo.

— Atualmente — Poló interveio — já deve existir uma caralhada de publicações a respeito: artigos, reportagens, filmes e livros tratando de tudo quanto é assunto relacionado com o Apolo XI. Suponhamos que você leia a zorra toda. O que espera para nosso mingau? Como é que a astronáutica vai esclarecer as presepadas daqui?

— Não sei. Mas tenho novas questões. Por exemplo: o que aconteceu em outras partes do globo, com a chegada à lua de gente da nossa espécie, de bichos humanos? Na cabeça do mundão, o que este salto significou?

— Oh! — atalhou Celestino. — Então é isso que o preocupa: a xexelência do Zé Mundo, o que Dom Porra sentiu... Sabe o que importa? Aprenda: isso vale tanto quanto o cocô do macaco prego, uma bufã na ventania.

Hélio emendou:

— Significado? Já tem. Os astronautas botaram uma placa lá em cima com o recado para os etês: “Aqui, homens do Planeta Terra pela primeira vez puseram os pés na

lua. Viemos em paz, em nome da humanidade.” Mas cá em baixo a guerra prossegue, na hora do pau ninguém dá sopa e humanidade é o cacete.

Poló cortou:

— O que você esperava, meu caro? Que eles chegassem na lua berrando: “Cambada, olha a gente aqui! Nós somos foda, já viram?” O discurso tinha que ser esse mesmo: paz e amor, viva todo o mundo. O texto foi preparado com antecedência, que nem o improvisado do presidente, a saudação de Mister Watergate aos heróis lunautas.

— Pelo menos fizeram uma cerimônia simples, sem presepada — disse Zuza —. Imaginem se um caboclo daqui tivesse tocado no chifre da lua. Fazia logo um carnaval, entupia o céu de bestagem.

Apolônio concordou:

— É mesmo. Por muito menos, a gente canta de galo e bate o bumbo. Quando a seleção ganhou o tri, foi a conquista do universo, a glória eterna. Multidão saiu à rua com grandes bandeiras, num esporro dos diabos. Lá em Brasília, o povo correu à Praça dos Três Poderes e aclamou o babaca do general presidente, que apareceu todo pomposo, enfunado feito um pavão.

— Arre, lá vem você com asneiras de porra-louca metido a subversivo — reclamou Antônio Carlos. — Taí o que sempre digo: comunista é tudo doente. Não gostam nem de futebol.

E Clariválter rugiu, no calor das hemorroidas:

— De tanto que Lúcio falou no assunto eu resolvi me informar. Li um pouco a respeito da Apolo XI. Os primeiros humanos a pisar na lua foram milicos batizados na guerra da Coreia. O cientista que bolou o foguete foi o pai das bombas nazistas. Eles representam muito bem o bichinho estúpido que somos, o macaco demente que se acha sábio: a ruína do mundo, o piolho dos astros, a praga da Terra.

Sugeri que o ardente colega fosse ao médico. Todo o mundo apoiou minha sugestão. Daí tomei alento e apresentei minha tese, numa frase enxuta:

— Estou certo de que a façanha dos astronautas repercutiu na alma do mundo.

As reações foram duras:

— Ora, rapaz, deixe de bestagem que não tem bulhufa de alma do mundo, não existe esta assombração — Hélio contestou. — Tome juízo, não bote fantasma na geografia. A chegada do homem à lua repercutiu na ciência, na tecnologia, na cultura.

— E no que está por trás disso tudo: na fonte das ideias, na funda raiz do pensamento dos homens — repliquei.

— Pela madrugada, de que está falando?

— Lembrem-se de Heraldo. Neste cafundó, ele foi um dos poucos que assistiram à transmissão do desembarque dos gringos na bola branca. Tinham instalado recentemente a torre de repetição, havia poucos aparelhos de TV na cidade. A audiência foi mínima. Muitos acharam o programa sem animação. O próprio Heraldo parecia distraído diante da telinha, no bar cansado de sua frequência. Já no outro dia, em pleno fogo de cana, quando teve a lembrança das mesmas cenas, o cabra espiritou-se e promoveu o alalá. Entendem? Tinha-se formado um sentido forte na noite dele, no outro lado de sua frágil consciência.

Heliodoro empombou:

— Olha, Lúcio, não sei, não... Com toda a franqueza, estou te achando muito místico, sabe? Pra lá de alienado.

— Taí o problema — ajuntou Celestino. — Lúcio sempre foi chegado a fantasias. Um homem que em pleno século vinte usa medalha no pescoço, é claro que não evoluiu. Não sei se adianta, mas dou meu palpite: com esses devaneios, rapaz, você não fará ensaio nenhum, nada sério nem científico. Pode escrever, no máximo, um folhetinho de cordel.

— Taí, você me deu uma ideia — vibrei. — Quem sabe se um folheto desses já não foi escrito? Seria um documento precioso.

Heliodoro sacudiu a cabeça com ar de quem desiste, mas Apolônio lembrou-se de um poeta, vendedor de romances, por nome Sigismundo Fróis. Ele não era da terra, estava de passagem. Fui logo a sua procura.

IX

Sigismundo interessou-se, foi prestativo, mas disse que não sabia de romance algum sobre foguetes e caminhadas na lua.

— Um cordel a respeito deve existir. Não é possível que um negócio tão escalafobético tenha escapado a todos nós, à raça inteira dos trovadores. Só que não hai da peça não no meu estoque. Não sou chegado a este assunto, tenho uma cisma.

— Com a lua?

— Não. Com a beleza americana.

— Oxente! Por que?

— Por causa de um sonho bonito, espantoso e melodioso, tão bom que quase me mata.

— Homem de Deus, conte o que viu na América do Norte com os olhos fechados.

— Sonhei que tinha ido de mudança para os States e vivia lá muito bem, com os bolsos forrados de nota verde. Tinha uma casa porreta, um carrão de luxo que atendia quando eu assobiava, uma oficina com máquinas modernas: eu dizia os versos e elas rodavam na hora o folheto. Conheci uma gringa maravilhosa, uma bela atriz, que me apresentou a uma colega de Hollywood, igualmente bonita. Me apaixonei, elas também. Numa festa, as duas se declararam. Eu fiquei pateta, sem saber o que faria. Discutimos o assunto com o Doutor Uísque e elas resolveram morar comigo. Celebramos logo o acordo. Mas o que é bom dura pouco.

— O que houve? Briga, chique, problemas com a Imigração?

— Escute só: uma tarde, ao chegar em casa, encontrei minhas sereias no quarto, entretidas numa conversa misteriosa, com um palavreado borbulhante. Entrei de manso, elas não notaram. Seus olhos azuis eram espelhos da tempestade: faiscavam que nem poças de céu atravessadas por coriscos. Me escondi atrás da cortina e apurei os ouvidos. Não sonho bem no idioma delas, a gente se entendia mais aos beijos. Por sorte, me veio do alto uma inspiração gringomante. Foi o socorro de meu Orixá, não tenho dúvida. Se não fosse a misericórdia de sua revelação, eu nunca despertaria desse belo sonho. Veja o que é a humanidade: minhas amadas combinavam o jeito de me matar.

— Cruzes, por que?

— Foi a solução das salomonas, quando entraram em desacordo: não queriam mais sociedade no meu xodó, nem aceitavam que eu sobrasse à disposição de outra. Estavam discutindo o momento certo para a desgraça. Já tinham até comprado um barco, a fim de lançar-me às ondas, drogado e paralisado. Levariam também um violino para tocar no meu naufrágio. E uma câmera de filmar. Compreende agora? Queriam que seu amor tivesse um fim roliúdic. Então senti um calafrio, um fio de neve no tutano. Acordei.

Apesar da cisma Sigismundo prontificou-se a ajudar-me. Lembrou-se logo de um parceiro que gosta de enredos difíceis, ficou de me apresentar. Boca bendita: foi só falar no camarada, ele apareceu. Era uma torre de homem. Dominava seu rosto acobreado um nariz enorme, despótico, aberrante, escandaloso, medonho, piramidal, que lhe dava expressão feroz. Não fiquei surpreso quando soube de suas façanhas, celebradas com versos fortes num cordel de Sigismundo. Dava pra ler em seus olhos o fogo frio de uma coragem tenaz: suas pupilas faiscavam que nem diamantes pretos, com a chispa da inteligência ferina. Sabiniano Cirão — este é seu nome — dominou num átimo o tumulto da minha narrativa. Fez um exame tão luminoso do enredo que me espantou.

Passei manhã e tarde do sábado a conversar com os novos amigos. Até almoçamos juntos, numa birasca de bons pratos. À noite nos encontramos de novo. E virou tradição: durante coisa de um mês e pouco jantamos diariamente no mesmo cacete armado onde passávamos horas batendo papo. Quando tinha luar, Sigismundo pegava seu violão e cantava com entusiasmo, entre goles de pinga. Dizia o poeta que a cantoria encachaçada vinha a ser uma fortaleza para nossa proteção, um ritual indispensável, pois a gente estava a lidar com as forças tremendas da Moça Impura, da Velha Bonita, da furiosa Menina do Céu, da Fera Santíssima, da Cigana de Três Espelhos. Junto com o primeiro acorde, ele sempre voltava os olhos para o abismo do alto e fazia uma reverência. Saudava assim a Donzela Maliciosa Que Se Enfeita Com Chifres De Vaca — deu-lhe esse título num cordel — e justificava a cerimônia comentando:

— Agora que ela conhece homem, tá mais perigosa ainda. Reparem nesse luar, tem novas flutuações.

Depois da brincadeira discutia-se o alalá. Assim ganhei uma parceria valiosa e um pouco errante na minha pesquisa. Só digo "um pouco errante" porque tanto o poeta como

o varapau são viramundos: não param quietos, vivem com o pé na estrada. Dessa vez, até que eles se demoraram um pouco no meu rincão. Quando o bom tempo acabou, cada um de nós tomou seu destino. Só bem mais tarde voltamos a nos encontrar. Em nossa última ceia da temporada na biboca de costume, Sabiniano discursou:

— Vim a esta terra em busca de movimento, de um belo samba de cacete, porém os sacanas que eu procurava fugiram. Ainda me pagam a desfeita, esses malcriados. Mas não perdi minha viagem. Revi Sigismundo, rei dos poetas, e fiquei conhecendo o menino de ouro, caçador da lua. Ganhei uma história boa para a ginástica dos miolos: um caso espinhento, provocante e buliçoso, um trem doido que merece estudo. Gosto disso, rapaz. Vou ajudar.

X

Dia bonito, véspera de feriado. Ao sair do banco esbarrei em Nato, meu primo-irmão, recém chegado de São Paulo. Foi uma bela surpresa. Mas ele parecia engasgado com as palavras, só desembuchou na república. Disse que tinha encontrado um jeito de crescer no Sampa: uma oportunidade imperdível, uma chance de rabear a novilha da riqueza. Um amigo espanhol queria passar-lhe uma casa de comércio, num ponto excelente. A mulher do espanha tinha morrido, por isso ele voltava à Europa: na Catalunha tinha família, seria menor a solidão. Queria o homem que Renato ficasse com o bom lugar. Fez-lhe uma pechincha. Ainda assim, o valor não era pequeno. Concluiu o mano que só tinha um recurso: a herança de Vovó, o sítio e as casas que ela deixou.

— Doutor Fabrício achou compradores.

Ponderei que essas coisas merecem tempo e ele retrucou:

— Meu prazo é curto. A avó não fez testamento, deixou sua vontade numa cartinha, mas eu disse ao advogado que somos unidos, na família nunca haverá questão. Os herdeiros somos nós: mamãe, você e eu. Executamos a venda e dividimos a grana por igual. Daí você me faz um empréstimo, deixa comigo o que lhe cabe. É um investimento. Mais tarde pago, é claro, e com juros gordos.

Encarei o malungo com uma cisma natural, filha do longo conhecimento. Renato varia mesmo, tem rompantes esquisitos. Por duas vezes, rompeu noivados, reatou e tornou a romper. Quando estava bem num emprego, enjoou e largou por outro. Fez um estágio em São Paulo e na volta deixou a firma. Assim que vovó morreu, voltou ao Sampa. Vive trocando de namorada, de emprego, de time e cordão. Inventa negócios e larga. Tem tanta ideia, tanta indústria que faz agonia. Dessa vez, a coisa era séria: queria botar na fogueira o pouquinho da gente. Protestei:

— Mano, fale sério, me diga porque esse corre-corre. De repente, você chega com essa proposta maluca, à base de um acerto em que não entrei, com um advogado que mal conheço... É muita novidade. Porque só agora me consultou?

— Te escrevi uma carta. Se não chegou, chegará.

Quando notou que eu não engolia a conversa, Nato abriu o jogo:

— Estou numa encrenca, mano. Tomei um empréstimo, lá em São Paulo, na mão de um banqueiro que ficou meu chapa.

— Eita, já fez amigos na alta roda?

— Banqueiro de jogo do bicho. Imagine o que pode suceder.

— Diabo! Como se meteu numa zorra dessas?

— Era o único jeito. O prazo do espanha tava expirando, entende? Sei que fiz loucura, mas ninguém sobe na vida sem arriscar-se.

Eu me assustei, decidi aceitar-lhe a proposta. Não queria morte de irmão no meu lombo. Entre a manhã e a tarde resolvemos tudo. Saímos do escritório do Doutor Fabrício para a Rodoviária, pois Nato tinha de voltar a São Paulo imediatamente. Estava empolgado:

— O esquema é infalível, mano. Vai nos deixar por cima da carne seca. Logo poderemos viver sem a escravidão do batente, com tempo de sobra para o que é bom. Eu pretendo estudar, cursar a Universidade: Música, Direito, Química, Filosofia.

— Tudo de uma vez?

— Bom, ainda não escolhi, mas pelo menos dois desses cursos eu garanto que faço. Você pode fazer os outros, ou qualquer um que lhe dê na telha. E viajaremos pelo mundo. Mamãe tem este sonho. Trate de ir a nosso encontro, que aqui não voltamos nunca mais.

Estava bêbado de entusiasmo. Deixou comigo a sensação ruim de que me punham de lado. “Trate de ir a nosso encontro...” Era uma espécie de adeus. Foi como entendi a arenga, naquele duro momento. Fiquei magoado, menos pelo negócio turvo, mais pela despedida seca. E foi só o começo da aflição. Quando falei a Cíntia da novidade, ouvi um esculache:

— É evidente que Renato se enrolou em bela patranha. Veja com quem tratou: com o Fabrício Mão de Gato. Das duas, uma: ou caiu na conversa de algum sabido, lá no Sampa, ou aprendeu a ser raposa. Mas você, meu orelhudo, por que diabos não refugou? Não queria, não concordava, porém acabou aceitando, feito um mané-minha-égua. Na prática, cedeu sua herança. Podia ter um patrimônio, mas não se importa, não é? Tá satisfeito com o salário do Banco, não pensa em nós. Teu único sonho é pastar na estrebaria de São Jorge.

Reagi no mesmo tom, de briga feia. E foi assim que nós rompemos um namoro delicioso.

Emburrado, fui a um barzinho. Busquei alívio num copo, tomei um gole e cuspi. O conhaque da minha preferência perdera o gosto. O som do rádio dava nos nervos. Concluí que mover as pernas era melhor: sentado e parado, eu ficaria muito exposto ao enxame de ziquizira, aos marimbondos nervosos do calundu. Uma caminhada sempre ajuda, sacode as ideias.

Saí sem rumo. E até que deu certo: o vento esfriou minha cuca, o bicho da zanga cansou-se e eu me senti melhor. Fui ao clube, dancei com minha amiga Lola, distraí-me um pouco. Por volta das onze achei-me numa ruazinha que dá para a república.



Noite vazia. Um poste cego, outro caolho. Nenhum pé de gente. Um carro veio disparado em minha direção. Saltei para trás do poste e o miserável passou raspando. Derrubou um tonel de lixo que estava na beira da calçada e sumiu-se na esquina, em cavalo de pau. Fiquei abraçado ao caolho por alguns segundos, o pouco de tempo em que o susto me congelou. Logo recobrei a calma, respirei fundo e segui caminho. Mas não fui longe: novo ronco de motor. Era o carro preto que fez a volta e vinha picado. Saltei pra uma vala recém-aberta no passeio. Quase me esborracho dentro do buraco. Ralei a canela num cano d'água furado, afundei até os joelhos na poça que se formava. Emporcalhado, mas inteiro, ainda agradei à sorte por aquela cova. Recuperei-me do tombo com um belo puta que pariu. Ouvi um baque, um barulho bruto. Me benzi. Esperei mais um pouco na vala, até que o silêncio ganhou corpo. Só então saí do meu refúgio.

No meio da rua tinha um burro morto.

Na república só encontrei Celestino, aos roncões. Ele não quis conversa, fez pouco de minha queixa:

— Atentado é você me sacudir com essas mãos imundas. Vá se lavar, ó paranoico!

O banho me deu conforto e o travesseiro me aconselhou: se eu botasse a boca no mundo, o zé-qualquer reagiria assim mesmo, que nem Celé. Rolei na cama, até que dormi.

Levantei-me com o sol de domingo. No toque das sete, corri à igreja. Cochilei a missa toda. Quando acabou, fui à sacristia. Teo prometera contar-me uma história que enrolava o fio na trama do alalá: o estranho lance do frei laçado. Mas torceu a língua, o sacrista:

— Nem frei, nem frô, não quero conversa. Mataram meu rico burrico, mataram meu Rouxinol. Daqui a pouco vamos ter a encomendação e no fim da tarde celebra-se a missa de corpo presente.

— Do burro?!?!

— Claro que não, ó herege. Do filho da puta que atropelou o bichinho. As autoridades insistem na blasfêmia, na oração pelo mequetrefe. Um grande pecado, penso eu. Pra que gastar água benta com a carniça de um criminoso? O defunto não vale a pena, merece a condenação. Botou em perigo a praça toda: depois do assassinato, saiu destrambelhado, invadiu um posto de gasolina, arrebentou uma coluna. Foi sorte o carro não explodir, seria um incêndio da porra. Graças a Deus, o miserável quebrou o pescoço, não fez mais vítimas. Rezo por ele com os dedos cruzados. Tomara o diabo receba a carga na hora turva, quando estiver bem avexado, com a pimenta do inferno nas hemorroidas.

Larguei de banda o sacrista. Os lueiros têm venetas, quando fecham sua ideia não adianta insistência. Só o tempo muda a maré, com a força de Dona Branca.

Parti à procura de Zefa. Como tinha vendido meu carro dias atrás, emprestei a rural de Poló. Comi poeira por uma tripa de estrada buraquenta, até que cheguei a um arruado de pouca extensão. Não demorei a achar o casebre.

XI

Quem me abriu a porta foi uma senhora chamada Irene, que Lucina tinha contratado para cuidar de sua avó. Era uma viúva de seus quarenta e lá vai, negra, risonha, muito bondosa. Me anunciou em tom de aleluia antes que eu abrisse a boca. Falou que em qualquer lugar do mundo me reconheceria, até no meio de uma multidão, embora nunca me tivesse visto antes daquela boa hora. Disse ainda que era capaz de descrever meu povo todo: sua velha amiga não falava de outra coisa.

Zefa abraçou-me chorando. Jurou que tinha saudades de mim, de Renato, de todos nós. Pediu notícias do mano, de Mãe Laura, da parentela da gente, do funeral de Naná. Já eu lhe indaguei porque largou nossa casa para esconder-se daquele jeito, que doença tinha e se era verdade que ela viu o alalá. A velha negaceou, fez boca de mistério.

Insisti. Falei que me sentia abandonado, banqueei o ofendido: Por acaso, ela fugia de mim? Ou tinha queixa de minha mãe, de meu irmão, da finada Naná? Por que nos deixou sem dar notícia?

Zefa negou que tivesse mágoa da gente. Alegou a urucubaca, a mofina, o tropeço da sorte, o encosto, a doença que lhe deixou a natureza lerda, o redemunho da cabeça. Primeiro, o baque da perda de sua filha; depois o descaminho da neta; por fim o peso da moléstia. Desculpou-se de todo jeito.

Perguntei de novo que enfermidade ela sofria, como apareceu. Zefa se esquivou:

— É um desacerto na cabeça, um trem nervoso que mexe com o coração e o bofe, mas antes batuca no miolo. Onde veio, não importa.

Não me conformei. Sentei-me num banco, disse que estava esperando e não sairia sem resposta:

— Sempre fui teimoso, acho que você se recorda. Ficarei sentado aqui dias e noites, se for preciso.

Zefa deu um suspiro. Confirmou que bem se lembrava, quando menino eu podia dar aula de teimosia a qualquer jegue turrão.

— Culpa minha — ela se acusou, com um leve sorriso. — Era eu mesma quem te mimava, por mais que Laura e Naná reclamassem. De Renato eu gosto igualmente, criei-lhe amor, mas você era o mais dengoso e apegado, vivia na barra de minha saia.

Tornei às perguntas. Zefa negaceava e eu cercava, era uma picula. Por fim, chegamos a um acordo. A velha cedeu, sob condição:

— Primeiro tenho de rezar.

Concordei.

Depois de quase um minuto, minha babá principiou:

— Chamo a Rainha do Céu com as outras Marias do Pé da Cruz e Vó Santana, apelo a Cecília Música e Bárbara brava, minha padroeira, que nos contempla do alto, em navio de nuvens. Vejo sua palma de coriscos, sua cabeça de ouro. Louvo sua graça, louvo as filhas do Divino. As Senhoras estão me ouvindo? Em nome de Cristo, olhem para cá. Bendigo Ifigênia preta, bendigo Clara risonha. Invoco Rita dos Impossíveis, a que tirou seu macho do inferno. Quero comigo Teresa, a Grande, e também a Zinha. Quero Mônica Mãe e Luzia dos Belos Olhos, mais a Rainha Isabel, da esmola que floresceu. Joana de França com sua espada, Edviges dos preocupados, a procissão das Onze Mil, o cordão inteiro das santas...

— Amém — eu disse. Vamos ao assunto.

— Calma. Fiz o começo nas saias de Deus, agora chamo os santos machos. Primeiro São Pedro, com o barco-íris na lagoa do céu, a chave e a chuva, junto a São Paulo das cartas, mais São João das fogueiras: que a trinca nos mostre seu favor na passagem do rio Jordão. Pela glória dos evangelhos, Mateus nos mantenha no bom caminho e Marcos nos marque com o selo da cruz, de modo que Lucas doutor cure nossos males e João nos escreva no livro de Cristo. Santiago da Batalha nos defenderá do Inimigo.

— Assim seja — tentei de novo.

Mas era só a introdução.

— Chamo também São Tomé das Dúvidas e Bartolomeu do nome forte. Chamo o apóstolório todinho, tirante um. Convoco os grandes, convoco os maiores na Corte do Céu: São José dos milhos de março e Santo Antônio Capitão, amansador de burro brabo. São Jorge amontado na lua, que venha a galope. Juntos nos cheguem Dois-Dois e os colegas, Crispim mais Crispiniano. E nos guarde São Gonçalo, o bom dançarino de Portugal.

— Já temos um batalhão — eu atalhei.

Zefa prosseguiu:

— Acuda o bom Benedito, o Congo Real, que dança na touca da Serra das Almas, vasilha de raios. Venham São Roque das Chagas e Lázaro morto, mas acordado. A mezinha de abrir os olhos nos dê o Arcanjo São Rafael.

— Muito bem. Estamos rezados e consagrados, bentos que nem uma igreja — eu declarei.

Mas foi inútil. A boa velha continuou:

— Não posso esquecer São Félix das teias, lembrança dele é salvação. Antão do deserto, que chegue pra perto. Venha Venâncio, cace Caetano e traga Sebastião flechado, com o bom Lourenço, na grelha assado. A grande turma dos romeiros nos chegue em socorro no caminhão de São Cristóvão. Que Chico, São Pobrezinho, nos abençoe e fale por nós. Miguel da balança nos faça leves, Gabriel nos anuncie. Em nome do Pai e das Três Sereias, abra-se a porta da salvação.

— Está feito, minha velha. Já estou vendo o céu inteiro.

— Aleluia! Que o Rei dos Raios nos ilumine e abra o cortejo, de braços dados com sua Dama. Juntos venham o Caçador, o Corre-Mundo, o Boiadeiro e o Marujo de Janaína, com Mãe Dandá.

— Pronto, mulher, agora chega, nesta sala não cabe mais. Em nome de Santa Ladainha, conte logo o que aconteceu.

— Cabe Jesus com o Espírito Santo, Orixalá com seu cortejo. Cabe a Jurema, cabe o Catendê. E Ogum Marinho com sua espada cortando as ondas...

— Que sejam bem-vindos, mas agora diga...

— Os santos de palma, os belos mártires, os profetas da boca de ouro, o doce Coração de Jesus, as boas almas do purgatório...

— Todos e todas, com São Finalmente! Pelo amor de Deus e pela bênção da Mãe d'Ele, responda a minha pergunta, que é simples e curta.

— Sim, agora lhe conto.

Pausa.

Pigarro.

Eu já quase desanimava, quando Zefa abriu o verbo:

— Filho, eu paguei por meus pecados. Foi minha a culpa. A Cabocla me avisou, disse no sonho que eu não saísse, anunciou-me o tumulto. Mas a aflição era muita, eu buscava um sinal de minha neta. Não sabia ainda que ela tinha viajado para o sul. Teimei, fui à praça. Encontrei a festa na rua. Vi a Dançarina com seu esplendor, a moça brilhante do circo. Vi gente e bicho a delirar. Era a folia dos tontos. Na esquina, deu-se o papoco, rajada de buscapés. Os presos chegaram com tiros pro alto e meu espírito se turvou, escuridão cobriu-me os olhos. Caí feito pedra no poço, mas Deus ajudou, com a flor da fumaça me alevantei. No desaforo da confusão que rasgava o mundo, a língua louca do alalá me entrou nos ouvidos feito uma cobra, a fria serpente do luaréu. O povo formava um carnaval de mil caretas, um desespero de rapina. Fugi, tornei, me vi rodando na saia do vento. Quase escorrego que nem uma folha no coador do redemoinho. Tererê! No estouro do rebanho louco, o mundaréu de gente irada me escorraçou. Vacilei no pô do papoco. Recuei aos solavancos, até que enxerguei uma casa vazia, um canzuá pra onde a onda me empurrou. Pé de gente não tinha lá. Entrei, respirei. Com certeza, foi Santo Antônio que me levou pela mão até o ponto de sossego. Com pouco, o tumulto passou, correu para longe. Tomei alento. Bebi um gole de coragem de uma garrafa que encontrei no peji do Viramundo. Vontade me veio de voltar à rua: achei que a febre do povo tinha serenado. Fantasiei que minha neta podia achar-se no meio do enxame, no cordão de Maria Perfeita, que vi de longe. Bebi outro gole. Uma nuvem de marimbondos zoolou na minha orelha. Cuspi a tontura, larguei o caneco na mesa branca e fui caminhando rumo à porta. Quase me atiro na boca do lobo. A Cabocla teve piedade: me avistou de seu altar, feriu-me com a flecha da misericórdia. Caí no chão, que a dor puxou pela vertigem. No dia seguinte, me acharam tesa e fria, estirada no portal. Me deram por morta. Levantei-me assim que entoaram o ponto de Oiá. Muita gente se assombrou. No que abri os olhos... Sei não, menino, sei não. Sofro ainda meu duro castigo, mas quem me pune me salva. Agora eu disse, não disse? Agradeço a ajuda de teu bom coração. O dinheiro que manda por minha neta, eu venho guardando para as despesas do funeral e também para ela: depois de minha partida, quero que a menina se mude. Longe daqui, se Deus quiser, Lu achará trabalho decente.

— Lucina merece tudo de bom. Mas volte ao caso. Então, você caiu na porta e ficou doente. Mas porque? Obra do tumulto? Dê-me notícia da confusão.

— Dou-te o que tenho, meu menino: dou-te minha bênção. Com o mesmo carinho de tua defunta mãe, de tua defunta avó. E te consagro à Dona dos Astros, Aquela que tem debaixo dos pés a roda arisca da fortuna: a Senhora das Almas, a Soberana dos vivos, dos mortos e dos demais. Que ela te guie na ida e na volta.

Ditas essa palavras, a velha fez uma dança maluca: rodopiou de braços abertos, sibilou com boca de espuma e caiu tesa no chão.

XII

Clariválter me esperava à porta, em traje militar. Na sala encontrei Celestino, Poló, Antônio Carlos, Heliodoro, Fernando Henrique e Zuza, todos com cara de fantasma. Zuza explicou:

— Recebemos visita de merda: uns mal encarados procurando por você. Cismaram comigo. Ainda bem que Clariválter teve a inspiração de vestir a farda de oficial da reserva. Os sacanas futucaram no teu quarto, levaram fitas e cadernos. Poló escapuliu, foi à casa da vizinha que ele anda comendo e telefonou para o Doutor Barbosa. O Delegado jurou que não tinha nada com o assunto.

Celestino acrescentou, num tom soturno:

— Os cabras disseram que trabalham para o governo. Um deles falou que veio da capital. Mostrou carteira da Segurança Pública, num gesto rápido. Seus acompanhantes reconheci, são cabras daqui mesmo. O meganha de fora resmungou que buscava pistas de um tal Isidro. Perguntou também por Santinho.

— Era um grupelho improvisado — disse Clariválter —. Um deles se apresentou como inspetor de polícia, mas os dois capangas foram recrutados na paróquia. O brucutu metido a chefe acreditou na minha conversa, julgando que sou da ativa. Ficou inseguro quando falei que ia esclarecer o assunto com meus superiores. Só assim baixou a bola.

— Foi um aviso — concluiu Hélio. — O Grande botou gente do governo na tua cola, te apontou como suspeito não sei de quê e escondeu sua mão de gato. Os meganhas alegaram que se trata de uma investigação determinada “lá de cima”, nas altas políticas. Disseram também que por enquanto lhes bastam os documentos, na hora certa intimam quem for indicado.

— Segundo penso, eles sabiam perfeitamente que você não estava — especulou Clariválter. — Fizeram a diligência em hora de não te encontrar, muito de propósito. Você é conhecido e querido, o povo miúdo gosta das tuas fantasias, tem coió que dá valor. Além do mais, você tem fama de estouvado, pra não dizer de maluco. Tua reação podia ser um espalhafato e eles não querem tumulto. Levaram tuas notas lunáticas, dando a entender que Vossa Insolência é carta marcada. No momento certo, te pegam. Mingau quente se come pelas beiradas, não é? Mas olhe que logo o prato esfria.

— Muito gentil — eu rosnei. E o colega fardado continuou:

— Não acreditei nem um pouco na conversa deles, nesse papo de investigação ordenada pelo governo. É tudo armação de nosso prefeito. Magno cobriu-se das inocências, faz de conta que não tem nada com o assunto. Tua família tem peso, é antiga na região. O velho Quelé goza de prestígio. O Grande não é besta, economiza desgaste. Mas sabe como é, bezerro isolado, a onça pega. Dona Laura e teu irmão se mudaram, estão morando em São Paulo, que é muito longe, e você quase não tem contato com os tios. Percebe o cálculo? Magno busca sugerir a todo o mundo que você se envolveu em rolo sério, em novelo que vai além da Pedra Branca. Se alguma coisa te acontecer, o bizu será esse. Note o detalhe: os paus mandados se ativeram aos nomes de dois suspeitos. Nada indagaram de tua fofoca, da verdadeira raiz do incômodo.

— Em suma — Celé concluiu —, você tanto caçou que achou uma puta complicação.

— Tem coisa pior — gemeu Zuza. — Clariválter, Celestino, vocês não falaram do mais sério: Esse enredo pega mal para o grupo. Percebem a desgraça, colegas? Entendem agora? O ferrão se aproxima de nossos lombos, a disgrama paira sobre todos nós. Não sentem o bafo dos urubus?

— Sim, criou-se um risco para o coletivo — Fernando concordou. — A loucura de Lúcio teve um efeito muito negativo para a democracia. E para nossas carreiras.

— É isso mesmo — Antônio Carlos acudiu. —Vão dizer que todos nós somos subversivos. Podemos ter destino igual ao do mulherio do mangue.

— Uai, como assim?

— Não se lembra, Zuza? Foi Lúcio mesmo quem contou: depois do alalá que ele tanto investiga, dezenas de damas do Bem Me Quer foram expulsas da cidade. Nem todas tinham entrado na arrelia, nem todas aluaram, mas muitas quengas inocentes se foderam, isto é, foram impedidas de foder no município. Compreendem agora? Qualquer um de nós pode tornar-se um cabra suspeito e ser posto na rua, ou talvez mandado para um cu de Judas, só porque convive, ou conviveu, com um inimigo da ordem pública. Magno tem relações que chegam à cúpula do banco.

— Puta merda, eu não quero ser transferido! — gemeu Heliodoro. E Zuza ganiu:

— Vá se preparando pois é bem possível. Antônio Carlos tem razão. Com o peso que tem na política, o Grande pode promover um expurgo nesta agência. Lúcio nos botou numa arapuca.

Logo as vozes se encavalam um monte de acusações. Diziam que eu era a causa do desassossego, da aflição e da insegurança. Quase me acusam da catapora, das enchentes, da puta que os pariu. Antônio Carlos perorou:

— É sempre assim: abelhudo puxa encrenca e quem está perto se lasca. A culpa não é só do desatinado, é também dos cupinchas que deram corda. Eu nunca achei graça na porra lunática, nunca aprovei a baderna. Subversão é contra meus princípios. Estou com a lei e a ordem.

— Penso diferente, mas concordo com Antônio Carlos — declarou Fernando.

Foi curto o debate. Baixou-se logo um Ato, com as seguintes cláusulas: (I) Minha pesquisa tinha de parar. (II) Antônio Carlos e Zuza falariam com o prefeito, reafirmando o apoio da república a seu governo. (III) Eu deveria fazer o mesmo — e pedir desculpas ao Grande por eventuais transtornos.

Me emputei:

— Transtorno é o cacete, desculpa um caralho. Não matei nem roubei, nada fiz de errado. Por que o vexame? Os falsos policiais só querem mesmo intimidar, inventando pretextos. Há muito que Santinho deixou a terra, todo o mundo sabe. Se os cabras ignoram seu paradeiro, quanto mais eu, que não sou detetive nem brinco de meganha. Nunca me dei com Zidro nem Vidro, não sei de quem se trata. Estou me lixando para essas invenções. É tudo armação, como percebeu o ilustre Clariválter, que enxerga bem e age mal. Não tenho culpa dessa merda. Eu faço um estudo científico sobre os efeitos da alunissagem no município da Pedra Branca, nada mais. Maluco é quem se incomoda com isso, rejeita a façanha dos astronautas e chateia a humanidade. Não apoio a droga do prefeito, não dou bom dia a cavalo. Não tenho porque pedir desculpas a filho da puta nenhum. Renego a porra toda.

Minha defesa não adiantou. O presidente insistiu no decreto, com forte aplauso da maioria. Na votação, Heliodoro e Celestino se abstiveram. Poló foi o único que me apoiou. Zuza o chamou de despirocado e quase se forma um panaruê.

Fechei o balaio: disse que tinha entendido a vontade da macacada, mas rejeitava sua exigência, daí o jeito que tinha era tocar meu projeto onde não incomodasse mané. Repeti que não tinha a menor intenção de lamber as botas do Grande. Considerando tudo isso, deixaria a república.

Só Apolônio protestou. Heliodoro advertiu que eu estava saindo por vontade própria, era meu direito, ele não podia discordar. Fernando observou que eu sofro de cabeça-dura e atraso teórico, mas tive uma boa ideia. Clariválter usou quase as mesmas palavras. Celestino calou-se. Antônio Carlos disse apenas que minha saída restaurava a ordem. Zuza bateu o martelo. Proclamou que era boa minha proposta e o grupo estava de acordo. Ajuntou que se sentia agradecido por minha atitude, era a salvação da república.

Assunto encerrado, falei que em três dias me mudava. Com Poló, meu único aliado, fui a um barzinho molhar a ideia. Voltamos só de noite, num porre total.

Mesmo com a bucha do juízo ensopada de cerveja, demorei a dormir. Estava preocupado, é claro, mas ao mesmo tempo sentia-me em triunfo, como quem vê confirmar-se uma teoria complexa, uma hipótese arriscada. A reação dos cabras do prefeito era um sinal evidente: a prova do luaréu. Dormi furioso mas satisfeito, puto da vida e feliz.

XIII

No dia seguinte, mal cheguei ao banco, o gerente me chamou para uma conversa. Lembrou que eu tinha umas férias acumuladas, falou que eu tirasse logo. Derramou uma arenga besta, pediu que eu tomasse juízo:

— Aproveite o descanso e pense bem na sua carreira.

Li em seu focinho que ele estava com medo. Deduzi que lhe deram um aperto, um puxão de orelhas, um veja-lá. Na certa, Magno lhe falou que não era bom ter encrenqueiro no banco, que nesses casos sempre sobra para a chefia. Ronan era medroso. Pelas costas, a gente o chamava de Morotó. Com certeza mijou nas calças.

Não dei conversa ao pançudo. Fiquei frio. Pedi as férias, falei que ia viajar, mas deixei claro que não estava nem aí para o sermão. Me levantei enquanto o sacana ainda falava, peguei logo talão de cheques e dinheiro, botei numa pasta com os documentos, a papelada de meu interesse, e cuidei de ir-me embora. Só me despedi de Apolônio e de Lola. Os dois vieram a meu encontro ao me ver de cara fechada, esvaziando as gavetas. Poló inferiu prontamente o que se passava. Lola adivinhou. Me abraçou com ternura, me deu um beijo. Devem ter comentado o dia inteiro no banco, na cidade toda: “Beijo na boca em plena agência, coisa de maluca”. Maldaram, eu sei, mas foi um gesto bonito, fraterno, que me inspirou profundo respeito. A gente não estava namorando. Ela apenas quis mostrar que me queria bem, que me dava apoio.

Agradei à dupla generosa, prometi dar notícias. Os demais, eu fiz de conta que não via. Retribuí seu pouco caso. Fui até rude: virei as costas quando Celestino sentiu a barra e me estendeu a mão, num reflexo atrasado. Vendo como reagi, Heliodoro nem tentou aproximar-se. Clariválter não estava presente: de licença, tinha ido ao médico. Zuza correu ao banheiro e lá se ficou. Só parou de cagar quando deixei a agência. Antônio Carlos fixou-se no caixa.

Além de Lola, os outros conterrâneos que eu tinha no Banco, afora o Chico da Portaria, eram Paulo e Irineu. Paulo entortou o focinho, tal e qual um bode velho quando rói sabugo de milho. Não lhe dei importância. Chico me cumprimentou com um tapinha nas costas. Irineu estava atendendo clientes, não se deu conta do angu. Era homem correto. Me achava maluco, mas nunca me destratou. À noite desse mesmo dia mostrou a

fibra de seu caráter: deu um esporro em Antônio Carlos, quando encontrou o babaca no clube, cheio de cana, a dizer que festejava minha saída. Obrigou o sacana a calar a boca. (Disso fiquei sabendo mais tarde, por uma carta de Poló).

Dirigi-me logo à república. De lá, telefonei a um amigo que trabalhava na Rodoviária. Reservei passagem para Salvador no ônibus das doze e meia. Dava tempo de sobra para meus arranjos.



Muita gente ainda pensa que me mandei por puro medo. Enganaram-se, não esmoreci. Agi de caso pensado. No momento, era a melhor estratégia. Mais três dias na república, eu logo vi que não aguentava. Naquela altura ninguém na minha terra aceitaria falar comigo do assunto que me interessava. Longe da família, isolado entre os colegas, brigado com a noiva, fiquei sem espaço na cidade. Mas jurei: quando os sacanas menos esperassem, me teriam de volta. Sim, criando caso. Por enquanto, pouco importava o que achassem. Seria até bom se o prefeito julgasse que me intimidei.

Não demorei na arrumação de minhas coisas. Fiz a mala, empacotei uns breguetes que ficariam com Poló. Deixei-lhe um bilhete onde explicava minha decisão de viajar e lhe pedia que tomasse conta de meus negócios. Escrevi umas cartas. Feito isso, despedi-me da cozinheira, Dona Dalva, de Manuela da faxina, da lavadeira Joana. A Dona Dalva dei minha cama, com colchão e tudo. A poltrona, destinei a Manuela. Joana herdou a tevê. A estante, mais a escrivaninha com livros e discos, foi o presente que reservei para o amigo Apolônio. Feita a distribuição, saí da república abençoado e beijado, com o firme propósito de nunca mais transpor aquela porta. Peguei o envelope gordo com os relatórios que Magno me tinha enviado na fase da tapeação e fui devolver pessoalmente, junto com um ofício em que solicitava a devolução do material confiscado pelos meganhas. Estava certo de que o prefeito ignoraria o requerimento, como de fato aconteceu, mas era uma forma de rasgar-lhe a máscara, de mostrar-lhe que eu não engolia a farsa da investigação.

Na prefeitura me disseram que o chefe tinha viajado. Acreditei. Se ele estivesse no gabinete não se furtaria a me receber. Talvez julgasse que eu cedia a sua pressão, com o

rabo entre as pernas. Era mais provável que entendesse o meu propósito. (Mais tarde confirmei essa hipótese: Poló soube que Magno fez um elogio ambíguo ao “filho torto de Dona Laura”, em suas palavras “um maluco de tutano, bom de briga”). Larguei o pacote com um assessor e protocolei meu requerimento, explicando que o material reclamado era pra ser entregue ao gerente Ronan. Dei boas risadas prevendo o embaraço do Morotó.

Ao sair da prefeitura telefonei a meu tio Clemente. Em seguida botei no correio um envelope com uma carta para minha mãe, outra para o mano, contando apenas que passaria as férias em Salvador. Procurei em vão por Lucina. Quando vi que não a encontrava fui fazer um rango.

Minha amiga me encontrou no restaurante. Já tinha procurado por mim no banco, atenazada por um sonho. Do jeito como narrou, parecia até que o vivera de olhos abertos:

— Uma senhora de cabelos brancos bateu na minha porta, entregou-me um bebê e foi-se embora. Estava na companhia de um homem magro, com cara de médico. Botei a criança na cama e fui me arrumar para o batizado. Vi a cabeça de uma mulher me espiando pela janela. Só a cabeça, sem o corpo. Voltei ao quarto do bebê. O pequeno tinha desaparecido. Minha avó chegou de motocicleta e disse que um amigo da gente foi embora, então o menino era você. Acordei preocupada. Me pareceu um aviso.

Eu caí na risada, imaginando Zefa de moto. Depois reconheci que o sonho maluco foi oportuno: fez a Lu me procurar. Contei-lhe tudo e a moça rompeu no choro:

— Que será de mim? Tirante vovó, só você me considera, é meu único amigo.

Tentei tranquilizar a moça:

— Calma, só vou dar um tempo na capital. Não deixe que um sonho lhe perturbe. A cabeça que corre o céu talvez seja um bom agouro. Quem sabe, é a lua me procurando. Fique sossegada, me aguarde e cuide bem de Zefa. Não a deixe sozinha, traga para junto de você. Dona Irene é gente boa, mas na tua companhia Zefa estará melhor.

— Já tentei muitas vezes, vovó não aceita. Não quer ficar na zona do mulherio. Detesta meu ofício. Quando falei que nossa morada não seria lá no mangue ela disse que tanto faz, seu coração não aguenta o veneno desta cidade.

— Eu sei que Zefa é turrona — repliquei. — Mas vá com jeito e redobre o cuidado. Qualquer coisa, procure Apolônio. Enquanto eu não volto, pegue com ele as mesadas de sua avó. Poló é homem sério, pode confiar. Já deixei tudo acertado.

Lucina corou. Prometeu de mãos juntas que não deixaria a velha à toa. Percebi que minhas palavras tinham tocado numa ferida: sem querer, eu despertei na pobre moça a má lembrança da aventura em que ela se meteu, quando saiu de casa com um sacana e foi logo abandonada na porcaria de um mangue do sul. Na volta, soube que era órfã.

Consolei como pude a garota: garanti que confiava em seu bom coração. Dei-lhe umas notas para os remédios da velha, sequei suas lágrimas. Daí toquei para a Rodoviária, onde tive uma boa surpresa: encontrei Sigismundo e Sabiniano. Estavam ambos de partida. Viajariam comigo, no mesmo ônibus.

Foi ótimo. Até Feira de Santana, me entretive na prosa com os dois. Não lhes falei dos meus problemas. Disse apenas que tinha decidido passar as férias na capital, onde ficaria mais à vontade para analisar as informações já recolhidas sobre o luaréu. Não era tudo, mas era verdade. Solicitei seus endereços e cada um me deu quatro, de cidades diferentes. É que ambos vivem com o pé na estrada. Enquanto o ônibus rodava, trocamos ideias sobre o alalá. Recontei-lhes a grande aventura dos astronautas americanos. O poeta questionou:

— Homem, só uma coisa não compreendo: porque botaram os três pilotos de quarentena, quando eles voltaram do céu? Que diabo de doença podiam ter apanhado? Pelo que sei, na lua não tem planta nem bicho, não há pasto para micróbio. Não foi maldade? Depois de tanto tempo na privação, vendo suas mulheres só pela tevê, os cabras chegam... E tome-lhe chave! Porra, é castigo demais. Qual a explicação?

— É simples — Sabiniano atalhou. — Foi por causa dos cachorros. Os astronautas pegaram muita radiação da flor do céu. Sem tratamento deslunizante, nem Nilo, nem Aldres, nem mesmo Coles, que só vigiou do alto, nenhum teria sossego. Tem dogue demais nos Estados Unidos. Imagine a música da recepção.

Por volta das nove e meia, o ônibus chegou a Feira. Me despedi dos amigos e peguei no sono assim que a viagem recomeçou. Só acordei em Salvador.

XIV

Já não existia a pensão da Gamboa onde eu costumava ficar. O taxista levou-me a outra, no Garcia. Era confortável, mas senti falta dos conhecidos de outro tempo. Pior: eu tinha esquecido o endereço de Werner, o primo de Heliodoro, que de vez em quando me auxiliava, mesmo à distância. Ele poderia ser de grande ajuda na capital. Quase ligo para o colega pedindo o telefone de seu parente, mas desisti. Ainda estava aborrecido com Hélio. Procurei, então, um camarada que sempre me apoiou: o poeta Eliseu, de quem fui colega no Central. Mas soube que ele estava morando no Rio de Janeiro.

Fiz o balanço das perdas: estava sem meus cadernos, meu diário, minhas gravações — e quase sem colaboradores. Além de Apolônio, restavam-me apenas Sigismundo e Cirão. Mas todos longe. Tratei logo de escrever aos três corrigindo meu endereço, pois lhes dera o da Gamboa.

Tomadas essas providências, encarei de novo a situação: eu estava sozinho e longe do foco de meu interesse, impedido — sabe-se lá por quanto tempo — de avançar nas buscas diretas, na cena do drama oculto. A dificuldade era inegável, mas não desanimei. Nem por um minuto cogitei de abandonar meu projeto. Pensando bem, as perdas eram relativas: o essencial das anotações eu guardava nos miolos e os ajudantes que saltaram do barco não eram indispensáveis. De resto, eu já estava convencido de que só poderia chegar à compreensão do alalá com um estudo de maior alcance, complexo, porém realizável nas novas condições: me propus o exame do sentido universal que teria a chegada de homens à lua, o impacto dessa notícia no juízo do mundo. Parti do princípio de que era impossível uma coisa tão cabulosa não ter feito alterações na própria nascente dos pensamentos humanos.

Justifico: nós pensamos com sol e lua. As ideias brotam na cabeça da gente graças à claridade que os astros nos deitam no sangue. Pensamos com a luz do céu e com a força da Terra, que nos suporta na sua carne. O alento desta Mãe vem a ser decisivo. Desde que há gente saindo de seu limite, a desligar-se do seu belo corpo, alguma coisa teve de mudar (por certo mudou) no seio da espécie mais sonhadora, na conceição dos seus juízos. Deu-se um abalo, creio eu, na mente do mundo, até mesmo no bestunto de quem não se deu conta da inana, de quem não tomou consciência da tremenda ultrapassagem. É o que

ainda imagino: mantenho que o sucedido em minha terra foi um sintoma, um efeito remoto da extravagância que levou o bicho terreno a saltar para o mundo da lua. Outros vestígios haverá do humano transtorno em diferentes zonas do globo.

Antes mesmo de me ver empurrado da Pedra Branca, eu tinha feito o propósito de passar as férias na capital, estudando de um ângulo novo o tema de minha obsessão. A crise da república só me precipitou. Não nego que saí queimado: a briga com Cíntia, o susto com o mano, a ingratidão dos colegas... É, teve a parte do calundu. Até pensei em mudança definitiva. Mal cheguei, um dos meus primeiros cuidados foi apelar a um amigo influente, com alto cargo na instituição: pedi-lhe que desse um jeito de transferir-me para Salvador. Se não o conseguisse, era capaz de largar o Banco. Cheguei mesmo a candidatar-me a um emprego em Camaçari, onde fiz entrevistas, passei por exames.

Enquanto esperava resposta, concentrei-me no meu ensaio. Dei-lhe um título simples: *A chegada do homem à lua numa cidade sertaneja do interior da Bahia*. Quase todo dia eu me enfiava em bibliotecas, lendo e escrevendo. De tarde, praticava a língua dos astronautas em um bom cursinho. Sobrava-me o tempo de ir à praia, ao cinema, a shows e concertos, gozando a beleza de Salvador. Mas sentia-me deslocado. Quase não fiz camaradagens. Não entrava no tom das conversas. Quando eu falava nos sucessos de minha terra, dos seus problemas lunares, todo o mundo achava graça. Até amigos de velha data — que finalmente reencontrei — caçoaram do meu assunto.

Tive muitas surpresas com esse povo. Beto, por exemplo, que em nosso tempo de colégio era líder estudantil e só pensava em política, tinha virado artista. Usava cabelos compridos, jeito de profeta. Falava devagar, frases enfumaçadas e inconclusas, levantando muito as sobrancelhas. Vivia agarrado a um violão. Me explicou que era um jeito de mudar o mundo.

O amigo Jonas, achei dedicado a uma combinação esquisita, de marxismo com astrologia. Neco, seu primo, aderiu a um partido novo e foi preso: sacanagem de Plutão. Teresa continuou interessada em Direito, formou-se advogada, mas parou de raspar covado. Nieta largou a arquitetura. Fazia badulaques e estudava o I Ching. Marcos — que antes vivia gozando minha *mania religiosa* — estava um beato: só falava nas visões de um raizeiro do México. Todo o mundo parecia transformado.

Hoje dou-me conta do fenômeno de um jeito mais claro, por obra de uma ciranda em que entrei por puro acaso. Logo ao chegar, estranhei. Muita coisa tinha mudado na Cidade de Todos os Santos. Os rapazes já não andavam no mangue o tempo todo. Porrada deixou de ser entretenimento de macho, turmas saíram de moda. Predominava a gente de paz, afirmavam-se os cabeludos. As moças de família topavam programas que dantes, nem por sonho. Davam que nem chuchu na cerca, graças a Deus e à santa pílula. Pegaram até a passar cantada. Subia ao topo do mundo, cheia de novidades, a categoria dos *jovens* — era como se a juventude tivesse acabado de aparecer, ao som dos Beatles e dos Rolling Stones. Em todo o canto, o assunto sempre era música. Muita coisa que antes seria frescura de pôr abaixo o moral de um homem tornou-se bem aceita. A cabeça se fazia com pó e fumaça. Ficar meio doido se achava bom.

Eu notava essa zorra muito vagamente. Vivia dentro de um casulo, meu aluado. E deu-me agonia: em minha terra todo o mundo me prestava atenção; em Salvador, ninguém me ligava. Quase que sinto uma saudade.

Uma carta de Poló me curou do banzo: segundo o amigo fiel, a república ainda me pinicava, criticando minha saída à francesa. Diziam que fui ingrato. Até Celestino e Heliodoro, velhos amigos.

Nem li o resto. Deitei-me de cabeça quente — e passei do dia fraco para a noite mentirosa.

XV

Mansão de mármore casto, palácio branco, silencioso. No longo corredor, muitas portas. Eu tinha na mão o pouco valor de uma vela e sentia rugirem as trevas exteriores. Uma das portas sorriu. Na cama larga vi a moça nua, mergulhada em sono profundo. Era linda: traços de Cíntia, corpo de Maria Perfeita.

Avançando pé ante pé, inclinei-me para as feições adormecidas. Uma gota de cera pingou no ombro da moça, arrancando-lhe um grito agudo. Joguei fora minha luz e o vento rompante rolou um clamor:

— *Agarrem o bruto! Passem-lhe a corda!*

Tentei correr, mas caí. De minha garganta brotou um som horrendo: cavo, grosso, desconforme, rude, fanho, escandaloso, roncativo, de sopra-e-chupa com sobe-e-desce. Acordei no chão, de quatro, peado por meu lençol. Ergui-me, acendi a luz e louvei a simplicidade do mundo. Mas outro vexame sobreveio: eu tinha acordado a pensão inteira. Um vizinho de quarto tripudiou:

— Caralho! Eu pensei que você estava esfolando vivo, do rabo às fuças, um animal muito resistente. Sem amor, é bom que se diga. Contra a vontade lá dele.

A arrumadeira confessou que tinha mijado na cama, espavorida com minha buzina. Ela era toda dengosa comigo, tinha combinado uns encontros. Mudou de ideia depois que escutou meu clamor. Fez que nem Dona Baratinha.

No dia seguinte acordei tarde, tomei um gole de café e toquei para a Biblioteca, onde me entretive com poesia, até que a fome alarmou. Almocei no Bela Napoli, dei uma caminhada e fiz o quilo no Passeio Público: soneca num banco, ao som das cigarras. Daí fui andando para o cursinho, na Vitória. Sentei-me ao lado de uma garota cujas atenções eu disputava com um galego. Mas não descuidei da aula. Caprichei no exercício de redação com tema livre. Discorri sobre a missão da Apollo XI e os problemas lunares de meu município. Só no fim me distraí, entretido no bate-papo com a formosa. De tão empolgado, me esqueci de entregar o papel ao mestre. Deixei o escrito na carteira quando fui ao laboratório de fonética. Foi essa a espoleta do brogodó. Na saída, vi o galego numa roda a ler em voz alta minha redação, entre gargalhadas gerais:

— É louco mesmo, o carinha. Tabaréu piradão, astrojeca legítimo.

Me emputecei. Agarrei o branquelo, sacudi sua ossamenta, lasquei-lhe um tabefe dos bons. O palhaço traçou uma pirueta, foi lá e cá, aceitou uma chapuletada maneira no pé do ouvido e já tombou comigo em cima, tocando-lhe as aleluias na lataria.

Bem que eu estava me divertindo, mas no meio do frege meu anjo da guarda se descuidou. Um mané da roda resolveu meter-se, o covarde: sentou o pé nas minhas costelas. O jeito que tive foi largar minha preferência. Resultado: antes que a turma do deixa-disso prevalecesse, dei e levei um monte de porrada. Voltei à pensão cuspiendo fogo.



Na portaria, correspondência para mim. Carta de Sabiniano, do endereço número dois. Estranhas notícias: o Nariz tinha encontrado, num bar da Chapada, uma dama que conheceu a Dançarina Brilhante e sua irmã, Maria Mária. De acordo com essa criatura (uma cantora de nome Josefina, por alcunha Jô Fumaça), o circo do alalá dissolveu-se logo depois da inana. Muitos artistas estavam desaparecidos. O leão ganhou o mato, fez tropelias em vilarejos, atacou currais, matou vacas e cachorros, até que morreu atropelado numa estrada, arrastando um jegue. A bailarina partiu pro estrangeiro, foi dançar em circo internacional. Maria Mária foi pro convento.

No fim da carta, uma nota desanimadora: “Jô realmente cantou em circos antes de enfumaçar os miolos. Esteve na Pedra Branca e sabe do alalá. Ligou-se a um dos líderes do luaréu, um tal Diniz. Mas não é de confiança: turvou o juízo. Troca nomes, faz misturas, perde o fio. Sua conversa é uma colcha de retalhos.”

Peguei novo envelope. Num bilhete confuso, Sigismundo se dizia arrependido da atitude que tomou no sonho americano: “Eu me assustei à toa. Se entendesse direito a rima do sonho, negociava com as meninas, curtia um romance muito bom. Mulher que ameaça a gente daquele jeito é por amor. Coitadinhas, elas só estavam muito apaixonadas. Talvez me matassem de carinho, o que não é mau. Hora dessas, eu junto dinheiro e vou aos Estados Unidos procurar as moças que abandonei. Ai Jennifer! Ai Emma! Que saudades!”

Eu ri um bocado com essa mensagem, mas daí a pouco chorei. É que tinha também uma carta de Lucina comunicando a morte de Zefa. Pensei em voltar

imediatamente a minha terra. Desisti quando olhei a data: o enterro com certeza já tinha acontecido.

Como se não bastasse, Poló mandava outra notícia fúnebre. Esta lhe chegou por telefone. Vinha da boca de um colega da primeira agência onde trabalhei: o velho Joca foi preso e enfartou. Faleceu na cadeia. Puta merda!

Saí atordoado. Logo me vi descendo ladeira rumo do poente, guiado às cegas por um costume: sempre que sinto triste eu busco alento em algum recanto predileto. Assim foi naquela hora: dirigi-me ao Porto da Barra, um santuário de beleza. Debrucei-me na balaustrada fitando o mar. Em pouco, o olho do mundo desapareceu atrás da ilha de Itaparica. Acompanhei as mudanças no desenho da noite até que as estrelas desabrocharam, mas a bela vista não me confortou.

Em novo balanço, dei-me conta de muitas perdas. Os companheiros da república me excomungaram, o povo da terra me abandonou. Cíntia já não me queria, privou-me da festa esperada: seios divinos, belas pernas, perdi tudo! Nunca mais eu teria o corpo da moça deslumbrante.

Aborreci-me também com a porra do ensaio, que não progredia. Concluí que estava ficando rude. Era amargo o fruto da minha teima: metendo o focinho onde não me cabia, só achei veneno. Tentei voar num céu passado e as penas que consegui eram de besta de carga. Concluí que era a praga do lunifício e esta ideia maluca me deu arrepios. De olhos molhados, mirei as luzes do céu e pedi-lhes misericórdia. Invoquei a Senhora do Mundo, Rainha do Céu e da Terra, dos vivos, dos mortos e dos demais: roguei-lhe que me acudisse, não me deixasse na escuridão.

Assim, rezando, fechei os olhos. Mal notei que uma pessoa me dirigia a palavra.

XVI

A moça tinha um quê de cigana em sua roupa caprichosa, entre elegante e à vontade: longa saia amarela, alva blusa de mangas curtas com um bordado de ramos vermelhos, brincos em forma de estrelas, sandálias azuis. Mas o jeito não era de romi. Nem de gringa. Nem de maluca. Tocou no meu ombro delicadamente e pediu, com simplicidade:

— Por favor, me pague um sanduíche. Estou com fome e sem dinheiro.

Não tinha expressão de necessitada. Logo atinei que devia ser uma hippie. A raça engraçada então invadia Salvador, passarinhando por todo o canto, principalmente pela orla. Essa que me abordou, o que tinha de mais era a beleza.

Falei que havia um restaurante ali perto. Se ela quisesse, jantávamos juntos. A morena aceitou na mesma hora. No caminho, perguntou meu nome e disse que se chamava Isabel. Corpo bem feito, boca sincera:

— Bicho, vou te contar, não é comum que eu aborde uma pessoa desse jeito. Quando faço, não tem erro, meu instinto é joia. Você estava de costas, estudando as ondas. No instante em que se virou, vi seu rosto e gostei logo, mas fiquei um pouco preocupada. Tive a impressão de que alguma coisa estava lhe perturbando, um grilo na sua cuca.

— Pois acertou. Eu estava pensando no raio da minha vida, pedindo à Mãe de Deus um sossego. Uma história que envolve a branca do céu provocou meu enxerimento, daí eu danei-me a estudar assuntos noturnos, feito coruja desempregada. A lua me embebedou.

Depois desse ataque de sinceridade, imaginei com tristeza que Isabel ia-me reconhecer por doido de pedra e cair fora de minha má companhia. Mas deu-se o contrário. Ela tornou, com os olhos brilhando:

— Por favor, me conte essa história de Branca do Céu.

Pedi com tanto jeito que mexeu comigo. Num instante, voltei ao assunto que tinha esconjurado. Retomei minha novela.

Isabel escutava atenta, sem tirar os olhos dos meus.

Já passava das oito quando surgiram uns camaradas à porta do restaurante, acenando para nossa mesa. Eram dois cabeludos: um louro de rosto liso e um moreno um pouco maior, de barba mal amanhada. A moça lhes respondeu com um gesto de chamamento. Eram de sua curriola.

— Marcelo, Marlos, este é Lúcio. Taí a prova do que sempre digo: ninguém como eu para encontrar gente fantástica, é um dom que tenho. Há pouco descobri este baiano da lua. Gênio, podem crer. Está pesquisando um lance que aconteceu em sua terra, no sertão: a história de um dia em que todo o mundo fundiu a cuca. Só ele ficou aceso. E foi fundo. Aí, a barra pesou. É o drama do luaréu, como ele diz. Um alalá. Vejam que lindo!

— Pô, bicho, que barato! — exclamou o rapaz moreno. Isabel ajuntou:

— Imaginem só: ele estava trabalhando num banco, na própria casa da caretice, quando de repente foi tocado pela voz do povo, saiu para o mundo e bebeu o leite do céu. Maior desbum.

Marlos, o louro, interveio com entusiasmo:

— Na Cidade da Bahia pintam todos os mistérios. Não é por acaso que a moçada de cabeça feita corre pr'aqui. Estamos em terra dionisíaca.

Marcelo emendou:

— Tem razão, meu caro: Salvador, a delirante, a rainha bêbada, é uma santa barroca que o amor dos anjos envenenou. É nossa mãe de renascimento, a negra divina coroadada de ouro, a deusa de xota eucarística. Pode-se pegar a onda mais louca na barra de sua saia. Como nosso amigo, que entrou nas águas da lua. É o barato do axé.

— Nesse ponto que você falou, eu não tenho preparo — observei. — Talvez seja este o problema, ando fraco da sorte. Tampouco sou desta capital. Adoro Salvador, mas o lugar donde venho é bem diferente. Minha cidade fica no sertão, não longe da caatinga braba, onde se vive um trivial muito seco.

— Sei! — fez Marcelo. — A Terra do Sol, entre o sofrimento de Deus e a paixão do Diabo.

Isabel cortou-lhe a fala, um pouco irritada:

— Vocês são taca, nem ouviram Lúcio e já querem enquadrar-lhe a história. Ficam só teorizando, antes de saber das coisas. Qual é? Deixem que ele conte.

Compungidos, os dois passaram-me a palavra. Não me fiz de rogado: deitei o verbo, enquanto eles derrubavam um prato de salada. Quando acabei, todos faiscavam.

— É mesmo um barato — Marlos comentou. — Entrar nessa foi um privilégio, Lúcio de Deus.

— Me trouxe muitos aborrecimentos — contestei.

Marcelo acudiu:

— Marlos falou e disse, foi uma sorte fenomenal. Claro que pintam problemas nas ondas altas. O divino é difícil. Mas bater-se com ele é o máximo. Bicho, você tem de ir fundo nessa história, foi escolhido. Questão de karma, com certeza. Se prepare bem.

— Como assim, amigo? De que jeito?

— Você curte macrô?

— Conheço não.

— Pois é fundamental, principalmente no seu caso. Você se acha envolvido por uma força cósmica elementar. A lua é yin, mas a variação que ela sofre exige preparo superior. No plenilúnio, consuma banchá, gengibre, arroz integral. Nas fases de minguante e nova, se yanguize com gergelim, feijão azuki, dente-de-leão, bardana, trigo sarraceno. Carne, jamais. Nem frutas. No crescente...

— Tá difícil! — eu cortei. — Ando com a cabeça em fogo. Se boto tanta da regra no de comer, aí é que acabo com meu juízo. Além do mais, tem outro problema: meu apetite regula assim pelo de Isabel. Sou magro por natureza, que nem a amiga traz a elegância na lei do corpo. E carne, pra mim, é ponto de honra. Sei lá o dia de amanhã!

— Gosto da macrobiótica, só não sigo as restrições — Isabel falou. — Mas Lúcio não precisa de regime. Tá na cara que ele tem uma constituição especial. Deve ter desenvolvido muito o chacra esplênico.

— *Anima* forte — Marlos ajuntou.

— Quê que é isso?

— *Anima* é a parte feminina da gente — explicou Marcelo. — Marlos quer dizer que o seu lado mulher é poderoso.

— O amigo tá me estranhando?

— Homem tem *anima*, Lúcio. A mulher tem *animus*. Teoria de Jung — ele explicou.

Isabel passou a mão nos meus cabelos, feito quem mexe com garoto:

— Que machão, hem? Mas por trás desta máscara posso ver os olhos da Moça, muito da louca, no embalo da lua. *Lucy in the sky with diamonds...*

— Deve ser a Santa que me protege — eu brinquei também.

Daí nós fomos beber uns chopes no Barravento, a beira mar. Lá pelo segundo copo falei que os novos camaradas me tinham dito muita coisa interessante, só não tocaram no xis do problema, ou seja, no danado do meu impasse com a história do luaréu, que não se deixava compor. Marlos ponderou:

— Talvez você esteja querendo racionalizar uma coisa que não se enquadra na lógica rotineira.

— O problema não é só comigo — lembrei. — Quando lhes peço para descreverem sua experiência, as pessoas que viveram o drama caem no desatino, perdem o controle da história e de si mesmos.

— Haverá algum bloqueio — ponderou Marcelo. — Mas tem um jeito. Já sei quem pode te ajudar.

— Então diga, por favor.

— É um cientista daqui mesmo, que o Zé Luiz me apresentou. Este Zé você conhece, Marlos: o astro da Vila Madalena, o Baiano Verde. Um ator. Atuou no *Hair*, não lembra? Graças a ele conheci o Doutor Coelho, um cara fora do comum: é teósofo, pratica ioga e do-in, entende tudo de alquimia, zen-budismo e candomblé. Saca os baratos do corpo, do espírito e do perispírito. Um mago verdadeiro, doutorado em Ciência Druídica. Especializou-se na letargia.

Eu me intriguei:

— Uai, como assim? Letargia é um paradeiro, o apagamento num sono profundo. Para que aperfeiçoar-se numa coisa dessas?

— É que existe uma ciência relacionada com o controle dos estados letárgicos. Envolve uma técnica especial, baseada em toques hipnóticos. Assisti a uma demonstração feita pelo doutor, que aprendeu com um padre, mas aperfeiçoou o negócio com uns elementos de xamanismo. A paciente foi a mulher de um amigo meu, o Parker.

— Este eu também conheço — Marlos atalhou. — Um americano, um grandalhão alucinado. Mexia com cinema underground. Andou muito tempo em São Paulo, esteve aqui, depois sumiu. Acho que voltou para os States.

— Ele pintou em Salvador no verão passado com duas gatas da Suécia. A mais velha, sua mulher, se chama Ingrid. O nome da outra, se bem me lembro, é Hilde, uma belezinha de vinte anos. Parecem gêmeas. Falam bem a nossa língua, por sinal com sotaque baiano, bem temperado. No dia do meu encontro com essas figuras, coincidiu que eu tava indo à casa do Zé Luís, na Fonte do Boi, onde o mago faria uma experiência. Convidei a trinca. Foi uma curtição. Quando o cientista pediu um voluntário, Peter candidatou sua *Best half*. Logo de saída, o doutor deu uma catucada na loura, que entrou num lusco-fusco. Mais uma triscadinha e pronto: ela caiu na leseira. Daí a pouco, sono profundo. Toque a toque, a nórdica avançava nos caminhos do letargo, que é uma escada de Jacó. Ficou dura feito um espeto, depois se amolengou no relax, corpo de seda. Em suma, passou por várias mudanças. É que há graus na letargia: dezoito, segundo os especialistas. O décimo oitavo corresponde à morte.

— Eita!

— De repente, o médico beliscou a loura, arranhou suas pernas, mordeu-lhe os ombros e as orelhas. Não houve reação. Anestesia completa. Depois, ele a fez retornar no tempo: vimos Ingrid adolescente e logo moleca, de dedo na boca. Por fim, a loura abraçou os joelhos, ficou em posição fetal. O doutor queria mais: resolveu levá-la ao décimo quinto patamar letárgico. Aí é que foi: a gata se levantou, sacudiu os cabelos, deu uma gargalhada de todas as cores e papagaiou numa língua estranha. Não era sueco, a irmã nada entendia. À gente, pareceu mais familiar. O pai de Zé foi quem sacou: era latim. Ninguém no grupo transava bem esse verbo da Roma Antiga, mas Zé lembrou-se de um vizinho que se amarra em língua morta, um carinha chamado Isidoro. Manja a figura, Marlos?

— É verdade, o bandido sabe latim.

— Zé Luís foi buscar a peça. O resultado não foi o que se esperava, mas valeu. O intérprete saudou a moça que nem um papa e ela respondeu no mesmo romanórum. Declamava e ria, apontando o Peter. Ela e Zidô pareciam divertir-se muito, tagarelando que nem periquitos de igreja. Mas quando pedimos ao sacana que traduzisse a fala da

loura, ele disse que não estava entendendo picas. Alegou que Ingrid falava a língua do Lácio com um sotaque muito estranho, entre o skanska e o grapiúna, usando palavras cabeludas. Um latim da Pomba Gira de Petrônio, chegou a dizer. Grande malandro! Umas coisas, até eu entendi. A loura chamava o marido de *scortillum*, *babaecalus*... Elogio, não era.

— Não, não parece — concordei.

— O Parker sacou que estava sendo urubuzado, ficou puto. Pegou a mochila e pirulitou-se, nunca mais apareceu por estas bandas. Quando Ingrid despertou sem marido, ficou muito feliz. Hilde também. As duas foram parar num motel, com o doutor hermético e o latinista samango. Não é genial? Tá provado que a coisa funciona.

— Muito interessante — eu falei. — Mas o que isso tem a ver com o caso de minha terra? Como o doutor me ajudaria? O caboclo romano que fez baixar, só a ele deu proveito. A ele e ao sonso do intérprete, que certamente é da curriola.

— Simples: você dá um jeito de trazer a esta capital uma pessoa que tenha tido uma boa participação no rebu de sua terra; daí, nós procuramos o Doutor Coelho, que induz o transe do camarada e o faz reviver a porra toda. Grava-se uma fita e tá tudo pronto.

— Sei não... Se eu apareço lá com esta novidade, é capaz que me aprontem um letargo dezoito — agradei. Depois, tratei de explicar:

— Olha, vocês me ajudaram muito. Ganhei novo ânimo (ou nova âni^ma, não sei). Mas espero dos amigos auxílio maior. Antes de recompor aqueles acontecimentos, e até para que o possa, preciso compreender uma coisa: na alma da gente, que sentido tem a lua visitada? Que tem isso com nossa natureza? Nada? Mas então nunca haveria qualquer consequência da viagem da Apolo XI. Digo consequência feroz, como a que teve em minha terra. Penso em Heraldo, para quem essa zorra foi um abalo mortal. Será que só a ele isso dizia respeito? Impossível! Acompanhem meu raciocínio: o mesmo que provocou tanto furor lá no meu canto de mundo, talvez em outras partes da terra tenha vibrado, continue vibrando. Se tiver energia na minha reflexão, talvez eu perceba. Mas sabem o que ocorre? Desde que tento, só parece que tudo me sai ao contrário: eu me sinto cada vez mais rude. Todos me estranham e eu mesmo me assusto, fico pensando que embrutei.

— Entendo — fez Marlos. — Uma coisa parecida se deu comigo. É normal.

— Arre! Normal?!

— Quando a gente rompe com o sistema, quando a pessoa já deixou a corda da caretice, mas ainda não sabe, passa por louco. E leva uns tempos de cuca fundida.

— Pombas, não me assuste mais! — protestei. Isabel sorriu:

— Menino, isto é passageiro. Taí, Marcelo, só me lembro do rebu da tua peça.

— *Pô?*

— Exatamente. A história, Lúcio, você deve conhecer. O enredo que Marcelinho dramatizou fala de uma princesa que todo o mundo adorava, até o pai. O coroa decidiu casar-se com a filha. A beleza era analisada, não topou. Fugiu disfarçada numa pele horrível.

— Já li este conto — eu disse. — Perrault, não é?

— Isso mesmo. Quem fazia o papel da princesa era a Fedra: uma menina linda, a mulher mais bonita que conheço. Tua cara, Lúcio. Tinha um porém: na hora em que ela vestia o couro do bicho, ficava um horror, a coisa mais pavorosa do mundo. Um dia, depois que o espetáculo acabou, o elenco foi comemorar o sucesso na casa do Marcelo. A Fedra botou um som e ficou no embalo, dançando com sua fantasia. De repente, tocam a campainha, ela vai atender. Era mamãe, que me buscava. Quando deu com aquela figura encourada, a boba desmaiou. Fedrinha abriu o berreiro, foi um mangue. Marcelo deitou minha velha no sofá, mas a gente não conseguia dar-lhe socorro, por causa da Fé. Tive uma inspiração: mandei que ela tirasse a roupa. Nua, a mina se acalmou. Ainda cuidou de minha mãe, que até hoje não entendeu porra nenhuma.

— Coitada! — eu disse, polidamente.

Os outros riram. Isabel continuou:

— Veja o xis do problema: a Fedra assustou-se com o efeito de uma aparência que a encobria. Percebe? Era um emburramento passageiro, mas o susto de minha mãe o fez prolongar-se, porque a Fé o incorporou. Às vezes, o assombro dos outros prende a careta na gente. A mina se livrou tirando a roupa. Saiu da casca negativa. Faça o mesmo, querido: rasgue o hábito, jogue fora a imagem que te deram. Fique nu.

— É isso — Marlos reforçou. — Você está passando por uma crise que muita gente já viveu. Depois, tem a virada. Daqui a pouco sua aura clareia, você entra na faixa certa e escreve seu livro. Já o tem na cabeça, não?

— Andei planejando um ensaio, que encaminharei à SBPC e depois à NASA.

— Não, Lúcio, não é por aí — protestou Marcelo. — A Academia não tá com nada e os tipos que mandaram os astronautas à lua só pensam no tecnológico, não se ligam no espiritual. Se você lhes disser que a chegada de duas pessoas ao satélite provocou um transe coletivo aqui em baixo, abalou as estruturas da raça, vão te considerar um freak. Nada no Establishment convém a teu projeto. Teu rumo é Aquarius.

Conversamos assim até as duas da manhã. Eu ficaria a noite toda nessa prosa, mas de repente Isabel perguntou as horas e bateu na testa:

— Caralho! Minha tia com certeza já está no hotel. Ontem liguei para casa e mamãe falou que sua irmã chegava hoje a Salvador. A velha teve uma ideia de jerico: pediu-lhe que me faça uma visita. Maior grilo: a coroa é caretíssima, teria um piti só de ver meu ninho baiano. Mas tenho que falar com ela, mamãe ficou de mandar-me uma grana por seu intermédio.

— Menina, você está numa fria — ponderou Marcelo —. A coroa vai pegar no seu pé. Família é foda: uma instituição neolítica que resiste até hoje, feito uma praga. Ficou pior na versão burguesa.

— Tem nada, não, guri. Minha estratégia é perfeita: eu ataco primeiro, vou ao encontro da coroa e torro-lhe a paciência. Durmo esta noite no hotel, pego a grana que mamãe mandou e bato asas. Só estou um pouco atrasada, tenho de ir andando.

Ofereci companhia, que ela aceitou sem hesitar. Nos despedimos dos camaradas combinando encontro para o dia seguinte. Isabel marcou:

— Às dez da madrugada, no Porto da Barra, onde encontrei o divino Lúcio.

A caminho, eu disse à morena:

— Quero muito conhecer a moça que me deslumbrou. Por enquanto, só sei que você é de São Paulo.

— Sim, paulistana. Moro em Higienópolis, curso Letras na USP. Mas transo melhor teatro, cinema.

— Será uma estrela, com certeza.

— A carreira é difícil nesse tempo cinza. Tem perseguição, tem censura. Mas a gente não desiste. Não é possível que essa merda de regime dure para sempre. Já se fala em abertura, não é? Eu acredito. Aos poucos, vou criando meu espaço. Ultimamente me

surgiram umas oportunidades. Vou fazer um filme com o Marcelinho. Participarei de uma comédia baiana com a turma dos Novos. Pintou há pouco outra chance, muito boa: Zepê, um grande diretor, prometeu-me um papel numa peça que está bolando. Aliás, é também por isso que estou em Salvador: ele veio para cá em busca de inspiração.

— É a primeira vez que você vem à Bahia?

— Não. Ano passado curti as férias aqui. Adorei. Amo esta terra de paixão. Se pudesse, nem voltava mais para São Paulo.

— Volte não, que eu morro de saudades — roguei. Isabel sorriu:

— Assim eu não resisto, bicho. O problema é sério. Eu já tinha saudade de você antes de te conhecer. Aliás, estou certa de uma coisa: hoje só vim aqui para te encontrar. Eu tinha uns compromissos lá na Boca do Rio, onde estou morando, só precisava dar as caras em Ondina às nove, que é quando minha tia deve ter chegado ao hotel. Lá pelas cinco e meia, me deu uma coisa: peguei uma carona e vim à Barra ver o pôr do sol. Saí de casa tão aluada que esqueci a bolsa. Agora percebo, Lúcio: era você que estava me atraindo.

Quando nos despedimos, a morena deu-me um beijo na boca, bem demorado. Saí do hotel pisando nuvens.

XVII

Bem antes da hora marcada, eu já estava no Porto da Barra. Enquanto os amigos não chegavam, gastei belos minutos apreciando as artimanhas de um mágico que fazia truques com dados e discos num tabuleiro armado no passeio, junto à balaustrada donde se vê a praia. Esqueci o mundo. Tornei a amanhecer quando Isabel surgiu no ponto de ônibus, a poucos passos de mim. Estava com uma roupa diferente: bata branca, saia estampada. Fiquei deslumbrado. Entre beijos, ela recomendou, assanhando um pouco meus cabelos:

— Deixe assim que fica uma glória: o rei da lua, coroadado de cachinhos.

Daí a pouco Marlos chegou, com cara de sono:

— Tudo bem, crianças? Mestre Lu, diga lá o que a lua canta. E você, minha linda? Como foi o enredo com a titia?

— Legal, tudo sob controle. Eu disse à coroa que estava a fim de um rolê pelo sul da Bahia, com viagem marcada para hoje, só esperava mesmo o dinheiro da velha. Falei que já tinha devolvido a chave da casa, portanto precisava ficar com a tioca no hotel, essa noite. Tagarelei feito uma louca. Quase não a deixo dormir. Ela ficou contente quando me ouviu falar que viajaria logo cedo. Creio que já estava pedindo a todos os santos para ver-se livre de mim. De tão alegre com a informação, até me deu uma grana extra, além da que mamãe enviou. Comprei bolsa e roupa nova na boutique do hotel. Enfim, estou livre da tia. E fiz o desgrude só no verbo, nem precisei mijar na cama. Agora, diga: cadê Marcelinho?

— Foi ao Rio Vermelho, ao encontro de Enoque. Nos espera numa galeria, no Largo da Mariquita. Lembrou-se de ter visto lá umas gravuras que deseja mostrar a Lúcio. Quer apresentar-lhe o professor. Depois almoçamos juntos num restaurante natural. Sugiro também um papo com Rudá e uma passadinha pelo antro de Ramón, que tem olho poético, boa ajuda numa viagem dessas. Explico: ontem, depois que vocês nos deixaram, nós encontramos Rudá e ficamos um tempão com ele, curtindo a história do luaréu. O bicho vai encontrar-nos na galeria a fim de nos levar à maloca.

Isabel interrompeu:

— Prepare-se, Lúcio: hoje você conhecerá um bando de pirados. Logo de saída, verá um coroa doidão, muito vanguarda. O bicho é poeta, designer, semiólogo, o cacete. Às vezes faz música, MPB e erudita, ultimamente eletrônica. Mas seu cardápio é variado: já compôs um trio para gaita, berimbau e viola da gamba. Ensina hermenêutica e teoria da comunicação. Em suma, é doutor em tudo, tem um currículo do caralho. Dizem que traduziu Li Po, Arnaut Daniel, Sade e Calímaco, entre outros. Na sua remota juventude, dançou com Yanka Rudzka, escreveu um auto e dirigiu uma peça de Ionesco. Marcelo curte muito o professor, ainda vive a ressaca do intelectualismo brilhoso. Já para meu gosto, Enoque é muito burguês.

— Vamos com calma, garota — Marlos protestou. — Marcelo nem tá ligando para a caretice intelectualoide que se arrasta por aí afora. Tanto assim que abandonou um doutorado, rompeu com o sistema quando tinha todas as vantagens. Deixou Harvard, pô. Não é pra qualquer um.

— Por que diabo ele entendeu de largar o estudo? — eu indaguei.

— Segundo a melhor versão — falou Isabel — não foi diabo, foi um anjo. Um dia, tava nosso amigo caminhando pelo campus com o rascunho da tese debaixo do braço quando apareceu um velho esquisito, piradão, que ficou de quatro na grama e recitou um poema aos gritos. A coisa impressionou tanto o Marcelo que ele mijou nas calças, rasgou em pedacinhos a tese e se mandou. Curou-se da Academia.

— Eh poema retado! Como era mesmo?

— Ah, isso Marcelo não lembra direito. Só fala que era uma coisa assim entre Ferlinghetti, Lautréamont e Dylan Thomas, com umas pitadas de Artaud.

— Nossa Senhora! — eu exclamei. — Pelo jeito, foi obra de Legião.

Marlos ainda discutia com a morena:

— O Professor nada tem de careta. É verdade que ele gosta de uns babados, curte o conforto, mas isso não chega a pecado mortal. Pegue leve, garota, deixe de rigor. Senão, daqui a pouco a gente vai dizer que só presta quem anda com a mochila nas costas. Enoque parou no sossego, mas já teve uma puta experiência.

— Sei. Viveu em San Francisco com uma harpista lituana e seu marido pinel. Diz que a moça morreu assaltando um banco, vestida de freira. Daí ele voltou para cá e virou

erudito. Antes estive na França, enterrou uma namorada no cemitério de Sète e pilotou um barco bêbado. Sim, o coroa é legal. Mente pacas, o Enoque Prufroque.

— Arre, mulher, deixe de maldade — protestou o amigo.

— Tá bom, bicho — ela concedeu. — Veremos o ilustre. Mas antes, vamos aqui.

Assim dizendo, a morena levou-me pela mão à calçada do Instituto Mauá, onde tinha uma garota vestida de sari, com uma pétala vermelha na testa e uma argola de nariz, parecendo uma porquinha. Isabel sentou-se a seu lado, remexendo em badulaques.

Enquanto as garotas negociavam, Marlos cantarolou uma pequena canção que tinha acabado de compor. Gostei, dei-lhe parabéns. O lourinho ficou contente, pegou a falar de artistas de que não faço ideia.

Em matéria de música, nunca fui conhecedor. Gosto, não entendo nada. Na república eu ficava no mesmo quarto que Apolônio, um viciado no som: ele tinha discos de rock americano e de MPB. Eu apreciava tudo, só nunca me aprofundei no assunto. O colega se irritava com meu gosto ignorante. Mas uma coisa é certa: reconheço os grandes valores. Vibro com a turma da Bahia: Caetano, Gil e Waldick, Moraes Moreira, Raul Seixas, Caymmi e os Novos, Gal, Maria Betânia, Tomzé, Tuzé e Bule-Bule. Não me limito a nosso terreiro: também aprecio Roberto Carlos, Os Mutantes e Altamar Dutra, Agnaldo Rayol, Vandrê e Erasmo Carlos, Ronnie Von, Chico Buarque, Teixeira e Baden Powell — sem esquecer os veteranos como Juca Chaves, Lupicínio, Vinícius, Agnaldo Timóteo. Admiro os clássicos todos: Luiz Gonzaga, João Gilberto, Paulinho da Viola e Cely Campelo, Tom Jobim, Vicente Celestino e Noel Rosa, com a turma inteira do samba, de Cartola a Riachão. Sei de muitos outros retados, feito Elvis Presley, Batatinha, Brenda Lee mais Rita Lee, John Lennon, Jerry Adriani, Elton John mais Nelson Ned, The Platters e João do Vale, bem como os Beatles, os Dzi Croquetes e os Rolling Stones. Gosto de Hermeto Pascoal, Milton Nascimento, Frank Sinatra, Tony Tornado e Elis Regina, mas também aprecio Macalé e Sérgio Mendes, Tônico e Tinoco, Ney Matogrosso e Johnny Alf.

Quando eu dizia minhas preferências, Poló ficava dramático:

— Você não tem gosto, só apetite.

Eu retrucava, sem me perturbar: — *É a cabeça, irmão!* — e seguia meu rumo.

Já com os novos amigos, nunca tive problema nesse ponto. Eles não questionavam nada e minha margem de acordo era larga, daí eu gostava também do que eles achavam porreta, embora não conhecesse metade. Me admirava o tanto de religião que tinham perante o som: intuía revelações que eu nem sonhava descobrir em melodia.

A conferência de Marlos prosseguiu quando pegamos o ônibus e se alongou por todo o trajeto. Eu mal ouvia, de chamego com Isabel. Mas quando saltamos no Rio Vermelho ele já estava convencido de que eu entendo muito de música.

XVIII

Logo na entrada da galeria vimos o Marcelo conversando com um cavalheiro de olhos vivos, um homem grisalho que nos saudou alegremente:

— Olá, meninos, sejam bem-vindos. Então, é este o famoso Lúcio? Rapaz, há quase uma hora que estamos falando de você. Marcelo pegou-me em casa e me trouxe para cá logo cedo, contando a história do luaréu. Fiquei impressionado. Ande, venha ver uma coisa. Vocês também, Marlos e Isabel.

A estampa figurava uma moça coroada de flores, de cabelos soltos, flutuando no céu a cavalo. Tinha na mão uma lança da qual pendia uma flâmula. Um penacho de plumas de pavão enfeitava a cabeça do animal. À direita, via-se um crescente embutido num círculo de que a outra porção apresentava manchas, sugerindo um rosto. Era assim no alto da gravura. Na parte inferior, de um lado, tinha uma cidade, com gente nas ruas; do outro, via-se um campo de cultivo, com pessoas labutando. O Professor explicou:

— É a lua com seus alunos. Ou *filhos*, como diz a legenda: o pessoal que ela governa, do ponto de vista astrológico. Gravura do século XV.

— Muito bonita — eu achei. Enoque apontou logo outra:

— Esta é mais antiga.

No alto, via-se a lua cheia, perto de um lacrau. Na parte de baixo — a fingir a Terra — um mundo de gente em trajes de outrora: mulheres e homens a dançar, alguns com jeito de desatinados. Tinha até um gajo plantando bananeira.

— A classe dos tortos — eu brinquei. Mas de repente me veio o estalo:

— É isso! Então a coisa data de longe, tal como eu supunha. Taí o povo tresvariado, influído por Dona Branca. É o retrato de um luaréu.

— Foi o que Marcelo também pensou — disse Enoque. — Mas não concordo. Penso que a imagem não se refere a um acontecimento singular. Repare que também mostra pessoas sisudas, comerciando ou lavrando a terra, embora o quadro destaque as figurinhas de alucinados. O artista botou tudo junto a fim de fazer um panorama das paixões lunares. Ora, segundo me disse Marcelo, você chamou de luaréu um desbunde coletivo, uma crise lunática de massa. Não é o que a gravura retrata.

— Tem certeza? — fez Marcelo — E as tradições de que me falou?

— São outra história. Desde a antiguidade, muitos povos têm festivais extravagantes que marcam momentos da peripécia da lua: cerimônias realizadas durante os plenilúnios, ou nos eclipses, por exemplo. Mas trata-se de ritos. E rito é programado. Já o luaréu foi uma coisa espontânea, não?

— Peraí! — Isabel contestou. — Tá certo que ritual tem roteiro, tempo certo de acontecer. Mas se constrói em cima de uma emoção coletiva. Penso que na raiz de todo rito tem uma zorra, um acontecimento chocante. Com certeza, esses de que você falou surgiram de vivências muito radicais.

— Não duvido — tornou o Professor —. Eu só estou dizendo que a imagem da gravura não dá testemunho de *um* evento. A questão é mais alta. Toca nos simbolismos astrais. Como é que eles são bolados? Como bolem conosco? Segundo Marcelo falou, o Lúcio anda se perguntando...

— O que significa a Maria Clara para o povo deste globo — confirmei. — Sem isso, não vou entender o que aconteceu na minha terra.

— Bom, que posso dizer? A respeito da lua, muitas ideias correm mundo. Por exemplo: sua ligação com as mulheres é constante, mesmo onde se imagina esse astro macho. Sempre se diz que Lua governa a menstruação. Será por causa do período. De resto, ela sofre mudanças em ciclo: ora cheia, ora vazia. De si mesma, o que é mais intrigante. E conhece estados de transição. Se você compara com outros astros, é o que apresenta maiores variações, pelo menos do ponto de vista do observador ingênuo. Ora, no mundinho humano, o corpo das evas é que tem ciclo manifesto, uma alteração regular. Entra em crises periódicas, com certa perda de substância. Pode arredondar-se e depois encolher. Bem assim é nosso satélite, que tem figuras distintas, manifestações opostas. Lua desliza de fase em fase, é rica em metamorfoses. Sugere uma divindade tremenda, mas frágil: um deus que tem vida, paixão e morte, que ressuscita no céu impassível. São as crenças. Dá-se ainda a ideia, muito difundida, de que ela provoca loucura, alimenta os delírios. O Evangelho faz referência a duas raças de doidos: os possessos (que são malucos por intromissão do diabo) e os lunáticos.

— Tá certo, mestre — replicou Isabel —. Só num ponto discordo. Você chama tudo isso de “crenças”, quer dizer, um treco sem fundamento, que as pessoas cismam de

achar. Claro, tá na cartilha que a lua é um corpo celeste, simples satélite da terra. Não tem sexo, nem mágica, nem ligação com o mulhierio, nada a ver com o branco da morte ou com a doidice. Tudo ilusão. Engano igual ao do observador ingênuo para quem ela cresce e minguia, some e se reassume. Mas este engano sempre se desenha do mesmo jeito, aos olhos de qualquer observador, seja ele ingênuo ou sabidíssimo, em termos do que lhe aparece. E o modo como aparecem as coisas também faz parte da realidade. Ou não?

— Com certeza.

— Aparência que serpenteia, morde e chocalha, pra mim é cobra. Com pele nova ou casca velha, tanto faz. O dente rasga, o veneno corre. Percebem? O pessoal que acredita nas transas lunares tem suas razões. Digo por saber, galera, é a pura verdade: tem mulher que fica aluada nos dias. Não é crença de criança, é arte da Moça de cabelos brancos. Sei o que digo: como da sua farinha. E olhem que sou muito equilibrada. Mas lembra, Marcelo, aquela noite, quando a Fé te atacou?

Marcelo balançou o quengo de modo lúgubre. A morena explicou:

— Na sua peça, o bicho aí fazia com Fedra uma cena muito sugestiva, em que batia nela com uma flor. Era um negócio carregado de simbolismo fotonovelo, com bom tempero de ironias dialéticas. Fedrinha estava ótima no papel: era a própria vítima indefesa do Grande Macho Opressor. Numa noite de lua cheia, com a linda atriz menstruada, deu-se o perereco no palco: Marcelinho, glorioso, fustigou de leve a colega e quando viu, tava no chão, muito bem cavalgado, levando um monte de bolachas. O público adorou. Fedra só disse que tava aluada.

— Querida, não me entenda mal — retrucou Enoque —. Falei em “crenças” a fim de me exprimir de um modo neutro. Não disse que elas seriam infundadas, nem fundamentadas. Para mim, isso não importa. Acho que uma crença de certa profundidade com o tempo se torna criativa, acaba determinando a coisa a que se refere. Mas temos de considerar o largo espectro das variações. Existe pra todo lado uma percepção da lua como fonte do desatino, mãe da mania, vó da veneta. Sua imagem alucinógena tem grande força. No entanto, também se dá o contrário: há tradições em que ela é senhora da medida, serena, sábia. Portanto, a danada é múltipla. Nós espelhamos suas faces no coração. Há momentos em que uma delas prevalece, dita suas melodias. Que flutuam muito.

— Até a turma da NASA sofre o agito, a variação do astro mutante — falou Marcelo. — Teve um carinho do Programa Apolo que desbundou no retorno: largou o trabalho, despediu-se da ciência velha e saiu pelo mundo procurando a Arca de Noé. No que chegou ao Monte Arará, levou uma puta queda, bateu a cabeça...

— E pirou o resto que lhe faltava — deduziu Isabel.

— O êxito mais completo, fenomenal, extremo... Imaginem o que deve ser a vivência desse processo. Falo no sentido etimológico: “êxito” quer dizer “saída”. O homem abandona sua matriz, o corpo da terra, e vai a outro nicho, no espaço cósmico: é chocante. Os antigos falariam em *hýbris*, em desmesura violenta. Os primeiros por certo ficaram marcados — disse o professor.

Nesse exato momento apareceu na galeria um moço barbudo e Marlos interveio:

— O papo tá muito legal, mas a gente tem de ir andando. Rudá chegou, temos compromisso. Levaremos o Lúcio para conhecer Ramón, que ainda ontem me mostrou um belo trabalho relacionado com as transas lunares. Tenho certeza de que eles vão curtir o encontro. Se a gente demora, não pega o bicho na maloca.

— Marlos, que coisa! — protestou Enoque — Mal começamos nosso diálogo...

— Calma, a gente volta.

— Então peguem o Ramón, levem lá para casa. Vocês hoje almoçam comigo.

— Tá combinado — Isabel decidiu. E já na porta, murmurou no meu ouvido:

— Depois, vou te raptar.

Meu coração saltou de contente.

XIX

Em sua fobica desengonçada, Rudá levou-nos logo ao armengue, que não era longe. Apresentou-nos a casa velha no tom de quem mostra um palácio:

— Esta joia tava abandonada: os arquitetos condenaram, o dono largou. Tem anos que a prefeitura promete a demolição. Mas nosso castelo resiste às pragas de urubu. Ramón descobriu o tesouro e tratou de ocupar, montou aqui seu ateliê. Eu logo aderi. Aos poucos, pintaram outros no pedaço. A tapera virou colmeia.

Falando assim, empurrou a porta. Entramos numa sala ampla, de paredes úmidas, com algumas rachaduras. No centro do piso, sobre uma esteira redonda, via-se um móvel que tinha o formato de um baita carretel. Da fieira de pregos na borda de cima pendiam cordões de missangas. Esse treco era a base de um velho televisor que tinha no topo um pinguim de geladeira, muito elegante, de peruca loura e chapéu de bombeiro. Defronte, um sofá capenga. Numa das paredes contemplei uma pintura esquisita: um anjinho enrabando uma cabra sob as vistas de uma freira nua. (Embora pelada, ela tinha cara de santa e ostentava o típico chapelão engomado). Rudá confessou que era obra sua.

A primeira sala abria-se para outra em que anotei uma canoa cheia de revistas, uma rede, uma esteira com um monte de almofadas em cima, um violão banguela sobre um tapete de fuxico. Seguia-se um corredor com dois quartos de cada lado, só um deles com folha de porta. No primeiro cômodo que espiei, um magrelo de sunga dormia sobre um colchonete, abraçado a uma boneca de crochê, imitação de uma preta de longas tranças, pernas compridas e finas que nem as da sariema, saia vermelha bem curta. Num dos aposentos do lado oposto um galego com barba de bode tatuava as costas de um grandalhão. Em outro quarto um gorducho com topete de pica-pau e o resto da cabeça lisa ensaiava uma dança esquisita com uma mulher de robe azul. Cumprimentamos esse povo com um oi e entramos no quarto maior, dividido ao meio por uma cortina. Na metade que logo vimos tinha uma cadeira giratória enfiada no vão de uma mesa cheia de papéis em desordem, misturados com garrafas, discos, gravador. Destacava-se um Buda de louça com brincos nas longas orelhas, cocar de penas de papagaio. Livros de diferentes tamanhos se espremiavam numa estante precária. Uma gaiola vazia pendia do teto. À medida em que a gente se aproximava da divisória de pano crescia em nossos ouvidos o

som de um realejo, acompanhando uma cantoria em língua estranha. Parecia uma espécie de reza, engrolada e meio rouca, pontuada por gritos miúdos.

Sem a menor cerimônia, Rudá correu a cortina. Vimos então um rapaz moreno, cabeludo, de calça branca e poncho boliviano, em atitude solene de concentração, que nem um bispo na catedral. Segurava na mão esquerda a flauta de Pã e erguia a direita num gesto de bênção. Entoava as latomias e tocava a gaita na intenção de uma garota de olhos azuis. A santinha estava parada no centro de uma espiral riscada a giz, na beira da cama. Teria uns dezesseis anos, no máximo. Vestia uma camisa de malha esgarçada que revelava os botões dos peitos e um short com o zíper meio descido, mostrando o caminho da felicidade. Tinha as mãos amarradas por uma corda fina. Ao nos ver, a pequena assustou-se, foi logo tratando de dar no pé. Isabel desatou seu laço:

— Calma, garota, não saia assim, amarrada que nem uma cabra.

A criaturinha se pirulitou e Bel reclamou com o amigo:

— Cara, você comer a Chapeuzinho, tudo bem. Mas pra que entortar-lhe o juízo?

— Vocês não entendem nada de religião — respondeu o miserável.

Daí o Marlos decretou, como quem acha tudo normal:

— Amizade, vamos andando que tem almoço na casa de Enoque. A mina, você benze depois.

O devoto disse que não estava com fome, mas seu amigo não desistiu:

— Vamos lá, é assunto sério. Lúcio levará um papo com a gente a respeito de uns desafios astrais que ele está encarando, uma zorra poética. Eu logo me lembrei do teu último texto, que tem tudo a ver. Pegue a papelada e vamos nessa.

— Perdi a energia — teimou o sujeito.

Isabel deu-lhe um empurrãozinho:

— É uma descida, você pega no tranco.

Imaginei que o poeta ia emputecer-se, mas não foi assim. Ele apenas riu de modo nervoso, lançou-me um olhar de bicho acuado, guardou a gaita na gaiola (que fechou cuidadosamente, como se flauta de Pan fosse um passarinho muito arisco), apanhou uma pasta surrada e nos seguiu sem reclamações. Quando entramos no carro, Marlos voltou à carga:

— Podes crer, Ramón, é fantástica a história de Lúcio. Tem luaréu, uma coisa incrível.

— Horror, cara. Horror.

— É verdade — confirmei. — Deu-se um miserê.

— Nada a ver com a lua. Foi arte de Lilith — disse o camarada.

E por longo tempo, nada mais falou.

XX

Enoque explicou que a cozinheira tinha feito moqueca de peixe, vatapá e caruru, com um xinxim de quebra. Para a turma vegetariana, ou macrobiótica, ou lá o que fosse, tinha salada. A morena aprovou o cardápio todo. Argumentou que a comida baiana tem um fundamento sagrado, já demonstrado perfeitamente em estudos de antropologia. Concluiu dizendo que a culinária de nossa terra é um tipo africano de macrobiótica. Marcelo não aceitou essa tese, ficou na salada. Quer dizer, só no fim provou um bocadito de peixe, mal disfarçado entre as folhas. Rudá imitou a tática do colega. Ramón, a morena e eu nos deliciamos com as comidas de dendê. Só Marlos se fez de lagarta. No fim, todo o mundo acabou satisfeito, ainda mais que tinha cerveja bem geladinha.

Barriga cheia, passamos ao escritório do dono da casa, uma verdadeira biblioteca. Enoque botou um disco no aparelho enquanto a gente se distribuía por cadeiras, sofá, poltronas. Isabel sentou-se a meu lado e me passou um cigarro murcho. Dei uma puxadinha, engasguei. Ela instruiu, falou que era devagar. Tentei de novo. Enquanto respirava a fumaça de cheiro enjoado, deixei-me envolver pelo som de uma guitarra que parecia um órgão. Fechei os olhos por um instante e me senti boiando no tempo. Sob o denso vapor da música, todos beiravam a modorra. Voltei ao chão no que Marlos reacendeu a conversa, interpelando Marcelo:

— Ontem, no bar, depois que Lúcio mais Isabel já tinham saído, você falou que finalmente se dava conta de um grande saque de nosso amigo. Diga como foi.

— Seguinte: ao explicar-nos a transa do luaréu, Lúcio insistiu na dificuldade de reconstituir os acontecimentos. Contou que as testemunhas não dizem coisa com coisa, mal entram no assunto se embananam. Pior ainda: seus toques críticos levaram os entrevistados à fabricação de um arranjo. Com o tempo, já estavam perto de jurar o falso acordo. Só que o bicho não caiu no conto.

— Sim, eu me lembro— Marlos confirmou. E Marcelo prosseguiu:

— No começo, não entendi, nenhum de nós percebeu o saque. Chegamos a crer que o embaraço do amigo vinha de um equívoco: a história seria de um tipo que não se enquadrava nas categorias oficiais e ele estaria preso às expectativas noveleiras do senso

comum. Mas se fosse este o caso, ele teria sucumbido à ilusão de sua lógica. Saquei depois. No primeiro momento, necas. Sugeri até o recurso à letargia. Agora percebo que não era por aí, que não dava em nada.

— Disso tenho certeza— exclamei. — A gente assistiria a um espiritismo dos brabos, com o paciente delirando no gago do acaso, e tudo ficaria na mesma. Meu probléma é de interpretação. As testemunhas que ouvi já me encheram de suas impressões. Agora, eu preciso destilar suas falas. Ainda não consegui, mas de uma coisa estou seguro: quando meus entrevistados mudam a história, não é mentindo, embora desfaçam de suas palavras e até inventem. Procuram a ideia do que aconteceu. E a cada instante ela se transforma, aparece de um jeito novo. O caso tornou-se maior do que foi.

— Daí você chegou à convicção de que deve ir fundo no campo da história, mas também precisa recorrer à poesia. Como é mesmo? Donde tirou essa ideia?

— A inana principiou com as imagens do pouso na lua. O lugar donde venho é um pedaço de mundo escondido, atrasado, onde nunca se viu um astrônomo, nunca houve quem se preocupasse com a navegação entre os planetas, as trilhas do céu, as rochas lunares. Foguete, lá, só de festa. Nada fazia prever o abalo que houve na paróquia com a ponga dos gringos no satélite. A proeza dos astronautas só nos toca porque somos humanos. Isso mexeu com a fonte que nos liga a todos: com os olhos d'água da vida, donde sai o sentido (ou o desejo de sentido) que a natureza botou no grão da espécie. Mas se é assim, o que aconteceu no sertão de nosso abandono pode muito bem ter sucedido em diferentes lugares da Terra, não só nessa altura como em outros tempos, ou seja, sempre que a extravagância da gente humana tiver chegado a um estado crítico, dando febre na matriz das nossas ideias.

— Extravagância da gente humana? De que tipo? — Rudá estranhou. Eu tentei explicar:

— Já esclareço o que eu quero dizer com essa palavra forte. Um animal da Terra tem de ser extravagante por natureza, desde sua aparição, para chegar a esse ponto, ou seja, para conceber nos seus miolos e executar com tranquilidade um projeto de desterro tão radical como esse que há pouco o bicho homem ensaiou: o salto para fora do planeta, o pouso atrevido em outra ilha do arquipélago do sol, começando justamente por nossa rodeadora, que faz os doidos e as marés. Esse gesto soberbo não pode ser (ou ter sido) um

rompante único, um trem isolado na existência, todo singular. Certamente tem ligação com outras proezas, com outras atitudes do bicho humano, lunomanias verificáveis por onde quer que ele ande, ao longo de seu trajeto no tempo, de sua passagem no globo. Donde minha hipótese: a História talvez registre ocorrências de luaréu comparáveis, estudáveis, capazes de iluminar-se umas às outras. Este é um lado da questão. O outro é mais complicado.

— Diga lá! — Marcelo apelou.

— Parto do que me ensinou Eliseu, um intelectual do meu colégio. Ele falava que a poesia tem o verde da verdade e preserva sua força, garante-lhe o viço quando o juízo fraqueja, nas horas torvas em que a razão desanda com sua máquina estragada por muita soberba. Então a poesia protege o grão, o núcleo do pensamento, o que responde ao íman de Deus. Daí tirei minhas conclusões, ajuntando à tese de Eliseu mais outra, que eu não sei se ele aprovaria: penso que a história humana tem um estoque variado de futuros, com muitos possíveis em leque. Entre eles se acham as esperanças criadoras, que às vezes correm perigo: elas murcham no tempo ruim, sofrem moléstias e danos, mas sempre se podem renovar. Enquanto existe força na corrente, o desgaste não é completo. Parte das criações se perde, parte retorna. E cresce na volta.

— Mas às vezes não dá...

— Realmente, Marlos. Às vezes não dá. No regime do tempo mesquinho, fecha-se a porta da renovação e a história se encolhe. É quando ninguém se interessa mais pela saúde do mundo, cada qual cuida de si e ignora os outros, despreza o riso da liberdade. Então o que surge não tem valor, pois o fogo da graça, que acende o sentido, não sobrevive sem o assopro do vento amoroso e a martelada do sei lá, que tira faíscas na escuridão. Percebe? Quando se está cego do novo, ele inexistente.

— Sim, percebo. A novidade é devorada pela indiferença.

— E o que vem à vida já nasce caduco. Nossos desejos ficam tristes, nossas ideias perdem a cor. A própria arte torna-se impostora. Então se extravaga para baixo. É no meio da crise braba que a loucura, de forma avoadada, tenta recuperar com lunifícios o possível que lhe escapou, feito quem persegue um anjo, mas aos pulos, com asas de papel nos ombros. Não dá certo, é claro. Ainda mais que a maluquice, filha da saudade com o desespero, procede às cegas, que nem o pai. Numa situação de mau jeito, do tipo que

descrevi, a poesia vem a ser a única saída. Pois ela salta limites, vai além das expectativas, limpa os olhos da ciência, enxuga o suor das agonias, parteja a história, renova os seres. Talvez ela guarde no poço do luaréu a verdade banida do mundo, forçada a esconder-se, ameaçada de morte pela gangue das certezas sem controle, dos preconceitos, dos abusos. A poesia dá-lhe abrigo e sua força vem daí. Na minha terra, podem crer, correu-se a verdade a porrete. Quebraram-lhe os ossos. Ela ainda vacila, torturada que foi de um modo muito cruel. No entanto, penso que escapou. Continua a nos atrair. Na certa escondeu-se numa gruta qualquer, de onde clama por socorro. Ouvimos seu chamado sem saber de onde vem. Quer dizer, os poetas ouvem. Indicam. Com sua ajuda, talvez achemos a trilha, o caminho do reencontro.

— É uma bela hipótese — disse Rudá. — Mas então, como proceder?

— Me lembro de conversas esclarecedoras com um amigo que é o bamba do cordel. A gente cantava e bebia pinga: era uma espécie de rito solene, a missa das musas, como ele dizia. Tínhamos um parceiro muito corajoso que desafiava o juízo da gente, esfaqueando as ideias frouxas com suas risadas. Então eu fazia melhores votos, rezava aos anjos da boca mole e me sentia mais lúcido. Suportava o luar, as contradições e as dúvidas muito bem. Aqui em Salvador, tenho passado dias inteiros em bibliotecas, procurando poemas que tenham relação com o mundo da lua. Alguns nem falam dela, mas...

— Menino, você me pegou! — disse Enoque. — Estou decidido, estou disposto a navegar no teu barco. Quero beber o leite da louca, o vinho adivinho. Vamos à caça da lua. Em apoio a teu projeto farei uma coleta. Quero inéditos. Darei preferência aos desconhecidos que andam riscando toalhas de mesa, pobres cadernos de garatujas. Reunirei as letras voláteis num mapa lírico. Erguerei assim uma torre musical, um observatório para a lunesia.

— Um mapa? Uma torre? De que está falando? — Marlos indagou.

— Anunciarei o luaréu. O melhor é que diga apenas o nome. Em troca da revelação desta boa palavra de Lúcio, pedirei poemas. Mas vou impor três condições aos meus colaboradores: primeiro, devem todos sujeitar-se ao rigor de minha crítica. Segundo, é preciso que admitam intervenção: eu poderei mudar seus textos, reescrevê-los ou sacrificá-los à cesta de lixo. Poucos bastam para o que nós queremos. Além disso, os

poetas convocados devem renunciar às pretensões de autoria. Todos serão heteranônimos nossos, quero dizer, de Senhor Ninguém. Certo, Lúcio?

— Certo, Enoque. Esta parte você dirige — eu declarei.

Ramón levantou o braço como quem pede a palavra, fechou os olhos e falou pela primeira vez desde que chegamos à casa do professor:

— Estou nessa, vou participar. Está decidido. Não fui eu quem decidiu, mas aceito a fatalidade. Como sabem, fui sequestrado, vim arrastado até aqui. Não queria, agora quero. Desejo ardentemente ter vindo. E queira ou não minha pobre vontade, vou meter-me nessa aventura. Com toda a gana. Mesmo porque não tem jeito. Este homem terrível me compele.

— Quem? — indaguei.

— Você, evidentemente.

— Eu?! Deixa disso, rapaz. Não o obrigo a coisa alguma. Não tenho essa autoridade, não tenho essa natureza.

— Se eu fosse mulher, você tirava meu cabaço.

— Eu não deixaria — disse Isabel, com uma bela risada. — Se quer ser fêmea, Ramon, procure outro homem.

— Mas eu não sou gay — protestou o rapaz.

— Que pena! — brincou Rudá. — Perdemos uma linda boneca.

Eu falei sério:

— Amigo, não sou tirano. Perdoe se fiz alguma coisa que lhe deu essa impressão. Não pretendia, nem pretendo lhe impor diacho de coisa nenhuma. Respeito seu livre arbítrio.

— Está certo. Sou livre, queira ou não queira, tal e qual Monsieur Les Gants. Livre às suas ordens. Só uma coisa lhe peço.

— Diga lá.

— Darei minha colaboração de forma independente. Peço e rogo que o velho tarado não interfira.

— O velho tarado?

— Enoque.

— Faça como quiser — eu arrematei.

Isabel enxugou a conversa, dizendo que precisava levar-me à Boca do Rio. O próprio Enoque tinha de sair, por conta de uma viagem. Ia de carro pro aeroporto. Ofereceu-nos carona: era caminho, ele podia deixar-nos bem perto da casa da morena.

Ao despedir-se, Ramón me fez uma vênia:

— Lúcio, curti muito nosso diálogo. Olha, Marlos tinha razão: o texto que escrevi semana passada tem muito a ver com você, com seu trabalho. Vou te dar de presente. Inclua no seu livro. Esta será minha colaboração.

Agradei, peguei a pasta que ele me oferecia e o danado disparou a correr.

Depois que entramos no carro de Enoque perguntei à morena o que tinha o poeta, por que estava tão agoniado. Isabel me tranquilizou:

— Ligue não. Metade é cena mesmo. Ramon adora fazer teatro fora do palco. Mas parece que ele andou tomando ácido. Talvez seja um efeito retardado da Morning Glory.

XXI

Enoque bancou o pé-de-chumbo, de modo que logo alcançamos a Praia dos Artistas. Na altura da sede do Bahia entramos por uma rua sem asfalto. O carro parou à beira de uma casa simples, com alpendre. Vimos à janela um rapaz imberbe, de corpo atlético, vasta cabeleira de índio, a coçar o peito nu com o cabo de um pincel. À porta tinha um moço barbudo vestido com uma espécie de sarong. A morena cumprimentou os dois jogando beijos. Disse que eram irmãos pintores: Babalu e Cunha.

Daí em diante fomos caminhando. Dois rapazes saíram de uma casa velha carregando uma folha de porta que pouco depois largaram no chão, apoiada num toco, de modo a formar um plano inclinado muito baixo. O carregador mais velho era um tipo magro e alto, de penteado incomum: cabelos compridos, rasos no tampo da cabeça, mas abundantes na descida aos ombros, em cachos grossos. Tinha sobrancelhas bem cheias e um bigode tipo asa de sofrê. Estava só de sunga. Seu ajudante, vestido do mesmo jeito, era um camarada de rosto alegre, longos cabelos pretos, mecha clara no topete.

Admirei a garota que os acompanhava: uma branquinha de longos cabelos negros com uma franja que lhe dava um ar de menina, acentuando o brejeiro do rosto. Vestia um shortinho bem curto e uma túnica de algodão pintada de muitas tintas. Usava colar de miçangas, braceletes, pulseiras do tipo escrava, um pequeno chocalho no tornozelo do pé direito. Cantava divinamente. Sua cantoria terminou em miados que atraíram um gato marisco. O bichano deixou-se apanhar, aninhou-se tranquilamente em seus braços.

Nesse entretempo os dois rapazes voltaram à casa mutilada. Dela surgiu, então, um moço que parecia sonâmbulo. Era um moreno pálido, com muitas raias vermelhas nas bolotas dos olhos fundos. Vestia bermuda cinza e uma camiseta azul desbotada. Saudou com devoção a moça do gato, que veio beijar Isabel e explicou:

— Ontem esse menino me apareceu com cara de apocalipse, dizendo que tinha pintado assombro. Mandei sentar-se num canto e ouvir um disco de João Gilberto. Hoje, o bicho tá curado.

— Joia essa terapia — Isabel falou —. Você cuida bem dos seus amores.

— Eles também cuidam de mim, que nem uns anjos. Renê às vezes dá trabalho, viaja muito, mas é um doce.

Quando nos afastamos um pouco eu indaguei à morena o que seria da porta injustiçada, arrancada de seu umbral e deixada na rua como se não prestasse. Era nova, de madeira boa, com uma bela pintura azul celeste. Porque a exilavam?

A querida explicou:

— Foi tirada para fins artísticos, vai ser usada num show. Esses quatro que você viu são músicos de vanguarda, roqueiros muito talentosos. Moram juntos, dedicam-se à arte o tempo todo. São uma família que a mina governa muito bem. Eles sempre inventam umas performances especiais, com um furor de filosofia, com muita provocação. Cada espetáculo seu é um rito. Ultimamente eles elegeram a porta, valem-se dela para transmitir sua mensagem. Dão o recado interagindo com a galera. Enquanto eles tocam a turma ataca a madeira com spray colorido, cola, cartazes, tinta, lixa, recortes de jornal, parafusos, pregos, cacos de vidro, cera, limalha, petróleo, massa de modelagem, um mundo de coisas. Há sempre um artista plástico que assume a direção do rebu. Fica uma obra de arte muito rica, feita a golpes de música. Depois eles doam, sorteiam.

Eu me dei por satisfeito. Afinal, a casa era deles, se ficasse o tempo todo escancarada, problema seu. Na certa eles tinham reza forte e cachorro bom.

Pouco depois encontramos uma moça vistosa, de cabelos dourados, muito elegante em sua malha azul colada ao corpo bem feito. Passava uma impressão de leveza e força, combinadas de um modo sutil pela inteligência dos seus músculos. Ela pediu um empréstimo a Isabel, que não vacilou:

— Deu sorte, Judite. Hoje amanheci muito rica.

A loura guardou as notas entre os seios e voltou-se para mim:

— Não te conheço de algum lugar?

— Aposto que não — respondi. — Eu me lembraria de você.

— Lúcio é um baiano muito doido que roubei da lua — falou Isabel.

— Peraí, ele é a cara daquela menina de São Paulo, tua amiga. Uma que contracenou contigo na peça de Marcelo.

— A Fedra?

— Sim, a estrela de *Pô*. Nunca vi pessoas tão parecidas. São irmãos? São gêmeos?

— Nem se conhecem. Mas eu também me assombrei com a semelhança.

— Eles são idênticos, não vê? A propósito, o que é feito de Fedrinha?

— Ouvi dizer que entrou para um circo.

Nesse ponto, aproximou-se de nós o esbugalhado que a branca do gato tinha curado com bossa nova. Ele nos cumprimentou com um gesto sonâmbulo e disse à loura:

— Oi, Judite! Quase eu me passo... Só agora me lembrei do recado de Zé.

— Sim, Renê. Venha logo. Vocês, também, Isabel e Fedro. Entrem todos — ela convidou. — Zé há muito quer falar contigo, menina. É a propósito daquela peça.

XXII

Zé Power nos recebeu deitado numa rede. Tinha uma almofada sobre as pernas, onde apoiava uma prancheta com um bloco de papel. Era um rapaz moreno, de cabelos negros muito longos e lisos, barba curta. Vestia bermuda cáqui e camisa estampada. Num tamborete próximo, ao alcance de sua mão, ficavam um rolo de cartolina, canetas, lápis, um maço de fichas, um livro e alguns marcadores de texto. Pouco adiante, sobre uma cadeira, havia um gravador. Sem deixar o conforto, ele saudou-nos com um belo sorriso.

— Vocês chegaram na hora certa. Estou quase concluindo a peça, mas preciso de boas cabeças que me auxiliem na encarnação das ideias. Meu amor tem colaborado, me dá muita força. Já conhece o embrião do drama tanto quanto eu, talvez melhor. Dou grande valor a sua parceria, mas na produção deste filho quero mais: quero a participação de um belo grupo. É para que o drama nasça como deve: em plena ação. Por favor, participem.

— De que jeito? O que espera de nós? — Isabel indagou.

— Vamos preparar a encenação. Tipo uma leitura dramática antes do ensaio geral, mas com pouca letra. Na base do improvisado, sacam? Será um jogo performático, um exercício de interpretação aberta, divinatória. Darei umas dicas e usarei uns macetes rituais como gatilho. Tenho a ideia do roteiro, só que ainda não botei quase nada no papel. Escrevi apenas uns trechos curtos, uns recitativos. Ou seja, o texto mesmo ainda não fiz. Tenho o esboço, o que chamo de pretexto. Fiquem alertas: logo darei uns toques. A trama tem fios soltos mas já possui uma estrutura. Vamos completar o enredo.

Indaguei como seria essa tecelagem e o camarada explicou:

— Temos de perceber coisas inacabadas, entrar em cenas que ainda não existem no mundo do pronto. Eu esquematizo, desenho um plano, daí vocês completam o quadro, imaginando. Mentalizem, pô! Serão vocês o teatro. Vão ouvindo, imaginando e interferindo, de modo a formar as cenas. Não há de ser difícil, todos aqui têm experiência de palco. A propósito, Isabel, agora é que estou me lembrando deste rapaz. Ele trabalhou contigo na peça de Marcelo, não foi? No papel da princesa, se não me engano. Tava ótimo.

— É o Fedro — disse Judite, com ar de quem explica o óbvio.

Não tive tempo de protestar. A morena pediu que ZP tocasse o barco e ele não se fez de rogado:

— Trata-se de um drama polidialético sobre o encobrimento do Brasil e as agonias da metafísica. Título provisório: *Os Urubus e os Papagaios, ou Circus Mentalis Brasiliensis da Transistória de Deusdará*. A peça tem um prólogo apoteótico. Daqui a pouco darei o sinal do começo. Relembro: todos terão de intervir, pintando as cenas, dizendo o que veem com os olhos do espírito. Tua ajuda, Renê, será fundamental.

Eu meti o bedelho:

— Esse trem de apoteose se usa muito em teatro de interior, só que no fim. É um xarope.

— De fato — confirmou Zé Power. — Por isso mesmo faremos uma inversão de natureza dialética. Poremos o lance no princípio, no limiar da peça.

— Então vai ser uma proteose — eu brinquei. E o diretor levou a sério:

— Sim. Metateatral.

Daí ele pediu a Judite que ligasse o gravador e indicou-nos um pequeno cartaz, sem nada escrito. Fiquei perplexo, sem entender a primeira dica. Isabel sacou logo. Pegou a cartolina e traçou com pincel atômico a palavra necessária: PRÓLOGO. Judite a exibiu.

— Neste quadro — o diretor explicou —, há uma grande cena de ópera. Tem uma orquestra sinfônica, um puta coro, um belo grupo de solistas. Todos estão vestidos de índio, modelito tradicional: aquelas tangas de espanador. O figurino certo para *O Guarany*. Numa tela bem grande, ao fundo, vê-se o Borba Gato com uma coroa e uma tocha, imitando a Estátua da Liberdade.

— Há também uma tômbola do jogo do bicho. Né, meu amor?

— Isso mesmo, Ju. Abre-se a cortina com a ópera em pleno curso. A um apito do maestro ingressa no teatro uma Escola de Samba que transporta uma sereia dentro de um aquário. De repente ela dá uma rabanada e todos param, a fim de ouvir-lhe o canto. Percebem?

— Não — confessei.

— Natural. Eu tampouco escuto. Só vejo que a criatura move os lábios e todos se voltam para ela, em êxtase. O maestro fica brabo. Ninguém lhe obedece.

— Então ele se dana a fazer caretas e ameaça os músicos com a batuta — reparei.

— É isso mesmo. Quando a sereia se cala seu canto se derrama por todo o teatro.

— É um Lied floral com laços de fita de ciranda — Renê constatou.

O diretor sorriu em sinal de aprovação e tocou em frente:

— O maestro xinga e ameaça a orquestra. Os músicos nem ligam. Aí ele joga fora a batuta e tira do bolso um aparelhinho. No que o manipula surge a voar um aeromodelito.

— Um caça bombardeiro — Judite especificou.

— Mas com um zumbido pavoroso — eu ponderei, tapando os ouvidos.

— Perfeitamente. O treco vem dos bastidores, sobrevoa a plateia, segue rumo ao palco e dispara contra a sereia. A divina mergulha, um alçapão engole o aquário. O palco enche-se de fumaça. O telão desaba, a tómbola gira, aparecem bichos em fuga.

— Eles correm para o público, né? Já vi a zebra e o veado na terceira fila. O morcego segue atirando feito um sacana.

— É isso mesmo, Isabel. Lá se foi o Borba Gato, rasgado de balas.

— Gente, esse pessoal não reage? — ela quis saber.

— Claro. Índios e batuqueiros tentam atingir a máquina assassina com flechas e baquetas. Nada conseguem. Quando menos se espera, vem o socorro: na plataforma que a queda do telão revelou aparece um saci com uma guitarra elétrica. Ele tira uns acordes e o aeromodelo explode. Irado, o regente joga fora o controle remoto.

— Puta bagunça! Os músicos mostram a língua, os solistas se agarram.

— Isso mesmo, Fedro. Mas o homem de fraque promete vingança. A orquestra desce lentamente ao poço. Rompem esguichos do chão, molhando o elenco.

— Cuícas soluçam — eu acusei. — Cresce o carnaval.

— Sim. O saci comanda a orgia. Aparece um PM, dá-lhe voz de prisão. O preto foge pela esquerda e retorna pela direita, por três vezes. O povo delira, torcendo. Da última vez o pererê traz um chocalho. Quando o sacode o PM estrebucha, vira os olhos e cai. Diabim canta: *Olererê, baiana! Eu ia e já não vou mais...* Por fim, aparecem dois fuzileiros que o levam embora embrulhado numa camisa de força.

— Vaias explodem — protestei, assobiando com os dedos na boca.

— Ótimo. A orquestra emerge do poço. O regente ergue a batuta com ar solene.

— Ele parece maior que antes, comprido, pernalta... É um pássaro? Um avião? Um centauro? — indagou Judite.

— Tem aparência familiar — eu observei.

— É o autor do drama, o ilustre EU — revelou o homem da rede —. O verdadeiro ZP, percebem? Imagem do *Sumquisum*. Ele mostra o texto, grita que o roteiro foi traído, mas ninguém se importa. Dá-se o tumulto. Parte dos músicos toca a ópera, outra vai de *Zé Pereira*, outra de *Ça ira*, outra ainda de *Rhapsody in blue*.

— O mesmo faz o coro: um *pot pourri*. E a batucada mistura ritmos com furor.

— Exatamente, Renê. Ouvem-se jongsos, tangos, frevos, rock despirocado. Todos se envolvem numa dança doida, carnavalesca. Surge um rififi.

— Os atores depenam-se uns aos outros — reparei.

— A orquestra desce de novo, mas logo sobe outra vez — notou Isabel. E Zé foi em frente:

— Desesperado, o Autor-Diretor-Regente tira do bolso uma pistola, dá um tiro para cima. Chega o Ídolo. Reparem: ele vem do alto, feito um *deus ex machina*. Abre-se o teto e a estátua vai baixando. É o Marechal Sem Pescoço em roupagem de Rainha de Copas. Tem asas metálicas, bico de gavião, vara de marmelo na mão direita.

— Silêncio! Frisson! Terror! — percebeu Judite.

— Ao concluir-se a aterrissagem do Grande Totem, um canhonaço enche os ares. Fuzileiros tomam posição cercando a assistência. Juízes de toga e tamanco efetuam prisões. Uns dez espectadores devem sair algemados.

— A orquestra ataca de marchas militares, né?

— Isso mesmo, querida. Depois o maestro chama os contrarregras, que distribuem macacões. O pessoal começa a vestir-se, mas a sirene soa e a cena é congelada, no meio do processo. Então cai o pano. Fim do Prólogo.

Bati palmas. ZP agradeceu, mas pediu um minuto de silêncio, que encerrou explicando:

— Intervalo. Os contrarregras distribuem pela plateia apitos, serpentinas, tomates e ovos. Cria-se o ambiente de um programa de auditório. Decoração carnavalesca: ananases, cachos de banana, chapéus de clóvis. Que mais estão vendo?

— Vejo garotas de short, com faixas e cartazes — disse eu. — Elas gritam, batem palmas e assoviam que nem macacos.

— Torcidas organizadas — explicou Isabel. Daí eu fiz o novo letreiro na cartolina

Disponibilizado gratuitamente pelo autor na quarentena. Abril de 2020
www.ordepserra.wordpress.com

que Judite me trouxe e o Diretor recomeçou a função. Era o Primeiro Ato:

XXIII

— Quando o pano sobe o apresentador está no centro do palco, com uma buzina. Vejam, é o Padre Cícero. Suas coristas são beatas sertanejas. Elas usam véus rendados, saias longas e blusas de manga comprida, só que transparentes. O padre anuncia o espetáculo dizendo que vai ser do povo, para o povo, pelo povo.

— Puta merda, atiram-lhe um ovo! — notei eu, muito espantado. Zé confirmou:

— Isso mesmo. Seguem-se pastelões e tomates, uma chuva. Xerloques procuram os autores do atentado. Quando pegam um, surgem outros.

— Escuto som de matraca — Renê acusou.

— Certo. Matracas, queixadas de burro, gãs e sinetas. Jagunços de sobrepeliz invadem a cena com seus punhais, descem do palco rezando e botam ordem na plateia. O beato anuncia uma revelação. Aponta o trono na parte mais elevada do palco. É um vaso sanitário que tem, ao fundo, um tabique com a legenda...

— **PARA O BEM DO BRASIL** — adivinhei.

— Pois é. O público aplaude, estimulado pelos jagunços. O espetáculo vai começar. O Padre Cícero buzina e chama os jurados lendo seus nomes numa velha bíblia. Os assentos destinados a esse pessoal distribuem-se em semicírculos opostos, um à esquerda e outro à direita do taumaturgo. São cadeiras giratórias atrás do balcão, com microfones, blocos de papel, campainhas e copos. Já viu, Renê?

— Sim. Agora ouço trompetes, clarins, tambores rufando. Saem os jagunços.

— Certo. A cena evolui: à medida que o apresentador anuncia seus nomes, os jurados chegam pelas laterais do palco. Fazem sua entrada um a um, debaixo das ovações, dos gritos, da pateada do público. Respondem com acenos, beijos, bananas. São figuras históricas, antigas e veneráveis, que têm a ver com a alma nacional. Pela ordem: *Jeca Tatu*, *Zé Arigó*, *o Marquês de Sade*, *Chica da Silva*...

— *Caramuru*, *o Rei Momo* e *Dona Hebe* — Judite completou.

Zé foi em frente:

— O Jeca, montado no leão da Metro, traz consigo uma garrafa de cachaça. Volta e meia bebe no gargalo. Veste o figurino da pobreza: pés descalços, roupa remendada. Uma das cicetes o arrasta para os bastidores. Dentro de poucos segundos ele retorna, já

vestido de fazendeiro. Estão vendo? É um ruralista gordo, majestoso, com a coroa imperial na cabeça. O leão ruge três vezes em sua homenagem. Ele acena, joga beijos, cospe, mas não solta a garrafa.

— *Chora na Rampa* — notei.

ZPower continuou:

— Padre Ciço chama o primeiro candidato: Carmen Miranda. Numa linda bandeja de prata ela traz a cabeça de Lampião. Entrega o brinde ao Padim e põe-se a cantar um gospel. É vaiada, mas o apresentador dá-lhe outra chance. Daí ela ataca de rock pauleira.

— E a vaia aumenta — notou Isabel.

ZP anuiu:

— Irritado, o padre expulsa a candidata com bordoadas no bumbum. Os jurados debatem, uns a favor e outros contra a decisão. Jeca tira um papel do bolso. Fala que é seu testamento, ameaça ler. Ninguém liga. Aí ele dá um tiro no peito.

— Por um instante, apagam-se todas as luzes — Judite viu. — E quando se acendem de novo...

— Tumulto! O Leão da Metro salta ao poço e é abatido pelo maestro com um único tiro. Ato contínuo a orquestra emerge e os músicos debandam. Arigó mostra a língua, Sade se masturba. Chica da Silva sapateia entre os fugitivos. Momo tenta beijar o padre. Dona Hebe aproveita a confusão e sobe ao trono. Ergue-se a fumaça do gelo seco, um poderoso holofote varre a plateia.

— Numa tela que cai do teto — observou Judite — sucedem-se slides projetados com rapidez: pranchas de Roscharch, sombras chinesas, pontos riscados de umbanda, o mapa astral de Freud. O apresentador brada aos céus, iniciando o rito do exorcismo.

— No que explode um silêncio — retomou Zé — Jeca se levanta, pede desculpas ao público pelo erro histórico que cometeu, bebe mais um gole, cospe e renuncia. Sai empurrado pelas beatas. Beijado na boca pelo Rei Momo, o Padre Cícero cai ao chão.

— Ouço nova música — disse Renê. — O Requiem de Weber atropelado por uma incelência. O som nasce de um rádio velho.

ZP concordou e foi em frente:

— Olhem lá: o marquês examina o padre e declara seu óbito com um riso triunfal. Com a ajuda de Caramuru, arrasta o corpo inanimado, que eles depõem num elevador de

vidro descido providencialmente do teto. Sobe a geringonça com o taumaturgo. Os jurados batem palmas, urram e agitam lencinhos. *Eu* paira no ar suspenso por fios, com a aparência de um vampiro. No que ele some, a orquestra volta.

— Nesse lance — Judite falou — usaremos todos os recursos para impedir que a atenção dos espectadores se concentre no palco.

— Isso mesmo — completou seu marido, que pediu nosso empenho na fantasia: — Observem a entrada de padioleiros pela porta maior de entrada do público. Eles se vestem a caráter, mas em lugar da cruz vermelha têm pintado no bolso da blusa o emblema do Esquadrão da Morte. Carregam nas macas latas de presunto, que distribuem pela assistência. Enquanto isso os contrarregas tiram com varas as capas de três gaiolas que pendem do teto. Os guitarristas engaiolados passam a tocar ferozmente. Tem outras coisas acontecendo. Digam lá: o que vocês enxergam?

— Vejo três dervixes rodantes no fundo da sala — disse Isabel.

— E um coringa de sapato alto, peruca loura, tocando bandolim — notei eu.

— Enquanto isso — a morena prosseguiu — acontecem desfiles pelas laterais da assistência: à esquerda, um grupo de nudistas com rádios portáteis ligados em alto volume; à direita, uma procissão...

— De anjinhos de cara pintada, com realejos — entendi. — Pelo centro, marcha uma banda...

— Isso mesmo, Fedro. Será uma fanfarra escocesa? — ZP indagou.

— É um maracatu — enxergou Renê. — No lugar da boneca tem um figurão vestido de César. Ele vem montado numa anta, com uma águia americana no braço.

— Lévi-Strauss — a loura reconheceu.

Zé continuou:

— Já no palco todos se voltam contra Dona Hebe. Bombardeada com vários objetos, ela deixa o trono e corre para os bastidores. Caramuru apresenta dois novos jurados: Marta Rocha e Papai Noel.

— Saudados com rojões e zabumba — eu percebi.

ZP prosseguiu:

— Quando parece que tudo se acalmou, o Jeca entra em cena de novo, a galope numa vassoura. Caramuru tenta derrubá-lo a tiros mas é desarmado por Chica da Silva,

que lhe pespega um grande beijo, depois o estrangula. O rei Momo chora convulsivamente. Chica da Silva dá-lhe o seio. Hebe volta, dizendo que é Dona Beja.

— Mas acaba expulsa de novo, chicoteada pelo Marquês.

— Certo, Renê! Nessa altura, os padioleiros e os nudistas já se foram. A procissão chegou ao palco. Anjinhos brincam na plateia, furtam relógios, batem carteiras, fazem um arrastão. A banda escocesa sai.

— O maracatu também.

— Lévi-Strauss acompanha os músicos escrevendo seu diário de campo. À volta do público circulam ursos, chimpanzés e cônegos de monociclo. O trânsito é dirigido por um muezim que nem Eu, no minarete instalado no centro do teatro.

— Ótimo, Ju! Agora Zé Arigó chama outro candidato. Entram três garotas vestidas de folhas. Uma canção sobre a Transamazônica. À medida em que vão cantando, elas se desfolham. Escoteiros e babás distribuem camisinhas ao público. Competem com cavalheiros muito bem vestidos que recolhem donativos para o Reino de Deus.

— Aleluia!

— Aleluia, irmã!

— O sangue de Cristo tem poder!

— E a Pomba Gira quer beber!

— *Anathema sit!* Rapazes da TFP protestam contra a pouca vergonha. Mas fogem logo, tadinhos, chamando por Nossa Senhora. É que as garotas nuas avançam contra eles. Os jurados se dividem, trocam desaforos. Acabam desclassificando as moças.

— Agora o povo se retou. Vaia e porrada — notei.

— Mas parte do público se entretém jogando petecas — viu Renê.

— Por fim, Papai Noel anuncia o terceiro candidato: Pelé, com hábito franciscano e luvas de box. Ele faz um discurso idiota e canta *People*. Leva buzinaço. Faz cara feia, chora e trata de correr, atacado a dentadas pelos anjinhos.

— Love, love, love...

— Sob as luzes estroboscópicas os contrarregras distribuem batida de coco. Voz gloriosa anuncia a bomba atômica brasileira. Som de corrida de carros. Escuridão. Quando o palco se ilumina de novo percebe-se que o Bom Velhinho teve uma síncope. Zé Arigó, em transe, começa a operá-lo...

— Com uma navalha emprestada de Chica.

— Que mostra a língua para Sade, que tenta agarrar a Marta Rocha.

— É isso aí. Mas a baiana recebe um exu que intimida o Marquês. Chica arrasta o corpo inerte de Caramuru e canta *Iellow Submarine*.

— Surge no painel o anúncio de um acidente em Angra. Por fim, entra um robô parecido com o maestro. Ele disciplina os jurados e pede desculpas ao público. Avisa que o programa terá de ser interrompido. Enquanto cai o pano, os alto-falantes anunciam a missa do Frei Henrique de Coimbra. É o fim do Primeiro Ato. Agora vamos nos concentrar...

— Em silêncio — Judite explicou.

XXIV

Depois de uma breve pausa, Zé proclamou:

— A continuação só depende de nosso amigo Renê. Eu soube de uma experiência que ele teve, dramática pacas. Acredito que por aí chegaremos ao eixo da peça.

— Eu sei que tá a maior falação a respeito — disse o gajo, entre suspiros — mas não teve nada de baixo astral. Juro por Deus! O choque eu senti, uma bruta emoção. Fiquei roxo que nem um defunto. Foi uma grande felicidade.

— Acredito — respondeu-lhe o diretor. — Se fosse uma coisa pra baixo, eu não botaria na minha peça.

Renê fungou com gratidão e suspirou dolorosamente. Judite deu-lhe um beijo, Isabel fez-lhe um cafuné. ZP prosseguiu:

— Façamos o seguinte: eu descrevo a cena e na hora H lhe dou o toque. Aí você entra contando sua história. Mas primeiro tem um intermezzo místico: um trecho de auto à la antiga, inspirado em José de Anchieta e no candomblé jeje-nagô. Um Oratório, melhor dizendo. Nós o rezaremos a fim de levantar o astral, trazendo bons fluidos à ribalta. Já o escrevi. Podemos ensaiá-lo neste momento, com a ajuda de Isabel mais Fedro. Vocês topam?

— Claro! — respondeu a morena.

Eu também fiz que sim e o Diretor instruiu:

— No pano de fundo aparece uma queimada. Vê-se um bando de gaviões a planar sobre uma moita em chamas, tipo sarça ardente. Entra um pequeno coro de moças: três louras de preto, três negras de branco. Judite e eu formaremos esse conjunto. Serei as negras. Fedro e Isabel protagonizam a récita. Peguem o texto com Judite.

A dançarina marcou as falas nos papéis que nos entregou: **F** para mim, **I** para Isabel, **C** para ela mesma e o marido.

Entramos logo em ação.

Era o Interlúdio.

F

*O herói que nasceu fora de época,
desviou-se do próprio destino
e foi presa de outro
que não lhe competia.
Mesmo assim, foi valente
e venceu a batalha
sem saber-lhe o motivo.
Mas caiu do cavalo no triunfo
e perdeu o trem da apoteose.
Impedido de cumprir a excelsa missão
pela pedra do sapato,
de si mesmo sumiu, sem ter-se revelado.
Agora ele retorna
com a música do limbo.*

I

*Pirata luminoso
Imperador Vadio
Traficante de Sonhos
Anjo Louco
Pastor de Bestas Feras
Ó Íncubo Secreto das Ninfetas
embala o coração que outrora tenho
no céu da lua morta
feito um pássaro empalhado na penumbra de um sótão
e me envolve de novo*

*em tua luz sombria
no ventre do infinito.*

C

*O tempo está maduro.
A lua sangra
a pantera ruge
as árvores tremem a cada pancada de Pan.
Vem, Adonai, Meu Senhor Odara!
Abre-te, Porta de Aiocá!*

Concluída esta reza esquisita Judite pôs-se a dançar. Isabel juntou-se à amiga no bailado, com variações caprichosas. Finalmente Zé Power falou:

— Judite, por favor, deixe o palco. Isabel, preste atenção: num descampado, achase o corpo de Renê em cima de uma laje. À volta, romeiros com velas acesas. Canto de louvação. Numa dança lenta, esse povo se afasta. Fica você na ribalta. A fala é sua. Pense, procure as palavras.

A morena obedeceu, improvisando com segurança:

— *Já tivemos outros santos, meu povo. Eram muito bons. Campeões de milagres, doutores em graça e revelação. Superstars. Mas este é o melhor de todos: ele não pede nem manda, não toma nem dá. É o São Vagabundo, o Zé Ninguém da Utopia, um profeta que apenas sonha. Real, se com ele sonhamos.*

— Ótimo, garota. Beleza pura. Agora saia de costas. No palco resta apenas o corpo sobre a laje. Chove silêncio, nasce música sombria. Quando se apagam os últimos acordes o adormecido desperta. É agora, Renê. Diga seu texto.

Ao ouvir essa ordem o camarada estirou-se no chão como se um raio invisível o tivesse fulminado. Judite ergueu a placa do Segundo Ato num gesto vigoroso. Por coisa de uns trinta segundos o cabra permaneceu imóvel, parecendo até que nem respirava. Eu

me preocupei. Achei que ele tinha desmaiado, sofrido um piripaque, dado com a cabeça no cimento, entrado em coma, torcido as tripas ou coisa pior. Quando menos se esperava, porém, o homem abriu a boca e derramou um discurso esquisito:

— É verdade, eu falo. As palavras me brotam vivas: batem asas de alvoroço, ferem minha língua com as unhas do vento. Não parecem minhas. Sombras ferozes caem de meus olhos. O vulto que passou da garganta parece mais nítido agora, tanto no céu da boca como no pé do ouvido. Segundo rezam as vozes malucas da minha memória, naquele dia uma borboleta branca saiu de minha boca que nem fumaça. Escorri para o céu no seio de uma nuvem transparente e flutuei na escuridão entre azul e roxo. Na maré do horizonte divisei um traço de luz vertical, discreto, bem desenhado: um risco recurvo, anzol aceso numa espécie de cunha negra, onde se perdia. Seu brilho morno formou uma abertura no trecho mais nebuloso do espaço. De quando em quando a fenda se dilatava dando passagem a pluriformas. Seres diversos, imagens humanas e bestiais, uma floração de geometrias e astros vivos, ainda em esboço, saíam de lá borbulhando e passavam por mim feito música. Minha consciência flutuava na sua bolha, tornada permeável às figuras que vinham do corte luminoso. Eu queri subir. De uma hora para a outra, porém, eu me vi freado: senti um puxão em minha base. Só nesse instante notei, através da pele de vidro, que a bolha minha portadora tinha um prolongamento em forma de fio, um longo cordão algodoado. A outra ponta do enorme fiapo estava presa ao umbigo de meu corpo, que eu vi estirado bem longe, muito abaixo de onde se empinava a arraia de minh'alma. O breque brusco me provocou uma dor psíquica, uma ferroadada na intuição. Em queda livre, fiz rapidamente o caminho da volta. Depois, só depois, já lacrado de novo no envelope de minha matéria, eu tive um eco de sentimento, um pequê, um trinque de fogo circunflexo, um contra-ataque do déjà vu, uma iluminação retrospectiva: dei-me conta, com um puta pavor maravilhoso, de que nessa viagem ultrarrápida, embora imóvel, eu tinha contemplado o maior de todos os mistérios.

Nesse ponto Renê caiu no choro.

Fiquei intrigado. Meti-me no drama sem a menor cerimônia e indaguei que visão foi essa. O cabra respondeu gemendo, com o rosto lavado em lágrimas:

— Não sacou ainda? Não percebem, amigos?

Ninguém respondeu. O danado então levantou-se e proclamou com voz de ferro:

— **EU VI A BOCETA DO MUNDO!**

E rompeu em soluços.

Judite levou-lhe um copo d'água, ele bebeu e serenou. Zé Power aplaudiu o estonteado, me cumprimentou pela iniciativa e foi em frente:

—Terminada essa fala, o personagem deita-se de novo, mergulha de volta no grande sono. Entra um coro de velhos: fardões acadêmicos, perucas alvas, máscaras trágicas. Dançam maculelê com seus espadins. São liderados por um casal: um corifeu com chapéu de vaqueiro e uma corifeia em traje de verônica, com óculos escuros. Fazem aquele bailado típico de Mestre-Sala e Porta-Bandeira.

— Só tem arte no palco? — Isabel quis saber.

— Apure as vistas, garota: lá vai a gloriosa República rodeando a plateia.

— Sim, estou vendo: é uma dona esquisita vestida de noiva, com tetas enormes que furam o vestido. Tem uma coroa...

— Que mais parece um volante fincado na sua cabeça — eu completei.

— Isso mesmo — Judite confirmou. — A dama desfila numa cadeira de rodas, empurrada por um Dragão da Independência. Atrás vem um cortejo de trombadinhas que cheiram cola e batem latas com animação. Saem de cena por uma porta lateral.

— Cessou a dança dos acadêmicos — disse ZP —. Um almirante chifrudo invade o palco vibrando um zunidor. As mulheres fogem correndo e os homens disparam a rir, mas são expulsos por latidos ameaçadores que não se sabe de onde procedem. No palco, ficam só o corifeu e a corifeia, imóveis, em pose de estátua. Entram em cena três bombeiros. Dois deles carregam numa rede o moço adormecido. O outro cobre as estátuas vivas com panos roxos. Saem todos pela esquerda. Pela direita, entra o robô com orelhas de lebre, que dança e discursa... Ju, querida, diga o texto, por favor.

— *Senhoras e Senhores, estamos à beira de uma descoberta que há de enriquecer o Brasil. Convocamos para a pesquisa todos os nossos cientistas, médiuns, babalaôs, profetas, pajés, astrólogos, matemáticos... Ouçam o apelo caloroso da patr...*

— Ele caiu duro, vejam! O robô pifou! É o fim do Segundo Ato — Isabel percebeu.

— Intervalo — Judite completou. E Zé Power esclareceu:

— No vale do intervalo três faunos tocam tambor.

A música dos faunos deixou-me um pouco atordoado. Senti alívio quando apareceu o cartaz do Terceiro Ato, erguido por Renê.

XXV

Zé Power explicou:

— São duas cenas. A primeira é muito rápida. A ação se passa fora da terra.

— Na lua! — adivinhei.

— Sim, Fedro. Na lua estupidamente cheia, colonizada pelos últimos humanos. No telão ao fundo vê-se o céu recortado por silhuetas de edifícios extravagantes, de formatos variados: cogumelos, cilindros, torres de Weissman. Paira no alto a Terra morta, brilhando pateticamente.

— No primeiro plano — indicou Judite — está um enorme computador em forma de pirâmide. A cena transcorre ao som de *Quasars*, de Ernst Widmer. À medida que a música progride esvai-se a iluminação. Na tela redonda do monitor forma-se a imagem de um grifo com a cara do regente. Em plano inferior acham-se dois grupos simétricos compostos cada qual por três indivíduos sobre tamboretas giratórias. São pequenas esfinges-sereias com asas de pombo. No que a música para, o grifo arenga... Fale, Zé! Seja também ator, não fique só dirigindo. O lance exige. Faça que nem o maestro da peça, faça como Eu.

— O Novo Governo tem feito investimentos consideráveis na pesquisa de nossas origens. Queremos que as formas primitivas de consciência da Velha Terra sejam incorporadas aos níveis superiores de metanoia alcançados cá em Novatellus. Mas restam lacunas em nossa compreensão do espaço-tempo vetulaterráqueo. Vamos fazer-lhes uma só pergunta, ó sapientíssimos. Dizei-nos, aves proféticas: Em síntese, em definitivo, na realidade essencial de sua existência já consumada, o que é o Brasil, pombas? Que tipo de loucura foi?

Nós aguardamos ansiosos, mas nada ouvimos. ZP deixou o papel que representava e seguiu com o desenho do drama:

— No que a máquina se cala os seres interrogados disparam em giros loucos nos seus tamboretos. Ao deter-se, fazem a mímica dos macaquinhos da sabedoria. O computador emite um som agudo, lança fachos de luz em todas as direções, depois explode. Na escuridão, o palco gira... É o último quadro. Quando volta a luz acha-se recomposta a cena do Prólogo. Lá está a orquestra numa zoeira de afinação, lá está a indiada do coral experimentando a garganta. Vê-se ainda uma parte do ídolo, que está sendo removido, guindado pro alto entre urubus: o teto se abriu de novo. Os cantores riem, trinam, batem palmas. O novo coro inclui um bando de papagaios, isto é, de meninos devidamente emplumados.

— Mas cadê Eu? — perguntei. — Não vejo o regente.

— Olhe lá: é o Urubu Rei que comanda o último lance. Agora concentrem-se no palco. Reparem, ao fundo tem dois artistas pintando uma floresta.

— Cunha e Babalu! — Isabel reconheceu.

Zé concordou com um aceno de cabeça e prosseguiu:

— Numa plataforma intermediária coroinhas armam rapidamente um altar. Entra um frade paramentado. Piratas contritos se ajoelham. O sacerdote beija a ara, volta-se de braços abertos para o público e entoia: “*Introibo...*” Mas não completa a frase: um caboclo majestoso que nem a estátua do Dois de Julho apanha um arco e tasca a flechada certa no peito do celebrante. O frei cai morto, sob os aplausos fervorosos dos músicos. Os piratas fogem. É o fim do drama.

XXVI

Já era noite quando retomamos nossa caminhada. A morena me perguntou se eu tinha gostado da peça. Respondi que sim, mas adverti:

— Não sei que valor tem meu julgamento pois não conheço nada de teatro. Não sou do ramo, como Zé imaginou. Tenho a impressão de que ele me confundiu com tua colega. É verdade que nos parecemos tanto?

— Temos de fazer uns descontos: Fedra é um mulherão, com tudo em cima. Tem os seios maiores que os meus e uma bunda... Olhe, a sua é legal, porém ela foi mais dotada nessa parte. Fedra saiu sinuosa e mais clara que você. Com certeza, invejaria sua pele. Cabelos enroladinhos, que nem os seus. E os olhos são do mesmo feitiço.

— Eu gostaria de conhecer esta moça. Sempre tive vontade de ter uma irmã.

— Se você conhecesse a Fedra, eu estava roubada. Do jeito que ela é narcisista, ia logo se apaixonar. E a danada é uma sedutora.

— Tinha perigo não, senhora. Já estou seduzido.

Logo chegamos a uma casa simples, branquinha. À porta estavam duas moças de mãos dadas: Nina e Tina, que Isabel me apresentou. Elas não me prestaram nenhuma atenção. Na sala tinha outra garota, reclinada numa espreguiçadeira, com um livro aberto no colo. Era bonita, embora um pouco desbotada pra meu gosto. Usava um vestido sem mangas, de cintura alta. Tinha os cabelos louros presos numa espécie de coque em ponto de se desfazer. Abriu um sorriso ao ouvir Isabel, que me anunciava — *Sibyl, este é Lúcio* — e falou com uma voz dengosa:

— Nome bonito, amarelo claro. Tem ótima vibração. Oh, sei de um peixe que se chama assim.

— É verdade, tenho xará até debaixo d'água. Seu nome também é bonito, mas nada comum — observei.

A conversa ficou nisso. Isabel me convidou a conhecer seu cantinho: um quarto de sete por cinco metros, com janela para o quintal. As paredes brancas e a mobília pouca faziam maior o espaço. Ao pé da janela tinha uma espuma encoberta por uma colcha de retalhos com grandes almofadas em cima, apoiadas na parede. Sobre um tapete de couro

de boi vi um gravador e uma caixa d'água pintada de amarelo, guardando na boca — era só boca — uma porção de trecos miúdos: brincos, broches, grampos, cosméticos, cartelas de pílulas. No topo da caixa notei um filhote de abajur com luminária de prancheta (pé de metal, redondo) e um conezinho truncado, com escamas de vidro, bastões de incenso nos furos de cima. Mais para o canto tinha um porta-chapéus carregado de bolsas e colares. Quase defronte da porta, um baú. Numa parede, poster de Andy Warhol — o cartaz do filme *Chelsea Girls* — e uma tarrafa sustida por pregos: suave triângulo curvilíneo um tanto inclinado, estrela do mar presa nas malhas; na outra, um cartaz de Mucha (um reclame do *Papier Job*) e uma estampa que representava um esqueleto com uma rosa na boca, sentado num vaso sanitário. Entre as duas figuras estendia-se um grande espelho, seguro por prendedores de alumínio. Do teto pendiam uma lâmpada e um móbile. No centro do cômodo, um jarro cheio de areia continha um bastão com uma bucha de palha onde se cravavam as hastes de belos cata-ventos, flores-hélices de cartolina colorida. Além do meridiano que o jarro marcava, divisei uns trambolhos menos simpáticos: colchonete com lençóis embolados, roupas de homem numa cadeira. A morena explicou:

— É aí que Marcelo dorme, atualmente. A essa distância nos curtimos melhor, numa de amigos. Nossa relação foi legal, mas o sonho acabou.

Desviei os olhos para o jarro e a morena comentou:

—Uma vez eu tive uma experiência incrível com esses trecos. Acordei enviesada, tomei um chá de cogumelos e fui à praia, mas voltei logo: tava tudo muito doido. Tirei o biquíni e me deitei na espuma. Raios de luz brotavam de minha pele, as paredes ondulavam, era uma zorra. Eu me levantei e cruzei os dedos atrás da cabeça, a fim de melhorar o racional. Cata-ventos vieram voando, embaraçaram-se em meus cabelos. Queriam flechar-me, os danados. Um deles me espetou na coxa, fez uma pinta. Peguei outras iguais, uma no braço, outra no peito. Desmaiei. Sorte que Marcelo chegou, conseguiu me reanimar. Ele ficou impressionado. Daí tirou a ideia de um curta, com a história de São Sebastião. Eu farei o papel do mártir, supliciado por cataventos.

— Você, São Sebastião?!

— Modéstia à parte, brilharei no papel. Não é fácil, terei de ficar andrógina. Mas tive uma inspiração: descobri um homem maravilhoso que será meu modelo pro lado masculino. Só preciso te conhecer melhor. Além do mais, tenho simpatia pelo santo.

Minha mãe é da terra dele, é carioca. E há outra coisa que nos aproxima: eu também fui flechada. Quer ver as marcas?

Dizendo isso, a morena livrou-se com gestos rápidos de saia e blusa, a fim de mostrar-me os sinais: umas pintas lindas, que nada tinham de cicatriz.

— Acredita agora no meu milagre? — ela indagou, com um sorriso maroto.

— Bendito seja Deus! — eu murmurei em resposta, me benzendo de pau duro. Então a morena encarou-me com um ar intrigado, acariciou meu rosto e falou, enquanto eu lhe abraçava a cintura:

— Que foi, menino? Você parece um pouco tenso...

Eu nada respondi. Puxando-a para junto do baú onde estava sentado, rocei meus lábios nos bicos dos seus seios, que ficaram logo durinhos; depois peguei a beijá-los, sugando com sinceridade. Daí me levantei e procurei beijar-lhe a boca, mas a danada me cochichou que ficasse quieto, que relaxasse.

Atendi quanto pude: deixei que ela tirasse minha roupa com gestos lentos. Fiquei imóvel, sentindo a leveza de seus dedos a estudar-me as linhas do peito, do ventre, das coxas. Ainda me mantive quieto quando a bendita colheu-me a vara-de-flor e experimentou seu duro latejo na concha da mão; até mesmo quando, ajoelhada, ela contornou com a ponta da língua todo o obelisco e provou o champignon. Mas quando ela se ergueu outra vez, agarrei-lhe os cabelos, beijei-a num arrebatado de sufocar, derrubei-a na espuma e montei com ímpeto, tocando pra dentro de seu corpo o explorador, tão perseverante na picada em que arremetia, tão caprichoso, que a cada avanço voltava um pouco atrás e recomeçava melhor. Isabel me enlaçou com as pernas, fez-me a barca e o jogo das ondas, prendendo seus braços a meu pescoço por segurança da navegação. No entretanto trocamos duas feiras de beijos e pegamos a gemer como quem assiste o drama do mundo com simpatia, mas chupa cana ao mesmo tempo. Daí ficamos cada vez mais avexados. Por fim a morena se esticou toda, arqueou-se um pouco e deu um belo de um grito, que apreciei um bocado: respondi com outro, meio rouco.

Logo em seguida nos encontramos beatos, puros, eternos: dois anjos emboladamente, dois serafins num caçua. Foi devagar e com doçura que nos desatamos um do outro. Porém ainda ficamos não sei que tempo de mãos dadas, conversando

nuvens. Depois Isabel resolveu tomar um banho. Enrolou-se numa toalha e saiu dizendo que voltava logo.

Penso que mal a morena passou da porta, eu adormeci. Horas mais tarde, despertei com o luar vadio serenando no meu rosto. Levei algum tempo para recordar-me de onde estava. Senti o perfume da morena em meu corpo, mas ela não estava a meu lado. Experimentei uma sensação de incerteza elástica e prolonguei-a o quanto pude, saboreando-lhe a suave loucura. Assim foi que me vi de novo na penumbra da infância, à boca de um rio subterrâneo de meus pensamentos, a cuja impossível correnteza me abandonei.

XXVII

No tempo de minha meninice de vez em quando me aparecia uma ideia que eu mesmo achava absurda — e apesar disso me envolvia, por momentos me dominava. Era uma espécie de cisma desabusada. Mesmo sem chegar à condição de certeza, no breve intervalo de sua duração era capaz de tornar-me incerto de tudo.

Ela não tinha uma estampa única. Podia assumir diversas formas. Em sua primeira condição, a mais tosca e fosca, fechava-se numa suspeita: a de que todos, a meu redor, estavam só fingindo ser quem eram e acreditar no mundo que me encenavam. Por algum motivo secreto deviam manter meu engano: deviam esconder-me a realidade legítima. Nessas ocasiões eu achava alguns viventes mais improváveis que outros. Mas até as pessoas amadas eu temia que fossem máscaras ou bonecos movidos de longe pelo demônio de minha ilusão.

Lembro-me de uma vez em que isso me pegou. Eu convalescia de sarampo. Tinha adormecido num fim de tarde ainda claro e acordei já de noite, um pouco tonto. Inquieto, deixei a cama e atravessei um corredor maior que nunca, buscando a sala. Mãe Laura havia saído com Nato. Zefa, também. Achei a avó — que tinha ficado para zelar por mim — adormecida na sua cadeira de balanço.

Embora já tivesse mais de setenta anos Naná era ainda uma mulher bonita. Tinha um corpo esguio, a pele quase sem rugas, cabelos que mal começavam a embranquecer. Era espigadinha, escura, muito bem talhada. Naquele momento seu rosto tinha uma expressão solene, um ar estranho, soprado de longe. Outro semblante aflorava na face adormecida. Era como se fosse a imagem de alguém que eu desconhecia — pelo menos assim me pareceu. Fiquei imóvel, fiquei mirando a aparição. Foi quando me veio a cisma: *Acabou! Me deixaram de vez!*

Meu coração rufou. Era como se eu tivesse surpreendido nos bastidores um ator sem disfarce, num intervalo de cena da espécie menor de realidade exibida para mim, talvez a única que eu suportasse. Pensei que era o fim de minha história, pois eu havia deixado o limite de defesa da ilusão sempre respeitada e desnudava minha lucidez a um ponto em que não poderia mais fazer-me de enganado.

Explico: era parte de meu delírio imaginar que a representação duraria enquanto eu mostrasse aceitá-la. Eu tinha de ser cúmplice no fingimento do mundo, embora através de uma crença fingida. Temia o desengano, que ignorava onde levaria. Receava que se descobrisse a falsidade da minha inocência.

A rigor, eu não cria nisso inteiramente — nem mesmo enquanto assim pensava. Mas embora fraco da certeza, esse pensamento me fazia medo.

Não durou muito minha vertigem. Cortou-lhe a asa uma risada de Zefa que chegava da rua. Minha Avó acordou e tomou-me nos braços num carinho arrebatado. Assim ela dissipou a bruma duvidosa de meu coração. Em pouco já tudo me parecia positivo, à luz de seu amor evidente.

Nunca mais voltei àquela primeira forma de desconfiança, de fato muito rude. Nunca mais tornei a imaginar que uma conspiração de todos os outros estava formada para meu logro na tela do mundo. Com a passagem do tempo, até me envergonhei da pretensão do meu antigo desvario. Mas logo me vi com outras fantasias do mesmo gênero.

Teve uma época em que eu passava horas buscando, com muito esforço, filmar a viagem de meu pensamento. Queria ver como ele surgia: como era em si, antes de vestir-se de palavras. Torturei-me com tentativas de interromper o fraseado em minha cabeça, cortar-lhe o caminho de jeito que visse as ideias ainda sem essa carne. Perseguiu a lembrança dos leves relâmpagos percebidos, ou fantasiados, num limbo de vaga-lumes, a fim de estudar-lhes a forma de aparição. Mas só alcançava um floo de imagens meio cegas: quando acabavam de iluminar-se, elas já tinham mudado. Notei que assim falsificava as minhas próprias ideias.

Adotei, então, outra tática: primeiro, relaxava um pouco, procurava distrair-me. Depois de algum tempo com o juízo solto, fazia uma forte concentração, puxando pela memória, em busca da trilha traçada no devaneio. Riscava-lhe o mapa. No fim, percebia que o país buscado já se fizera diferente.

O exercício teve um efeito inesperado. Me senti incapaz de chegar a mim mesmo, ou seja, de chegar ao ponto fugitivo donde tinha ciência de mim. Não via como explicar por que eu vinha a ser exatamente o menino chamado Lúcio, nem achava justo ter minha presença numa só pessoa. Muito me admirava o desembarque milagroso sempre no

mesmo porto, depois das noites de sono cego. Encabulei-me com rapidez do momento em que *dava fé* de mim mesmo.

Um belo dia esta expressão usual na minha terra sertaneja — dar fé de alguma coisa — ecoou no meu juízo com ares de nova. Percebi que o súbito reconhecimento do mundo na entrada do dia tinha para mim a facilidade irresistível de uma fé gratuita, acesa no fogo da aparição que ela completava com uma evidência fulgurante, imediata. Mas logo me perguntei: quem garante essa fé? Será que ela não repousa num grande engano?

Logo achei que sim. Pois era a certeza de um mundo incerto, capaz de reviravoltas medonhas: um mundo de onde as pessoas, nele crentes, desaparecem. Daí eu cheguei à ribanceira da cisma com pior compenetração, já achando que tinha descoberto o erro comum, tocado na chaga da ilusão de todos nós, bichos frágeis que julgamos ter parte na concordância das coisas.

Essas teorias eu não guardava por muito tempo. Nem mesmo enquanto elas me dominavam eu era fiel a sua lógica. Se fosse eu me trancaria na plena incerteza, desenganado de alcançar alguma verdade. Em vez disso, tomei o rumo da fantasia. Sem o cuidado de procurar-lhe um fundamento, industriei o contrário: me convenci de que o mundo, nosso enganador, é capaz também de manifestar-se, mostrando — em raros instantes — sua verdadeira natureza. Imaginei que isto sucede em situações além de controle, à beira do despropósito.

Não lembro como cheguei a essa opinião. Agora, parece-me ver-lhe a origem em descobertas de criança. Logo notei que as explicações dos adultos sobre seus atos, nos assuntos mais interessantes, não batem certo: sempre há uma diferença inexplicada entre o sentido e o mostrado nas cerimônias em que os mais velhos nos dão juízo.

Nessa altura eu intuía de um modo vago o que eram as obras de geração. Meio que adivinhando, imaginava um jogo oculto, incompreensível, extravagante, realizado com sacrifício da vergonha — embora por gosto — para trazer ao mundo quem tinha a sina da existência: um jogo que combinava o poder de Deus com um monte de descaração. Por aí, já peguei a achar que a força original do ser, da origem de tudo, está muito além da quadra do razoável, é divinamente escandalosa — e só assim se manifesta. Por vias travessas, tomei confiança no ímpeto da verdade, na poesia do mundo.

Esta palavra — o simples nome do mundo — tinha para mim um sentido rico de poderes. Não indicava só o conjunto das coisas e seu arranjo. O mundo, como eu o entendia, ultrapassava a multidão dos entes unidos por sua força num eterno movimento de aparecer e sumir: era um grande animal, esplêndido e tenebroso, vestido de céus e terras, contido só por Deus.

Sim, sempre fui matutador. Ficava horas esquecidas pelos cantos, maquinando essas ideias. Largava à toa os brinquedos, fugia das outras crianças para entreter-me assim. Alguns dos mais velhos estranhavam. Mãe Laura só dizia:

— Ele teve a quem puxar.

Era a marca da minha avó: cabeça nas nuvens. Dizem que desde menina.

Já velha, Naná tinha o hábito de sentar-se à porta do quintal, em sua cadeira de balanço, “para rezar um terço”. Mal seus dedos moviam algumas contas do rosário, ela se imobilizava no sim do silêncio. Zefa brincava:

— Oxente, Naná! Nesse tempo todo vosmecê só rezou três ave marias?

— A reza fica melhor quando as palavras acabam — ela respondia. E voltava às meditações.

Um dia ela sentou-se no mesmo canto, com o velho rosário na mão, e lá se ficou. Quando fomos ver, já estava fria. Desenhava-se no seu rosto a expressão que eu lhe tinha visto uma vez somente, ao encontrá-la imersa no sono, em um dia remoto de meus espantos infantis.

XXVIII

Essas lembranças me deram arrepios. Busquei desviar as ideias para outro rumo. Recapitulei o drama de Zé Power, imaginando que verdade podia haver no testemunho do moço que disse ter admirado a porta da natureza. Queria deter-me no exame do assunto, mas pensamento não se controla. Em pouco — sei lá como —, o teatro recente virou sombra e minha memória voou para longe. Vi-me de novo menino, atento ao palavreado de um contador de histórias. Lembrei-me de sua apresentação:

Sou grande e pequeno, um mané indivíduo que como posso me divido: o olho aqui, a ideia acolá. Tal e qual o Santo Papa, percorro o mundo com as tripas cheias de cocô. Perdi os ouros, quebrei as copas, vendi espadas, mas ainda guardo majestade: Sou Rei de Paus. É a vida, garoto: teretetê, noves-fora nada.

A falta de um braço desarrumava-lhe a figura. Perdeu logo o direito, coitado, num acidente, quando trabalhava como guarda-freios: mexia no engate de um vagão no que o trem moveu-se, fora de hora.

Enterrou-se num canto qualquer, feito lixo, um braço que até hoje eu sinto. Ele já morreu mas ainda se manifesta, melhor do que muitas almas nas sessões de kardecismo.

Atanásio não gostava muito de recordar esse episódio. Quando puxava as lembranças, era sempre de muito longe. Foi assim que um dia, comendo água, me falou do limbo:

Aprenda, garoto: dá-se este nome de limbo a um lugar formoso onde as almas fazem estação, antes do retorno: um vale sereno, com olhos d'água de que brota um rio multicolor. Depois de se estender entre serras, numa linda pradaria, o rio pavão desliza para dentro de um túnel. Adiante, bem adiante, ele rompe no rumo das nuvens feito um arco-íris e leva sua correnteza à lagoa santa, um espelho

colado ao céu superior, atrás da cortina do nosso. De lá do alto retorna mais puro: chove em segredo na boca de outra montanha e caminha por baixo do chão, até que chora de novo nos mesmos olhos de sua nascente.

O vale que lhe descrevo se acha na raiz do mundo. Na margem esquerda do rio sagrado, no trecho em que ele toma corpo e já passa de ribeirão, fica a Severa: uma serra pelada e roxa, com a triste prisão dos pecadores. Essa rocha enorme vem a ser o ponto mais alto de uma cordilheira a que outra responde, quase igual, na margem oposta. A base da penha triste encobre um forno que mergulha nas profundezas. É o que chamam de inferno.

A penha sinistra, além de pelada e oca, tem maus bofes. Parece um funil de boca para baixo. Só de vez em quando, por ordem de Deus, abre-se uma brecha na sua casca de pedra — bem na altura do gargalo — para que as almas purgadas encontrem passagem

A serra que mura o chamado limbo (o paraíso de antigamente) fica bem mais longe: atrás da última curva do rio, que depois de muito caracolar nela penetra por um grande túnel.

A Severa é um cárcere das almas, que no seu ventre se purificam. Lá dentro o tempo tem uma mistura de eternidade. Deixar a penha pavorosa não é nada fácil. Na saída fica uma monstra que faz perguntas aos candidatos. Na parte de baixo, ela é dragão; da cintura para cima, toma vulto de dama: uma puta enorme, com os peitos de fora. O exame das almas que ela executa é rigoroso. Quem não acerta volta ao cativo. Se quer exemplo, veja o que se deu comigo:

Na outra encarnação eu fui um rei muito sacana. Abusei do povo, com imposto demais nas costas dos pobres. Inventei uma dívida pública secreta, de que não dava explicação, nem deixava apurar. Assim escorchava os infelizes. Minha polícia não alisava, era uma tropa de assassinos. Quem fosse contra meu governo comia cadeia sem esperança, o tempo todo no cacete. Se teimasse, tinha três caminhos: ou era expulso do país, sem direito a queixa, ou era preso e pendurado num pau de arara, ou senão suicidado. Com isso uns poucos enricavam, mas o resto — a maioria absoluta — vivia na merda. Eu comandava a roubalheira: fazia

os rombos e obrigava o povo a pagar. Acabei com a previdência, entortei as leis do trabalho.

Com o tempo, atacou-me o remorso. Soltei uns presos, fiz umas leis um pouco sérias, pingando gotas de justiça. Um belo dia, danei-me: falei em distribuir minha porca riqueza entre os miseráveis da terra que eu tinha arruinado. Meus bons ministros, minhas cobras criadas, achando que eu tava doido de pedra — e preocupados com o mau exemplo — secretamente me puseram no sono da morte, numa agonia venenosa.

Assim que saí do mundo me vi na panela preta, no cu do inferno. Fui logo ferrado sem piedade e posto nas brasas do suplício. Ardia eu por todas as chagas e os castigos não refrescavam. Com cem anos dessa aflição completei a primeira purga: subi aos banhos ferventes. Aí me purifiquei, conquistando o merecimento de ser linchado num plano superior.

São três estágios, só nas profundas. Em cada um deles o pecador passa um tempo de trevas, pagando o devido conforme a escrita. E tem ainda sete passos através do purgatório, entre misérias menores. O derradeiro trecho acaba em degrau, já no gargalo das cuinhas, onde se abre o zaz da brecha — de quando em quando, como eu disse — para as tentativas das almas esperançosas. Vencida a brecha, descem os espíritos por uma escada de ouro, sob a guarda de anjos miúdos, mas diligentes.

Chegando ao último patamar eu pulei de alegria, que nem gafanhoto numa folha verde. Deslumbrado, olhava só para a rocha que a minha frente se esgarçava. Não via mais nada. Foi quando a Fera me atalhou, forçando a porra do exame.

Entenda o risco: quem não passa no vestibular a infeliz empurra de novo pro comecinho do purgatório. Você nem imagina o choro de quem cai. Foi o que vi de mais pavoroso durante toda a minha morte.

Eu tinha buscado a passagem só por ansioso, sem qualquer segurança de êxito. Mas já não dava pra recuar. Por falta de jeito, fiquei firme — e graças a Deus que alma não caga. Rindo, a tinhosa me interpelou, com voz de jagunço:

— Quo vadis, ó bestalhão? Por acaso sabes como anda a tua espécie?

Eu fiquei foi retado com aquilo. Ainda guardava um pouco da minha vergonha de rei. E sacanagem tem limite.

Imagino com meus botões que nesse instantinho a Mãe Eterna cochichou na celeste orelha e o Espírito Santo, que em tudo lhe atende, me inspirou a boa loucura. Assim foi que na hora aflita eu respondi à Dragã, em cima da tampa:

— A espécie marcha como pode, sinha cachorra! Cuide do seu rabo!

Surpresa com o atrevimento daquela porqueira de alma penada na sua frente, a infame virou-se e mirou a cauda, imaginando sei lá o quê. Ela é vaidosa, parece. Fez o movimento com tanto mau jeito que caiu inteira, feito uma torre de Babel, numa trovoada medonha.

Era minha chance, aproveitei: salvando o relógio de Nossa Senhora, que anda atrasado, pulei pela brecha. Foi a conta. Mais uma raspa de segundo e as paredes de pedra, a bater com forte pancada, me esmagariam completamente. Não ia sobrar nem pó de minh'alma.

Deslizei pelo corrimão da bela escada, entre as risadas dos anjos, e tratei de correr até o rio silencioso. Um barco já tava saindo com sua carga de almas. Saltei na popa. Assim naveguei até o porto dos ventos de onde os espíritos são soprados.

Vim de quebra. Não repousei no vale do limbo, nem bebi das águas do esquecimento, alívio de quem retorna. Como cheguei clandestino a esta vida de agora, ainda sofro os pecados antigos. Olhe como ando! Que rei sou eu? Até o braço de meu sustento perdi numa foda de trem.

O resto lhe exponho por aprendida ciência.

Toda mulher, tirante as de ventre seco, é médium de ovário: quando acolhe a semente do macho e o favor de Deus acompanha, ela recebe na taça do corpo a alma alheia, que vai reunir-se à matéria nova para o nascimento. Agora veja como são as coisas: meu pai estava doente, que nem sabia. Já na boca do inesperado pediu o carinho de sua esposa. Foi só pra deixar a viúva prenha. Brotei no luto, surpreendi minha mãe.

Atanásio faleceu quando eu me achava no colégio. Alexandra contou-me: primeiro ele avariou. Criou a cisma de que tinha pegado na Morte sem o devido respeito, quando entregou um braço à terra, sem cruz nem tampa. Sonhava que o membro em frangalhos foi comido pelos tatus. Recomendou a beatas que o visitaram na véspera da agonia:

— Agora vou a meu fim com o resto do corpo, segundo manda a natureza. Mas em nome de Deus, rogo que me levem feito carta no envelope.

Não admitia embalagem de rede. Só queria caixão.

Finou-se no hospital do município e teve o despacho da Prefeitura: o esquife dos indigentes. Seguiu carregado por quatro praças, debaixo das ordens do Cabo Jonas. No cortejo, só Alexandra e Dona Piedade, que não perdiam enterro nenhum. Na beira da cova o Cabo mandou que os praças abrissem o caixão e o virassem de borco. (Questão de economia, como Alexandra me explicou. Essa barca municipal serve a muitos passageiros). Não deu certo: os praças obedeceram ao chefe, porém a carga não desceu e — *Sacode este filho da puta!* — nem adiantou. Acabaram desistindo. O defunto parecia ter grude, só foi para a cova lacrado.

Assim disse Alexandra. Me lembro de que comentei:

— Atanásio foi como quis, porém não aprovo seu gosto. Eu preferia ir de rede, que nem o povo da roça. Acho caixão muito feio.

XXIX

Como vi que afundava de novo em recordações tristonhas, procurei rezar. Invoquei a Senhora do Bom Conselho, rainha dos vivos, dos mortos e dos demais. Em seguida voltei minha ideia para a Corte dos Santos. Acudiu-me, então, a lembrança de Zefa com suas gordas ladainhas. Ela gostava principalmente dos mártires: pobres mulheres, tristes homens postos a ferros, apedrejados, flechados ou degolados, assados em fogo lento, entregues às garras dos leões. Já eu não achava lógica em tanto horror. Histórias de palma me agoniavam.

Outros beatos também me punham confuso. Me espantava São Tomás, com o espeto em brasa, escarreirando a pecadora. Se ela não foge, o santo ferrava a moça? A explicação de que a sirigaita tinha ido atentar, não me convencia: o iluminado que desse conselho. Não era frade? Não era doutor? Mas atacar com ferro e fogo uma simples beijoqueira! Eu simpatizava muito mais com ela.

Já Santo Agostinho me divertia. Lá vai o metido querendo entender os mistérios de Deus, quando vê na praia o menino que tenta coisa menos impossível: guardar as ondas num buraquito de areia. Então ele cai em si, deixa de ser besta.

Simpatizei com este Pai da Igreja também pelo defeito de que ele se acusava: um sangue muito quente atrapalhando a oração, com pensamentos moleques de brincadeira com mulher. Eu entendia seu problema: quantas vezes, em pleno catecismo, me vinham as ideias mais safadas! Vai ver, a professora dele era gostosa que nem a minha.

Às vezes, bastava uma frase para que eu enxergasse a história completa. A velha traçava o rumo do enredo e com pouco eu via, por exemplo, que nem se fosse num filme, o pastor Jacó encontrando na estrada um Santo Anjo, dos mais taludos:

— *Anjo de Deus, por favor, me abençoe!*

[... E o poderoso, nem tico].

— *Belo Ministro do Senhor, por caridade, me dê sua bênção!*

[... Nenhuma resposta].

— *Ó Mensageiro do Altíssimo, ó Excelência, a bênçãozinha, por gentileza!*

— *Ora me deixe, seu pecador. Vá procurar sua turma!*

... Então Jacó se aporrinhava, partia pra cima:

— *Pois bem, meu Anjo: já que não gosta de cortesia, quem sabe no pau a gente se entende?*

Aí os dois se atracavam, fervendo, na pura brabeza.

E tome porrada, a noite inteira.

Até o Anjo concordar:

— *Tá bom, já vi que você não é frouxo. Deus lhe abençoe.*

A raça alada dos servidores de Deus me fascinava. *Querubins e Serafins, Tronos e Dominações...* Quando a velha dizia essa jaculatória, inflamava minha fantasia poderosamente. Ao longo da invocação, com seu lampejo estrelante, ruflavam asas de pérola em meus ouvidos e no profundo de meus olhos entressurgiam, em finos relâmpagos, os grandes vultos sagrados, torres de prata a coruscar: eram reis com olhos tigrinos, tremendos em seu esplendor e delicadeza impenetrável. Os Querubins navegavam nas águas da noite com punhais acesos. Cavalgava na luz do céu o bando seráfico. Os Tronos planavam como pássaros de ouro, eram as sedes e seus pilotos. As Dominações eram anjas lindíssimas: umas estrelas de cinema com túnicas meio transparentes, que Deus me perdoe.

Muito me impressionavam certos membros esquisitos da família angélica, familiares lá em casa. Sempre que a gente dizia alguma coisa boa, prevendo um acontecimento feliz, Zefinha fazia depressa uma invocação fervorosa:

— *Que os anjos da boca mole digam amém!*

Eu ficava intrigado. Tinha uma certa pena daquela raça do céu, pois boca mole não é bonito, mas sua boa vontade me comovia. Por outro lado, eu tinha medo de dizer alguma bobagem agourenta que eles ouvissem e fizessem acontecer com suas beíçolas. Zefa me tranquilizou dizendo que besteira eles não escutam. Com o tempo, tornei-me devoto de sua falange.

Depois das famílias celestes, a devota se recordava dos profetas. Daí passava aos companheiros de Cristo. Impressionou-me entre todos a figura do Precursor: um beato vestido de peles, cabelos em polvorosa, voz de trombeta pregando o batismo. Embora eu admirasse a coragem tremenda que lhe custou a cabeça, muito me espantava seu jeitão: era o tipo de um maluco.

Aliás, uma coisa sempre me intrigou: a semelhança entre os feitos do povo do céu e os desvarios da doirdice. Refletindo bem, eu concluí que todas as loucuras da terra se agarram aos santos, correm ansiosas para eles. Os queridos de Deus desafiam a insânia do mundo atirando-se à ruim correnteza, em que se encharcam: tornam-se esponjas de nossa demência, na tentativa de nos curar, de purificar-nos. Nessa peleja eles se consomem. Como são poucos para tanta maluquice de polo a polo, não lhe põem freio. Mas filtram alguma coisa. Cada alucinação que contraproduzem, revolvendo a doirdice universal no seu juízo santamente torto, ganha valor de remédio, aplicável a nossas vidas.

Pensando nessas coisas tornei a dormir. Sonhei com um sonho que me acordou. Liguei o abajur e vesti as calças que estavam à beira da espuma. Só depois alcancei o comutador da lâmpada central, iluminando todo o quarto. Reparei no colchão de Marcelo, ainda vazio. Só nesse instante dei-me conta de que ele poderia ter chegado enquanto eu vadiava com a moça. E aí, como seria? Por um instante, imaginei que era capaz de dar-se um vexame. Depois tranquilizei-me, pensando comigo: “Bobagem. Eles já não têm nada um com o outro, seu romance acabou. Além do mais, o moço é hippie, um homem que passou de civilizado. Acharia tudo muito natural.”

Mesmo assim, tive gastura. Se eu vivesse com uma ex-namorada num quarto, já na base da separação de corpos — a simples ideia machucava-me a natureza, porém toquei em frente a hipótese, em benefício do autoexame — e um dia, ao chegar em casa, eu encontrasse a danada entregue, pelada, com um baita marmanjo em cima — qual seria minha reação?

Pensei profundamente por dez segundos e concluí: com certeza, o meu primeiro impulso razoável seria aproveitar a posição do atrevido e enfiar-lhe um cata-vento no pinochê, com toda a força, pra que ele saísse voando feito um helicóptero.

Larguei na cama esse mau pensamento e saí à procura de alívio do corpo. Na volta, notei que alguém se esgueirava pelo corredor, vindo a meu encontro com um sorriso mediúnico:

— É você, Lúcio?

— Sim, sou eu mesmo. Boa noite, Sibyl.

— Boa noite, gatinho. Escutei seus passos quando foi ao banheiro.

— Tive precisão, sabe? Estava com a bexiga cheia.

— Ah, que bom!

— Você acha? — eu indaguei, num recuo: ela afagava meu rosto com uma expressão de gata sonâmbula.

— Você é muito bonito.

— Obrigado — respondi, dando outro passo para trás. Acabei de costas contra a parede. Já estava me encabulando esse negócio de todo o mundo me achar bonito de uma hora pra outra. Na minha terra não me gabavam assim.

— Você é um sonho — a loura continuou.

— Sou não, estou mal-dormido — argumentei, um pouco vexado com o carinho que ela me fazia nos bicos dos peitos.

— *Tem razão, Sibyl: é um sonho gostoso. Mas deixe comigo, viu?*

— Ah, é você, Isabel? — a cabelo-de-milho recuou, com um ar desolado. Eu deslizei para junto da morena e fomos logo pro quarto, enquanto Sibyl dava meia volta.

— Ande, sonho, volte para a cama onde lhe deixei — minha querida brincou.

— Sabe, eu fui dar uma mijadinha e na volta... Acho que essa garota não está normal.

— Está. O normal dela é esse aí. Ah, meu querido, você desculpe, mas sua cara tava engraçadíssima. Parecia uma donzela sozinha no elevador com um marinheiro.

— De fato, ela me assustou. Uma moça tão bonita! Com o que Deus lhe deu, não precisa apelar.

— Sim, ela é bonita mesmo, tem um corpo legal. Se demoro, não sei, não...

— Deixe de ser boba, ela só me encabulou.

— Tudo bem, relaxe. Vou fazer um cigarrinho para nós.

— Enquanto isso, diga: onde você foi? Por que motivo me abandonou?

— Eu, te abandonar? De jeito nenhum. Quando voltei do banho já te encontrei dormindo. Deitei-me a teu lado e logo adormeci também. Uma hora depois acordei com a Dete me chamando. A Dete é uma amiga minha que mora aqui perto. Ela tava com um problema sério. Mês passado pintou um casal na sua porta com a bagagem do verão. Até aí, tudo bem: todo baiano que tem amigos no sul já curtiu essas surpresas. O problema é que a mina tava com a barriga na boca e hoje cedo começou a ter contrações. O marido pediu a Dete que arranjasse uns defumadores. Proclamou que seu filho nasceria numa boa, ao jeito de qualquer bicho. Tinha tudo planejado: ele tratava do lado espiritual e Dete da matéria do parto. Hoje a mina amanheceu com umas dores fortes. Minha amiga ficou assustada. Apelou pra uma curiosa do bairro e ela decretou: caso de médico. O aprendiz de pai não quis acordo. Sua mulher gemia e ele rezava. Dete me chamou por achar que eu entendo desse povo místico.

— E o que fez você?

— Logo de saída mandei chamar um vizinho que é motorista de caminhão, um camarada muito legal. Dete foi. Quando ela chegou com essa ajuda eu já tinha convencido o teimoso.

— Como?

— Fácil. Procurei saber qual era o recurso que ele tava aplicando em favor da mina. O bicho falou que se concentrava profundamente, anestesiando a garota com fluidos positivos. Eu ponderei que do jeito como a barriguda gemia, o negócio não tava fluindo bem. Sugeri um teste e ele concordou. Aí eu peguei uma vela no quarto, acendi num pires e botei na sua frente. Pedi-lhe, então, que se concentrasse ao máximo e ficasse com a mão sobre a chama só por um minuto. O carinha não topou. Aí eu falei que a mulher dele ia pro hospital.

— Você é muito convincente. Pois então, em causa própria o desgraçado não tinha fé?!

— Não acha estranho? Pô, eu sou muito mística e também prefiro as transas naturais. Mas essa coisa dogmática de sustentar princípio com o sofrimento dos outros não tem nada a ver.

— Está certa — aprovei. A morena continuou:

— Tivemos sorte. No hospital encontrei uma amiga de plantão, Ana Elvira. Ela me atendeu uma vez, quando errei umas doses. (Bom, isso é outra história). Aninha partiu com a barriguda para a sala de cirurgia. Disse que o assunto era complicado. Só respirei quando ela pintou de novo, quase uma hora e meia depois, falando que tudo bem. Mas a garota ficou no soro. E o marido ainda deu trabalho, com o cagaço que teve. Já o bebê é uma gracinha. Por sorte o rapaz do caminhão esperou e me trouxe de volta. Taí como te abandonei. Agora veja se não é bárbaro: em nossa primeira noite eu vou parar na maternidade e você é agarrado por outra. Caralho! Preciso dizer a Sibyl que não tou mais nessa de socializar namorado.

— Me conte, neguinha: qual é o caso dessa menina? Ela me parece um pouco esquisita. É daqui mesmo? Tem ar de estrangeira.

— A Sibyl é do Rio, filha de pai americano e mãe brasileira. Passou uns anos nos Estados Unidos, estudando Psicologia. Fez análise. Andou pela Europa. Casou-se com um colega, um psiquiatra que desbundou. A lourinha acompanhou a onda do marido, mas se acusava de problemática. O sacana também era complicado. Foi nesse clima que eles pintaram aqui, no começo do verão. Amigos de Marcelo, acabaram vindo morar conosco. Tenho a impressão de que foi há anos, só pelo tamanho da novela. Todo o mundo acabava se envolvendo na transa deles, quisesse ou não. A qualquer hora que você chegasse nesta casa encontrava os dois a discutir, de filosofia a balé, tudo ao redor do “problema da Sibyl”. Viviam em seminário. Pra falar a verdade, nunca saquei direito o bizu. Segundo Jacques (é assim que se chama a peça), era um grilo escabroso, comprometendo nome de pai e boca de mãe com os piores significados, numa grande barra. Aí o processo melava, com neurose à la carte, segundo uma instância meio tarada. Ou seja, a coisa irrompia na brecha do desejo de um modo fajuto e tinha logo um trauma, percebe?

— Não.

— Muito menos eu. Mas parece que o trauma retroagia, dava uma tranca na libido, de forma que afetava bastante a relação lá deles. Mesmo sem sacar claramente a complexidade do troço, eu fiquei com pena, tentei dar força. Dizia a Sibyl que não esquentasse: na hora do *vamos ver*, sai tudo melhor se a gente desliga o racional. Nesse ponto, eu sou simples. Acontece que Sibyl não entendia: se ligava demais no discurso do outro, no verbo do Jacques. Que era o maior pirado, acho eu. Eles viviam o tempo todo

discutindo, debatendo, analisando. Não faziam outra coisa. Brigavam quase por minuto. Eu já tava cheia. Uma vez, cheguei aqui de noite e encontrei os dois na sala, nuzinhos, discutindo a respeito de um salmão defumado. Não entendi picas: aqui nesta casa, não tinha nem chicharro. O negócio deu uma puta confusão, eles quase param de se falar. Mas foi então que se deu o fenômeno, o grande acontecimento, o desbum e a glória da Sibyl, que também representou um sucesso terapêutico: tirou-lhe o grilo, botou sua cabeça em ordem, numa boa.

— Verdade?

—Podes crer. Ela agora tá ótima.

— Hum...

— Aconteceu num sábado. Era bem cedo, umas seis da manhã. Sibyl estava no quintal, sentada numa pedra grande que tem junto da mangueira, com sua camisola de nylon verde-água, uma lingerie transparente, mais uma desculpa de que uma roupa, sobretudo considerando que Sibyl não usa nada por baixo. Nossa amiga curtia o amanhecer. Todo o resto do pessoal da casa estava dormindo. Então, quando ela menos esperava, notou que tinha um homem ao pé de si. Era um pescador da redondeza, nosso conhecido. Eu botei nele o nome de Boa Gente, por causa de um lance que teve. É que uma vez fui com Sibyl à praia, bem cedo, e resolvemos tomar banho peladas. Quando saímos da água, tava lá aquele homão olhando pra nós, no maior deslumbramento. Fiquei com medo, ele é forte pacas: se partisse pra cima barbarizando, eu tava fudida. Ou eu, ou a Sibyl. Mas saímos, pegamos a roupa e demos no pé com toda a classe, enquanto o tipo se benzia. Depois eu soube que a coisa se repetiu com Sibyl, duas ou três vezes. Ela é muito madrugadora.

— Compreendo.

— No sábado histórico o tipo se animou a uma visita. Nosso quintal, você verá, é bem acessível: caiu a cerca de um lado. Ele não teve problema para chegar até a loura, que abordou com toda a gentileza: “Dona Moça, eu quero um particular com a senhora. Me desculpe o atrevimento, mas estou numas condições que não posso mais. Faz dias que não durmo direito. Se durmo, sonho com sua pessoa. Tou com o juízo tão atravessado que não consigo ter um pingão de concentração no trabalho. Peixe nenhum tá me levando mais a sério. Acontece que sou pobre e vivo sozinho. Ultimamente nem uns trocados eu

consigo mariscar. Nada que dê para despesas de vadiação, sequer com argaço, com aventureira tipo fofó. Também não acho certo a pessoa botar fê num anjo e benzer um capeta. E é triste um homem da minha idade gastando a memória na palma da mão. Dona gringa, a senhora, com seu valha-me-Deus não me sai do pensamento. Desde que lhe vi voltar das águas com espuma na quilha, que apreciei o corte da proa e o jogo da popa de sua perfeição, não tenho sossego. Já ando com medo de que me suba para a cabeça a correnteza do natural, que Vosmecê me alvoroçou. A senhora sabe o que é um nego pobre ficar maluco nesta terra? Com perdão da palavra, tá naufragado: vai preso pro hospício e fica lá o tempo todo levando choque, feito um comunista.” Nesse ponto, Sibyl já tinha lágrimas nos olhos. Ela é muito sensível. Tem mais: segundo Marcelinho (o descarado tem um know-how do cacete no assunto, pois morou um tempo nos Estados Unidos), se você quer ganhar uma americana, uma boa estratégia é inspirar-lhe um quê de culpa por teu drama existencial. Mesmo por questão de puritanismo, as sobrinhas de Tio Sam dão logo, quando se sentem com a chochota moralmente endividada. É o barato da ética protestante, que Max Weber estudou. Ora, Sibyl é filha de ianque... O certo é que o discurso do homem dos peixes funcionou pacas. Ainda por cima o danado teve arte: reservou para o fim a argumentação de choque, a decisiva. Quando viu que a loura tinha-se abalado, que tava meio comovida, baixou o calção e mostrou o significativo, arrematando: “Olhe, moça, veja meu estado. Que coisa mais imoral! Eu sou um homem sério, não posso sair por aí assim, afrontando o povo. E ainda por cima, dói, pode crer. Quando passa dias que a gente não encontra o alívio de uma alma caridosa, então dá pra repinicar no jequi dos ovos, responde no imbigio e compromete a bucha da passarinha. Pensa Vosmecê que é brincadeira andar o tempo todo com a vela içada desse jeito? Prejudica o espinhaço. No que retesa, dá também um ardimento. Do imbigio aos cocos, eu acho que estou com febre. Isto sem falar na gastura: nem olho pr’aí, que me assusto. Veja se não é próprio um tubarão. Mulher já nasce preparada para essas visagens, mas por mim lhe garanto que não aprecio nem um pouco.” Aí, a Sibyl já olhou a vara do pescador tecnicamente interessada: segundo conta, ficou assombrada com o tamanho, aturdida com o diâmetro, pasma com a dureza, embevecida com o design. O homem aproveitou, sugeriu: “Vosmecê pegue um pouco, pra ver o que é sofrimento.” Por fim, a Sibyl conseguiu falar: “O senhor perdoe esta aflição que lhe tenho dado. Acho, sim, que é justo

lhe socorrer. Mas no momento minha cama está ocupada”. O bicho não se apertou com essa dificuldade: pegou Sibyl pela cintura e deu-lhe um acocho razoável enquanto lhe suspendia a camisola e murmurava no seu ouvido: “Eu sou um homem humilde, dona gringa, não careço dessas bobagens de cama, não...” Sem ver como, Sibyl logo se encontrou deitada no canteiro das margaridas, com o sofredor em cima. Aí, tratou de colaborar com o deslizamento do significante, mesmo porque não tinha nada de mais prático a fazer nesse entretempo. O parceiro tomou a si, é verdade, quase todo o trabalho: sua verga não era mesquinha nem odiosa. No que eles se achavam assim entretidos o Jacques acordou, levantou-se e foi ao quintal, pensando em encher os pulmões de ar puro, com um pouco de ginástica. E aí topou sua mulherzinha no embate com o lançador de redes. A princípio ele não acreditou no que via: parou abilolado, como quem nunca viu um bicho de oito patas. Depois, penso que ficou um pouco mordido, mas prevaleceram seu espírito esportivo e sua formação profissional, de modo que ele se aproximou e gritou para a cōnjuge: —“Vai, Sibyl, vai desgraçada! Vê se te concatena e me fode bem este miserável!” — Então, segundo a danada, o apelo do marido, o arrocho do amante, o sabor do espadarte, tudo se misturou em sua cuca... e ela foi às estrelas. O pescador acompanhou. O entusiasmo foi tanto que os três berraram, numa zoeira dos diabos. Acordaram todo o mundo. Marcelo e Marlos correram para ver de que se tratava. Acharam Sibyl ainda estirada, nua, com os braços abertos, entre as flores sobreviventes, cheia de sol e maresia, sorriso de santa, os olhos vidrados. Jacques, sentado numa pedra, olhava siderado para ela. O pescador, já de pé, de cabeça baixa, dava um monte de desculpas: “É a fatalidade, doutor. Esse desgoverno me atacou que nem uma febre e tomou conta de minha natureza. Quando vi, já estava em riba da moça. Penso que foi o diabo do mapé que eu comi ontem. Dona gringa não teve culpa nenhuma: não lhe dei tempo de pensar no torto nem no direito. Fui logo amuntando na sua responsabilidade e tapando uma vergonha com a outra.” Jacques nem ouvia, mas o sonso do baiano discursava sem parar. Foi preciso que Marcelo, com mil “tudo bem”, praticamente o empurrasse para fora. Na porta o danado ainda fazia sua peroração com o argumento de Moravia: “Cria, moço, *ele* é terrível. Às vezes, por mais que eu faça, não tenho mão de lhe resistir: quando o desgraçado se invoca, que lhe vem a cisma de algum disparate nessa cabeça de peixe, só parece um leme entortado, me levando no rumo de suas bestagens.” Já

no outro dia, perto da hora do almoço, Boa Gente pintou de novo, trazendo um robalo pro Jacques. Sibyl se reconciliou com o marido, mas levou ainda um bom tempo com o tratamento do outro. A gente até que passou bem nesta casa: comemos pampo-da-espinha-mole, vermelho, namorado, olho-de-boi, badejo, guaricema, caramuru, sororoca, mero, dourado, corvina, bejupirá... Depois, acho que Jacques enjoou de tanto peixe, voltou para sua terra. Sibyl também desligou-se mais do pescador, ficou onívora. Quando pensamos que ela tinha amansado a cobra d'água, Boa Gente atacou de novo.

— Deu em cima de você?

— Não. Ele tem queda por louras. Um belo dia pintou em casa de Judite com a mesma da manha, alegando que não dormia desde que viu nossa amiga dançando de biquíni na praia. (Judite, de fato, curti essa onda). Chegou com um papo idêntico ao que tinha usado na catequese de Sibyl, inclusive no arremate, com pouca variação: “Olhe, moça, o meu estado! Não pego mais no sono por causa deste infeliz, dia e noite inchado, que nem baiacu dondon. A senhora, por caridade, me dê um socorro!” Judite mirou a peça e respondeu, com toda a calma: “Tudo bem. Espere um pouquinho”. Daí foi ao quarto e voltou com um lança-perfume comprado em Buenos Aires; de surpresa, deu um jato no pirocão, que no mesmo instante desabou. Boa Gente soltou um berro e saiu correndo, apavorado. Nunca mais quis conta com gringa paulista, como ele diz.

— Mas Sibyl?...

— Ah, ela abriu o apetite, de vez. Agora cismou pra meu lado: é só alguém me querer que ela ataca, vai lá e confere. Traçou Marcelinho, depois agarrou o Marlos, que andava encantado comigo (taí um favor que ela me fez!) e há pouco queria comer você. Tá marcando touca: só pega o que eu deixo.

Neste ponto, Isabel soltou uma risada e voltou-se para me beijar. Pareceu-me ainda mais bonita. Fiquei animado, a morena também: enfiou a mão na minha cueca, e brincou:

— Poxa, não tenho éter... Como faço com isto?

Justo nesta hora, Marcelo entrou no quarto, meio que cambaleando:

— Ôi! Tudo bem, meus amores?

Disponibilizado gratuitamente pelo autor na quarentena. Abril de 2020
www.ordepserra.wordpress.com

— Tudo bem! — eu respondi, enquanto o rapaz guinava para seu pedaço de domicílio e caía dormindo no colchonete. Aí eu peguei a rir e rolei pra cima da morena. Logo nos enlaçamos e brincamos até de manhã.

XXX

Já me peguei no embaraço de muitos enganados. Essa descoberta sempre me escandaliza. Fico espantado com a oscilação do meu entendimento, com sua fraqueza. Quanta miragem, quanta cegueira! Parece que em certos momentos enxergo ralos fantasmas e não atino com o imediato, não dou com o sentido das coisas, não percebo o que se passa diante de meus olhos.

Assim foi, por exemplo, na minha história com Cíntia: depois de uma briga à toa, fiquei turvo. Não vi seu amor por trás da raiva. Um grave erro de julgamento fustigou-me no quê da querela. Tomei por fruto de interesse o desgosto de minha querida com minha suposta leseira, quando ela me teve por frouxo na conversa com o mano, no episódio da trapalhada por ele feita (a meus olhos, a meus pobres olhos) com o patrimônio da gente. Diabos, eu devia saber que Cíntia era altiva demais para entregar-se a esse tipo de cálculo. Era pra ter notado logo o que só depois compreendi: ela detestou me ver em papel de bobó e assumiu meu amor próprio com tanta força que o deixou escadeirado. Estava enganada, é certo. Mas fui eu quem a perturbou com a falsa impressão.

Mãe Laura me surpreendeu da mesma forma positiva. Por minha causa ela censurou o filho de sua carne, passou muito tempo irada com ele. Essa descoberta me encabulou. Na base da pura suposição, eu tinha chegado a lhe atribuir indiferença para comigo, uma atitude que não combinava com sua pessoa. Tenho de confessar que poucas vezes foi justo, poucas vezes compreendi o amor sincero de minha mãe.

E o mano... Que ruindade lhe emprestei! Achei que era seu propósito dar-me as costas, garantindo seu bom proveito. Um absurdo, bem vejo. Na verdade ele fez o negócio maluco — que afinal deu certo — pensando em nós todos. Isso mais tarde nos provou. Do mau juízo que dele fiz ainda custo a me perdoar.

Esses mal-entendidos se alimentaram de minha precipitação. Aconteceram numa hora em que eu estava ansioso por sair da velha estrada, mudar o rumo de minha vida. Mesmo não sabendo, era o que eu mais desejava.

Coisa feia: cedi ao ressentimento, a fim de romper os laços fortes.

Mas não foi só isso. Pois não fingi que fui magoado por minha gente. Sofri de verdade essas mágoas — que lancei na conta do seu suposto desamor.

Aí está uma velha raiz de erros, fonte de muitos enganos meus: o receio de não ter importância para quem amo, de ficar à margem de sua vida real. Só por um motivo simples essa desconfiança maluca não me venceu de todo, não me pôs lesado para sempre: é que não confiei nela, tampouco.

Venci a dúvida estudando sua curiosa construção. Notei que ela tem duas partes, opostas e inseparáveis. Uma é toda negativa, com motor de nulifício; a outra é feita de esperança na verdade. As duas se correspondem como, num arco, a madeira e a corda. O ajuste entre os dois elementos tem de ser perfeito, harmônico. Caso contrário, tudo se estraga: o arco perde sua música, a flecha cai no vazio.

Depois de examinar essa máquina, matutei devagarzinho e fiz outras descobertas, olhando pro lado oposto. Notei que algumas certezas se realizam em mim de um modo muito especial, que não depende do constatar. Elas escapam do claro regime do raciocínio comum. Não nascem de análise, nem de busca, nem de apurada observação.

Darei o exemplo mais poderoso que encontro no bloco de minha experiência: uma passagem que vivi ainda miúdo e até hoje se acha acesa em minha memória. Foi um breve instante, sim, mas a brevidade não o gastou.

Certo dia, passeando comigo em nosso quintal, Vovó indicou-me um trecho ajardinado onde havia uma ciranda muito bonita de cravos, narcisos e girassóis: “Meu filho, taí o cantinho preferido de sua mãe. Valéria dizia que este lugar era seu mundo”.

A esta simples frase, a vista das flores me turvou. Lá estava o mundo de minha mãe, ausente dela, para todo o sempre... Como era possível uma coisa dessas? Porque ainda existia a leira vã? Com que direito?

Mal acabei de formar este louco pensamento, nova clareza me arrepiou. Foi quando entendi que assim mesmo vou sumir de meu horizonte, no sem fim de um belo dia. Fechei os olhos, recusando a visão sem justiça das flores ingratas. Me senti, naquele instantinho, que nem o herói de uma anedota maluca.

Taí a história: um pobre homem, resolvido a se terminar, fez um último passeio, a fim de despedir-se das coisas. De tudo se arrenegava, dando graças a si mesmo por seu projeto. A cada passo, uma ironia: zombava do visto, fazia pouco do que escutava. Foi

assim até que encontrou um casal de namorados trocando alianças. Só então seus olhos se molharam: “Ai, coitadinhos! Mal sabem que hoje de tarde eu vou acabar o mundo...”

Bem desse modo eu reagi na hora zozna, junto à leira de minha mãe: temi pela luz do dia que é certo eu não amanhecer. Mas logo voltei à vera: a saber que irei meu só, caindo do tempo pela invisível brecha de nada. Então o mundo perdeu-me o sentido, destrambelhou com seu fantasma. As coisas firmes e duráveis considerei as mais absurdas, com a realidade impensável de que adiante me apagam — e sai-me da lógica. Adoecei da imaginação. Me apavorou o espelho vazio que come as imagens, devora as presenças, apaga a visão. Será o que a gente nunca aceita...

Bom, pelo menos eu. Penso o contrário de um mestre afamado que assim explicava seu desassombro:

— Não há que temer a Vizinha de Todos: quando ela chega, nós saímos.

Penso diferente: se a Ingrata me aparecesse com cara de monstro, eu achava melhor. O máximo horror, para mim, é o vazio sem forma nem figura, o buraco negro onde não cabe pensamento.

Só por isso, eu até gostava de ouvir as histórias da Maria sem Falta, da Tira Tempo, da implacável Rainha das Máscaras. Na boca do povo, no rio das lendas, a Descriadora veste mil formas de inquietude: é ave implume de todas as penas. Vem a ser a Dama de Paus, a Velha da Foice, a Mãe do Mandu, a Parteira das Almas, a Igualadora, a Vence Tudo, o Anjo Barqueiro, o Vulto sem Volta, o Guardador Que Nunca Devolve, o Ladrão de Mundo.

Estranho? Não. Nas águas reais da poesia, é natural que se veja com muitas faces quem rima a sorte e nos desata um ror de tramas, a Fiandeira do Fim.

Eu cá não fujo de pagar-lhe meditação. Pelo menos na ideia, não me escondo mais da Certíssima. Pensando bem, foi justamente ao dar-me conta de sua força de sina que primeiro me deparei com a luz acesa da consciência. Admirei-me de ser este homem que nunca mais haverá no mundo, ente único, embora composto, fruto de carnes antigas, com traços de muitos antepassados, mas singular e distinto — quando nada, no raio da lâmpada interior cujo lume breve me cinge a mim.

Não alcancei por etapas o vasto campo desses pensamentos, que nunca chegam como depois se explicam. Não ponderei, nem discorri. No mesmo ato me compareceram todos os passos da viagem: na hora parada em seu horizonte, na leira erma de minha mãe.

Às vezes me volta esse arrebatado, criador de novas centelhas. Não é filho único. Pertence à raça dos que chamo de *sentimentos lumeiros*, uma cepa que se desdobra em ramos vários. Há traços comuns a todos eles: uma inclinação de abismar, um poder de choque, o voo de pássaro entre ideia e sensação. Em sua roupagem prevalece a clareza. O estado intelectual em que eles me colocam se acusa por uma impressão de evidência fortíssima, que nada justifica. A rigor, carece de fundamento.

Dois tipos merecem destaque. O *lumeiro brusco* ataca o juízo com saltos de dançarino estouvado. É assim: de uma hora pra outra, um lugar conhecido, a paisagem que tenho de cor, o ambiente onde me acomodou o hábito, ou ainda o sucesso trivial e a cena conforme a expectativa, quanto mais considero, mais acho sem lógica — mesmo que esteja tudo certo. Ou principalmente se tudo está certo.

No quadro geral dessa disposição podem acontecer-me estados de ânimo diferentes. Por vezes me dá gana de rir de tudo, acho cômica a maluquice da existência. Ou senão me pega a melancolia: ora a tóxica, marasmática, ora a ligeira, agradável, que se dilui num banzo sem pátria.

Outro ramo da mesma raça é o *lumeiro caprichoso*, que tem um toque macio, gestos de seda musical. Chega suave, discretamente. E logo me empolga. Então o trecho de mundo usado, o panorama velho das vistas, o costume fosco, os objetos triviais, tudo se renova numa luz harmônica — e entre elementos que eu antes não relacionava descubro correspondências profundas. Coisa, lugar ou pessoa que eu veja pela primeira vez num momento assim ganha um valor bem vivo, se enche de graça transbordante. Tudo canta, segredo aberto que não acaba. É um tempo de descobertas e encontros inexplicáveis, quando acontecem coincidências faiscantes: garimpo vislumbres e faço fortuna, uma santa riqueza não sei de quê. Excitado, eu me disperso nos sinais do mundo e as coisas que toco ficam sonhando.

Os lumeiros se pintam de imagens, colecionadas ou não. Já explico: a ideia da coleção nasceu de certa mania que cultivei quando garoto. Cismei de guardar na lembrança coisas miúdas a que ninguém ligava muito. Nessa recolha, não me

interessavam as belezas apreciadas por todos, as vistas famosas, como a ponte na curva do rio, a capela soberana do morro. Eu reconhecia o encanto das paisagens festejadas, mas cismeiei de dar preferência às formas de pouca duração.

Comecei escolhendo recantos humildes em nosso quintal, iluminados de um modo zonzozinho pelo canto das cigarras, pelo segredo verde-arisco de um lagarto, pelo súbito aviso de um bentevi. Passei a honrar touceiras breves em alvoroço nas mangas, cactos em falhas de lajedo, murundus descabelados com seus tufo de capim a fazer acenos, plantas que rasgavam muros, desenhos de musgo em paredes úmidas, manchas de óleo na superfície de poças, palácios de ferro velho, uma lâmpada tardia com frufu de mariposas. Acompanhava o penacho do trem a descer o presepe dos montes próximos, reparava no voo espumante da neblina madrugadeira a soltar-se dos morros. Prestava atenção especial aos trechos sombrios subitamente enfeitados por fitas de luz que escorriam entre ramagens, pingos de sol furando a copa das árvores. Meu pensamento unia retalhos de antigos telhados que eu gostava de apreciar quando subia à gaiola dos sinos. Com o mesmo espírito estudei a plumagem da chuva, a dança das folhas no funil do redemoinho. Gravei desenhos de nuvens a demudar-se no céu e a tremer no corpo do rio quando uma turbulência lhe feria o espelho. Venerei um carro branco que se perdeu na neblina e mostrava apenas os faróis acesos. Memorizei até monturos, de tom espantosamente festivo.

Nunca pensei em recolher fisicamente essas imagens. Do modo como eu lidava com o assunto, não teria graça. Minha arte era só isso: eu descobria um lugar, um aparecimento bonito, e copiava com os olhos. Pouco antes de adormecer, puxava o rol da lembrança, como quem corresse um mapa.

Mas logo surgiu um belo embaraço: a matéria de minha coleção era inquieta demais. Mudava muito. Aumentando, embaralhava-se: alterava e confundia seus elementos. Havia muitos desperdícios.

A coisa se complicou quando entendi de ampliar as colheitas *caçando ecos* (era assim que eu chamava essa atividade). Cá está o método: de repente, no que as pessoas conversavam sem reparar em minha presença, muito de propósito eu me distraía, botava a ideia bem longe, na linha da desatenção, a fim de não entender as palavras. Pegava só a correnteza da fala, o jogo sonoro.

(Esta maluquice me veio de duas fontes: do meu amor ao burburinho da feira e dos cantos incompreensíveis de certos discos de mãe Laura, chegada a óperas).

Os *ecos* que eu guardava com pouco viravam figuras, muito remexidas. Passado um tempo elas voltavam a soar, mas de forma novíssima.

E desapareciam.

Não sei quanto tempo durou minha mania. Já disse que tinha dificuldades com a coleção. Primeiro defeito grave: essas coisas não podem ser dadas. Outro problema: minha riqueza era incontrolável.

Ainda posso rever alguns dos antigos sinais. Sei que certas coisas eram de meu reino, porém suas imagens adoecem da consistência: mudam de uma hora para a outra e me escondem tenazmente o seu valor original. Fecho os olhos e tento voltar ao mundo que elas compunham, sou arrebatado por sua força, mas em nenhuma das formas ondulantes encontro a paz do primeiro encanto. Assim rodopio num baile doido, no labirinto de espelhos onde perdi minha coleção.

XXXI

Isabel puxou a cortina e um buquê de sol se despetalou no meu rosto, cortando-me o sono. Despertei com uma alegria de bicho solto, no deleite do tempo livre. Sentei-me na espuma e passei meu olhar por um trecho de parede onde tinha um mandala. Dei bom dia ao amor e ao mundo, mas voltei a deitar-me. A morena reclamou:

— Ande logo, preguiçoso! Chega de moleza! Até Marcelo, que curtiu um porre fenomenal, já se mandou. Vista este maiô que peguei dele e vamos à praia.

Aí eu tive de me levantar. Tomei um banho, vesti a sunga do amigo, calcei suas sandálias havaianas e saí com a morena.

A caminho da praia, expus minha teoria dos sentimentos lumeiros. Isabel criticou:

— Tem que mudar a nomenclatura. Aquela classe de malucamentos que te arranca da rotina e vai do banzo ao desbum merece outro nome. Não gosto de *brusco*. Melhor *lirônico*. Modéstia à parte, os lumeiros que você chamou de caprichosos na verdade são *isabelinos*. Sabe o que seria genial? Um sentimento mestiço de isabelino com lirônico. Pô, com certeza é um estado superior de iluminação, coisa pra PHD de guru. Esse lumeiro deve existir. Será o estado psicofosfórico, eletromístico...

— Da zabelê transcendental.

— Perfeito. Viu como a gente se compreende? Isto prova a existência de Deus. Vamos à barraca do Aloísio, que ele tempera muito bem o símbolo de Cristo.

Daí a pouco chegamos à Praia dos Artistas. Chamou-me a atenção um rapaz de calça jeans rasgada nos joelhos, camiseta desbotada de um azul muito claro, mochila às costas. Tinha um belo rosto, longos cabelos, barba curta. Parecia o Coração de Jesus. Com ele estava uma garota de longo vestido verde, chapéu florido. Isabel me cochichou:

— Aqui aparece muito hippie. A turma do bairro embola tudo, acha que a gente é hippie também.

Encontramos na barraca o pintor barbudo. Conversamos um tiquinho, dividindo o peixe frito. Ele disse à gente que ia ao Curuzu, ao encontro de Vovô, líder do bloco Ilê Ayê, número um da Bahia. Ficamos de ir ao ensaio, talvez nessa mesma noite.

No meio da conversa a morena me apontou um gazo de cabelos de dendê, óculos dourados na ponta do nariz, escandalosa sunga vermelha. Falou que ele se chamava Espírito. Uma figura.

Daí ela foi botar sua toalha na areia e eu entrei no mar. Nadei por uns dez minutos. Quando voltei, Isabel conversava com um grupo de amigos: o gazo de nome Espírito, Zé Power e Judite. O casal de amigos nossos tinha chegado enquanto eu nadava. O sarará tinha a palavra:

— Passei a noite estudando a peça, ouvindo atentamente a gravação, lendo e relendo o manuscrito que Vossa Zepotência me mandou. De um modo geral, gostei. Tua tragicomédia subverte o cânon ao principiar por um falso clímax. O totem furioso descomeça tudo, o prelúdio se interrompe de modo cruel. E há certa coerência no todo: na última cena do drama, a inicial *quase* se recompõe. A gente fica com a impressão de que a apoteose será realizada. Mas a corrente se quebra de novo. Quando cai o pano, fica bem claro que a crise continua. Em suma, a crise é tudo.

— Explique melhor — Judite pediu.

— Nesse drama nada chega a termo. Nem mesmo o fim do mundo: a humanidade vai para a lua, frustrando o velho apocalipse. A memória terráquea não se resgata: permanece incompleta. Tem um trecho obscuro que os sábios de Novatellus não decifram: justamente o Brasil.

Todos concordamos e o Espírito foi em frente:

— A crise tremenda junta começo e fim. O primeiro ato da peça se resume a uma série de tentativas de espetáculo, todas frustradas. No segundo, a mesma coisa. Com uma novidade: um simples relato tenta preencher o vazio da ação paralítica. Mas a narrativa do sonhador que desperta de um sono profundo não consegue este efeito.

Eu contestei:

— Homem, a cena me impressionou. Tomei um susto da porra com o piripaque de Renê. E sua história me convenceu. Pombas, ele quase morre de verdade. Ficou por um fio. O discurso que o danado fez quando saiu do desmaio foi chocante. Até agora não sei se ele estava só representando ou se a vertigem foi real.

Judite e Isabel concordaram, mas o Espírito me ignorou:

— Isso não importa. Prestem atenção a minha análise. Na sequência do drama, o maculelê acadêmico tenta esconder o buraco das ações incompletas e falha do mesmo jeito. Sua coreografia sofre rude interrupção: o ataque do almirante misógino com seu zunidor. Mas o pirata solene tampouco tem sucesso. Termina fugindo da matilha invisível junto com os varões risonhos, os insensatos que gozaram com o sumiço espantoso das mulheres. A propósito, Zé Power, gostei de teu desafio. Foi uma ideia perversa substituir o coro trágico por uma cachorrada que ninguém vê. Mas então, o que sucede?

Zepê fez cara de paisagem e o Espírito prosseguiu:

— Uma catástrofe. O teatro sucumbe. Aliás, a peça inteira mostra apenas seu desastre. Já no Prólogo, o regente perde o controle do drama. O Autor/Diretor/Maestro se mostra sem autoridade, um ZP impotente. Não é, meu amigo? Um alter-ego que te contradiz e ao mesmo tempo te revela.

— Cara, não blasfeme — Zé protestou — *Eu* não sou eu. É outro, *ganz andere*: imagem d'Aquele que ninguém conhece, caricatura do Inefável. Sua impotência é mais aparente que real. Seu poder suporta a fraqueza: nela se esconde, com muita ironia. Pode-se ver nas entrelinhas dramáticas que Eu, digo ele, continua no posto de bambambam. Irrita-se quando perde o controle da criação e resolve destruí-la, mas está claro que se arrepende. Deixa correr. Daí em diante, finge ausência: recolhe-se atrás de novas máscaras. Se ele nos abandonasse de verdade, acabava tudo. Mas a peça prossegue, né? Normal.

— Como “normal”?

— O divino tem seus desvios — falou Judite —. Não sei se você notou, mas tem uma hora em que o maestro rege o silêncio dos músicos. Entenda: Mesmo de fora, ele manobra a peça toda.

Power ajuntou:

— É por aí. O personagem que chamo de *Eu* continua firme na direção, mesmo quando se afasta. Ou melhor, seu afastamento abre o caminho para o drama. Sim, o Arredio tem esse poder. A ironia do meu nome, que lhe emprestei, reflete a grande contradição: o jogo da força disfarçada, o vigor de quem desce ao zero, se anula, se veste de ausência, e ainda assim prevalece.

— Não será muito narcisismo?

— De jeito nenhum, Espírito. Admito que Eu se parece comigo, mas com ele não me identifico. No máximo, dá-se uma pequena semelhança entre nós. Taí o que temos de parecido: Eu é anônimo e o nome que uso só me esconde. É minha forma de combater sua presença devastadora. Desse jeito nego meu ego.

— Que há com seu nome? — eu indaguei.

— A família, os colegas de escola e os amigos sempre me chamaram de Zé Paulo. O apelido que uso na ribalta me foi dado por um idiota que me acusou de prepotência. Era um ator muito fraco e vaidoso, não se conformou quando o tirei do elenco, numa encenação do Hamlet. Adotei o nome com que ele queria me desqualificar. Virei Zé Power. Já nem me reconheço no nome de batismo. E lá se foi o estigma.

O sarará protestou:

— Power, isso não altera em nada minha tese. Deixe que eu prossiga.

— À vontade.

— O Interlúdio deixarei por último: nele é que está o xis, o busílis, o buraco negro, o pecado mortal da peça. Vejamos logo o terceiro ato. As duas cenas que o formam não se ligam: uma delas se projeta num futuro longínquo, a outra num passado remoto. A futuríssima é a anterior, de modo que fica mais acentuada a falta de um nexo normal, o implacável rasgão da narrativa, que nada pode suturar.

— Veja bem — Judite interrompeu. — À primeira vista essas duas cenas não se relacionam. Uma delas mostra um futuro improvável de *science-fiction* e a outra representa um passado mítico: a Primeira Missa, assistida pelo elenco da ópera *O Guarany*, com batucada simultânea. Mas o passado desta cena e o futuro da anterior não são passado nem futuro: são momentos fora do tempo, que até se superpõem.

— Sim — o Espírito admitiu —. Mal uma cena submerge na escuridão, principiam os movimentos musicais da outra, que toma seu lugar graças ao palco giratório. Só que a coisa não se completa. A fusão é imperfeita. As duas cenas transcendem o tempo histórico, é verdade, mas o fazem de formas distintas: uma aponta ao princípio, a outra ao fim de um processo. Ora, em boa metafísica, *princípio* não se reduz a um fato que precede outros, nem *fim* significa apenas última parada. *Princípio* é a manifestação do possível e *fim* a realização das possibilidades. Ou seja, é uma coisa negada o tempo todo no drama. E tem mais: a última cena do terceiro ato coincide com a

do prólogo, mas não por acaso a aparição do futuro precede. A escuridão do intervalo que liga e desliga esses momentos corta a linha de narrativa, sempre obrigada a recomeçar.

— Você está forçando a barra — Isabel contestou. — Não há verdadeiro recomeço.

— Pense bem — insistiu o rapaz — No primeiro ato há um impasse dramático, que é reafirmado com a frustração dos números do espetáculo. Isto lembra o transtorno do prólogo. Dá-se a mesma coisa no segundo ato e no terceiro.

— O problema é outro — a morena rebateu. — Sua análise falha por dois motivos. Primeiro, o que chama de “recomeços” mascara avanços reais. Segundo, você erra porque ignora uma coisa fundamental. A peça de *Zé tem* um clímax. Imagine você que está assistindo a uma missa e de repente entra um índio na igreja, tasca uma flechada no peito do padre.

— É uma proposta muito avançada em matéria de liturgia — o Espírito falou. — Só não creio que o clero aprove.

Nós rimos. Isabel retrucou, irada:

— Falo sério, anjinhos. Se querem saber, eu me preocupo muito com esse barato. Sou religiosa pra caralho. Penso que todo ritual, por mais vazio que se encontre, guarda lembranças de alguma revelação. Vejam esse caso da missa. Quando *Zé* nos descreveu a cena que estamos discutindo, eu fiquei toda arrepiada: ela invertia uma situação que vivenciei.

— Como assim?

— No ano passado eu fui a Porto Seguro com Marcelo, justamente em abril. No dia 21 tocamos para Santa Cruz de Cabralia, onde ia ter a missa comemorativa do Descobrimento. Armou-se uma puta cerimônia. Tinha um bando de portugueses fantasiados e tinha os índios, os pataxós que lá sobrevivem. A assistência era grande. A princípio não prestei atenção, mas teve um lance que me balançou. Foi na hora do ofertório. Os coroinhas trouxeram para junto do altar uma índia, evidentemente ensaiada, e ela ergueu nos braços o seu bebê. Ofertava a criança, porra! Dava o indiozinho ao insaciável deus dos brancos que já tomaram tudo de seu povo. Olha, cara, me deu uma coisa. Meus joelhos tremeram, foi uma puta revelação. Crueldade pura. Funcionou pacas, pelo menos comigo: o espetáculo que eu tava achando mecânico, chato, de uma pompa

varzeana, virou uma peça extraordinária. Eu senti que era tudo verdadeiro, que era *mesmo* a primeira missa. Se Cabral aparecesse, eu não me espantaria.

— Bel, que beleza, que experiência linda! — exclamou Zé Power.

— É verdade. Foi tão bonito que vomitei. Mas só estou contando este caso para mostrar que o lance da missa faz sentido no teu drama, funciona bem.

— Ainda assim — retrucou o Espírito — o que afirmei continua valendo. A peça do Zé tem esse clímax da flechada, mas ele não constitui um desfecho que resolva o drama. Encerra um paradoxo.

— Sim. Na missa que imaginei, em vez do sacrifício do Filho dá-se o do padre — brincou Zé Power.

— Em suma, o sucesso não é definitivo. O drama explode — emendou o crítico. — Taí por que o segundo ato precisa ser mudado, livrado de um peso morto. Serei mais claro: Você cometeu um erro, Power, ao sapecar-lhe um interlúdio que o compromete seriamente.

— O que tem de mais o interlúdio? Qual foi o erro, pombas?

— Você pecou, comprometeu a peça toda ao incorporar uma frase que se acha na última fala de Isabel, nesse mesmo trecho, depois das récitas. Não percebe? O desajuste se revelou mais adiante, quando você fez o adormecido despertar.

Eu indaguei, muito intrigado:

— Xente, porque o homem não acordaria?

— Questão de lógica — ele respondeu —. Na fala que relembrei está dito com toda a clareza que o santo louvado por Isabel apenas sonha. Fica a sugestão de que a peça toda é um sonho seu. Assim sendo, ele não pode acordar sem que tudo acabe. Desse ponto em diante a comédia se torna gratuita.

Nesse exato momento uma moça que vinha num bug acenou para o sarará e ele partiu a seu encontro, despedindo-se de nós com um aceno majestoso.

Zé Power comentou, risonho:

— Bela saída, viram? Brusca, seca, perfeitamente teatral. Usarei este lance no próximo drama. Pô, fiquei até emocionado. A segurança dos críticos me comove.

XXXII

O domingo foi puxado: ultrapassou a barra da madrugada, esticou-se além do tempo que lhe dava o calendário. Foi muito longe: comeu a segunda, comeu a terça e um bom pedaço da quarta. Banho de mar, show dos Novos Baianos na Concha Acústica, ensaio do Ilê Ayê, teatro, cinema, festa: um redemoinho. Só no meio da semana voltei à pensão. Minha nova namorada tinha ensaio, entrevista, sei mais o quê. Na quinta nos reencontramos e ela me anunciou que Marcelinho tinha mudado de cômodo. Me senti mais à vontade no aconchego da Boca do Rio. Plantei-me lá.

Às dez da manhã do sábado eu deixei a querida na cama e fui tomar banho. Encontrei Nina e Tina aos beijos sob a ducha. Recuei, fui em busca do desjejum. Na cozinha tinha café, que Sibyl fez. Comprei bolacha, pão e queijo na padaria. Depois de comer com a morena tornei ao banheiro, de onde Marcelo vinha saindo com as moças amorosas. Fiz de conta que achava tudo normal.

Isabel juntou-se a mim: dividimos água e sabão. Saí do banho à vontade, só de sunga. A morena botou um pareô e chamou Sibyl para ajudar na decoração do cafofo. As duas colaram na parede as estampas que comprei na galeria do Rio Vermelho. Daí a lourinha decidiu que precisava pôr um desenho no intervalo. Me quis de modelo, pediu que eu tirasse a roupa. Fiquei encabulado, mas a danada insistiu e Isabel ajudou: com muita manha, chegou por trás e baixou minha sunga com um gesto rápido. Aí não teve jeito. Em pouco tempo, Sybil desenhou-me nu, com o crescente na mão direita, a outra tentando cobrir a rola. A loura é bamba no carvão.

Coisa de duas horas depois Judite apareceu com perguntas sobre os unicórnios. Falou que daí a uma semana ia participar de um espetáculo no Museu de Arte Sacra, dançando em honra dos esquisitos. Eu disse logo que nada sei a respeito desses animais, de sua raça ignoro tudo. Tina se lembrou de um poeta de Feira de Santana que é especialista no assunto: Antônio Brasileiro, se bem me lembro. Falou que ele tem uma criação.

Assim que a dançarina saiu chegou a camionete com minha encomenda. Instalei o bureau perto da janela, mudando a cama-espuma de posição. Improvisei uma estante com tábuas e tijolos. A morena anunciou que eu já tinha um escritório e foi mexer nas minhas

coisas. Logo se entreteve com um pequeno álbum onde guardo algumas fotos. Admirou a beleza de Cíntia, impressionou-se com a figura elegante de Naná, achou Mãe Laura e Renato muito parecidos comigo.

— Mãe Laura me criou — expliquei. — Ela é irmã de Valéria, que me pariu. Mamei nos peitos de minha tia. Ela gosta de dizer que foi a primeira pessoa a tocar-me. Para o povo da cidade grande isso não é nada, mas no sertão é importantíssimo. Sou irmão colaço de Renato, além de primo carnal. Sua mãe me aparou, deu-me o leite e a criação. Na minha terra o leite liga quase tanto quanto o sangue. Em nosso caso juntou-setudo, as fôrmãs são próximas. Muitos pensam que somos gêmeos, Renato e eu.

— Pelas fotos, eu concordo. Você está certo em chamar o primo de irmão. Ainda quero tirar um retrato de Fedra junto com vocês. Se eu disser que são da mesma barriga, não passo por mentirosa. O seu maninho só discrepa no bigode. É quase tão bonito quanto você.

— Lá onde nasci o bigode é uma diferença importante. Dá grande vantagem ao mano. Minha cara limpa é uma falha, me nega o crédito. Dantes, eu ficava injuriado com isso. Até briga já arrumei com pessoas que consideram a barba um dever do homem. Quanto à sua amiga, o que sei?

— Fedra é um pedaço de mau caminho, rapaz. Enlouquece os homens. E as mulheres.

— Fico encabulado quando você me fala dessa garota. Quase tenho medo de conhecer. Minha cabeça já vive atrapalhada com parentes e parecidos.

— Qual é o grilo?

— Tive duas mães, ou melhor, três: Naná, minha avó, mãe de todo o mundo; Valéria, que me pariu, e Laura, que assistiu esse parto com a barriga na boca, deu-me de mamar e me criou. Já meu pai Saturnino e meu tio Ricardo, eu tive e não tive. Do tio me lembro vagamente. Eu tinha uns seis anos quando ele morreu. Do meu pai pelo sangue, não tenho memória.

— Ainda bem que lhe sobraram mães.

— Pois é. Vovó se preocupava com isso: de vez em quando ela nos mandava passar dias com os primos, “com o povo que mija em pé”. Tinha medo de que a gente pegasse os modos de mulher.

— Você pegou. É um homem gostoso com tempero feminino.

No resto da manhã a morena aplicou-se ao estudo de uma peça de teatro e eu me entretive com meu diário. Quando a fome apertou, combinamos de almoçar no Marisco, no Rio Vermelho. A caminho do ponto de ônibus falei do meu encontro no banheiro com Nina mais Tina. Disse que estranhava aquele chamego. Isabel ficou séria, me interpelou com dureza:

— Estranhou por que, rapaz? Elas se amam. Homô não é a minha, mas respeito a escolha dos outros. Não vejo motivo para você se incomodar.

Reconheci que ela tinha razão, que falei bobagem:

— É a porra do preconceito, que eu nem quero ter.

— Pois livre-se dele de uma vez, não seja burro. E deixe de injustiça. Fique sabendo, essas garotas são gente boa. Tina eu considero muito. Ela me apoiou numa hora amarga. Aprendi com uma experiência ruim o que é a barra de mulher quando a gente vacila. Não teria superado o tombo sem sua ajuda.

— O que lhe aconteceu?

— Da primeira vez que vim a Salvador instalei-me em Pituaçu com umas garotas que tinha acabado de conhecer. A gente vivia curtindo, na base da cabeça fresca, sonho-Bahia, sacumé? De vez em quando, pintavam uns filhinhos do papai paquerando a gente. Eu não ligava muito pros caretas, mas certa vez um deles encarnou em mim e acabei topando. Entrei no seu carro, numa boa. O cara me levou pra um lugar beleza, que eu não sei onde é exatamente. Sei que tinha um corregozinho no mato cheiroso, não longe da praia. Fiquei encantada com a paisagem. Ao saltar do carro, fui logo tirando a roupa. Daí peguei uma flor amarela de um arbusto, botei no cabelo e entrei no riacho pra me molhar, toda alegre. Quando saí, me sentei na margem, só com os pés dentro d'água, e chamei o garotão. Ele veio com um sorriso torcido. Em vez de sentar-se a meu lado, apenas dobrou um joelho. E deu-me um empurrão que me botou deitada. Aí disse, com uma cara estranha: “Ande, perua, chega de charme, venha pro castigo.” Levei um choque. Fiquei lesa, parada, mas o sacana não perdeu tempo: tratou logo de me abrir as pernas e foi metendo, de vez. Nem tirou as calças, o filho da puta. Quando chegou junto de mim, já tava com o zíper da braguilha descido. Aí me escancarou, e tratou de se enfiar. Eu não tava nem um pouco preparada, tava sequinha, entende? Doeue pacas. Só não gritei por

honra da firma. Mordi os lábios e enchi os olhos d'água. O pior é que não tive ação. Fiquei entregue, parada. E o calhorda ainda reclamou: “Porra, cachorrinha, mexa-se! Você veio aqui pra foder, não foi?” Só então eu tentei reagir, meti-lhe as unhas e fiz força pra tirar de mim o desgraçado. Mas o filho da mãe tava soberano, tava todo dentro e muito bem montado. Livrou a fachada, deu-me um tapa e empurrou minha cara de lado, contra a areia. Amoleci e o sacana ainda me apertou o seio com força. Aí não aguentei, dei um grito. A sorte é que ele gozou na hora. Gozou e saiu, glorioso. Eu fiquei ainda um pedaço deitada, acachapada. Depois me arrastei até o riacho e caí de joelhos na água. Fiquei me lavando não sei quanto tempo, molhando bem o rosto pra disfarçar as lágrimas. O boneco chamou: “Vamos, garota, não quer uma carona?” E eu tive de aceitar, nem sabia onde estava. Durante todo o percurso de volta ele falava macio, elogiando minha chochota. Eu queria morrer. Prendia o choro com um esforço tremendo. Quando me deixou, o bom menino ainda foi gentil: “Obrigado, perua. Adorei você!”

— Que filho da puta! — eu disse, trêmulo de raiva. Isabel vinha contando este caso com uma naturalidade que não sei de onde tirava, de mãos dadas comigo, pelo meio da rua. Embora não houvesse ninguém por perto, pra mim era como se o mundo todo escutasse, rindo de minha cara passada. Me senti o rei dos cornos. E a morena continuou:

— Por sorte, a Tina estava em casa. Ela ficou acariciando meus cabelos, deixou que eu gastasse as lágrimas, depois perguntou se eu queria contar alguma coisa. Gaguejei um pouco, ela adivinhou o resto. Não fez perguntas. Só disse, uma coisa: “Menina, levante a cabeça! Não se culpe, se cuide. Você gosta de homens, tem que aprender a lidar com esses filhos da puta.” Eu achei incrível sua atitude. Logo quando nos conhecemos, ela ficou meio encantada comigo, chegou a propor um encontro mais íntimo e então eu fui bem sincera, disse logo que não curtia sua onda.

— Sim, ela foi decente — eu atestei, com um fio de voz.

— Com essa, aprendi: me cuide, não me exponho mais. Deixei de ser caça, virei caçadora. Quando quero um homem, pego no laço. Como fiz com você.

XXXIII

Marcelo juntou-se a nós no ponto de ônibus. Quis trocar o Marisco por um restaurante natural mas argumentei que a mariscada é naturalíssima: frutos do mar e dendê autêntico, filho de palmeira. Ganhei a parada. Assim que chegamos encomendei o prato da casa e tratamos de molhar a prosa com cerveja. Marcelinho tinha novidades:

— Ontem fui a uma festa na casa de Capinan e encontrei uns amigos nossos: Waly, Rogério, Rudá. Por coincidência encontrei também uma figura de que Lúcio me fez lembrar em nosso primeiro encontro. Recordam-se da história que lhes contei, da sueca em transe, cheia de latim?

— Ela estava lá?

— Não. Só vi o Doutor Coelho, que me deu notícias de Isidoro. Falou que nosso amigo se encontra numa fase difícil. Depois, Ramón contou o caso.

— Que aconteceu?

— Como já lhes narrei outro dia, a noite letárgica na casa do Zé Luís acabou em pagode: o doutor, o intérprete e as gatas da Escandinávia saíram juntos. O programa deve ter sido bom, pois eles voltaram a encontrar-se por dias seguidos. O quatrilha cessou no fim de um mês: o médico deixou o esquema e Isidoro entrou num pingue-pongue amoroso. Foi morar em Brotas com as duas suecas e um papa-mel. Com Ingrid fez tatuagens, com Hilde aprendeu tricô. Com uma criou piolhos, da outra pegou rubéola. Acabou amarradão, preso ao xodó svea. Um belo dia o trio amoroso tocou para Itaparica, donde saíram a navegar em barco alugado. Já longe da praia desligaram o motor e ficaram fumando uns charos. As moças deram a seu amado um licor estranho, negro e faiscante, que incendiou seus desejos. Depois de muito transar com as duas, ele adormeceu, extenuado. Acordou no começo da noite e viu que estava sozinho, deitado no centro do barco entre duas gaivotas de expressão gaviônica. Uma delas enfiou o bico no seu ouvido, a outra beliscou-lhe o pinto. O homem suspeitou das intenções das senhoras aves, tentou espantá-las, mas elas não deram a mínima. Aí ele pulou n'água, deu um mergulho comprido e quando veio à tona escutou risadas, não viu ninguém. Pensou em voltar para o barco, mas desistiu, porque viu de longe as criaturas na amurada, cantando árias ferozes. Decidiu nadar rumo à praia. Cansou-se logo. Por sorte, um pescador das redondezas o

encontrou boiando e o recolheu. Zidô passou três dias com febre alta. Semana depois, o grande Coelho encontrou as duas moças no aeroporto. Elas disseram ao doutor que tinham sido abandonadas pelo parceiro. Mas pareciam muito contentes.

— Um puta mistério — deduzi. — Que é feito do papa-mel?

— Sei não. Nem pensei no bicho, só uma coisa me encabula. Num passeio de escuna por esta Baía de Todos os Santos ouvi uma história parecida, mas com outros personagens: um frade e duas moças que ele encontrou numa praia deserta, na Ilha do Medo, onde foi meditar. As assanhadas seduziram o frei e lhe tiraram a virgindade num barco. Deram-lhe uma surra de amor, com muitas mordidas, depois saltaram ao mar e sumiram, que nem peixes. O barco adernou. O santo homem escapou nadando, mas ficou maluco. Toda a noite sonhava que era atacado por belas mulheres, muito ferozes, ou senão perseguido por corujas marítimas que na praia se transformavam em anjinhos de procissão e lhe arrancavam o hábito. Acordava sempre esfarrapado.

— Inda bem que no lance de Itaparica a desgraça foi pouca. Zidô sofreu muito menos — ponderei.

— É verdade. Como explicou o sábio Coelho, a aventura dele resumiu-se a uma viagem interior: uma vivência nórdico-tântrica que não comprometeu seu espírito. As sereias suecas apenas trincaram seu corpo astral.

— O problema é onde trincaram. As gaivotas, digo. O pinto astral lá dele deve estar um tanto prejudicado.

— Acho que Zidô foi o abandonado, sentiu dor no cotovelo e tomou um porre oceânico. Bad trip — a morena opinou. Marcelo confirmou:

— É o que penso. Zidô abusou na despedida marítima e quando acordou da ressaca só achou um bilhete das moças, tipo mensagem de adeusinho. Ficou ressabiado, mas esqueceu. Tempos depois ele foi visitar um francês que mora em Santo Antônio Além do Carmo e teve uma surpresa. Dimitri costuma promover tertúlias em sua mansão. Nesse dia tinha cinema: um filme do Parker. Um lance decisivo da história se passava em um barco, no mar noturno. Numa cena fantástica, duas moças louras, muito bonitas, saltavam alegremente para as águas, onde desapareciam no mesmo instante, com suas roupas de baile, suas bolsas e sombrinhas. Quando a câmara mostrou o interior da embarcação viu-se lá um rapaz estirado, em pose de defunto, com duas pássaras de

sentinela. Eram umas aves esquisitas, mistura de gaivota, cegonha e saracura, mas com garras horrendas de gavião. Ao ver esta cena Zidô deu um grito. Reconheceu as namoradas e achou que o rapaz do barco era ele mesmo, ou melhor, seu duplo: o Doppelganger, como diz o Coelho. Pirou, saiu correndo.

Nesse ponto meteu-se em nossa conversa uma senhora elegante que saboreava uma moqueca na mesa ao lado, em companhia de um cavalheiro muito distinto, de terno, gravata e boina. Com expressão carregada, a madame sentenciou:

— Esse Isidoro eu não sei quem é, mas ele fez bem em fugir.

Marcelo indagou-lhe o porquê e a boa mulher explicou:

— Já viu agouro pior? Me lembra uma história que escutei no rádio, ou assisti na tevê, talvez no cinema. A fonte não recordo bem. Mas é um episódio da vida real. Trata-se da aventura de um rapaz americano que sonhava muito com uma dona bonita. Um dia ele viajou, foi passear na Europa, acho que na França, mas pode ter sido na Alemanha, ou na Suécia. Saiu esse galã andando à toa pela cidade, sem programa traçado. Na beira de um cais ele viu uma moça idêntica à que tinha costume de aparecer-lhe em sonhos. O moço ficou embelezado. Hesitou um pouco, mas finalmente tomou coragem e deu um jeito de falar com a dona. Conversa vai, conversa vem, acabou contando à criatura que a tinha visto muitas vezes, que ela era sua conhecida de sonho. A moça ouviu tudo com atenção e foi simpática, disse que ficava contente de ter visitado o juízo de um rapaz tão legal, mesmo sem perceber. Aceitou seu convite para dar uma volta, pois admitiu que o aparecido não era bem um estranho. Não que ela sonhasse a mesma coisa, se contentava em ser sonhada, mas tinha outra aproximação: o moço turista, segundo ela disse, lembrava muito seu último esposo. Revelou então que era atriz e recentemente tinha feito com o ex um filme que se achava em cartaz num cinema próximo. Assim que ela fez o convite, o americano aceitou, foi assistir a película em sua companhia. Na tela passava-se a história de um casal meio perturbado. Eles se amavam mas não se entendiam. A heroína da fita descobriu, ou imaginou, que o marido tinha um enredo com uma americana sonhadora. Ficou com tanta raiva que decidiu ir-se embora, desprezando choros e súplicas. O esposo desesperado encheu a cara e ficou plantado diante de um televisor que mostrava o filme de seu casamento. Justamente nessa altura a atriz pediu licença ao convidado: disse que não aguentava assistir a próxima cena. Falou com carinho: —

“Espero que você resista” — e saiu aos prantos. Na cena que ela não quis ver, o herói do filme enfartou. Acabada a sessão, acharam o pobre turista duro e gelado na sua poltrona, mortinho da silva.

Mal a vizinha acabou de contar-nos essa tragédia, seu companheiro atacou:

— Amigos, perdoem a intromissão. A história que minha mulher lhes contou nós só conhecemos através da mídia, que não é de confiança. Talvez não passe de novela. Mas o caso que vocês estavam comentando me pareceu familiar. Como era mesmo o nome das louras de que falavam, as amadas de seu amigo?

— Ingrid e Hilde — lembrou Marcelo.

— Conheço muito bem as duas, são minhas conterrâneas. Creiam, meninos: as suecas de Itabuna são muito perigosas. Ingrid e Hilde são dois anjinhos do baixo astral.

Dito isso o cavalheiro levantou-se, cumprimentou-nos com uma vênia e saiu de braços dados com a companheira. Por alguns instantes ficamos em silêncio, que Isabel finalmente rompeu, mudando de assunto:

— Escute, Lu: por falar em astral, sei de umas pessoas que podem ajudar-nos muito na pesquisa do luaréu.

— O povo dos discos, não é? — Marcelo adivinhou. — Você me falou que conhece essa turma, já andou com eles. Ainda curte essa onda?

— Não cheguei a me envolver, mas circulei no pedaço. Numa viagem que fiz a Brasília conheci um camarada chamado Pontual, que entende muito do assunto. Ele me levou a uma fazenda no cerrado, a Guariroba, onde se transa essa ligação. A fazenda é um negócio dele com Gil e outro baiano, o Roberto Pinho. Tinha lá uma comunidade que curtia os ufos. Era um grupo ligado ao General Uchoa, que já se comunicou com a nave do Comandante Ashtar Sheram. Não cheguei a ver os ufos. Pra fazer o contato é preciso meditação. A turma experiente sente dores nas articulações no que os ovnis se aproximam. Tentei meditar e fiquei ouriçada, mas não senti porra nenhuma. Tenho dificuldade com esse tipo de coisa. Sou de Touro, sou muito terra. Mas fiquei conhecendo pessoas legais, ufólogos autênticos. Os da Bahia são muito respeitados. Em Pítuaçu tem o Abílio, que a turma chama Telê Sideral. Dia desses vamos lá conversar com ele. Será importante para tua pesquisa. Já me disseram que os ovnis acompanham todos os passos dos astronautas da terra. Eles devem ter plena ciência do luaréu.

— Mas como ter acesso...?

— Por intermédio de nossos especialistas. Eles trabalham com método. São organizados, embora não entrem na caretice da academia. Comunicam-se com os etês por canais telepáticos. Abílio é autoridade no assunto. Com sua ajuda consultaremos os bambas do alto, quem sabe o próprio Ashtar Sheram.

— Assim seja! — falei, com entusiasmo. — Hoje mesmo eu passo numa farmácia e compro uns vidros de linimento.

XXXIV

Bem na hora em que a mariscada chegou Isabel lembrou-se de uma coisa que eu tinha prometido contar-lhe. Falou que era uma história de amor no meio do luaréu, um romance com santo no meio. Comecei explicando:

— Santinho foi apelido que ele ganhou em menino porque era muito sossegado. Seu nome de pia é João Rosalvo. Nasceu na Pedra Branca, no mesmo sertão donde venho, de pai e mãe portugueses. Aos vinte e oito perdeu os dois num desastre. Herdou um armazém, um sítio, uns prédios, uma fazenda com um rebanho de zebus: um bom patrimônio. Vendeu o gado, ampliou a casa de comércio, botou uma prima na gerência e fez para si um ateliê. Sua vida sossegada agitou-se de repente por conta da visita de uns cientistas a nossa terra.

— Uma equipe?

— Um casal: o Doutor Jovino e a Doutora Délia. Eles tiravam amostras de sangue do povo, faziam testes de laboratório, pesquisavam não sei que disgrama. Paravam o cristão no meio da rua, repuxavam-lhe as capas do olho, tomavam-lhe o pulso fazendo *hum, hum*, pediam a todo o mundo que lhes mostrasse a língua. Diziam que a população inteira estava doente. O carteiro Chico foi entregar-lhes a correspondência e se viu rodado: foi pesado e medido, examinado de todo jeito. Tiraram sua roupa, colheram seu cuspe, seu sangue, seu mijo. Ainda queriam que ele cagasse numa latinha. O infeliz adoeceu da impressão.

— Coisa de alopatas ferozes — Marcelo se indignou.

Eu continuei:

— Os cientistas ficaram amigos de Santinho. A Doutora Délia visitou seu ateliê, fez lá uma grande compra, voltou no dia seguinte e posou para um retrato. Daí em diante, todo o santo dia, os dois passavam horas conversando. Ficavam sentadinhos num banco de praça, muito comportados, incomodando o juízo do povo (“O Doutor Jove é corno ou não é?”). Com coisa de um mês, o casal de médicos foi-se embora. Passada uma quinzena, a formosa Délia voltou sozinha e se instalou na casa do amigo. Santinho ficou no céu. Deu à hóspede as joias da mãe e plantou um jardim para seu deleite na entrada do bangalô, onde também ergueu um pombal. A médica preferia o sítio, onde fazia tiro ao

alvo e andava a cavalo. Dedicava boa parte do tempo a desenhar com o namorado. Socorria os pobres de Deus, distribuindo remédios. Fez muitos partos. Era gentil, mas sua empregada lhe tinha medo, dizia que a doutora se levantava no meio da noite para dançar nua na sala, feito uma assombração. Sua dança atraía corujas e vaga-lumes. O casal vivia no denço, entre beijos e bosquejos. Um dia, porém, o mundo rodou errado na cabeça deles, escureceu os pincéis. Na boca da manhã a doutora entrou no carro e foi-se embora como tinha vindo: sem maiores explicações. Na hora, Santinho não disse um ai. Parecia calmo. Na manhã seguinte, o vizinho dele acordou com um pipoco. Quando chegou à porta viu João Rosalvo recarregando a espingarda com chumbo miúdo, entre pombas a debater-se no triste jardim do bangalô. Tentou impedir a matança e levou coronhada na caixa dos peitos. Chegou um guarda com seu apito. Rosalvo foi preso. Com um lápis de carpina, traçou na parede da cela um mundo de garatujas e um anjo a cavalo, armado de foice. O anjo era mesmo que ver a doutora.

— Que onda!

— Santinho era artista — expliquei —. Desde menino desenhava que era uma beleza, fazia quadros maravilhosos, na certa por influência do pai. O velho Gonçalves tinha sido escultor, pintor e mestre de obras em Amarante. Ao chegar aqui o português largou tudo, dedicou-se à pecuária e se deu muito bem, fez logo dinheiro. Ao descobrir o talento do filho, deu-lhe toda a força.

— O velho era bom no ramo das artes?

— Só conheço uma obra sua: o pequeno santuário de São Gonçalo que vi na sua fazenda. Ele mesmo o construiu e fez as estátuas. A imagem do homem de Deus tem lá uma estranha companhia: ladeiam seu nicho dois belos demônios, plantados mais embaixo. Por causa dessas figuras o português criou fama de excomungado, nome de feiticeiro. Mas sempre achei seus diabos simpáticos. Formam um parzinho agradável. Tanto o macho como a fêmea têm aparência jovial. Eu era criança quando os vi pela primeira vez e eles não me fizeram medo. Porém teve gente que se assombrou. O pessoal chegado à igreja chama de herética a obra do luso, sua linda capela.

— Lúcio, querido, veja só a coincidência — falou Marcelo. — Nunca fui a tua terra, jamais soube desse escultor, mas acho que sei a explicação da heresia dele. Conheço Amarante, centro do culto de São Gonçalo. Fica em Portugal, à beira do Tâmega. Tem lá

um casal de diabos que antigamente ficava na igreja, depois botaram num museu vizinho. Segundo os historiadores, essas estátuas já não são as originais, infelizmente queimadas numa guerra, ou por ordem de um bispo, não me lembro bem. O diabo macho do par antigo foi o primeiro que botaram no templo. A princípio só tinha ele, mas tantas confusões aconteceram no lugar que o povo desconfiou: entendeu que era arte do Cujo a protestar contra a solidão. Fizeram-lhe uma companheira e o sossego voltou.

— Ah, que romântico!— fez Isabel.

— O romance foi complicado. Um turista inglês comprou a diaba, levou embora. O povo de Amarante se enfureceu e tantas campanhas fez que recuperou seu tesouro. No dia da volta houve festança: multidão foi receber a bela roubada e a carregou em procissão para junto do marido.

— Eles devem ser casados no religioso — opinei.

— Com certeza — concluiu Marcelo. — Mas prossiga, meu caro. Perdoe esta interrupção diabólica.

— Tudo bem. Deu-se que Santinho virou um pintor de sucesso. Tem admiradores até nesta capital. Ele não é um santeiro que nem o velho, mas seus quadros também são místicos. Me lembro de uma Virgem montada num jegue, consultando um mapa. Um São José de botas, com bernal e chapéu de vaqueiro, conduz a Esposa gentilmente, puxando as rédeas do jerico. O Menino Deus vai num caçua, chupando umbus. No cofô da banda oposta dois anjinhos se divertem com um berrante.

— É a fuga para o Egito. Ou talvez para Juazeiro — Marcelo interpretou. Eu continuei:

— Uma tela sua criou polêmica no meio onde eu trabalhava. Mostra um capeta gorducho comendo moedas num prato fundo. Ele quis dar de presente ao banco, o gerente não aceitou. Todos diziam que o Tinhoso era seu retrato. Outro quadro extravagante do mestre da Pedra Branca eu só conheço de fama. Não cheguei a ver. Quando ele o pintou, eu ainda morava com uma tia, nesta capital. Santinho o vendeu a uma senhora inglesa. Era uma Santa Ceia muito feminina: Jesus com doze apóstolas.

— Beleza — a morena aprovou. — Mas diga lá, meu bem: no conjunto, o que você acha da obra de seu conterrâneo?

— Admiro muito. Comprei sua Madalena, inspirada em Maria Perfeita. Dei a tela de presente ao mano, que a levou para São Paulo. A Santa Luzia adquirida por minha mãe se parece muito com a doutora, a julgar pelos retratos dela feitos por seu artista. Sim, gosto de tudo que ele fez. Na minha cidade o padre critica, mas o povo reza com devoção diante de muitos quadros seus: os Reis Magos com o zabumba, São Gonçalo rodeado por dançarinas, São Lázaro zozzo, saindo da cova, São Miguel com um facão dando carreira no diabo. A Nossa Senhora do Parto que ele pintou na porta do hospital recebe velas o tempo todo. A direção teve de botar castiçais no pé da parede. A doutora lhe serviu de modelo, mais uma vez. No terreiro de Dona Chica o mestre pintou uma Cabocla que o povo de santo venera. Dizem que sua Euá também faz milagres.

— Tá me parecendo que esse rapaz é muito religioso — Isabel falou.

— A arte justificou seu apelido de Santinho e lhe deu sossego, por algum tempo. Um dia, porém, quando todos achavam que ele já tinha superado a mágoa, nosso artista pegou a espingarda, foi ao Jardim Público e fez um massacre de aves municipais. Dessa vez, não apanhou. Não ofereceu resistência e já gozava de prestígio. Até Magno relevou, quando soube do caso. Chegou a gabar-se do acontecimento numa reunião de prefeitos, orgulhoso porque os colegas da região não tinham, em suas terras, um doido desse quilate. Dizem que elogiou muito o Santinho: “O cabra é forte na pintura, tem competência de riscador. De vez em quando, empomba. Há duas coisas que ele não perdoa: bicho de pena e boceta de médica”.

— Muito interessante a mania do bicho.

— Dessa vez, o pintor ficou à vontade no cárcere. Recebeu encomendas do prefeito, fez na prisão uma espécie de ateliê. Mas quis a sorte que então sucedesse o barabadá do luaréu. De acordo com Paulo Marlene, foi Santinho quem primeiro ecoou na cadeia o grito de Heraldo, batendo palmas num burundum anabrótico. Fora o berro, não participou do arranca-rabo, da turumbamba da consequência. Simplesmente sumiu. Como, ninguém me explica. Apolônio, meu colega de Banco, fez uma hipótese capenga.

— Vamos a ela. Teoria manca é melhor do que nada — fez Marcelo.

— Segundo Poló, enquanto os outros presos iam pro centro do comércio, na tibórnia do espalhafato, Santinho tomou o rumo da rodovia, do balão que tem na boca da

cidade. A doutora o esperava l. Sem que ninguém visse, ela pegou o amado e o levou embora no seu carro branco.

— Não entendo muito a hipótese de seu colega — Isabel comentou. Essa doutora, qual era a dela? Abandonou o namorado e depois o salvou, milagrosamente?

— A teoria de meu amigo é complexa. Baseia-se no que lhe contou Eulâmpia, a companheira do Praga de Mãe.

— Porra, que nome escroto! Quem é o infeliz?

— Diogo Carcereiro, um meganha com uma história desgraçada. Contam que ele tinha um irmão chamado Diego, com quem brigava o tempo todo. A mãe na cama e eles dois aos tapas... A velha morreu de desgosto. Suas últimas palavra foram na forma de um castigo: agourou que os filhos perdessem a vida assim que tocassem numa mulher. Tempos depois Diego morreu em cima de uma quenga.

— Eita praga! O nome do infeliz tá explicado. Mas o que isso tem a ver com a teoria de Poló?

— Já te conto.

— Agora não — pediu Marcelo —. Estou atrasado para um compromisso e não quero perder essa novela.

— De acordo — falou a morena. — Eu também preciso ir andando. Marquei com Nan no Teatro Castro Alves e meu relógio tá nervoso. Por favor, meu bem, guarde o resto do caso pra daqui a pouco.

Depois que Marcelo tomou seu rumo Isabel e eu pegamos um táxi. Saltamos no Campo Grande e nos despedimos na entrada do teatro. Daí toquei para a pensão. Combinamos que ela me pegaria mais tarde e me levaria de mudança para seu cafofo.

XXXV

Antes de fechar a conta descansei um pouquinho no quarto. Deitei-me na cama e fiquei matutando. Meus pensamentos eram de Isabel. Só, na penumbra da madorna, via-me embebido de sua presença, uma claridade no coração. Sim, eu já tinha conhecido mulheres encantadoras, mas aquela morena era especial: tinha o poder de uma alegria luminosa a acender-lhe os olhos em fogo de beleza. Era brilhante, sensual, fantástica.

Magoou-me a lembrança do caso que ela havia narrado, de como foi montada na marra por um bruto, um cretino, um filho da mãe. Lamentei sua ingenuidade, mas admirei coragem que ela teve de contar-me a história, mostrando seu lado fraco. As pessoas que agem assim são as mais fortes do mundo. Já o vexame que me tomou no momento não foi nada nobre. Eu temia que alguém a ouvisse e me desse o papel de corno. Coisa de débil, de imbecil.

Senti raiva do bruto e de mim. Furioso, xinguei o burro sacana, desejei-lhe todo o mal do mundo: a fome, a gota, o vexame, a sarna, a bicheira, a peia, a hemorroida de rosca, o tifo, a maleita, a febre do custipio rajado, a mofina, a bexiga lixa, o reumatismo com treme-treme, a urucubaca, a desdita, a peste, a espinhela caída, o ramo, a tinha, o cagaço, as prestações do BNH.

Soltas as pragas, senti-me aliviado. Levantei-me, peguei um caderno em que botava as lembranças. Abri num trecho em que refazia uma conversa com Cristiano.

Devo a Renato a ocasião dessa entrevista. Na época ele estava em Jequié, donde me enviou uma encomenda por intermédio do caminhoneiro. Fui pegar o embrulho na pensão onde o cabra dormia em cama larga, no quarto de Milena, a dona da casa. Puxei conversa indagando quando seria sua próxima viagem. Cristiano roncou sua pompa:

— Não estou direto na estrada. Além dos empregados antigos tenho agora Firmino mais Irineu e Zelim, com três ajudantes: um time que há de crescer. Comprei uns truques novos e botei armazém. A cidade está progredindo e eu quero acompanhar. Ainda caio na estrada de vez em quando, mas não é como antes.

— Agora você só transporta cargas, não?

— Sim, senhor. Algodão, sisal, arroz, de tudo tenho levado pelo mundo afora.

— Menos gente.

— Desse artigo não quero frete.

— Mas você já transportou muito pau-de-arara.

— Por caridade. Que só me deu aborrecimento.

— Desde 69, não é mesmo?

— Entrei o ano de setenta a carregar cassaco, feito um doido. Não sei de que você está falando. Sessenta e nove, só com mulher.

Sorri. Cristiano Rolê se comportava como eu tinha previsto. Temia a revelação de torvos segredos. Suspeitava que eu já conhecia alguns.

No dia seguinte topei com a filha de Milena, uma cabrocha muito jeitosa, que pegou a me dar bola. Entrei no jogo, que logo compreendi. Foi um erro do cabra da peste. Aglaia se interessou por mim de verdade. Por seu intermédio fiquei sabendo de uma viagem do brucutu com uma leva de presos que nunca voltaram. Muito mais eu descobriria se a minha namorada não tivesse embirrado. Foi ela quem me cortou essa linha de pesquisa.

A lembrança de Cíntia me pinicou. Levantei-me, vesti a roupa. No bureau achei um bilhete, um recado da dona da pensão: um médico me havia telefonado duas ou três vezes. Fiquei intrigado, sem imaginar quem fosse o doutor. Por fim lembrei-me de um check-up que tinha feito, logo ao chegar, quando pensava em candidatar-me a um emprego em Camaçari (a firma exigia esses exames). Nem peguei os resultados. Isso já não me interessava. Arranquei a folha do bloco de recados, amassei, fiz umas embaixadas com a bolinha de papel e falei alto, pensando no Banco:

— Adeus, cadeia!

Ouvi, então, umas vozes no corredor:

— Lá está ele a sonhar de novo.

— Coitado, é uma gracinha, mas parece que tem um parafuso de menos.

— Não sei dos parafusos, porém tá provado que esse bonitão tem mau dormir. Há pouco passei por aqui e escutei clamores: ele rogava tanta da praga a um animal que me arrepiei. Na certa, sonhou feio com o bicho.

Uma senhora hóspede e a empregadinha medrosa é que falavam de mim. As duas eram cheias de dengos pra meu lado. Dei risada e elas se afastaram, nervosas.

Deitei-me de novo. Reli a carta de Poló e fiquei a lembrar-me dos colegas. Senti saudades do amigo do peito. Os outros não me importavam. Isto é, Celestino e Heliodoro eu continuava estimando, apesar de tudo. Nunca os rebaixaria ao mesmo nível de um Antônio Carlos. Quanto a Clariválter, dependia da hora e das hemorroidas: podia ser um excelente amigo, ou um perfeito sacana. Zuza pouco me importava, assim como Fernando Henrique, o tempo todo em cima do muro. Morotó, sempre desprezei.

Lembrei-me também dos conterrâneos. Reconheci que Irineu é gente boa. De Paulão nem quero saber, merece diploma de puxa-saco. Lola é uma beleza. Tivemos um rápido chamego quando ela brigou com o namorado. A aventura não durou, mas foi semente de amizade. Tenho um grande respeito por esta colega.

No que eu ruminava as lembranças bateram à minha porta. Era Ana Paula, a arrumadeira, avisando que duas moças me procuravam. Deu-me também uma carta de Sigismundo, curta e enigmática. Tinha uma frase desesperada:

“Sonhei com Emma me dizendo que ainda não nasceu. Nem ela, nem Jennifer. Será possível? Ai, como essas gringas me fazem falta!”

Ainda a rir de tamanha saudade, peguei minha bagagem e me dirigi à portaria. A amiga de Isabel era uma garota de rosto alegre, brejeiro, com ar de menina, talvez por conta do nariz arrebitado. Tinha pele cor de jambo e corpo bem feito, uma graça de bumbum. Chamava-se Nan. Estava de carro e ofereceu-se para levar-nos.

Não seguimos diretamente para a Boca do Rio. Paramos no Rio Vermelho, onde o namorado de Nan a esperava. Era um rapaz atarracado, de cabelos compridos e barba grossa, metido num macacão de piloto de Fórmula Um. Estava sentado a uma mesa de bar posta na rua, na pracinha aos fundos da igreja de Santana. Ali nos detivemos saboreando cervejas e acarajés. Marcelo apareceu e incorporou-se à carona quando decidimos partir. Já era de noite no que o casal amigo nos deixou em casa e se mandou para Itapoã.

XXXVI

Depois do café fui descansar na varanda com Isabel e Marcelo. A morena deitou-se na rede, nós nos acomodamos numa esteira. Os dois me pediram que concluísse a história de Praga de Mãe e explicasse a teoria de Apolônio. Não me fiz de rogado:

— Poló passou uns tempos na carteira agrícola, de modo que viajava muito pela região. Num povoado de não sei mais onde ele encontrou a ex-companheira de Diogo, Dona Eulâmpia, tomando conta de uma barraquinha. Uma menina que estava com ela teve uma coisa, caiu dura. Meu colega deu socorro, levou a pequena a um posto de saúde. A mulher acompanhou, é claro. Medicada a criança Poló foi deixar as duas em casa. Tomou um café com Dona Eulâmpia e sua irmã, Dona Zozó, a mãe da menina. O marido das duas senhoras não estava no momento.

— Marido das duas? Caralho! Mas peraí, a Eulâmpia não era amante do Praga?

— Não, amante não. Companheirinha. O que você imaginou, querida, muitos pensaram. No Triunfo todo o mundo jurava que ela era concubina do carcereiro. Mas Eulâmpia disse a Poló que Diogo nunca a tocou. Ainda assim, tinha ciúmes. Jurou meter-lhe a peia se ela botasse os olhos em outro. A infeliz aceitou a vida de escrava por gratidão. É que Diogo lhe deu abrigo quando a encontrou na miséria, convalescendo de doença ruim. Ao sair do hospital a pobre viu-se na rua: seus pais tinham morrido, sua única irmã morava longe e os antigos patrões dispensaram seus serviços. Vocês sabem como é, tem gente que não acredita em cura de tuberculose. Diogo ofereceu-lhe casa e comida. Fez bom proveito da caridade: além dos serviços domésticos, tinha outra vantagem.

— Qual? Você disse que ele não desfrutou do bem-bom da moça — Marcelo estranhou.

— Sem mulher, um homem maduro provoca suspeita no sertão. Principalmente um policial, que na lei do povo tem de ser muito macho. E macho sem fêmea não tem garantia. Quando se referia a Eulâmpia o Praga falava, de boca cheia: “minha amásia”.

Assim mantinha as aparências, mesmo sem xumbrego. Tinha medo de morrer que nem o irmão.

— Entendo. Quase tenho pena dele — disse Isabel. — Mas vamos ao caso: como foi que a Eulâmpada se livrou do Praga?

— Ela soube que a irmã estava de cama e foi fazer-lhe uma visita. Praga consentiu, até dinheiro lhe deu para a viagem. A moça ficou lá um bom tempo. Só voltou por medo: temia que o patrão fosse buscá-la de taca na mão. Na volta achou fechadura nova na porta. O delegado lhe comunicou que Diogo fora despedido e que era bom ela sumir. Só lhe fez uma concessão: que fosse com um soldado apanhar seus panos de bunda na antiga morada. Eulâmpia soube por uma vizinha que o patrão passou vergonha na cadeia, apanhou dos presos durante uma fuga. Foi despedido e obrigado a mudar-se, mas chegou à terra natal com um enfarte, pronto para ser enterrado. Eulâmpia rezou por alma do infeliz e voltou contente para o lar onde já tinha novo estado: era vice-dona de casa, comborça da irmã.

— Comborça? Que porra é comborça?

— Em minha terra mulher chama assim a sócia de cama, quando um macho tem duas fêmeas, ou mais, e elas admitem. O cunhado tirou o selo de Eulâmpia. Não foi na marra: ela confessou à mana que tinha cedido a quem não devia e pediu-lhe perdão. Dona Zozó não se importou. Já não tinha saúde para dar conta do desejo do marido, era inevitável que ele procurasse outra fêmea. Melhor que fosse do mesmo balaio, assim tudo se resolvia de portas a dentro, sem maiores gastos. Ficaram todos felizes.

— Sábia Zozó! — disse Isabel. — Mas estou confusa. Com tanta história, perdemos a trilha. Eu queria saber da Doutora Délia, da teoria de seu colega.

— Já chegamos ao ponto. Eulâmpia disse a Poló que ao pedir licença a Diogo para visitar a irmã, ela o encontrou de bom humor, envaidecido, dizendo que ia ter sob sua guarda uma figura importante, um preso político. Segundo o meganha, desde muito se suspeitava de forasteiros que deram de aparecer na região. Desconfiava-se que eles faziam parte de um grupo subversivo com intenção de guerra contra o governo. O tal preso importante ele falou que usava o nome de Manoel. Esperava-se prender outros camaradas seus nos arredores. Eis a base da teoria. Nós imaginamos...

— Nós?

— Fui o primeiro a fazer essa hipótese, que logo abandonei. Meu colega criou-lhe apego. Imaginamos que a Doutora Délia e o Doutor Jovino pertenciam a um grupo desses que pegam em armas contra a ditadura. Seu trabalho de cientistas em nossa terra seria um pretexto para a ação política. Como Apolônio continua sustentando, os planos do casal não foram adiante porque, em nossa terra, eles só fizeram um adepto: Santinho, doutrinado/seduzido pela doutora. Nessa hipótese ela não o abandonou propriamente, nem ele foi preso por acaso: inventou um jeito de ir para a cadeia a fim de comunicar-se com o tal Manoel. As garatujas feitas na prisão seriam uma mensagem cifrada num código do grupo. Da segunda vez Santinho teria voltado à cana de propósito, com missão de guerra: deu o grito do homem na lua, senha do movimento. Na confusão soltou-se o preso, como supõe meu colega.

— Boa teoria — Isabel achou. Mas eu contestei:

— Tem muitos furos. Não temos prova alguma de que Délia, Jovino e Santinho se envolveram politicamente. Toda essa trama é fantasia livre e louca, sem pontos de apoio no conhecimento dos fatos. A de Eulámpia foi a única boca que nos falou de Manoel. Dele não ficou lembrança no miolo dos aluados. Santinho tampouco foi o primeiro a soltar o brado que seria o gatilho da confusão, a fonte do alalá. Quem fez isso foi o bêbado Heraldo, que o doido Diniz acompanhou. A gritaria brotou fora da cadeia, onde o pintor lhe fez eco. Também não posso crer que o procedimento alucinado de Santinho fuzilando as pombas tenha sido um artifício político. A paixão, o sentimento do amor machucado, eu admito que pode levar uma pessoa a um desatino assim. Mas valer-se de um gesto cruel contra bichos inocentes só por estratégia? João Rosalvo tinha boa índole. Se quisesse apenas chegar à cadeia passando por maluco, bastava-lhe correr nu pelas ruas.

— Concordo. Mas seria gratuita a informação de Diogo, o que ele disse à Pirilâmpia sobre o preso político?

— Sabe Deus! Aí é que a trama se enrola: se esse camarada existiu, evaporou -se no alalá.

— Tá bom. A coisa é mesmo complicada — suspirou Isabel. — Por agora, chega de enredo. Vamos à praia, meu amásio. É noite de lua.

XXXVII

Sábado azul. Concerto no fim da tarde, na capela do Museu de Arte Sacra, em Santa Teresa. Primeiro o Madrigal se apresentou com um programa de músicas da Renascença. Depois foi tudo pra lá de moderno, com peças de Lindenbergue Cardoso, Rinaldo Rossi, Widmer, Jamary. Em seguida houve números de dança, coroados por um solo de Judite. Magnífico. Um quarteto de cordas compunha o fundo da música. Uma poderosa voz de homem (uma gravação) encheu a capela com o recitativo. Os movimentos sutis da moça me embriagaram. Com crescente clareza eu via desenhado por gestos sutis o seu parceiro desumano. Procurei no bolso o canivete e apertei com força a mão de Isabel. O texto do recitativo estava no programa, que ainda tenho:

Pulsa turvo o tambor.

Chove no espelho.

*Um sopro de entreluz invade as crinas
do licorne de prata, e numa tela
hipnótica filtra seu encanto.*

*Mas a lâmpada negra muda o ritmo:
a besta se desfaz
e em pura chama
o ser de contemplá-la nos consome.*

Quando o espetáculo acabou Isabel e eu fomos cumprimentar Judite. Eu não contive o entusiasmo:

— Você é maravilhosa, mulher. Adorei sua dança mas confesso que me deu medo. Foi uma grande surpresa. Senti que você mudou de referência, alterou a figura, o personagem da letra. Seus gestos modificaram o poema.

— É verdade! — ela respondeu, com expressão de espanto.

— Você trocou o animal, não foi?

— Não tive outro jeito, meu bem. Descobri muito pouco sobre o unicórnio. Só achei uns verbetes de enciclopédia, fotos de tapeçaria francesa, nada claro. E por mais que

tentasse, não simpatizei com o chifrudo. Senti que não o domino. Depois, relendo um artigo, entendi o motivo: não sou virgem. Taí o grilo. Não posso dançar sem controle do tema, com figura que não governo. O licorne resistia, eu o substituí por outro animal.

— Um leão!

— Sim, meu amor. Uma fera linda.

— Não teve medo?

— Nem um pouco. Tenho experiência. Uma vez fui com um grupo de atores fazer laboratório num circo e fiquei conversando com a domadora. Ela perguntou se eu gostaria de entrar na jaula, mas avisou: “Se você tiver medo os animais ficarão agressivos”. Eu me concentrei, não tive medo nenhum. Curti os gatos amarelos. Cheguei pertinho, acariciei o dorso de um deles. Pensei nessas feras quando preparava a coreografia. Mas trabalhei mentalmente com uma só.

— O macho, não foi?

— Isso mesmo. Agora me diga uma coisa, Fedro: você reconheceu logo o animal?

— No princípio julguei que era a pintada. Porém onça, além de menor, tem um jogo de corpo muito mais oleoso. E um movimento bonito que você fez tornou evidente a cor de ouro, mostrou a riqueza da juba, descreveu a fera.

Judite sorriu:

— Fedro, você é um anjo!

Perto de nós encontrava-se um homem grisalho, de terno e gravata, com um livro que parecia uma bíblia mas tinha o desenho de um bode na capa. A seu lado estava um moço de olhos pretos muito abertos. Notei que o rapaz estremeceu quando Judite me fez o cumprimento. Imaginei que se tratava de um fã de minha amiga, mas era para mim que ele se voltava. Estudei de relance a figura: alto, magro, bem moreno, cabelos negros cacheados. Vestia uma calça jeans e uma alva camisa de mangas curtas, gola cacharel, com uma pintura esquisita no peito: um gavião entre labaredas. Dei-lhe as costas, voltando-me para Zé Power que falava do texto inspirador:

— Segundo Enoque esse poema foi encontrado nas paredes de um manicômio. Riscado a lápis, sem assinatura. O título que tem no programa quem botou foi o Professor. É dele a explicação da origem dos versos. A história tem jeito de lenda urbana. Deu-se o

na década de trinta: sete poetas desta cidade foram envenenados num coquetel de corno brabo.

— Envenenados?

— A esposa do anfitrião era muito lírica. Fez antologia na cama. O marido não gostou. Era vingativo.

— Há documentos do massacre? Nunca ouvi falar desse miserê.

— De documentos, nada sei. Passo adiante a novela do jeito que chegou a meus ouvidos. Ela corre mundo: no Rio, em São Paulo, em Floripa e Montevideú, ouvi falar dos Sete Envenenados de Salvador. Ramón me disse que todo ano a Academia de Letras da Bahia homenageia os defuntos líricos na data do atentado: sessão solene, missa e caruru.

— Pombas, comemoram a desgraceira?

— Não, não é isso. Os acadêmicos festejam a poesia dos sete amorosos. E sua ardente musa, de beleza inesquecível.

— Arre, mas foi uma chacina, pois não? Pobres poetas!

— A tragédia deles não foi completa. Só dois vates morreram logo, porque eram gulosos. Outros cinco sobreviveram com umas sequelas interessantes.

— De que tipo?

— Variado. Dois se casaram com marinheiras e um terceiro virou faquir. O mais novo dos náuticos tornou-se um mergulhador que meditava nas profundezas. O outro fez a cabeça e tornou-se babalaô. Morreu aos noventa. O fakir foi de muda para a Índia, nunca mais se soube dele. Os dois intoxicados restantes, que eram irmãos, ficaram de cuca mole. Mas não pelo tempo todo. Eram doidos simétricos, periódicos: um noturno e o outro diurno. Passaram um bom tempo no manicômio. Não se sabe qual deles escreveu os versos. Recentemente o maestro Paulo Lima musicou o texto resgatado por Enoque. Ele pediu e Judite fez a coreografia que vimos hoje. Pena que Enoque não pôde vir, teve problema lá no Rio.

— Zé, sua mulher é genial — falou a morena. — Não faz muito ela tava mergulhada num trabalho com meninos de rua, dançando com os pivetes um suingue bem brasileiro. Hoje parecia uma dama de Avalon.

A loura apontou-me e disse ao marido:

— Fedro percebeu. Não é incrível? Sacou a troca!

— Nada escapa aos olhos dos anjos — retrucou Zé Power.

Então o moço da camisa pintada fez uma volta e me encarou de novo, com uma insistência bem arregalada. Deu-me gastura. Lancei-lhe uma mirada braba, de alto a baixo e virei de banda, irritado. O sujeito grisalho arrastou o importuno.

Ficamos ainda um bom pedaço nos jardins de Santa Teresa falando com os artistas, com o mundo de gente que Isabel conhecia. Um magrelo explicava a uma moça que o poema era coisa de alquimia zen com yoga turca e um pouco de macumba, um sincretismo da porra. Outro, um cabra rechonchudo, dizia que era um negócio político: o unicórnio tarado vinha a ser o capitalismo e a lâmpada negra responsável pelo desmonte do bicho simbolizava a dialética erotizada, na linha de Marcuse. Ninguém tomou nota do leão.

De repente, atacou-me outra vez a gastura. Voltei-me com um frio de coisa nenhuma no cangote. O moço admiroso estava atrás de mim, a uma distância de dois metros, a olhar-me em linguagem de raios x, com disciplina de bacurau. Larguei Isabel entretida no papo com a turma e dirigi-me ao abelhudo. Indaguei-lhe, à queima roupa:

— Porque está me seguindo? Deseja alguma coisa?

— Só quero lhe fazer uma pergunta — ele falou.

— Então faça logo — intimei.

— Você é um anjo?

Achei que o camarada estava de gozação. Pensei em dar-lhe uns sopapos. Só porque não tenho barba não é razão para me estranharem. Mas fui paciente, adverti:

— Se compreenda, criatura. Vá rodando, entendeu?

O tipo então ergueu as sobrancelhas, balançou a cabeça com a convicção de um calango e pegou a girar, em rodopios cada vez mais rápidos. Depois de meia dúzia de giros me perguntou:

— Assim está bom?

— Chega! — eu falei, começando a crer que o infeliz não era forte do juízo.

— Mas você ainda não respondeu a minha pergunta. E eu não me compreendi.

Rudá interveio:

— O que foi, amizade? Resolveu dançar agora, depois do espetáculo?

— Só quero que ele me responda — insistiu o moço. — Rodei porque ele mandou.
Se for um anjo, está tudo bem.

— Ora, Teagá, anjo não responde a pergunta boba.

O rapaz voltou-se para mim, de mãos postas, com uma expressão gloriosa. Ficou imóvel por um instante, depois fez uma reverência profunda e falou:

— Príncipe do Céu, pelo amor de Deus, diga só uma coisa: estou livre?

Penalizado, eu fiz que sim. Ele agradeceu com nova reverência e deu a Rudá um papel que tirou do bolso, dizendo-lhe que me entregasse. Feito isso girou mais um pouco e foi-se embora com o engravatado, que o puxava pelo braço. Isabel me beliscou, doida pra saber que conversa esquisita foi aquela, que o outro rodava tanto. Passei adiante as perguntas, consultando Rudá. O amigo declarou que era uma história comprida. Contou-a num restaurante da Barra onde nos reunimos com Zé e Judite, à volta de um bobó:

— O homem que acompanha nosso carrapeta é o Mestre Coelho, um camarada especial, muito dotado: médico, astrólogo e bruxo. Cuida de Thiago.

— O moço? Você lhe deu outro nome...

— Sim. Um apelido. É que ao ser apresentado, ele sempre fala: “Thiago, com th”.

Faz questão da grafia velha.

— Entendo. O que se passa com ele?

— Teve um problema com a cabeça.

— Isto me parece evidente.

— Não é o que você está pensando. Foi uma coisa mais radical.

— Então explique, pelo amor de Deus.

— Teagá é um rapaz brilhante. Versátil como poucos, mas instável.

— Versátil, você disse ? Instável? E brilhante?

— Isso mesmo.

— Se é assim, ele me lembra uma pessoa.

— Quem, Lúcio?

— Meu irmão.

— Bom, vamos ao que importa. Thiago formou-se aqui em Matemática, candidatou-se a um doutorado na Unicamp e passou em primeiro lugar. Antes de apresentar-se ao programa deu uma volta pela Europa. Caetano me disse que um belo dia

o encontrou no centro de Londres, vestido de Apache do Tororó e abraçado a uma loura de metro e oitenta. Foi, certamente, no Dia D. Nosso camarada tinha ido a um show de Jim Morrison. Ele ama *The Doors*.

— Eu também — confessou Judite.

Rudá prosseguiu:

— Quando o show acabou Teagá saiu andando à toa, em êxtase. Perdeu-se nos labirintos da City. Cansado, entrou numa livraria e ficou bisbilhotando. É do tipo que entra em alfa quando vê livros. Foi parar diante de uma estantezinha meio escondida. Na mesma prateleira, estavam o Libre da Conexença de Déu, o Pópol Vuh, o Bardo Thödol, o Aurora Consurgens, o Vetalapankavimsatika, uma edição dos Hinos Órficos e dois títulos em português: um guia de teatros e um livro com jeito de romance, com o título de Alalá. Thiago pegou este último. Na página que abriu ao acaso viu um poema que lhe pareceu familiar. Na mesma da hora o decorou e dias depois o transcreveu. T'aqui, meu caro. Ele me pediu que te entregasse.

Com essas palavras Rudá passou-me uma folha de papel que logo lhe devolvi, pedindo que ele mesmo lesse. O amigo prontamente atendeu:

*Já nem me lembra quando comecei
este exercício de trevas:
convulsas linhas, pálidos metais,
vieram a fluir no tempo incerto
dos ícones, e um movimento abstrato
nos espelhos rezou-se. Entreguei à saudade
a dançarina louca
na ilha de marfim
(estrelas sobre cinzas
de pássaros combustos
revoando).
Atado ao mastro,
mal de meu coração escondi
a lua que ladrava.*

*Pertenci às terríveis sedutoras
com quem ainda hoje navego
— e o mar é bruma e sanha, mas o barco
tem as velas acesas.*

*Ó meu porto, navega!
Nada pode prevalecer contra o piloto divino
do sonho que flutua
feito lâmpada viva
à flor do seu sepulcro.*

Bati palmas. Os amigos acompanharam. Rudá agradeceu e continuou sua narração:

— No fim da leitura Teagá teve uma vertigem. Foi amparado por uma pessoa que acabava de entrar: uma loura muito alta, que vestia uma espécie de túnica de mangas compridas, toda estampada com motivos astrais. Tinha um cinto de cordões trançados, azul-amarelos, usava tiara de prata e brincos em forma de foice.

— Uma top model? — fez Judite.

— Top witch, provavelmente. Depois de agradecer Thiago contou à moça que é brasileiro, baiano, Apache do Tororó. Ela então o convidou para uma festa e o levou no seu carro branco. Foram parar numa colina de onde se via a famosa Torre. Era noite de lua. De uma van saltaram outras moças, vestidas que nem a grande loura. Eram seis. Traziam cestos e lanternas. Nosso herói achou um pouco esquisito o piquenique noturno, mas enfim... Nos dias de hoje, sabe-se lá o que é normal para as inglesas?

— Nem elas fazem ideia — disse Power.

— No alto do morro as moças estenderam um pano branco. Pediram a Teagá que se sentasse no meio. Deram-lhe vinho e um bolo salgado. Depois, ficou todo o mundo nu. As moças cantavam numa língua estranha. Finda a cantoria esfregaram o corpo do convidado com uma pomada cheirosa, de suave almíscar. Nessa altura do campeonato Thiago já não entendia chongas da festa das inglesas, mas teve uma inspiração quando Lori se pôs de quatro a sua frente. Diz que então se comportou como legítimo apacheiro:

cobriu a formosa, no estilo santo dos animais. Mal acabou a operação, outra moça tomou o lugar da líder. Assim, no devido tempo, ele tratou de todas.

— Quer dizer que comeu as sete, uma atrás da outra?

— Sim, senhor.

— Na gateza?

— Na gateza.

— Ai, São Tomás do Ferro Quente! E como acabou a função?

— Teagá despertou no outro dia, num hospital público.

— Exausto, né?

— Não. Apenas zozzo e apavorado. Conta que as moças o enrolaram com panos brancos e ele adormeceu que nem um bicho de seda. Em sonhos, viu uma mulher gigantesca, muito parecida com a Lori, sentada numa pedra, entre leões albinos (a cara do Hermeto Pascoal). Nos joelhos dessa dama luminosa ele avistou sua própria cabeça, a cantar. Aí teve medo.

— Não era pra menos — calculei.

Rudá arrematou:

— Nosso herói ficou tão assustado que gritou, interrompendo a ladainha. A Cabeça irritou-se profundamente: lançou-lhe grave maldição e ameaçou devorá-lo. Só depois que Teagá, com toda a humildade, pediu perdão por sete vezes, ela se acalmou, prometeu alívio: falou que ele apenas ficaria delirante, com febre na alma, por certo tempo.

— Quanto?

— Até que lhe aparecesse um anjo com sua aparência: moreno, bonito, de rosto liso e igualmente amalucado.

XXXVIII

Uma semana sossegada: pouco saímos. É que a morena tinha uns trabalhos. Um moço chamado Meireles tinha-lhe oferecido participação numa peça que estava montando e Marcelo conseguiu financiamento para o recomeço do filme. Isabel passou esses dias estudando seus papéis, fazendo ginástica e exercícios dramáticos. Eu também me ocupei, com meus cadernos. Só na terça-feira dei uma saída maior, por questão de negócios. É que pouco antes de ir para Salvador eu tinha vendido meu carro. Pretendia comprar outro assim que chegasse à capital, mas fui adiando, adiando... Enquanto estava no Garcia, não senti real necessidade: gosto de caminhar e ficava perto de tudo. Paleta e ônibus me bastavam. Com a mudança para a Boca do Rio, a compra do automóvel tornou-se imprescindível. Fui a uma revendedora, na Cidade Baixa, onde prontamente fechei negócio. Já saí com o fusquinha, meu Apolo XI. Em seguida passei na pensão e peguei a correspondência.

Abri logo o envelope enviado por Apolônio. Dentro dele tinha outro, contendo um bilhete de Renato e um retrato de Mãe Laura com a dedicatória: “Para meu filho querido”. Fiquei com os olhos molhados mas tranque a saudade no porão das ideias roxas. Anotei o endereço de Nato, com os telefones da casa e da empresa. Prometi a mim mesmo escrever-lhe sem demora. Fiquei na promessa.

O outro envelope era mais gordo. Me diverti com a leitura de um cordel enviado por Sigismundo: *Proezas da Moça Bondosa que Laçou o Frade*. Lembrei-me de que eu mesmo tinha passado ao poeta o grão do assunto, uma história de que Teo me falara por alto, uma única vez. O filho da puta deixou-me encucado: apresilhou o relato nas rugas da boca, nunca chegou a contar-me direito como foi a coisa. Sim, era o mesmo conto, bem desdobrado. Só que o texto do cordel não fazia referência nenhuma à Pedra Branca.

A explicação vinha na carta. Dá-se que a saga do frei laçado era bicho de sete cabeças, um rio de inúmeros braços, uma ave de arribação com plumagem variável, capaz de mudar de corpo. Não se prendia ao horizonte do lunispício. A semente do conto cruzou caminhos, atravessou tempos diversos, multiplicou-se e brotou em diferentes terrenos, mudando a folhagem de sua planta conforme o chão. Narrativas muito semelhantes foram

encontradas em lugares bem afastados uns dos outros. Só uma delas se relacionava com alalá e luaréu.

Da versão pantalunática eu princepei a colheita, mas foi o bravo Sabiniano que a realizou. Numa rápida passagem por minha terra, semanas depois que a deixamos, ele arrancou o relato de Teo. A carta de Sigismundo reproduzia o diálogo:

— Praga de igreja, Vosmecê anda em falta com gente boa.

— Eu? Logo eu? Em nome de Cristo, o que foi que eu fiz?

— Deixou de fazer. Está devendo narração a um amigo meu. Promessa é dívida, não sabe? Desembuche, não se faça de besta. Eu levo o recado.

— Não sei de que o senhor está falando.

— Não se faça de inocente. A história do frade, não lembra mais? Conte logo, antes que o sangue me suba às ventas.

Ao ver o nariz furioso voltar-se em sua direção feito um lança-chamas, o sacrista quase se borra, tratou logo de obedecer. Dias depois Sabiniano passou ao poeta a história esquipática. Teo explicou que a tinha ouvido da boca do finado Cipriano, que ele substituiu no ofício. Eis o enredo da versão sacristeórica:

No dia do alalá, quando um bando de loucos invadiu a igreja, o frei que lá rezava — “um homem bonito, mas muito medroso” — se apavorou com o tumulto e saiu correndo. Numa forquilha de três caminhos, perto da Roça do Inchu, cruzou com uma moça que vinha a cavalo. A dama entusiasmou-se, mudou seu rumo e disparou atrás do fujão. Era uma vaqueira de competência: num instante alcançou, laçou e levou embora o fradeco, sabe Deus para onde. Conta a boca do povo que ela desordenou o santo homem: tirou-lhe a virgindade e o manteve amarrado a sua beleza numa paixão sem limites. Há quem diga que o casal amoroso se estabeleceu num povoado à beira do São Francisco, onde ainda vive com a filharada. Outros garantem que a laçadora soltou a presa depois de matar o desejo e segue por aí, caçando amores.

Agora vem o nó: Sigismundo escutou a mesma história — melhor dizendo, quase a mesma — em meia dúzia de lugares, com variações muito ricas. Colheu em Minas Gerais a versão que privilegiou na composição de seu cordel. E mudou muita coisa.

O bravo Sabiniano também me escrevia, a propósito do mesmo assunto. Segundo ele apurou, a história do frei laçado corre ainda na Pedra Branca. Jaburu negou, mas um um tal de Mané Morcego — de que eu nunca ouvi falar — confirmou-lhe a ocorrência. Alexandra tinha dúvidas, hesitava entre o sim e o não: ora lembrava, ora esquecia. Já Veveia falou a Cirão que o caso se passou coisa de sessenta anos atrás, ainda em tempos de Morro Azul.

Achei razoável a conclusão do parceiro: no luaréu, o povo tanto delirou que viu até filme passado, muita fita sem cinema. E se embebedou de antigas lembranças.

Outra notícia que Nariz mandava me deixou confuso. Falava de uma Dona Eutélia que ele encontrou em Ipiaú, uma senhora elegante, muito bonita, encastelada num cabaré, cercada de adoradores. Conversa vai, conversa vem, Sabiniano falou no meu nome e a criatura derreteu-se. Bradou que me conhece e me adora, planeja fazer comigo sua despedida de solteira. Concluí que Dona Eutélia vinha a ser Maria Perfeita. Ela tinha largado o coroa de Ubaitaba por outro médico e planejava casar-se em breve. Mudou de noivo e de igreja, mas queria manter o padrinho. Seguia muito confiante na terapia amorosa.

Depois de ler as cartas dos camaradas tive um pouco de dor de cabeça. Tomei uma aspirina, bebi um gole de conhaque num barzinho, daí fui pegar Isabel em casa de uma amiga sua, no Rio Vermelho. Almoçamos no Extudo e voltamos logo para casa. Assim que enchi a barriga a dor de cabeça me largou.

XXXIX

Passamos dias inteiros quase sem sair da Boca do Rio. Amor, praia, exercícios dramáticos de Isabel. Conversas intermináveis com ZP, que reestudava a montagem do drama. Ensaio dos roqueiros na casa sem porta. Quadros de Babalu, figurinos de Cunha, festa de Oxum no Pilão de Prata.

Semana e meia andamos nesse ritmo. Depois passei a ficar mais só. É que por volta das quatro da tarde Isabel ia pro Vila Velha, dirigindo o Apolo. Voltava do ensaio lá pelas dez da noite, às vezes mais tarde. No entretanto eu labutava com a memória, rascunhando trechos de minha futura crônica.

Interrompemos a rotina numa sexta sem teatro. Nan apareceu com o namorado. Procuravam não sei o quê no pedaço. A arabaca do rapaz não pegou na volta e o mecânico indicou-lhes um ferro-velho. Eu me dispus a levá-los a sua casa, na Cidade Baixa. Daí a amiga fez uma proposta:

— Fomos convidados para uma festa na Pituba, hoje de noite. Vocês vão conosco, depois nos levam à Ribeira e dormem com a gente, lá em casa. Amanhã tem um agito imperdível em nosso bairro.

Sáimos às nove e pouco mas paramos no meio do caminho a fim de comer uns acarajés. Fizemos outra pausa num barzinho, por amor da loura fria. Tomamos umas três saideiras, ou mais. Chegamos ao prédio às dez.

A festa era no último andar, estendendo-se ao terraço. Na ampla sala, as pessoas espalhavam-se à vontade, em divãs, cadeiras, almofadões. A maioria se acomodava no tapete mesmo, onde tinha gente até deitada. Do cacho de lâmpadas no grande lustre central apenas duas ou três estavam acesas, porém havia outros pontos de luz: grandes abajures nos cantos. Próximo a um corredor ficava o aparelho de som. À volta dele uns três camaradas discutiam:

— É Clapton, cara. Deus tem preferência, para Ele nada é excessivo.

— Pombas, já ouvimos três vezes, né? Bota o Frank Zappa e tamos conversados.

— Ai, meu saco! Mamas and Papas, então.

— Parem com isso. Ravi Shankar, em nome da paz.

Foi quando um sardento interveio: botou um rock sacudido e ficou a mexer no disco, ora coçando o vinil, ora alterando o volume, de modo que o som crescia e minguava numa desordem interessante. A seu lado, um rapaz sem camisa, de cabelos presos num rabo-de-cavalo, raspava as cordas de um violão. No que acabou botaram um disco de Caetano e o rabo de cavalo foi sentar-se no colo de um gorducho. Nós nos ajeitamos no tapete, perto de Marlos, que tinha chegado um pouco antes. (Ele era amigo dos donos da casa). Uma senhora de torso nos trouxe batida em pequenas cuias. Marlos cismou de mostrar-me desenhos que só ele enxergava na parede. Me diverti tapeando: onde ele viu um gato, eu fingi que enxergava um telefone. Daí a pouco ele escutou a campainha. Recusei o charo.

A certa altura, notei que uma moça olhava para mim com insistência. Era linda, cor de canela, vestido azul muito decotado. Estava sentada no chão, quase defronte da gente, de mãos dadas com dois rapazes. Perguntou-me se eu me lembrava de nosso último encontro, no Baixo Leme. Isabel interveio, falou que tenho amnésia. A moça ergueu-se, juntou as mãos dos companheiros que seguravam as suas e pôs-se a dançar sozinha. Nos primeiros movimentos uma alça do vestido caiu-lhe pelo braço, um seio empinadinho ganhou liberdade. Seus amigos babavam de mãos dadas. Eu fiquei olhando de banda, até que surgiu outra garota e tive de dar-lhe atenção. Era uma baixinha de cabelos encaracolados, olhos de nelore, lábios pintados no tom da quaresma. Vestia uma blusa de botões aflitos (mal lhe prendiam a riqueza das frutas) e uma saia curtíssima. Tinha pernas grossas, cara de santa envenenada. Plantou-se de joelhos diante de Isabel, murmurando, toda beata: — *Ai, mãinha, como você é linda!* — e tascou-lhe um beijo na boca. Isabel afastou o rosto da criatura com delicadeza e jogou a cabeça para trás. Então ela veio pra meu lado. Beijou-me do mesmo jeito, depois aninhou-se: largou a bunda no meu no colo e afundou o rosto no regaço da morena. Sobraram as pernas para Marlos, que lhe tirou os sapatos e ficou a chupar-lhe o dedão. Isabel afagou os cachos derramados da criatura, mas pediu que ela desgrudasse. Então um rapaz risonho ajoelhou-se junto a nós e carregou nos braços a dengosa. Marlos foi atrás, miando. Nan nos chamou:

— Vamos subir? Lá em cima tem uma vista ótima.

A vista que tinha era o céu estrelado em que a lua deslizava feito um navio de seda. Tito encostou-se na mureta protegendo um espelho com a mão em concha. (Não era

o único, tinha mais uns quatro ou cinco malucos a encher o nariz de pó). Sentei-me com a morena no meio do terraço e Nan nos imitou. Perto de nós tinha um sujeito a fazer de estátua, numa pose incômoda: braços erguidos com as palmas das mãos a tocar-se bem acima da cabeça, a sola de um pé encostada no lado interno da outra perna, na altura do joelho. Uma dona falou que ele estava assim havia mais de uma hora, “fazendo a Árvore”. Disse ainda que o gajo costumava plantar-se desse jeito no meio da balbúrdia: durante o agito de uma festa, ou senão na rua. Escolhia os lugares tumultuados em busca de superação. Concentrava-se tão bem que o rumor do mundo não o perturbava. Não longe do Árvore tinha uma moça com roupa de malha, parada numa pose ainda mais difícil: apoiava-se no dorso dos pés e nas palmas das mãos, com os braços retos que nem colunas, alongando o corpo inclinado de modo a manter o busto bem erguido e a cabeça jogada para trás, a encarar o céu.

— Cachorro olhando para cima — disse um sujeito ruivo, sarará miolo. Protestei:

— Amigo, respeite a moça. Ela deve ser atleta, que nem o parceiro. Gostar de ginástica é direito seu. Por favor, peça desculpas.

— Não é atleta, é yogui — o sujeito corrigiu. — Fique frio, bicho. O que falei nada tem de desrespeito, é como eles mesmos chamam a posição.

Eu me benzi.

Encharcado pelo som, um grupo dançava de modo furioso. Daí a pouco homem do rabo de cavalo apareceu com seu geme-geme. Afastei-me discretamente, cochichei no ouvido de Isabel e fui ao banheiro.

No meio do caminho uma senhora me pediu um autógrafo. Já chegou com papel e caneta na mão. Falei que não era famoso nem nada, mas ela insistiu. Atendi pra me livrar da criatura, porém não botei meu nome: rabisquei outro que me pareceu mais adequado para a circunstância. Ela nem olhou o rabisco, agradeceu com lágrimas nos olhos:

— Você é um gênio, rapaz. Um astro. Pelo amor de Deus, não desista da carreira. Até hoje choro quando me lembro de sua morte. Foi uma cena linda.

Falei que não tinha morrido, mas ela nem ouviu.

Deixei pra lá. Com gente doida, eu não discuto.

No toalete dei com um trio muito alegre: duas moças e um rapagão desbraguihado. As garotas riam examinando a rola dele, que a mais velha pegou a

lamber. A outra me provocou — Quer mostrar a sua? — mas recusei. Foi quando ouvi um barulho dengoso: um casal se agarrava no box. Adiei a mijada.

No que voltei à sala a bela dançarina de vestido azul fez um brinde "aos nossos amores incompletos". Ponderei que ela estava me confundindo com outra pessoa. Ela riu e se pôs a dançar à minha volta, num bailado deslumbrante. Fiquei zozzo. Uma assanhada me tirou do enlevo: abraçou-me por trás, com força — *Vem comigo, Frei?* — e cafungou no meu ombro. Voz bonita ralhou com a jiboia, mandou que ela me soltasse. Agradei. Foi então que uma garota de óculos murmurou no meu ouvido:

— Não se arrisque à toa, rapaz. Aqui tem olho sujo, galera do mal, muito dedo duro. Saia devagar, não dê bandeira. Faça o que me ensinou: *festina lente*.

Me senti como quem invade sem querer o quintal de Santa Mania e esbarra em ninho de quiproquó. Festinha lenta? Deus é mais.

No que me afastava ouvi a jiboia dizer a outra criatura do mesmo naipe:

— Esse gajo há pouco deixou o convento. Santinho do pau oco, sacumé? Atualmente posa de astrólogo e bota banca de professor: ensina latim com putaria. Um tarado completo. Logo que largou o hábito envolveu-se com umas gatas da pesada. As sereias entortaram seu juízo. Outros dizem que o problema vem de longe: falam que ele desandou no sertão, na macumba de um brocotó.

— Deixe de potoca, mulher. Até parece história de Zidô.

— Quem é Zidô?

— Um maluquinho que faz pouco saíu daqui choramingando, a queixar-se das suecas de Itabuna. Mas vamos lá, façamos um teste com o garotão. Quero ver que tara é essa. Guerra é guerra.

Ato contínuo as duas malucas tiraram as blusas. Por sorte a dançarina reapareceu e mandou que elas se afastassem de mim. As provocadoras obedeceram imediatamente, com expressão de temor. Fiquei surpreso, não imaginava que a bonitona tivesse tanta autoridade. Ela notou meu espanto e me falou com gentileza meio irônica:

— Você está livre, moço casto. Só tem uma coisa: nunca mais se esqueça de sua Kundry. Hoje te salvei das piranhas, fiquei com pena. Da próxima vez, eu mesma te devoro.

Não entendi a mensagem nem acreditei na ameaça, mas agradei. E toquei para a escada. Um cabeludo de cuecas levava nos braços uma garota de tomara que caia e shortinho. Mal chegou ao terraço, ele depôs sua prenda no chão e avançou de joelhos rumo a Isabel, que dançava solta. Deu-lhe um beijo no pé. Isabel veio me abraçar, ele beijou meu pé também. Daí voltou para sua garota e pegou a lambar-lhe as coxas. Nan falou:

— Tenho a impressão de que essa festa vai acabar em suruba.

— Com certeza. Mas não estou nem um pouco a fim — respondeu Isabel.

— Nem eu — retrucou a amiga. — Não curto essa. Acho uma coisa muito agoniada.

— A panela já está fervendo, podes crer. Inda há pouco, duas garotas vieram perguntar-me o nome de meu namorado. Molharam meu rosto com beijos de Judas. Eu disse que ninguém sabe o nome dele, por isso a gente o chama Cara de Anjo. Jurei que meu amor é um homem violento, bruto, descontrolado, um bandido feroz. Acrescentei que há pouco ele teve uma noia e foi encher a cara com má intenção, não demora a aprontar. Inventei um monte de horrores para ver se espantava as burras, mas deu-se o contrário, elas ficaram excitadíssimas. Só se afastaram depois que lhes falei de meu problema: garanti que sou esquizofrênica e adoro morder as pessoas quando não tomo meu remédio. Nessas horas, é muito bom ser atriz. Só de me olhar nos olhos as minas se convenceram de que não fui medicada.

— Se cuide, elas nada têm de bobas. São do picadeiro e estão dipostas a tudo. Não duvido que voltem com boas cordas na mão. Falando sério, acho que vai rolar um monte de sacanagem no pedaço. E repito que não curto essa onda de come quem quer.

— Então, pinote, turma! — Tito chamou. — Aqui começam cedo.

Quando descemos a música tomava conta de tudo. Alguns dançavam soltos, outros se agarravam pelos cantos. A baixinha carente estava sentada no tapete, entre as pernas abertas de um gordo, os seios nus em suas mãos. O gordo mordida-lhe o cangote e um rapaz bigodudo tirava-lhe a calçola. Um sujeito de cara inchada se pôs a berrar: —Hoje tem marmelada? — até que uma garota risonha o amordaçou com um sutiã.

Tratamos logo de dar no pé.

A dona da casa nos pegou na porta e reclamou de nossa fuga dengosamente, passando a mão na bunda de Tito. Tentou impedir que a gente saísse. Contou que era festa de divórcio e quando o ex chegasse iam cantar-lhe os parabéns. Pedimos desculpas com muito jeito e entramos no elevador. Os dois yoguis nos seguiram. Nas despedidas, Árvore falou:

— Tá ruim este circo. Baixo astral. Em noite de tanto arerê, o corvo devora a lua. Vocês me entendem? O mundo acabou e ninguém percebe.

Tive um arrepio, me benzi de novo. Não tinha ideia do que ele queria dizer com essas imagens apavorantes. Estava intrigado, também, com a moça bonita que me livrou das assanhadas. Não sei porque lhes metia medo: era leve, esguia, menor um pouco do que as grinfas. Encabulou-me, também, o título que ela me deu, de moço casto. Perguntei a Isabel:

— Diga sinceramente, meu bem: você me acha com cara de donzelo?

— Não. De jeito nenhum: *Don-ze-la*. Mas eu tiro tua virgindade.

Vá lá entender as mulheres.

XL

Despertei com as cócegas de Isabel. A morena abriu as cortinas e puxou o lençol com que eu tentava me embiocar.

— Vamos, preguiçoso, levante-se, está quase na hora da missa.

— Deixe de invenção, criatura. Vamos dormir — reclamei.

— Mas ela não está inventando, não. É verdade mesmo. Daqui a pouco tem a missa de aniversário da Vovó Bolinha — disse Nan, entrando no quarto. Eu estava nu, o lençol tinha caído no chão. Me cobri com o travesseiro, todo escabreado. A garota nem ligou. Disse a minha querida:

— Se quiser uma roupa mais adequada para a ocasião, venha pegar.

Quando saí do banho achei Isabel na sala com uma saia de crochê e uma blusa branca de mangas curtas, cheia de bordados. Estava linda. Nan tinha posto um vestido amarelo, simples, mas elegante. Tito já estava à porta com seu eterno macacão. Logo chegamos à igreja da Penha, gaivota à beira mar. No átrio apertava-se um pessoal muito animado: dezenas de rapazes e moças com sarongs de toalha felpuda. Nan explicou que era a turma do bloco, os *Amigos da Vovó*.

De braços abertos, o padre saudou os fiéis:

— *A paz de Cristo esteja convosco! O amor de Cristo nos uniu.*

Aí todo o mundo passou a cumprimentar-se, com muito chamego. Tito lascou um cheiro no pescoço de Isabel, Nan deu-me um beijo na boca. No que me voltei para minha morena, um crioulo enorme, plantado logo atrás da gente, botou a cara no meio e ficou com o nosso carinho nas bochechas.

Tava um grude geral.

Na homilia, o padre perorou:

† Hoje estamos aqui dando graças a Deus por mais um aniversário de uma mulher muito querida, de uma grande educadora. Oh, que mestra admirável! Mesmo aposentada há muito tempo, recolhida ao santuário de seu lar, ela não sai do coração da juventude. Nessa data, nossa igreja fica cheia, rica de jovens. É assim todos os anos: rapazes e moças acorrem felizes à Casa do Senhor, movidos

pela amizade, gratos a sua benfeitora, ansiosos pelo maná da bênção divina. Que coisa bonita! Tenho visto que muitos jovens se emocionam profundamente nesta celebração: já na entrada, notei que a maioria está com os olhos vermelhos.

No fim da cerimônia conheci a homenageada: uma mulher pequenina, gorducha, grisalha. Aparentava uns setenta e poucos. Tinha olhos doces, um belo sorriso. Isabel deu-lhe um beijo na bochecha e eu fiz o mesmo, atraído pela simpatia radiante da criatura.

— Que lindos netos nós temos, não é, Cabeça? — ela comentou com o mulato truncado, de seus vinte anos, que lhe dava o braço. O rapaz retribuiu seu sorriso terno e voltou-se para Tito:

— Que houve, bicho? Ontem te esperei um tempão na Ilha do Rato.

— Não tive tempo, Cabeça. A mina, sabe como é... Não me deu folga.

— Olhe, me procure mais tarde na casa da Vovó. Leve a turminha. Tenho um negócio maravilhoso para vocês. É massa real, garanto: Arapiraca e Porto das Caixas.

Tito fez sinal de positivo e tratamos de seguir a turma de sarong, que um magrelo conclamava:

— Vamos lá, turma! Primeiro, a volta de costume, daí paramos na casa da Vovó, para a devida homenagem. Fogo no domingo!

No meio da folia, Tito encontrou um amigo que chamou de Marcelinho do Brumado, depois simplificou para Bruma. Em sua companhia fomos ao *Gelo Quente*, um bar na beira da praia, a fim de um caldo de sururu.

— Não é pra todo o mundo que a gente serve esse caldo — Bruma disse. — Vocês estão tendo um privilégio. Hoje só servimos a casais de bons antecedentes, com *Nada consta* da polícia e fita do Coração de Jesus. A receita é especial. Invento de Seu Mário e Dona Elvira, que tiveram onze filhos e continuam em lua de mel. Bebam com calma. Da última vez que minha mãe deixou os fregueses exagerarem, uma coroa alemã engravidou de um japonês que conheceu no ônibus turístico: um sujeito muito simpático, na flor dos oitenta. Fizeram um brinde com o segundo copo. E a gulosa que nos roubou uma terrina se apaixonou perdidamente pelo Corpo de Bombeiros.

— É hoje, Lúcio, que eu te mato! — Isabel falou. Bruma avisou-me:

— Ela já passou do limite regulamentar, que para as morenas com olho de gato é de três dedos. Por via das dúvidas, Lúcio, beba mais um copo.

Obedeci. Em seguida, fomos atrás de uma novidade: Marcelo nos disse que tinha um trio elétrico no Bonfim.

— É um pessoal conhecido meu — explicou o rapaz. — Eles sempre trazem o carro para benzer. A tradição começou com Dodô e Osmar.

Tocamos para a Sagrada Colina. Tinha mesmo um trio elétrico enorme na frente da igreja, mas parado, vazio, com suas lâmpadas ociosas, as inúmeras bocas emudecidas. Os músicos estavam sentados nos degraus da basílica, conversando em voz baixa, com ar de quem espera alguma coisa. O líder tinha nas mãos um punhado de fitas do Senhor do Bonfim, que amarrou no caminhão, em diversos pontos. Quando acabou sentou-se com os outros e ficou esperando. Pensei que aguardassem o padre, mas Bruma falou que o vigário não entra na função. O artista explicou:

— Quem benze é o Velho, o Senhor do Bonfim. A gente traz o carro e dá um tempo, que é pra Ele sacramentar. Depois vamos embora.

Enquanto os músicos esperavam entramos um pouco na igreja. Rezamos ao Crucificado e fomos olhar os milagres. Eu disse à morena:

— Veja, meu bem, como é retado o nosso padroeiro. Olhe quantos ex-votos. Ainda tem um mundão lá em cima, no Museu.

— É verdade — falou Isabel.— Aqui tem de tudo: cabeças, pernas, braços... Tem até uma bunda.

E tinha mesmo: pendurada no teto da nave, entre outras peças, via-se uma bunda de cera. Eu me encabulei:

— Arre, que milagre terá sido este?

— Já lhe conto — Nan falou. — Foi coisa do tarado do canivete.

— Tarado de que?

— Aqui em Salvador, não faz muito tempo, teve uma onda de atentados esquisitíssimos. Um maluquinho filho da puta (me perdoe, Senhor do Bonfim!) pegou uma cisma diferente com o traseiro da mulherada. O doido atacava sempre no meio da multidão: em feiras, nas festas de largo, no carnaval, na Fonte-Nova em dia de Ba-Vi. Tava uma mina se rebolando, toda inocente, conforme o direito natural, daí ele chegava e

— *Fuc!* — metia-lhe o canivete na parte mais buliçosa. Quando a pobre berrava, o sacana já ia longe. O pior é que o infeliz tinha queda pelas bem-dotadas. Só feria bumbum legal.

— Um típico terrorismo de direita — eu me indignei.

— Mas convenhamos — falou Isabel — que esse tarado escolheu muito bem a zona de ataque. O lugar geográfico, me entendam. Aqui na Bahia, é lógico que ele tava sempre bem servido, né? Tinha mais campo que em qualquer outro estado.

— Não brinque. Ele pôs Salvador em pânico. As fêmeas, pelo menos.

— Só podia. Taí o motivo certo pra uma paranoia baiana. Você mesmo, Nan, deve ter ficado insegura pacas.

— Ora, Isabel, me deixe! Tô falando sério. Uma garota que conheço foi atacada, levou um corte feio. A ferida arruinou. Aí ela fez uma promessa ao Senhor do Bonfim. Quando sarou, quando viu que não tinha ficado marca nenhuma, que até podia usar tanga, dedicou esse ex-voto.

— E o tarado? Continua preso? — preocupou-se Isabel.

— Certamente. Nunca mais atacou.

Voltamos ao adro. Os músicos estavam subindo no trio.

— Pelo tempo, acho que a bênção já foi dada — um artista explicou: — Agora daremos umas voltas por aí. Querem vir conosco?

Não foi preciso insistir.

Antes da partida os músicos tocaram o Hino do Senhor do Bonfim. Eu rezei, Nan chorou de emoção. Depois o carro desceu em silêncio a Sagrada Colina. Já no sopé, rompeu um frevo. Uma multidão instantânea pegou a seguir o enorme carro aos pulos, freneticamente. Demos assim muitas voltas pela Ribeira. Descemos quando o pessoal do trio falou que eles iam embora. Fomos então à casa de Nan, a fim de tomar uma ducha e trocar de roupa. Fiquei de calção, as meninas botaram maiô. Tito continuou com seu uniforme.

Nos fixamos no *Gelo Quente*, saboreando uma bela moqueca, regada a não sei quantas cervejas. De vez em quando eu caía na água com as garotas. Tito aderiu, ensopando seu macacão. Saímos já de noite: eu zonzo, Tito, arriado. Bruma arranjou um carrinho de mão em que pôs o amigo e foi levá-lo a domicílio, acompanhado por um

pequeno cortejo: juntaram-se a nós uns *Amigos da Vovó* em fim de batuque, mais uns turistas que fotografavam nossa procissão.

Como cheguei em casa, não lembro. Caí na cama e dormi profundamente. Levantei-me por volta das dez.

No café da manhã fiquei bom tempo à mesa, com os amigos. Isabel sonhava:

— Quando velhinha quero morar aqui na Ribeira, num palacete que construirei. Vai ser uma réplica incrementada de uma casa que tem defronte do Porto dos Tainheiros. Não sei se você reparou, Lúcio: uma toda eclética, protegida por grades de ferro trabalhadas de um modo caprichoso e pintadas de prata. Já sabe? A de mármore cor de rosa na fachada. É uma construção de dois andares, com gradis também na varanda do segundo piso, em arabescos, babados de ferro no beiral. Outra coisa chamativa nela é um falso frontão triangular, meio fabuloso, com dragões esculpido nas empenas, um relevo delirante na zorra do tímpano. A minha vai ter tudo isso e mais alguma coisa.

— Pelo jeito, será um palácio.

— Certamente. Mas não ficaremos sozinhos no paço. Chamarei minha galera. Quero ser a sucessora da Vovó que hoje reina. Enquanto puder sairei no Bloco. Andarei nos trinquês, bem perequetê, com mantilhas e ventarolas, chapeuzinho de flores, no estilo da Louca de Chaillot. Sem descuidar dos perfumes, nem do cheirinho da loló. Usarei o tarô para dar consultas. Em nosso jardim... Não é, querido?... Plantaremos papoulas e girassóis, lírios tigrinos, orquídeas, trevo branco, amor-agarradinho, uma fogueira de rosas. Também quero criar uns bichos: põeis malhados, pavões e vaga-lumes. Faremos teatro de vez em quando.

— É um bom projeto para a Ribeira — Tito aprovou.

— Engraçado, nunca pensei assim na velhice. E você, Lúcio? — Nan me indagou.

— Não como Isabel, fazendo planos. Mas às vezes uns sentimentos inesperados me deixam antigo.

— São os lumes cor de tempo — a morena explicou.

Sua amiga ficou na mesma. Tito reclamou:

— Pombas, às vezes, não entendo nada do que vocês dizem.

Tentei esclarecer:

— É simples. Tem a ver com nossa estranha condição, a sorte fatal do povo que nasce de mulher. Flutuamos na crista do nada em barco instantâneo, que nunca se mostra por inteiro. Não vemos o embarque e muito menos a chegada, que o porto é nenhum. Navegamos entre os possíveis, num oceano de tempo em que há ritmos, durações, compassos distintos. Na trama ondulante de correntezas que divergem, cada momento se recorta abrindo passagem do jeito que dá. É preciso que a gente acomode a variação, harmonize um pouco o desabuso dos rios temporais, evitando os redemoinhos. Fazemos isso sem perceber, atrás da vela da consciência. No entanto, pode dar-se o destempero. Vocês, com certeza, já experimentaram a sensação de desacordo entre os tempos do tempo. Isto me ocorre de vez em quando, de leve: tonteira mansa. Às vezes é ruim, às vezes é bom: desata o mundo. Gosto de sentir que lhe dou minha gota de liberdade, que sou meu possível, mesmo no poço do fatal. Quando esta cisma sobrevém do modo maneiro, eu me sinto quase descolado de minha pessoa. É então que me acho velho e novo, isto é, antigo. E quase escorrego para fora de mim. Entenderam?

— Não. Nem um pouco. Puta merda! Mas diga lá: o que é que você toma pra sentir tudo isso?

— Deixa ver... Da última vez que matutei nessa ideia eu tinha bebido dois copos de umbuzada e dançado muito com uma garota vesga, vizinha de meu Tio Quelé.

— Pô, Isabel, esse camaradinha não é fácil. Vocês juntos, não sei não...

— É massa, bicho. Lu tem um pique introspectivo, já eu sou toda pra fora. Juntos, formamos a perfeição do racional. Porém às vezes ele me funde a cuca.

— Pois olhe, acho que compreendi— falou Nan. — Enquanto eu te ouvia, Lu, tive a lembrança de um poema de Enoque. Os versos não recordo, mas a poesia está na minha memória. De certo modo, ela faz contraponto com tua fala. Não sei onde guardei essa letra, que soa bonito, merece música. Vou procurar. Assim que encontrar, levo pra você. O poema fala isso mesmo que você explicou, embora corra num sentido oposto.

Tito exclamou, com uma expressão de agonia:

— Ai, meu Senhor do Bonfim, me acuda! Lúcio já tinha queimado metade dos meus fusíveis, Nan completou o serviço. Tem um poema que fala a mesma coisa, mas é o oposto, ela se lembra perfeitamente, só não sabe os versos. Esqueceu até a música, que

Disponibilizado gratuitamente pelo autor na quarentena. Abril de 2020
www.ordepserra.wordpress.com

não tinha. Por favor, querida, se achar o papel, não me mostre. Se eu ler, é manicômio direto.

XLI

Levei Isabel ao Vila Velha. Queria ver o ensaio. Não foi boa ideia. Arrependi-me profundamente. O diretor trabalhou só algumas cenas que ele queria bem caprichadas. Logo na primeira, Isabel ficava quase o tempo todo sentada no colo de um sacana, discutindo com outro, ajoelhado a seus pés. Respirei quando terminou essa agonia, mas a segunda cena não foi melhor: um infeliz rasgou a blusa de minha querida, deu-lhe uns tapas, tascou-lhe um beijo. Tive gana de subir ao palco e descer a porrada no filho da puta. Saí da plateia engasturado e fiquei bebendo no barzinho do Vila. Quando voltei para ver se a desgraça já tinha terminado, encontrei Isabel avexada, me procurando. O ensaio foi mais curto do que imaginei e a morena ficou aborrecida. Achou uma desconsideração eu ter sumido daquele jeito.

— O que significa sua atitude? Um juízo crítico? Então eu devo estar muito mal.

— Você está ótima. Eu é que não tenho natureza de ver minha namorada aos tapas e beijos com sacristas.

— Ah, não acredito. Eu estava no meu trabalho, pombas. Representando. Pensei que você fosse gostar, que ficaria orgulhoso. Mas porra, você saiu antes do terceiro quadro. Não posso crer que uma pessoa tão inteligente tenha ciúme de uma encenação.

— Vai ver, não sou inteligente.

— Claro que é. Deixe de ser besta!

— Está vendo?

— Você me entendeu perfeitamente, não se faça de bobo. Explique sua atitude.

— Já falei: não me agrada ver minha garota se esfregando com outros.

— Eu não fiz isso. Não tava nem aí.

— Como não?! Onde estava a senhora?

— No palco. RE-PRE-SEN-TAN-DO. Por favor, não me confunda com a idiota da minha personagem. Não me ofenda, rapaz. Gosto do papel porque é um desafio.

— Ah, você gosta?

— É um jogo intelectual difícil, exige uma transformação.

— Tá certo. Mas prefiro você como é: a Isabel que eu namoro.

— Esta não faz parte do drama.

— Mas é quem leva os beijos e apertos.

— Não... Você sabe disso! Não vou lhe explicar uma coisa que você conhece perfeitamente. Até Zé Power já confirmou o seu talento para o teatro.

— Maluquice. Ele me confunde com sua colega.

— Pois ela é ótima. Queria eu que o Zé me confundisse com o Othon Bastos.

— Só se ele fosse cego, além de doido.

— Lúcio, se ligue, o doido de que está falando é um dos melhores diretores do país. Conhece tudo de teatro. Se ele acha que você tem talento, quem é você para negar?

— Eu sou eu, não sou minha irmã. Aliás, eu nem tenho irmã.

— Na leitura que fizemos em casa de Zepê você foi perfeito. A Fedra não faria melhor. Judite também comentou seu feeling. Ontem mesmo ela me falou que você tem uma percepção cênica extraordinária, quase inacreditável. Pombas, você e Fedra são parecidos até na teimosia. Mal de família, né? Mas agora, querido, pelo amor de Deus, já que não consegue ser educado, seja sincero: será que eu te decepcionei como atriz? Não estava convincente?

— Ao contrário. Estava convincente demais. Taí o problema.

— Então, o que se passa? Você está querendo me podar?

— De jeito nenhum. Seu cabelo está ótimo.

Em casa, levamos tempo discutindo. A certa altura, Isabel queixou-se de que eu a sufocava. Me encrespei: levantei-me e fui dormir numa rede, na varanda do quintal. Passados alguns minutos, a morena foi buscar-me:

— Venha para a cama. Amanhã a gente conversa melhor. Não há motivo para uma zanga tão grande.

— Asfixia é uma coisa horrorosa. Não quero ser asma de ninguém.

— Asma? Que piração! Você é meu amor — disse a morena. — Uma coisa muito mais perigosa.

Eu não tive jeito, acabei rindo. Voltamos abraçados para a cama e nos amamos furiosamente a noite toda. No dia seguinte tornamos a discutir o assunto. Isabel continuava intrigada com minha reação. Tentei explicar:

— Não sou letrado como você pensa. Sou capiau.

— O que é isso? Caipira?

— Sim.

— E o que tem de mais? De acordo com um sociólogo de São Paulo, todos os brasileiros são.

— Eu venho do sertão de dentro, sou bem xucro. Em matéria de teatro, sertanejo é complicado. Gosta, mas faz confusão.

— Como assim?

— Certa vez um grupo de Conquista foi a meu brocotó representar a Paixão de Cristo. Deu-se um sarapatel de coruja. O povo reagiu com grande entusiasmo. Logo no Primeiro Ato metade da plateia já estava ajoelhada. A cada milagre de fantasia era um clamor. Mulheres desmaiavam, rompia-se em cantos de bendito e brados de aleluia. O drama arrastava-se por causa do público. Só a cena da tentação teve de ser reduzida: o diabo fugiu logo na primeira, debaixo de uma vaia medonha, de um “Fora, Corno!” geral: foi atingido nas fuças por um sapato. Um dos espectadores mais animados era o açougueiro, um negro forte, chamado Mansueto. Ele estava bem na primeira fila, chapéu na mão, todo reverente. Quando Cristo ensinou o Pai Nosso, ele emendou com uma ave-maria. Chegou a hora da prisão do Messias. No que Judas beijou o Mestre, Mansueto deu um berro: “Cuidado, Jesus! Esse veado é traiçoeiro!” Então a malta dos fariseus acorreu para atar a Vítima. Um apóstolo reagiu, cortou uma orelha infiel, em belo golpe de teatro. Mansueto não se aguentou. Saltou no palco desembainhando a peixeira e gritou: — *Vamos, São Pedro, não afrouxa, corta as oreia que eu corto o resto. Com fé em Ogum de Ronda, vamo acabar com esse bando de herege.* — Então, é claro, o palco esvaziou-se. Os fariseus saíram na disparada. Judas, um rapaz muito sensível, borrou-se todo. Os legionários se escafederam e o próprio Cristo deu no pé, apavorado.

Isabel deu uma gargalhada, mas depois ficou séria e retrucou:

— Tem uma coisa, bicho: você não é nenhum Mansueto.

— Olha, quando aquele camarada bateu em você, ontem de noite, eu estive perto de reagir que nem o açougueiro. E quando o miserável te lascou um beijo, foi pior ainda.

— Com certez, é um traço de sua cultura. Os baianos do sertão devem ter o teatro no sangue, a tal ponto que não o distinguem direito da vida. O negócio é trabalhar esta sensibilidade do jeito certo, aprendendo a distanciar-se. Fedra conseguiu. Você também consegue, se quiser.

— Não acho fácil.

— Desculpe, você é leigo no assunto. Fico com a opinião de Zé Power. De qualquer modo, agora eu me sinto melhor: foi mesmo ciúme que você teve.

— Sim. É o que eu disse, desde o começo.

— Menos mal. Por outro lado, temos um problema. Eu não posso viver sem teatro. É minha paixão. Adoro você, querido, mas ficar sem o palco, não dá. Meu Deus, como faço? O homem que amo embirra com minha profissão!

— Eu não lhe peço que abandone sua carreira. Você é livre. Não quero lhe impor os meus limites. Só não quero assistir seus romances no teatro.

— Pense bem, meu amor. Ciúme, eu entendo. Acho normal, dentro do razoável. Eu também ciúmo, sabe? Você é muito bonito. As mulheres te comem com os olhos. Dão em cima, na minha cara. Por sorte você é desligado. Naquela festa da Pituba, ainda bem que não demoramos. Mas eu não fico supondo coisas. Se você fizesse uma cena de amor no palco, eu não teria grilo. Bom, isso vem da minha experiência teatral. Você não pisou na ribalta, não sabe como é. Ali, tem que haver concentração. Se a pessoa leva para outro lado, não faz o papel, fica perdida. Eu me empenho. Quero ser uma atriz de verdade.

— Não estou duvidando de você. O problema é comigo. Me dá raiva te ver no colo do gajo, mesmo sabendo que você não liga.

— Esse colega meu é gay. Veja que bobo seu ciúme!

— Sou o primeiro a admitir que é minha a limitação. Talvez eu supere, porém não vai ser de uma hora para a outra. Enquanto não me civilizo, tenha paciência, não me peça para ver essas coisas. E se possível, trabalhe só com veados.

Acabamos entrando num acordo: Isabel continuaria na peça, eu não importaria condições, mas não assistiria seus desempenhos. Prometi até que depois faria uma experiência qualquer de palco.

XLII

A marcha do pensamento é a caça mais trabalhosa para a atenção de qualquer pessoa. A busca tem seu perigo: mal uma ideia se volta sobre si mesma e creio-me perto de sondar-lhe a natureza, ela se move, acelerada, e em cada um dos seus espelhos instantâneos deixa uma imagem diferente. Não estou falando, é claro, dos raciocínios despachados com que nós nos aviamos na lida comum do juízo: estes têm um desenho simples, que é como o traçado de sua carreira na rotina, a marca do regular de sua competência. Mas há os pensamentos que vadiam desatados, aventureiros. No seu rol se acham muitos de natureza forte. Esses rendem mais que suas razões. E poucas vezes se mostram completos numa única passagem.

O movimento das ideias me fascina. Quisera surpreender seus brotos no fio da nascente, dar-me conta do artifício com que elas se entrefazem, misturadas umas às outras e com minha presença. Tento ver de que modo elas me compõem e como podem, ao mesmo tempo, aplicar-se ao mundo. Às vezes acho espantoso o fato de que elas, sendo minhas, se acomodem ao corpo alheio das palavras; às vezes acredito que procedem do verbo, que são estrangeiras em meu coração, visitantes indispensáveis mas sem ligação natural comigo. Então me assombro com a multidão dessas rápidas almas a suceder-se num voo vago, abrindo e fechando os olhos inúmeros dentro dos meus, assanhadas, prontas sempre a embebedar-se com o sangue das coisas — até no delírio de sua recusa. Depois de muita observação, atinei com uma treita: quando as ideias me atraem para a contemplação de sua dança, há um momento em que elas se esvaziam, tirando-se de si mesmas. Buscam, então, levar-me para longe de mim. Muitas vezes conseguem.

Com certeza foi o que aconteceu daquela vez. No que dei por mim Sibyl me olhava nos olhos, preocupada, meu rosto entre suas mãos:

— Lúcio, que há com você?

— Nada. Estou bem.

— Tem certeza? Você vinha andando pelo quintal e estacou de repente, junto da mangueira, fez careta para ela, depois voltou, balançou a cabeça como quem discorda, assobiou e parou de novo, ficou um tempão imóvel. Te chamei três vezes. Não me ouviu?

— Tava distraído.

— Em que pensava?

— Lembro não.

— Hum... É estranho. Quando toquei no teu ombro você perguntou meu nome e disse que era Renato.

— Nós nos parecemos muito.

— Só agora te acordei, não é verdade?

— Sim, creio que estou desperto.

— OK. Vem cá, Judite quer que eu lhe mostre uma coisa. Ela está no meu quarto.

Ao me ver chegando a dançarina pediu pelo amor de Deus que eu prestasse muita atenção. Ato contínuo, ligou um gravador. Reconheci logo a música: era o poema que ela tinha encarnado (e transformado) na esplêndida nave de Santa Teresa. Mas dessa vez a estrela ficou imóvel. Foi Sibyl quem pegou a dançar, por sinal com muita graça. De repente a surpresa me arrepiou.

— Que bicho louco! — bradei.

— Você vê, Fedro? Ela conseguiu.

— Sim, só pode ser aquele monstro — confirmei. — Não sei de criatura nenhuma que bote tanta malícia no volteio, se fazendo de besta com uma inocência do caralho. Nunca vi trem tão pontiagudo, mentiroso e de cascos finos como esse aí que ela faz insinuar-se. Puta que pariu, essa mulher é danada mesmo. Domou um animal que sem dúvida não existe, mas é um perigo.

— Então, por que não acerto? Sibyl não é mocinha casta.

— Suspeito que não — respondi, um pouco embaraçado.

A exibida deu uma risada, parou de dançar e teorizou:

— É a força do meu signo. Não sou donzela, mas sou de Virgem.

Judite não aceitou a explicação.

— Tenho de reconhecer que se trata de uma deficiência minha. Sou dançarina profissional e não consegui interpretar esta peça da forma como se deve. O bicharoco não deixou. Sibyl, uma simples amadora, saiu-se bem. Não creio que seja por causa do signo.

— Explique sua dúvida — pedi.

— Zé me falou que lá em São Paulo tem um puteiro chamado *La Licorne*. É óbvio que as moças do estabelecimento são ainda menos donzelas do que a Si. E não é possível

que todas tenham o mesmo horóscopo. Ainda assim elas fazem carreira, nem ligam para o bicho patrono, a criatura que me derrotou.

— É quizila — eu expliquei. — Conheço um homem muito valente, um cabra da peste que não tem medo de nada mas morre de gastura quando vê um teiú. Ele, que não foge de onça, abandona o campo se um lagarto desses lhe atravessa o caminho. O teiú acaba com sua sorte.

— Entendo. Com certeza é isso. Eu não vou mesmo com o jumento chifrudo. Desde o começo o achei antipático. É assim a quizila, né? Agora percebo o que houve, meu inconsciente sacou a intriga. Mas estou puta com Zé, que me fez topar a coreografia, me botou na dança com um inimigo. Se não fosse o leão, eu tava fudida.

— Não culpe o Zé. Ele não sabia da quizila — ponderei. Judite, porém, não considerou:

— Saberá agora mesmo. E se ele me falar de novo em unicórnio, não tem perdão: ficará *muito* parecido com o bicho. Obrigada, Fedro. Você é um anjo!

XLIII

Aproveitando uma folga, Isabel resolveu ir comigo a Pituaçu, à procura de um especialista em discos voadores. Toquei para o centro do Parque e estacionei o fusca debaixo de uma árvore, às margens da linda lagoa verde. Lá encontramos um camarada que reconheceu a morena:

— Isabel, não se lembra de mim? Telê nos apresentou no ano passado.

— Oh, como esqueceria? Pedrinho, querido, estamos à procura do mestre. Sabe onde ele anda?

— Viajando, eu acho. Era coisa urgente?

— Mais ou menos. Trata-se de uma consulta que nós queremos fazer.

— A respeito dos ovnis, com certeza... Algum contato?

— Só desejo. Mas escute: você é do grupo do Abílio, não? Quem sabe, pode ajudar-nos.

— Sou amigo do Telê Sideral, mas não sago essa onda.

— Pombas, então perdemos a viagem.

— Olha, se vocês estão procurando quem entenda do assunto, devem ir a Cachoeira. É aqui perto, no Recôncavo.

— Menos de duas horas de carro — eu confirmei.

— Cê conhece a Cidade Heroica? — tornou Pedro, que seguiu falando, sem esperar resposta: — Eu sou de lá. Moro aqui, mas volto sempre a minha terra.

— Cachoeira e São Félix formam um belo conjunto — atestei. — Mas então, tem disco voador chegando por aquelas bandas? Eita pau! Bem me disseram que o turismo no Vale tinha aumentado.

— Tem lá um pessoal entendido no assunto. O Professor Raimundo me apresentou a esse grupo: uma pequena comunidade estabelecida num chalé muito bonito, em São Félix, na estrada que sobe para Muritiba. O lugar é bem conhecido. Foi residência de engenheiros alemães, no tempo da construção da Estrada de Ferro. Há poucos anos a Universidade Federal da Bahia o tornou sede de uma Fundação dedicada a estudos sobre o Recôncavo. Tinha lá um grupo de pesquisadores a que a juventude da terra se ligou: Raimundo, Sultão, Nivaldo, Mário... A moçada intelectual. Gente fina de Salvador

pintava lá de vez em quando: Caetano, Gil, Gal Costa, Nando, Rogério, Duda, Roberto Pinho... O chalé virou um santuário tropicalista no Vale do Paraguaçu.

— Que maravilha!

— A turma era muito bacana. Provocou a inveja dos quadrados, a raiva dos mediócras. Os caretas locais espalharam que tinha lá um aparelho subversivo. Pintou sujeira: um bando de milicos, com metralhadoras, sob o comando de um oficial, cercou o chalé certa madrugada, fuçando à procura de armas. Não acharam porra nenhuma, claro. Saíram frustrados. O chalé continuou na glória. O negócio da Fundação não deu certo, a Universidade largou o projeto, mas plantou-se lá um novo grupo, muito avançado, que deu começo a uma pesquisa sobre os discos voadores. Teve um pai-de-santo que participou, o Paulo Catuaba. Foi ele quem deu o tom das experiências da turma, que tem uma linha de ufologia muito própria: eles se comunicam com os marcianos através de ebós.

— Eita! E dá certo?

— Sim. Eu mesmo tive um sinal.

— Conte como foi — a morena pediu.

Pedro atendeu com muito gosto:

— Há coisa de um ano fui passar em Cachoeira um fim de semana. Logo que cheguei parei o carro na Praça 25, defronte do rio, a fim de tomar umas cervejas. Daí a pouco me apareceu um camarada vendendo estatuetas de barro. Um especialista em exus. Trazia num balaio as peças, de uns dez centímetros cada: um bando alegre de moleques brabos, retintos, com chifres e bocas vermelhas, as línguas enormes de fora, perus à mostra. Me encantei com um diabim fora de série. Tinha a vara pra cima, tava de pau duro. O artista pediu por ele um preço maior e paguei sem discutir. Minha intenção era dar esse bibelô a uma mina que eu tava azarando: tipo declaração de amor, com sutileza. Depois do negócio feito, pedi uma dose de cangibrina e pinguei umas gotas na língua do Moleque. Tive a impressão de que os olhos dele brilharam. Guardei a peça na mochila. De tarde, fui com Raimundo ao chalé, onde fiquei um tempão papeando com a turma. Mostrei ao pessoal a estatueta que tinha comigo. Ela passou de mão em mão. Depois, coloquei-a numa mesinha, junto a um jarro de flores. Fui-me embora tarde da noite. Distraído, deixei lá o tesouro. Só me lembrei dele no outro dia, quando já estava me

preparando para a viagem de volta. Corri logo ao chalé e fui direto à mesa onde tinha deixado o Compadre. Não achei nem sinal do distinto. Indaguei dos amigos, nenhum sabia. A empregada jurou que antes de deitar-se viu a figura no lugarzinho onde a deixei. Mas lá não estava. Em seu lugar encontramos uma peça de uns vinte centímetros, com a forma de um pequeno bastão negro, de um metal que não identifiquei. O bastão tinha consistência rija, dois centímetros de espessura. Era levíssimo. A surpresa do pouco peso fez com que eu pegasse o trem de mau modo, levantando demais, tanto que caiu, escapulindo de minha mão. Bateu na cabeça de um gato que ia passando. Matou na hora. O bicho não teve direito a um miado: se esparramou e morreu total. Aliás, já caiu esticadinho. Em forma de tapete, sacam? Com as patas estiradas, as unhas de fora, o rabo duro e a língua entre os dentes. Tava até um pouco risonho. A turma ficou com medo. Não queriam que eu pegasse mais na disgrama do negolhoço. Falaram que se tratava de uma coisa de outro planeta, com radiações diferentes. Porém aleguei que não sou pixane e se aquilo estava no lugar do Compadre, tinha de ser meu. Botei na sacola.

— E teve problema? — indaguei.

— Não, nenhum. O único efeito que senti foi o seguinte: enquanto eu estava com aquele trem perto do corpo sentia uma vontade, um desejo e uma precisão incrível de encher os cornos. No dia do achado, na viagem entre São Félix e Salvador, tomei dois litros de pinga. Só levei pra casa as garrafas secas. Isso me deixou um pouco contrariado, de modo que bebi meio litro de uísque umas sete cervejas a fim de me acalmar.

— Mãe de Deus! Você ainda tem a peça?

— Não. Dei pra minha avó.

Gostamos da prosa de Pedro, um camarada muito simpático. Acabou que fomos os três a uma barraca, um puxadinho com teto de palha, a fim de traçar umas louras geladas. A uma mesa, comendo caranguejos, estava um moço de cabelos crespos, só um pouco mais claro do que eu.

— Vocês têm sorte — Pedro exclamou. — Estão vendo este rapaz? É o Rei, meninos, é o Rei! Ele teve uma experiência incrível com os discos: um contacto imediato, profundo e quente, de primeiríssimo grau.

O Rei nos acolheu com um grande sorriso, oferecendo lugar à mesa. Isabel pediu-lhe que nos contasse sua experiência. O rapaz rodou as bolotas dos olhos, estalou os dedos, bateu as asas do nariz, piscou e disse:

— Foi uma coisa muito especial.

Pedro interveio:

— Rei, eles são gente boa. Amigos do Telê.

O camarada desculpou-se:

— Vocês compreendem, né? Essa história eu não conto a todo mundo, porque muitas vezes as pessoas não acreditam, fazem pouco. Isso me machuca. Então, só me abro com quem se interessa mesmo pelas coisas.

— Pode crer que é o nosso caso — Isabel garantiu. — Diga lá: quando se deu o lance?

— Há cerca de um ano. Meu pai estava construindo uma casa de praia em Buraquinho e me botou à frente da obra. Instalei-me num quarto já concluído, fiquei praticamente morando lá. Só vinha a Salvador quando tinha coisas inadiáveis a resolver. Foi o que sucedeu naquela sexta. Fui a um show de Gil no Castro Alves. Quando o show acabou (lá pra uma e meia do sábado), toquei de volta pela Estrada do Coco, no carango velho. Eu ia ouvindo uma fita de *The Animals*. No que essa música terminou, sintonizei a Educadora. Peguei o fim de uma peça de Mozart: o último movimento da 41. Mas teve um buraco na transmissão: sem qualquer aviso, começou outra música, bem diferente. Pensei com meus botões: “Putz, o programador pirou!” No comezinho, parecia a primeira seção da *Symphonia* de Berio. Pouco depois, pensei em Smetak. Era um estofô sonoro muito novo. Pintavam uns jatos de melô escuro, feito rajadas de curiangos. Peguei a sentir dores nas articulações. Sempre fui sensível à música, mas nunca desse jeito. Resolvi mudar de estação. No entanto, por mais que eu girasse o dial, era só o que tocava. Como se o programa fosse idêntico em todas as rádios. Desliguei o aparelho e a música continuou. Tive a impressão de que alguma coisa estranha estava acontecendo.

— Eu também desconfiaria — disse Pedro.

— Foi nesse momento que vi uma luz alaranjada cortar o céu, a minha esquerda. Ela se deslocava com uma rapidez extraordinária, entrando e saindo de meu campo de visão. Freei o carro. A música cessou. Saí do automóvel, olhei pro céu e não vi mais nada.

Voltei ao veículo, rodei mais uns quilômetros. Eu já estava em Lauro de Freitas, na altura da praia de Santo Amaro de Ipitanga, num trecho muito bonito, quando tornou o poracê da corrente sonora. Brequei de vez e meu coração disparou. O silêncio apareceu de novo. Então reparei na maravilha de uma forma luminosa alaranjada sobre umas dunas próximas, à minha direita. Desci logo do carro.

— Não teve medo?

— Sim, é claro. Mas sentia, ao mesmo tempo, uma curiosidade muito grande. Uma compulsão irresistível me impeliu no rumo daquele corpo luminoso. O trem celeste não se achava pousado sobre a duna, como a princípio imaginei. Achava-se ao lado dela, suspenso no ar. Era um belo disco, de vasto diâmetro. Na parte mais elevada, tinha uma cor violácea, que ia clareando progressivamente daí para as bordas, já quase verdes. Visto de baixo, parecia ter muitos discos pequenos, cor de laranja, incrustados numa placa de luz prateada, que se estendia por uma larga faixa, acompanhando a circunferência do ovni, entre a borda e o núcleo inferior. Este brilhava profundamente, com uma cor verde-pirilampo.

— Oh, que beleza! — fez Isabel. — Psicodélico!

Pedro prosseguiu:

— Estaquei a uns dez passos do objeto. Levei uns segundos para dar-me conta de que tinha uma pessoa me encarando, bem defronte de mim: um homem alto, magro, pele alva que nem grauçá, cabelos negros e olhos amarelos feito os de um canção. Vestia um traje branco, bem justo no corpo: um macacão inteiriço que não tinha emendas nas luvas, nem na passagem pros canos das botas. No pescoço, a roupa terminava numa gola cacharel. O sujeito não abriu a boca, mas entendi que ele me falava: “Somos de paz. Queremos te conhecer. Não tenha medo.” Aí foi que o medo bateu forte. Acenei e disse até logo, mas perdi o controle dos movimentos. Quando ele me chamou outra vez, com um gesto imperioso, acabei marchando em sua direção. Leve e breve, parei em baixo do disco. Caiu sobre nós uma luz gelada. De repente, não sei como, eu me achei no interior da nave, rodeado por uns camaradas em tudo semelhantes a meu condutor. O espaço maior, lá no ufo, era demarcado por uma luz branca. Irradiações de outras cores davam acesso a diferentes compartimentos. Os tripulantes mostraram-me uns painéis complicadíssimos e me deixaram olhar pelas vigias. Só então percebi que o disco tinha-se

deslocado, estávamos sobre o mar. Um dos extraterrenos me comunicou que eles precisavam examinar-me. Fui conduzido à parte verde, onde tinha uma espécie de mesa alta, metálica. Fiquei muito assustado mas logo me deitei e rapidamente adormeci. Quando despertei, novidade: num painel à minha frente vi a figura de um esqueleto que num instante se transformou em meu retrato de corpo inteiro, a mover-se numa dança fantástica. De repente a imagem tomou a forma de um bebê, mas cresceu em poucos segundos, assumindo a aparência que eu tinha quando era menino. Daí passou por novas metamorfoses: vi-me adolescente e, de novo, na idade atual. Ao lado da tela, vi frasquinhos com pequenas quantidades de líquidos diversos. Adivinhei que tinham feito coletas em meu corpo. (Mais tarde, percebi que tinha a pele esfolada nas costelas, sinais de picadas na veia do braço, manchas roxas nas virilhas, duas obturações a menos). Ao acordar de meu breve sono ufológico notei que estava nu. Um dos estranhos telefalou que o Comandante queria me ver. Levou-me ao lugar lilás da nave, onde fiquei sozinho por coisa de um minutos. Por fim, a figura chegou. Bela surpresa: não era *o*, era *a* Comandante. Um mulherão. Ela entrou, olhou-me de alto a baixo, sorriu suave e perguntou como eu estava. Perguntou falando, de verdade, não foi telepatia. Notei logo que ela era superior em tudo a seus comandados. Embora constrangido, porque nunca tinha ficado nu entre o mar e o céu, nem conversado peladão com autoridade nenhuma, não pude impedir-me de reagir a sua beleza. Quando ela se aproximou, fiquei logo aceso. Acho que dei bandeira: precisei disfarçar o mastro com as duas mãos. Nem por isso deixei a conversa cair.

— Ela falava português?

— Sim. Com um sotaque entre o galego e o pernambucano. Atendendo a suas perguntas, apresentei-me e expliquei-lhe um pouco o nosso modo de vida. A moça passou-me também algumas informações: fiquei sabendo que ela se chama Dâira Xupta, moradora do planeta Xoki (aliás, Xoki-Papatu), do sistema cassumpriano, da binologia do calicólpio, que fica no terceiro rebebéu de Andrômeda.

— Nunca ouvi falar — confessei. Rei esclareceu:

— A astronomia deles é mais avançada que a nossa. Mas deixe-me prosseguir. Depois das apresentações, Dâ perguntou-me se eu topava uma experiência científica com sua parceria. Concordei. E ela foi logo tirando a roupa. Tinha os seios grandes, firmes,

com os biquinhos dourados, uma graça. Revelou uma xota quase sem pelos, muito bem talhada, e o lindo umbigo azul-piscina. Sua pele, no resto do corpo, era mais ou menos como a de Isabel. Tinha quadris magníficos, a Comandante. E as coxas, vou te contar... Tudo perfeito. Era um corpo celestial. Fiquei siderado.

— E quanto à experiência?

— Foi ela quem tomou as iniciativas, com grande espírito científico. Mas eu, modéstia à parte, honrei as tradições baianas de pesquisa. Levamos cerca de meia hora nos estudos preparatórios, com muitas provas. Admirei por demais o acabamento de sua perseguida, que tinha gosto de pitanga. Até hoje não posso ver essa fruta que fico excitado. Até o sorvete me esquenta, me dá febre. Dâira também tava animada. No que acoplamos, foi uma coisa de louco. Tive logo a impressão de que minha vara se esticava mais, dentro dela, ultrapassando o tamanho natural. Posteriormente comprovei esse fenômeno.

— Como assim?

— Pelas medidas feitas mais tarde, vi que depois dessa experiência meu marrecão cresceu uns cinco centímetros. Crescimento não revertido, entende? Claro que o bicho encolheu depois do ato; mas encolheu pra um tamanho cinco centímetros maior do que tinha antes da transa ufológica, nas condições de sossego.

— Eh, diacho! E como terminou o sucesso?

— A coisa foi demorada. Acho que tive uns seis orgasmos, sem sair da parceira. Tenho certeza de que ela também curtiu: por sete vezes, seus olhos mudaram de cor (passaram de verdes a dourados) e seus cabelos se encaracolaram. Na última, ela gemeu de um modo que só a guitarra do Armandinho pode imitar.

— É, deve ter gostado — eu admiti.

— Quando tudo acabou eu fiquei deitado um tempinho no chão do disco, com certo cansaço, mas Dâira levantou-se logo, pegou sua roupa e sumiu através da luz lilás. Pouco tempo depois ela retornou já vestida, e entregou minha calça. A camisa deve ter guardado a título de lembrança. Enquanto eu me compunha, ela comentou: “A semente vai vingar.” Depois ofereceu-me um copo com um líquido azul, dizendo que eu bebesse para recuperar as forças. Bebi e desmaiei. Acordei já dentro do carro, com o sol na cara, sem a mínima ideia do que havia acontecido. Quando cheguei a Buraquinho o mestre de

obras se assustou. Eu tava lesado, lesado. O camarada levou-me para a cama. Acordei dois dias depois, já em Salvador. Não sabia dizer o que acontecera. O Doutor Coelho apelou para a hipnose. Deu certo: logo na primeira sessão lembrei-me perfeitamente do meu encontro com os extraterrestres. Meu quadro então se normalizou, mais ou menos. Teve umas sequelas que desapareceram com o tempo, mas outras ainda permanecem.

— Como assim?

— O alongamento que sofri na mandioca foi definitivo, mas o brilho desapareceu com o tempo.

— O brilho?

— É. Depois dessa aventura andei quase um semestre com o ferro luzido. No claro dava pouco efeito, tinha só uns reflexos dourados. Mas bastava um escurinho que o bicho pegava a alumiar, fosforescente, com uma luz meio verde.

— Ah, que lindo! — Isabel exclamou.

— Era um vexame — corrigiu o Rei. — Certa vez eu fui fazer xixi no banheiro de um cinema e deu-se um escândalo. Tinha lá uma bicha, dessas que fazem tocaia em mictório, atentíssima. No que ela viu minha tocha acesa, não aguentou a emoção: deu um grito e desmaiou. Fiquei tão atarantado que me virei para olhar o desastre com o boitadá ainda à mostra. Vinha entrando no recinto um padre de batina, que teve a mesma reação da boneca. Formou-se um bolo. Não sei como consegui escapar.

— Nesse período você deve ter abafado com as mulheres — Pedro comentou.

— Não, rapaz, de jeito nenhum. Foi o contrário. Minha garota, na primeira ocasião que tivemos de transar depois do caso ufológico, assim que viu o brilho de minhas armas, sabe o que fez? Tornou a vestir a calçola, apavorada. Eu pedi e roguei, mas não adiantou: ela foi logo dizendo que sua xota não é sapo pra comer vaga-lume. Logo depois teve uma dona que eu levei no bico e parecia muito a fim, mas na hora agá recuou, alegando um escrúpulo de consciência: disse que o marido era eletricitista. Era sempre a mesma coisa. Nessa época, qualquer que fosse a parceira, a festa se resumia a isso: beijim-beijim, ciao-ciao. Teve artista que aplaudiu, as granfinas acharam chiquérrimo, mas não houve cristã que aceitasse dar abrigo a minha lâmpada. Passei esse tempo todo com o candombá empinado, além de aceso. Foi uma tragédia. Levei meses sem comer uma terráquea.

— E do céu, nunca mais veio nada? — eu quis saber.

— Nunca mais. Só em sonhos tornei a ver a querida Xupta. Aliás, segundo Telê, o último não foi um sonho: foi uma mensagem que ela me enviou. Enquanto eu dormia, Dâira apareceu-me grávida, mostrando a barriguinha. Pombas, é claro que fiquei orgulhoso de ser um pai intergalático. Mas morro de saudades da Comandante que engravidei. E sofro muito com a ideia de que talvez nunca veja meu filho.

— Quem sabe, um dia desses Dona Dâira vem lhe visitar com o bruguelo — eu consolei.

— Não espero, não. Telê me desanimou. Disse que há um código proibindo os ovnautas de constituir família com a gente, com o povo da Terra. Nesse ponto eles são muito patrulhados. Por outro lado, eu mesmo reconheço que gamei pela Comandante, mas não fui assim tão correspondido. No sonho-mensagem ela nem se abalou. Apenas sorriu docemente quando lhe sugeri um projeto de pesquisas mais sistemático.

— Em todo o caso — tentei ainda — foi uma experiência inédita, não? Uma sorte grande.

— Graças a sua amada, você é hoje uma pessoa ilustre: tem fama, tem cartaz — Isabel acrescentou.

— Fama de mentiroso, cartaz de culhudeiro — gemeu nosso pobre amigo. — Foi tudo que lucrei. Além de dois apelidos: *Aladim* (gentileza da mina) e *Rei da Vela*. Este último, aliás, pegou feito uma praga.

— De qualquer modo — Pedro insistiu — você teve sorte: transou com uma mulher maravilhosa, de outra região do universo. Pô, só isso já me mata de inveja. Nesse plano das relações exteriores, o máximo que consegui foi uma japonesinha, no carnaval. Mas o que é traçar uma simples antípoda, diante de sua conquista? Além do mais, você deve considerar-se um bem-aventurado, porque seu contacto foi com um disco beleza. Segundo Telê me explicou uma vez, entre os ovnis também tem a galera do mal. Falam de uma turma particularmente escrota de humanóides verdolengos, de uma galáxia de tarados, que sempre aparecem barbarizando. Já por três vezes, em seguidas aparições, eles enrabaram um moço de Campinas. Eu soube também de um alemão que transou com uma andróptera daqui mesmo, da Via Láctea, e logo em seguida broxou para sempre.

— Sim, sim! — Rei admitiu. — Nesse ponto, tive sorte. Dâira é muito boa, não tem dentes na xoxota, sua turma não me maltratou. O problema é que eu gamei.

— Disso — Pedro filosofou — ninguém tá livre em parte alguma. Nos limites da Terra, o amor muitas vezes cola no impossível. Conheço uma dona que é Vitória doente e se apaixonou por Bobô. Pense no lado positivo da coisa: seu caso, hoje, é um dos mais estudados pelos ufólogos.

— De fato — Rei atalhou. — Toda hora tem gente propondo trancar-me em laboratórios. Congressos e mesas-redondas, eu não suporto mais. No mês passado me convidaram para oito. Só topei ir a um simpósio, em São Paulo, porque eles tinham uma proposta muito séria: estavam preocupados com a identificação do planeta de Dâira. Sabiam de outro Xoki, situado na M31. Falei pra eles que a Comandante foi precisa na informação sobre sua galáxia: Andrômeda. Eles concluíram que deve ser um caso de planetas xarás no Grupo Local: o Xoki-Xoki de suas relações e o Papatu de minha amada.

— Me diga uma coisa — falei. — Nós estamos interessados na comunicação com os tipos lá de cima. Seu primeiro contacto foi bem direto. Mas depois teve outro, através do sonho. Segundo seu amigo Telê, o sonho foi transmitido, né? Mandado por Dona Dâira, certamente ao vivo. Ela não lhe falou nada sobre o processo? Não lhe deu dicas de como fazer para que você se dirija a ela, por esse canal?

— Não.

— Ô xokiana ingrata! — exclamei.

— Entenda — Pedro interveio. — Ela não pode cultivar uma relação proibida. Tem o Código...

— Aliás, fascista, racista — eu protestei.

— Ora, não exagere.

— É uma questão de princípios — insisti. — Acho que deve ser um direito universal a união de quem quiser com quem o aceite, não importando a cor do umbigo.

— Tem outra coisa — Pedro retrucou — Não creio que a Comandante esteja tão interessada no enlace quanto nosso amigo. Ô Rei, me desculpe, foi você mesmo quem falou.

— Sim — o rapaz confirmou, tristemente. — A verdade é que não posso tomar a iniciativa da comunicação. E Dâira, que pode, só fez isso uma vezinha. Já como quem diz adeus.

Pedro tentou aliviar:

— Esse comportamento de sua querida não significa necessariamente desamor. É bem possível que ela esteja gamada em você. Mas para lhe amar na prática, não precisa de sua pessoa.

— Uai, como é isso? — indaguei.

— Simples questão de tecnologia. Há pouco Rei contou que os cientistas da nave xokipapática fizeram uma boa coleta no corpo dele, não foi? Devem ter aprontado uma bela clonagem. Com algumas células de nosso amigo, eles estão em condições de produzir-lhe um duplo.

— E aí, quando Dona Dâira tem saudades... — a morena emendou, com um sorriso cruel.

— É — o Rei admitiu. — A malvada deve estar-me corneando com meu duplo.

— Mas pelo menos fica bem resolvido para seu filho o problema da presença paterna — Pedro falou.

— Eu preferia que não ficasse.

— É a típica atitude do machão egoísta. Vai ver, a Comandante sacou a sua e tirou o time de campo com bom motivo. O clone, na certa ela pode aperfeiçoar — protestou Isabel, com severidade.

— Aliás — eu calculei — nessa altura do campeonato, se a paixão continua, o tal do duplo, ou clone, ou como quer que se chame, já deve ser um jegue da laranja, um desmarcado.

— É verdade — Pedro concordou. — Se toda bimbada de Xoki tem esse efeito encompradatório, então o rival do Rei há de ter ficado inutilizável. Se a Comandante for moderadamente saudosa, um dia lhe basta para triplicar o duplo. Com nove e meia semanas de amor, o que será? Pelo visto, os machos de Xoki têm curto prazo de validade .

— Não é bem assim — o Rei esclareceu. — Os astrobiólogos que estudaram meu caso foram unânimes em dizer que o fenômeno da plusfalia (ou seja da rola excedente) só acontece em coitos mixogaláticos.

— De qualquer modo, não tem jeito: assim como lhe afetou, vai afetar seu clone — disse Pedro. — Tem o mesmo DNA.

— Portanto, ele terá de ser abandonado — concluí. — Um dia desses, quem sabe, Dona Dâira vem do céu e larga aqui o jumento. Você talvez tenha nova chance.

— Se for assim, eu não quero mais. Ela não pode tripudiar com minha imagem.

— Puta merda, já desistiu da moça?! Há pouco, estava apaixonado — estranhou Isabel.

— Tudo tem limites, né?

Dito isso, o Rei bebeu de virada um canecão de cerveja. Eu fui solidário. Pedro, também. Mas a morena debicou:

— Como são volúveis os homens da Terra!

Aí caiu um silêncio. Depois de longa pausa, eu falei:

— Bem, amigo, em matéria de comunicação com o povo dos discos, você não pode ajudar-nos muito, embora sua experiência tenha sido profunda.

— Tem razão — o Rei respondeu. — Procurem Telê. O mestre Sideral mora por estas bandas, mas no momento está viajando. Foi a Brasília, volta logo.

— Sim — Pedro emendou. — Ele é o cara. Segundo eu soube, Telê está em comunicação direta com Ashtar Sheram, que já o visitou várias vezes.

— Então, aqui em Pituaçu deve estar todo o mundo familiarizado com os discos — eu deduzi.

— Não, não. Quando o Grande Comandante pinta assim em casa do amigo, nem Telê saca o lance do transporte, que nesse caso não se realiza por meio de um ufo. É outro sistema: o porreta simplesmente aparece, entende?

— Uai... Como?!

— Sei lá! Acho que se materializa, de uma hora para outra.

— Oxente, ele é espírito?

— Não. O fenômeno tem base técnica, parapsicológica. Trata-se de um processo científico superavançado que certos elementos dominam, nas civilizações astrais superiores. Esses caras são capazes de transportar-se a grandes distâncias através da energia mental. Só os muito retados fazem isso. É o que os ufólogos chamam de telecinese transcendental completa do sujeito, tetracós, ou telecinese redonda. Ashtar Sheram é craque nisso. Telê sabe, vive preparado para o receber: em sua casa, tem sempre as coisas terráqueas de que o Comandante mais gosta.

— E quais são, me diga?

Disponibilizado gratuitamente pelo autor na quarentena. Abril de 2020
www.ordepserra.wordpress.com

— Flores, baba de moça e pudim de ovo galado. Se for de galinha virgem, ele não aceita.

— Isso prova que o Comandante valoriza muito o amor — Isabel concluiu, com um suspiro. O Rei concordou.

XLIV

Isabel acordou cedo: reunião com o pessoal da filmagem que Marcelo ia recomeçar. Tempos atrás ele tinha feito uma parte da película, mas parou por falta de recursos. Como arranjou novo financiamento, retomava o projeto. Iam passar a manhã em acertos com o produtor, escolhendo locação, discutindo com o elenco. Quanto a mim, resolvi ficar em casa. Levantei-me por volta das nove e tomei o chá com pão integral oferecido por Nina mais Tina. Depois que elas saíram, fui a uma birosca próxima. Queria fazer compras para um almoço que programei junto com a loura. Tratava-se de um cacoete nosso: além de nós dois, ninguém mais era chegado a cozinha naquela casa. O pessoal comia, de preferência, uns sanduíches naturais, alpistes de macrobiótico, bolachas estranhas, chás dos matos de fora, coisas que não ocupam muita panela. Por causa de Isabel tornei-me freguês de barracas, mas de vez em quando eu fazia uns pratos e todos gostavam de meu tempero. Até Marcelo, em geral implicante com as comidas de cristão. Na birosca, além das folhas, comprei dois litros de pinga com preparos. Enquanto eu provava o cambuí, apareceu na rua um tipo que me chamou a atenção: um branquelo de quengo raspado metido num robe cor de laranja, que tocava sininhos e dançava aos pinotes. Confesso que me espantei, nunca tinha visto caboclo daquela raça. Um bando de moleques o rodeava de arrelia:

— Pula, peru!

— Cabecinha de rola!

— Boneca de alodê!

Ele, nem tico. Era só:

— Hare Krishna! Hare Rama!

A meninada caprichava no responso:

— Rarirári, rereré!

Por fim, o dono do cacete-armado, que tinha grande moral na rua, espanou os garotos com um berro: — *Paaassa, cambada!* — E explicou:

— Só porque ele é manso, querem abusar. São uns meninos encapetados. Mas quer saber? Da primeira vez que eu vi este rapaz foliando assim, também estranhei. Na hora, achei que fosse um erê fazendo arte, fugido de algum terreiro moderno. Depois, vim

a saber que ele pertence a uma seita gringa, de oriental da linha americana. Pra mim, tudo bem: cada qual com sua lei. Mas será que ele vive o tempo todo manifestado?

Eu não soube responder.

Uma garota gritou da esquina: — Teobaldo, onde está você? — e o dançador foi-se embora com ela. Voltei para casa com meus carregos.

Logo mais Isabel chegou. Enquanto ela se distraía com meus escritos eu me entretive com Sibyl. A loura fazia uma grande salada, com muitas folhas e corações de palmeira. Provocou-me dizendo que nós, baianos, não entendemos de verdura. Aí eu peguei a falar em pratos de que a pobre não tinha a mínima ideia: aleguei cortados diversos, de quioiô, de mamão leitoso, de entrecasca de melancia, de taioba, de cabaça mole, até de palma e palmatória, os cactos. Falei de quibebes e quiabadas, dos molhos de nagô, dos efôs de bredo verdadeiro (a folha também chamada de caruru) e de língua-de-vaca. Contei da maniçoba, da maxixada, do latipá de folha de mostarda, das saladas de beldroega e jiló, da frigideira de repolho com camarão seco, do jerimum com manteiga, do maturi de moqueca. Cheguei às favas do mulungu e do mangalô.

Marcelo meteu-se na conversa e me veio com umas saladas de dente de leão, de hortelã com cidreira e manjerona, de manga verde, até de alfavaca: a pobre coitada da alfavaquinha de cobra que a serpente mesmo não come, é pasto de cágado. Ele gostava até de semente de girassol, feito papagaio. E sabia estranhos apelidos de planta, como os do pobre repolho, xingado de chato-de-quintal a louco-de-verão. Defendeu um sinistro vatapá de abóbora e uma ignóbil feijoada sem carnes, mas com tudo quanto é vivente verde das hortas, de pé enterrado. Aí peguei enjoio e mudei de assunto.

Foi a propósito do cambuí, que recomendei para a clareza das ideias. O amigo adorou. Apreciou também a receita do dandá, que protege o bofe, mais o coração. Aproveitei para explicar-lhe que existem não só o da Bahia como o da Costa. E por aí fui, lembrando remédios de espírito, mezinhas compostas com caxiri, com a dengosa — os poucos preparados que sei, porque só bebo socialmente, não frequento essas farmácias. Dei notícia da jeribita com casca de laranja ou de tangerina, assim como do preparo em que ela se ajunta com as folhas de uma ou de outra. Falei também de suas combinações com cravo, canela, cidreira, erva doce, hortelã, gengibre, casca de romã, entrecasca de mangalô, arruda, losna, guiné, capim santo, pau santo, jurubeba, quina, calunga, murici,

cassutinga, pitanga, pau doce, imbaúba, caroba, pra-tudo, pau d'arco, unha d'anta, erva de chumbo, pau de rato, mil-homens, rabo de tatu, pau ferro, sapupira, capeba, junquinho, jurema da branca e da preta, pajaú, cambuci, carqueija, fedegoso, papaconha, casca e semente de sicupira, junco popoca, semente de umburana de cheiro, alumã, verga tesa, catuaba, tiririca de babado, sete dores, sete sangrias, pau de resposta, negro nu, cobra espada, cobra coral.

A conversa deu sede no mundo. O cambuí teve um grande baque. Quando o peixe da Sibyl estava saindo do forno chegou mais gente: o moço de cabeça raspada que eu tinha encontrado na rua, mais sua mulher, por nome Teresa. Eles comeram somente arroz, em cuias que traziam consigo. Foram-se embora logo.

Depois do almoço ajudei a cabelo-de-milho a lavar os pratos. Daí fui pro quarto com Isabel, descansar um pouco. A morena pegou um de meus cadernos, ficou entretida com as garatujas. Acabada a leitura, tocou a escrever nas páginas em branco. Logo veio deitar-se a meu lado. Daí a pouco, Marcelo nos chamou para conversar sobre o filme. Propôs que eu participasse da fita, logo na abertura.

— Queremos fazer essa locação na Avenida Contorno, ao meio dia. O Espírito bolou comigo uma sequência genial.

— Como assim?

— Queremos filmar um homem jovem, bonito, correndo nu pela avenida, com um candelabro na mão.

— E o povo atrás jogando pedras — concluí.

— Não. Imaginamos uma coisa mais lírica. Contamos com você.

— Percebo. Eu faria o papel da doidice desatada: em pleno meio dia, com um candelabro, a correr pela avenida... Procurando o que? Minha roupa?

— Será a imagem perfeita da lua diurna, visível e invisível ao mesmo tempo, com sua nitidez que ninguém contempla. Você, com o candelabro de velas acesas sob o sol, passará olímpicamente entre os carros, sem que as pessoas o notem.

— Tomada curta, né? Se não me notam na Avenida Contorno, em hora de movimento, serei logo atropelado. Não? Tá certo. Em cinema, tudo é possível: até vela acesa numa avenida que o vento marinho lambe, em candelabro de corredor. E vocês com

certeza já compraram as carteiras de motorista para os ceguinhos que estarão ao volante. Diga uma coisa, meu grande amigo: porque justamente eu para esta cena?

— Ninguém mais lunar.

— Acho não. Você estaria melhor no papel. Veja a minha cor: com tanta praia, já estou quase um retrato do meu avô, que todos chamavam de Rei Congo. Para a função, o mais indicado seria Teobaldo. Ele é do tipo celofane, careca bem luzida.

— Eu lhe avisei que Lúcio tá com um bloqueio — disse Isabel. — É estranho, mas Zé me falou que às vezes acontece: pessoas com grande talento dramático passam por uma fase de bloqueio teatral.

— O meu é de nascença — completei.

Marcelinho não desistiu. Fez-me até uma sinopse do filme, de que havia escrito o roteiro com o Espírito e Zé Power. Não entendi o trem direito. Tive certa dificuldade de captar o enredo. Talvez não seja exato o que guardo na ideia:



O atleta nuelo, sempre com seu candelabro, acaba de descer a Contorno, sai na Avenida Paulista, segue pela ponte Rio-Niterói, contorna a Pampulha e alcança o centro de uma aldeia xinguana onde os índios estão a flechar um boneco, na festa do javari. Chega bem a tempo de transformar-se em tronco de árvore. Por ordem do boneco flechado, este tronco, decorado com plumas e tintas, é submetido a uma pajelança e atirado no rio. Depois aparecem os índios dançando na Bovespa, durante um pregão. Corte para uma chuva de borboletas, seguida de uma briga de arraias — coisa rápida — e daí para uma caverna de cuja boca sai um rebanho de cavalos pretos. Então o cenário muda para um descampado onde se vê um poste bem antigo, de iluminação elétrica, com uma arara trepada no braço da lâmpada. Nesse poste Isabel está amarrada, nua, sofrendo o suplício dos cataventos. As imagens alternam com as de um estádio cheio (flashes do Maracanã, do Pacaembu, do Mineirão, do Beira Rio, da Fonte Nova), com as torcidas a gritar furiosamente. A câmera focaliza o centro do gramado, onde mostra dois escafandristas jogando xadrez. Ao lado do tabuleiro, uma reprodução da Vênus de Milo, com lindas bolhas de sabão a brotar-lhe dos seios. Daí a câmera torna ao descampado onde um

carro de bombeiros surge: os soldados do fogo carregam o corpo supliciado para colocá-lo num balão. Subida do balão aos céus, onde ele se transforma num pavão misterioso a sobrevoar cidades, mares, florestas, até que finalmente explode numa chuva de fogos de artifício. As flechas dos foguetes caem num capinzal, transformando-se em árvores, imediatamente vestidas com grandes laços brancos por um grupo de ialorixás. Intervalo: outra briga de arraias. Depois um disco voador desce num areal, no meio de uma multidão de moças, todas vestidas de noiva. Os tripulantes do disco são um bando de cangaceiros, liderados por Camões. Quando eles saem da nave, elas fogem pelo descampado, até um grande barranco. Daí, as noivas e os perseguidores saltam ao mar. O disco-voador se eleva e é aprisionado no céu noturno por uma teia de aranha. Corte para uma mesa-redonda na SBPC: discussão sobre as metáforas tectônicas, Wittgenstein e o Jogo de Ifá. Novo corte: o Prof. Cid Teixeira explica o filme a soldados holandeses, no Dique do Tororó. A cena seguinte é a pesca de uma sereia com rede de arrasto, em Arembepe. Os pescadores hesitam, mas acabam trazendo a iara pro seco, obrigados por soldados romanos. Amarrada a uma cruz, a sereia é levada em procissão por um afoxé de freiras, que passa pelas ruas estreitas do Centro Histórico e desemboca no Pelourinho. Cai uma tempestade. Visão do Maestro Kollreuter no alto de uma escada Magirus, regendo a trovoadas no Campo Grande, diante da estátua do Caboclo. Baby Consuelo dançando na chuva. Dispersão das Irmãs: apenas uma, já sem véu, algemada em cima de um trio elétrico, segue pela Avenida Sete, no meio da multidão carnavalesca. Corte para cavalos brancos saindo da caverna. Imagem da freira enforcada num cabo de aço, pendente do Elevador Lacerda. Flashes de mesa-redonda com Caetano Veloso, Zé Carioca e Zé Simão. (Análise do filme). Homens de fraque reunidos num palácio, comendo mapas e fotos. Lavagem do Beco de Maria Paz. Rápida visão da freira a balançar-se numa gangorra, armada no mesmo elevador que lhe serviu de força. Depois, a estátua de Antônio Conselheiro (aquela feita por Mário Cravo) é capturada por milicos na Praça da Sé e levada ao Fórum Ruy Barbosa, onde a rodeiam pilhas de processos. Zé do Caixão lê a sentença, que manda atear-lhe fogo. A imagem desaparece entre as labaredas. Surge o Dr. Sigmund Freud urinando nas chamas. Inundação. No curso d'água que se forma aparece um caixão de defunto flutuando, até que encalha numa toiceira, à margem de um rio. Abre-se a tampa do esquife e sai um anjinho, batendo asas.

*Disponibilizado gratuitamente pelo autor na quarentena. Abril de 2020
www.ordepserra.wordpress.com*

Deslocamento de tropas na direção de um outeiro, perto do mar: encapuzados atacam um povoado. Corre-corre, tiroteio. O rapaz nu do começo está lá, dessa vez um pouco mais composto, vestido com um saiote enfeitado de cauris. Luta a pauladas contra a cavalaria dos encapuzados, que o amarram. Uma moça, evidentemente sua mulher (a mesma sereia, a mesma Sórora trapezista, ou seja, Isabel, que sofre muito nesse filme) é agarrada pelos cabelos. Sua cabeça e a do herói são cortadas e atiradas às ondas. Mas então as águas ficam revoltas e os cangaceiros surgem do mar, derrotando os invasores. No final, índios, freiras e jagunços, tendo à frente os Filhos de Gandhi, dançam na Praça Castro Alves.

Ousei dizer que a produção seria custosa. Marcelo teimou que o filme era viável. Falou que já tinha alguma coisa pronta: muito tempo atrás ele mesmo havia feito uma filmagem no Xingu, com Hermano Pena. Do documentário então produzido tiraria uns quadros. Também havia pescado em arquivos de tevê muitos flashes de carnaval e dispunha de ótimos registros de fuzuê de futebol, além de trechos impressionantes de uma película do Parker. Recentemente filmara outras passagens: a reunião dos papa-documentos, a mesa redonda, os escafandristas no gramado. Depois de muita conversa admiti participar da filmagem próxima (prevista para a outra semana), desde que a cena fosse curta e mais decente o meu papel. Seria a experiência de ator que Isabel tanto me cobrava.

XLV

Dia seguinte acordamos às onze. Fomos à praia. Depois do almoço levei Isabel ao teatro. Seriam quatro da tarde quando chegamos ao Vila Velha. Entreguei o carro à morena, que pretendia ir à Escola de Música e não sei mais onde. Fui a pé ao Instituto Goethe e lá fiquei um bom tempo, primeiro na biblioteca, depois no jardim, tomando chopes com Marlos. Ele estava com o automóvel da namorada. Prometeu-me carona, mas acabei desistindo: o amigo ainda passaria acolá de não sei onde. Fui dar uma olhadela numa exposição que tinha no Costa Pinto e de lá segui para a Graça, em visita a um colega que também se achava de férias. Esse colega era um grande do Banco. Tinha certeza de conseguir minha transferência para a capital. Ficou surpreso quando lhe falei que não pensava mais em voltar ao emprego. Deu-me conselhos, falou que eu precisava de uma alternativa de trabalho, pelo menos até que minha carreira de escritor deslanchasse. Achei que ele tinha certa razão. Mas do retorno ao banco, eu nem cogitava.

Por volta das seis o amigo levou-me à Boca do Rio. Não tinha ninguém em casa quando cheguei. Tomei um banho, troquei de roupas e fui à birosca, onde fiquei a deliciar-me com a excelência do cambuí. Passado algum tempo (uns dez minutos, talvez), apareceu um camarada a perguntar se eu sabia onde morava Isabel.

— É aqui perto — informei. — Mas no momento ela não se encontra. Está no teatro.

— Pena. Vim com a maninha ao Pilão de Prata e me lembrei da musa do pedaço. Faz tempo que não a vejo. Vocês são colegas? O amigo tem cara de artista.

— Eu? Artista?

— Não negue: já o vi contracenando com Isa, num espetáculo que Alvinho dirigiu.

— Está enganado, amigo. Eu lhe garanto que não vi esta cena.

— Claro, estava no palco. E fez muito bem seu papel. Mas agora me faça um favor: me fale de minha querida, dê notícias dela. Sou vidrado nessa criatura. Pena que ela é doidona.

— Uai, como assim?

— Pirada, bicho. Tresloucada. Eu soube que ultimamente ela está de caso com um porra-louca dos cafundós. Dizem que é um cigano do sertão, um caboclo metido a feiticeiro. Um maluco, sabe? Um estripador.

— Eita pau! Me conte uma coisa, meu camarado: você é mesmo amigo de Isabel?

— Tiete. Só não sei se ela se lembra de mim. Nunca me deu muita atenção. Há pouco tempo que conheço a deusa. E você?

— A mesma coisa. Então, ela anda com um lunático?

— Um bruxo do pau oco, feio que nem a desgraça. Não sei onde ela achou essa criatura. Só sei que o sacana é pinta-brava, um cigano curiboca, cheio de milongas. Deve ter aprontado um feitiço da porra. Droga, pegou logo minha ídola.

— Desculpe a pergunta: você é apaixonado por ela?

— Totalmente. Sou ligadíssimo nessa diaba, que atualmente me faz medo por suas más companhias.

— Se bem entendi, você procura Isabel para dizer-lhe...

— Que tome cuidado. Ela pode dar-se mal com o engonço que arranjou.

— Deus não permita! Mas quem lhe falou do tal... Desse que anda com sua amada?

— Ramón, você conhece? Ele encontrou o peste em casa de um professor chamado Enoque. Mas não adianta disfarçar, bicho: eu estou te sacando, tenho certeza de que você conhece o tarado.

— Que tarado?

— O pavoroso, o medonho, o lá-ele, o hidrófobo, o amante de Isabel. Conhece ou não?

— Talvez. Como lhe disseram que ele se chama?

— Lúcio. Ai meu Deus, é bem este o nome. Imagine só, diga lá se tem cabimento: um cigano mandingueiro chamado Lúcio pegou minha querida. Pode? Eu não creio, não quero crer numa coisa dessas. É muita loucura. Ramón falou nuns rituais de lua cheia que ele pratica, uma transa bárbara. Contou que o miseravão dirige uma espécie de seita na Pedra Azul, ou Morro Branco, onde goza de regalia. Você acredita? Você conhece mesmo o xodó de Isabel?

— Sim, acho que conheço.

— E como é o tipo?

— Assim de sua altura, de seu corpo. Mesma cor, por sinal. Mesmas feições.

Falando sério, rapaz, você se parece muito com ele.

— Não brinca!

— Juro. É idêntico.

— Porra, meu! Olhe só, cheguei a me arrepiar. Não posso ter medo de mim mesmo, né? Mas se nos parecemos, é bem o caso de uma fobia. Dizem que o filho da mãe é uma fera. Criou um puta tumulto numa cidade do sertão, aprontou um charivari no Triunfo, quebrou todo o mundo a cacete e se mandou. Está aqui escondido, refugiado.

Quase dou risada, a custo me contive. Foi então que uma pessoa chamou de longe:

— LÚUUCIO!

Eu já ia responder, mas o camarada se antecipou: — JÁ VOU, FÉ! ESTOU INDO! — e explicou: — É a mana. Adeus, camarada. Acho que perdi o encontro com Isabel.

Dito isso ele foi-se embora, sem tocar no birinaite. E eu segui para casa. Encontrei Nina mais Tina sentadas na sala. Falei-lhes do xará que tinha encontrado na birosca. Nina comentou:

— Deve ser um avoante.

— Quê que é isso?

— Um tipo que tem por estas bandas. Uma espécie de azoado. Três categorias são muito fáceis de encontrar nos arredores: o barato-legal, o avoante e o patético. O barato-legal é uma raça que acha tudo ótimo, desbundou. O avoante é o lelé do leso, que foi fundo e não teve mais volta. É o despirocado. E o patético... Ora, o nome já diz tudo. Mas hoje, bicho, o negócio tá misturado: todo o mundo é cuca-fresca, todo o mundo é astronauta e todo o mundo é fudido.

Fui logo pro quarto. Apanhei o caderno que a morena tinha deixado em cima da caixa d'água e peguei a ler o que ela tinha escrito:

)()((

Demônio querido, eu pensava que já te conhecia, mas agora me desarvorei. Quase me afogo no sangue fino de tua letra. Perturbou-me a fantasia dos teus olhos de zodíaco. Estou te estranhando, menino. E isso quer dizer que estou me estranhando. Ai, meu amor, que é feito de meu juízo? Santa Rainha de Sabá com asas de cascavel, tua beleza me tira do sério. Queimei a boca, comi a aurora. Foi um barato ficar te observando sem que você percebesse, escondida na leitura de tuas anotações. Nada perdi, nem de uma coisa nem de outra. Fiquei bêbada de te ver conversando com Sibyl, quase dançando com Sibyl no baile dos temperos mágicos. Nunca ela teve tanto charme na vida, a sacaninha. Semgraceza acabou de uma hora pra outra. De repente, até seus cabelos desbandeirados ficaram bonitos. Sibyl se alumiu com a timidez de uma santa puta, com gestos de gueixa marisca, com uma sabedoria que ela não sabe. Você percebeu a transformação? Vocês tinham consciência do jogo? Achei sensacional. Me excitou. Senti alívio quando vocês se refugiaram na cozinha. Então eu fiquei livre para brincar com tua imagem. Olha que te apanho no retrato de minha surpresa mal intencionada, menino — e te corto as garras, te arranco as asas... Te quero é no palco, viu? Voltado pra mim, à espera da deixa, que será uma punhalada. Ai estoura o flash e pronto, você vira manchete a meus pés. The end.

Fiquei intrigado com as filosofias da morena, mas desisti de interpretar. Larguei o caderno. Com pouco, peguei no sono. Daí a pouco Isabel me acordou. Tinha acabado de chegar e estava entusiasmada:

— A reunião terminou cedo, daí fui à Escola de Música e curti um bom tempo com o Maestro Smetak. Ele ensaiava uma peça nova que compôs. Estavam lá o Tuzé, o Djalma, o Samuel e outros discípulos seus, no meio de uns instrumentos lindos: rondas, choris, mimentos, vasos, boréis, selvadura, colóquio, vau, quadrado mágico, aranha, árvore, barco, peixe, constelação... Tem um que se chama *vida*. Há os violões microtonizados e um *pássaro-mamífero*, dezenas de coisas fantásticas que ele inventa. É um gênio mesmo. Eu lhe falei de você. Conteí do seu trabalho, pedi conselhos. O Mestre Smetak avisou que sua pesquisa puxa muito pelo astral. Pode ser perigosa, se você não estiver preparado na parte do lingua-sharira.

— E que diabo é o lingua-sharira?

— Não lembro. Mas os conselhos práticos eu gravei direitinho. Ele sugeriu que a gente vá a Itaparica. É indispensável que você se energize na pirâmide, um templo da eubiose que tem lá. Em seguida faremos sua preparação.

— Uai, como assim?

— Vou enterrar você ao pé de uma árvore.

— Enterrar?!?!

— É. Só um pouco. Os amigos do templo vão ajudar-nos. Eles abrem um buraco e você entra, depois a gente te cobre de cinza, até o pescoço. Com algumas horas, você fica ótimo.

— Quantas horas?

— Da meia noite ao nascer do sol.

— Maravilha. Seis horas enfiado no borralho, que nem um tição de fim de fogueira, né? Muito obrigado. Vou ficar sem preparo mesmo.

A morena quis insistir, mas eu mudei de assunto:

— Olhe, hoje encontrei um xará que é teu fã. O desgraçado tem uma paixão braba por você. Tem ar de maluco, desses que chamam por aqui avoante. Cê lembra?

— Um seu xará? Sim, eu me lembro. Tem nada de avoante. Faz tipo. É um ótimo ator. Já trabalhamos juntos numa peça que Alvinho dirigiu. Grande figura, sabe? Tem mania de cigano.

— Verdade?

Eu ainda quis especular, mas a morena nem ligou. Deu uma risada, tirou a roupa e deitou-se na espuma. Aí eu não lhe indaguei mais nada.

XLVI

Rosto escondido sob uma careta de pano, o homenzarrão de mortalha negra saltou do cavalo aos berros e correu atrás de Isabel, que fugia desesperada. De repente o miserável agarrou a morena pelos cabelos e jogou-a no chão. Sojigou a moça pela nuca, até que gritaram: “Corta!”

Estremeci. Foi uma cena bem rápida, depois de uma série monótona de ensaios miúdos, de pequenos movimentos. Dei graças a Deus que Marcelo ficou satisfeito com aquela tomada: não gostaria de apreciar-lhe um repeteco. Adiarão também a degola da pobrezinha. Isto eu não sei se tolerava. Respirei ao ver a querida levantar-se muito fagueira, mas logo me vi atucanado com a outra cena, que me envolvia. Eu tinha imaginado uma sequência impressionante, porque pensava a filmagem com a lógica do filme pronto, como disse Isabel. Tive uma decepção: o punhado de sujeitos de mortalha circulando por aquele outeiro não me dava ideia de exército invasor. Parecia mais um bloco de malandrêus caçando baile em brocotó. Nem mesmo com metralhadoras aquilo seria um batalhão. Porém Marcelo falou que não tava na hora da grande cena de guerra, da panorâmica da invasão propriamente dita: filmariam depois o ataque geral dos encapuzados à aldeia. No momento, queriam só o lance do combate do herói com seus matadores.

Achei sem graça aquele trem fora de contexto. Não dava motivação. Arrependi-me de ter aceitado o papel. Era melhor do que o atleta do candelabro, mas eu tampouco me sentia cômodo na pele do herói que surgia no final do filme só pra morrer de modo besta. Ai, o que mulher bonita não faz com a gente! Pra que prometi? Já dava agonia ficar uma manhã inteira fantasiado no mato, com a porra de um saiote azul escuro, todo bordado com búzios da Costa.

É verdade que tinha figurinos piores: o grupo de mortalha era mesmo grotesco, na sua falta de carnaval. No entanto, eles mostravam-se à vontade. Pareciam peritos no manejo das taquaras grossas que faziam de armas em nosso combate. Eu ensaiei não sei quantas vezes, tentando pegar o jeito, mas nem de longe consegui imitar-lhes a destreza. (Também não me interessava muito: só queria acabar aquela bestagem).

Num dos ensaios um galalau enfezado fez voar o meu bambu. Marcelo aborreceu-se, exigindo concentração:

— Lúcio, se ligue! O que há com você?

O Espírito largou a conversa que estava tendo com o câmara, deixou a namorada de lado e veio falar comigo. Fez uma arenga medonha. No começo, não prestei atenção, mas acabei me interessando. Ele falou que eu devia compenetrar-me de que estava às portas de uma luta decisiva, de vida ou morte. Terminou os apelos com uma sugestão:

— Pense nos homens valentes que conheceu, se concentre nas figuras bravas. Recolha com a imaginação os traços mais fortes, invoque as almas de arrojo.

Resolvi tentar. Fechei os olhos e pensei em homens de furiosa coragem. Vieram logo à minha lembrança duas pessoas muito diferentes: primeiro, Cirão, com seu rosto medonho iluminado por olhos intensos. Depois acudiu-me a imagem longínqua de um homem negro muito apumado, um camarada que conheci quando eu era menino. Severiano era mestre no jogo de facão, arte perigosa que o vi, certa vez, ensinar a um compadre. Parecia uma onça pixuna, uma fera estranhamente delicada, de bote certo. Invoquei-lhe a alma e o corpo também, como o Espírito sugeriu.

Achei logo que o truque ensinado pelo sarará não dera certo. Quando abri os olhos senti foi medo: os meus antagonistas já estavam encapuzados, sem rosto, sem feição humana.

Me assombrei. De cara encoberta eles se tinham transformado em criaturas ferozes, almas de urutu. Uma sensação de perigo correu por minha espinha, eletricamente. Orei então à Senhora do Mundo, à Dama de Guerra que tem o governo dos anjos e ri no rigor da tempestade. Prometi um rio de flores se Ela protegesse minha aldeia, preservasse a cabeça da minha mulher.

Foi um instante arrepiado. Logo depois eu disse a mim mesmo que tudo não passava de teatro. Fiz força para lembrar-me da marcação dada por Marcelo: o tribufu à minha esquerda seria o primeiro a atacar-me. Eu apararia seu golpe e trataria logo de me defender do outro, à direita; tinha de recuar, então, para fazer face ao ataque frontal do terceiro. Por fim, já acuado pela trinca, eu seria acometido por trás e golpeado na cabeça por um engonço a cavalo. Aí os outros viriam amarrar-me, preparando a degola.

Recordei mecanicamente essa movimentação estudada, mas não consegui ligar-me na sua lógica. Estranho temor embarçava minhas ideias. Rezei de novo à Rainha dos Raios, à Mãe poderosa que acende as fogueiras do céu. Acabei cedendo a um impulso novo que soprou no meu coração, no rumo oposto ao do primeiro. Quando Marcelo deu o comando de ação, segui o instinto. Pressenti um risco — uma ameaça que andava no ar com pés de veludo — e acompanhei a ordem obscura dessa intuição: girei com rapidez, passando quase acorçado entre os dois inimigos, o braço armado a subir em meia lua, o corpo coberto pelo movimento de minha arma. Manobra de bate-facão, da esgrima dos capiaus, segundo só depois recordei.

Sim, foi tudo muito rápido. O moço da direita vinha rompante para descer-me o cacete — e com certeza me atingiria, se eu tivesse obedecido à marcação. Como saí da escrita, o outro ficou atrasado no golpe. E desacertou. Surpreso com a minha passagem, ainda tentou corrigir o movimento: avançou e virou-se, a me procurar. Levou em cheio a pancada do companheiro. No quengo. Foi pá, e pumba. Mas o batedor não cantou de galo: sentei-lhe uma porrada firme no antebraço. Sua taquara voou e ele recebeu mais uma lapa no lombo. Duas, aliás. Caiu bonito.

Parti, então, para o sujeito da frente. O tipo não esperava esse ataque: quando se viu desarmado por uma cacetada seca e esquentado no tambor do peito, deu um berro, fez meia volta e disparou a correr, ladeira abaixo. Só levou mais um trisco no rabo. Uivou que voou. Já o camarada que vinha a cavalo, na intenção de golpear-me pelas costas, logo desistiu: o animal assustou-se com o voo dos bambus, empinou quando o cutuquei no pescoço, relinchou, cagou e saiu em disparada, jogando sua carga no chão. Meti o cacete no desastrado e corri atrás do outro. Persegui o fujão por um bom trecho. Se o pego, acabava com ele. Mas o tipo era bom de pernas. Voltei, então, para liquidar os baqueados. Um deles tentava erguer-se, babatando; o vizinho se torcia de joelhos, gemendo com a dor do braço quebrado; um terceiro gania no chão. Deixei de lado os miserentos, que não eram de nada, e avancei contra os diabos da corda. Eles não tinham participado da briga, mas aguardavam minha queda para me amarrar. Rodei o bambu, acertei uns dois. Os outros fugiram. Desci o sarrafo num mortalha-preta que assistia, espanei mais um grupo. Teria arreventado a raça toda, não fosse o grito de Isabel. Marcelo há tempo que berrava, desesperado: — **Corta! Corta!** — mas esse comando só me enfurecia. Se bambu fosse

faca, eles iam ver. A morena gritou: — **Pare!** — e eu parei. Plantei-me ao lado do amigo Pedro, que estava assistindo a filmagem. Marcelo gaguejava, tremendo feito vara verde:

— Rapaz, o que deu em você?

— Já o Espírito vibrava:

— Grande, Lúcio! Genial! Você foi perfeito! Magnífico!

— Magnífico uma porra! — protestou o cavaleiro derrubado, que ainda tentava se levantar. — Esse camarada é um doido varrido, um maluco muito do esperto. Vocês o botaram no papel porque ele é mestre de kendô, não é mesmo? Ele fingiu direitinho que não sabia esgrima, que era bobo. Pura manha. A mim, não engana mais. Só não digo o que penso a seu respeito porque não quero ser morto a pau. Se eu tivesse coragem, xingava ele todo.

Pedro tomou minha defesa, apontando um gajo que se torcia :

— Lúcio tem razão, pô. Quem saiu do esquema foi esse camarada aí, que o atacou pra valer, antecipando-se à marcação. Por sinal, foi ele quem lascou a cabeça do outro.

— Isso é verdade — confirmou o padecente da cuca ferida, que tirou o capuz e voltou a ser um gajo simpático. Até me fez um pedido: — Por favor, Mestre, me aceite como seu aluno. Quero moer o filho da puta.

— Foi sem maldade! — defendeu-se o xingado. — O Espírito tanto falou em realismo que eu acabei entrando nessa. Francamente, não sei o que deu em mim. Na hora subiu-me um fogo retado e parti para a luta, na vera. Acho que me animei demais.

— Ah, é, sacana? Então foi assim? Nesse caso, o lunático está certo — o rapaz desmontado concluiu, muito honestamente. — Com certeza ele percebeu sua maldade e pensou que a turma toda tava com ideia de jararaca; então desceu a ripa na galera, massacrou geral. Não lhe tiro a razão: se eu estivesse no seu lugar, lascava até o diretor.

— Calma! — falou Marcelo. — Foi apenas um mal-entendido.

— Sim. Meu cavalo se equivocou, que nem a égua sua avó, me atirou no chão e fugiu. De tão descompreendido até me deu um coice. Mas o responsável por esse engano ainda vai comer taquara.

— Meu braço! — gritou o cabra ameaçado. — Minhas costelas! Me matem depois, mas agora me acudam: preciso de médico.

— Sim, acudam com o sarrafo. É o que ele merece — fez o da cabeça inchada. — Se a garota não tivesse tanta autoridade com o samurai, todo o mundo aqui tinha virado bife, tava amassado, fudido e piripicado por conta desse corno.

— Acho que me excedi um pouco — eu confessei, com muita brandura — Mas não tenho nada contra vocês. Sem capucho, são todos simpáticos. Além do mais, eu detesto violência.

— Então, tá. Muito obrigado pelo ensinamento. Porém me diga uma coisa: quando Vossa Misericórdia desceu o morro na carreira, atrás de João Januário, rodando o cacete a ponto de quase voar... Era só pra dizer-lhe isso? Pra falar de paz e amor?

— João Januário? Bonito nome — retruquei, mudando de assunto.

— Ah bom! Então foi para dar-lhe os parabéns pelo batismo. Pois esse corno que nos atacou e pilou minha cuca, sabe como se chama? Cacildo! Não é um nome feio? Merece mais taquaradas, não? Com esse nome, aposto que vem da Pedra Preta.

— Mentira! — o galalau protestou. — Eu me chamo Heraldo Sofrônio e moro no Pau Miúdo.

Ao ouvir esse nome, levantei-me num salto, tão espantado que gritei:

— ***Heraldo Sofrônio, é?! Heraldo Sofrônio?!***

O tipo assustou-se. Talvez por causa de minha atitude: só depois eu reparei que ainda estava com a taquara na mão. No que repeti, terceira vez:

— ***Heraldo Sofrônio??!!*** — Ele disparou na carreira, subitamente lépido.

Fui atrás, tão depressa quanto pude, mas o desgraçado sumiu, encosta abaixo. Embrenhou-se nos matos próximos.

Marcelo, Isabel e Pedro correram atrás de mim, pedindo que eu me acalmasse.

— ***Estou calmo, porra!*** — falei.

Meus amigos demoraram a acreditar. Só se convenceram depois que eu joguei longe a taquara e voltamos ao topo da colina, onde o resto do pessoal parecia assombrado, por algum motivo.

— O que foi agora? — indagou a namorada do Espírito.

— Nada, não. Só fiquei um pouquinho confuso — eu disse.

— Por que? Qual é o problema? — ela insistiu.

— O problema é que Heraldo Sofrônio morreu.

A moça teve uma caroara, mas Isabel explicou, bem rápido:

— Calma, menina. Ele está falando de outra pessoa.

Já o moço do quengo esquentado entusiasmou-se:

— É isso, Mestre! Arrase os Heraldos, destrua os Sofrônios, não poupe nenhum.

Guerra é guerra, no céu e na terra!

Marcelo deixou-se cair no chão, abatido, dizendo que tínhamos perdido não sei quantos metros de fita. Mas o Espírito estava muito contente: ria, batia palmas, cantava:

— Gênio! A tomada saiu maravilhosa.

— Como maravilhosa?! — o Diretor o interpelou. — Lúcio tinha de cair, não é? Em vez disso, veja o que fez: bateu, abateu, tripudiou, botou todo o mundo pra correr.

— Ora, sua queda pode ser filmada depois. Uma pequena montagem resolve tudo — respondeu-lhe o gazo. — O importante é que a cena do combate está ótima. Venha ver!

Mostrou-lhe, então, o que tinha sido registado no aparelho. Meu amigo animou-se:

— Pô, é verdade! A cena tem grande beleza plástica. Passando devagar, a gente vê. É uma verdadeira dança. O Lu tem uns movimentos muito graciosos.

O cavaleiro mal apeado (que finalmente se tinha erguido, só capengava um pouquinho) falou então ao colega zozzo, o da porrada no coco:

— Oh, agora eu compreendi. Sabe o que tenho? Sabe o que tem você, Joquinha?

— A bunda quebrada! A cabeça rachada! — o outro respondeu.

— Não, senhor. Beleza plástica! E o que fez seu mestre lunático em benefício de Heraldo Sofrônio?

— Um movimento gracioso! — o rapaz retrucou, sorrindo — Isso realmente achei.

— Certo, Joquinha. Parabéns. Nós todos, o que fizemos?

— Dançamos, parceiro! Dançamos!

Aí romperam os dois na gargalhada.

Seu bom humor admirável contagiou todo o mundo. Até os rapazes da corda, que tinham voltado, mas ainda me olhavam com desconfiança.

O cavaleiro (de nome Francisco) morava num povoado próximo, uma aldeiazinha de pescadores. Tinha chegado à locação no seu animal. Os outros extras e o câmara, que vinham do centro da cidade, foram transportados numa van. O chofer dessa Kombi, um moço muito prático, deu uma busca e rapidamente encontrou o João Januário, mais o cavalo. Só não achou rastro de Herald.

Quando tudo se acomodou o Espírito propôs a continuação da filmagem: a cena do meu tombo. Conforme alegou, bastaria que um dos extras chegasse a galope, por trás de mim e fingisse dar-me uma pancada na cabeça. Eu estaria segurando a taquara, no alto do morro. Tinha apenas de cair. Logo depois os tipos da corda me amarrariam.

Surgiu uma dificuldade: Francisco alegou que ainda estava se recuperando, não tinha outra bunda com que montar. E os outros extras acharam a cena perigosa, não sei por quê. Um deles sugeriu que mudassem um pouco o script:

— Já vi muito filme japonês. Atacar samurai pelas costas é esparro. Não dá pra amarrar ele antes?

O Espírito não concordou.

Por fim, Marcelo resolveu: botou mortalha e capucho, falou que ele mesmo contracenaria comigo. Fiquei no ponto indicado e esperei a ordem de entrar em ação. Balancei o porrete de um lado pro outro, como ele pediu: uma, duas vezes. Ouvi os cascos do animal que se aproximava e escutei um grito. Nesse instante senti que o mundo girava. Quando dei por mim estava deitado no chão, com a cabeça no colo de Isabel. Pedro segurava na mão um copo, a água escorria no meu rosto.

— Lúcio, você está bem? — Marcelo indagava, com ar assustado. Fiz que sim e me levantei. O amigo declarou, com cara de fantasma:

— Juro por Deus que não bati. Fingi, apenas. A minha arma nem roçou nos seus cabelos.

— Sim, acredito. O que aconteceu?

— Você desmaiou, cara. De verdade! Você é um gênio! — disse o Espírito, saltando de entusiasmo.

Isabel cortou em seco:

— Chega. Acabou a filmagem. Lúcio não vai mais representar.

Voltamos para casa.

Eu ainda estava um pouco tonto e Isabel achava-se muito nervosa para dirigir. Pedro levou-nos, ao volante de nosso fusca. Marcelo também foi conosco. Parecia assustado. Eu o tranquilizei:

— Deixe de bobagem, rapaz. Tenho certeza de que você não bateu na minha cabeça. Ela já é desregulada por natureza. Não se preocupe, acredito piamente na sua palavra. O personagem deve ter tido um colapso. Ou então foi o choque da ideia dividida.

— Explique melhor — pediu Isabel.

— Teve uma coisa que me abalou. Uma coincidência.

— Dos nomes, né?

— Isso mesmo: do nome do meu adversário mais furioso lá na filmagem com o do camarada de minha terra que principiou o quebra-lua. Desde que fiquei sabendo como se chama o grandalhão do Pau Miúdo eu padeci dois pensamentos. Quando me concentrei para a nova cena tinha na cabeça o Herói, mas também o Heraldo. Entendam: não o bateu-quara, o outro. O homem do luaréu. Era como se eu carregasse essas duas pessoas para a filmagem. Segundo Alexandra, o Heraldo Sofrônio do lunifício tombou de repente em pleno alalá, enquanto dançava no meio da rua. Então o botaram numa rede e o levaram em procissão. Foi aí que se deu o ataque da tropa. Ele estava fora de si quando atiraram no seu corpo.

— E você reviveu a passagem — Pedro falou. — Viajou no luaréu.

— Só em parte — eu disse. — Me liguei também no Herói. Ele é terrível, sabem? Queria briga. Por pouco o Ganga não me arrebatava. Isto só não aconteceu porque eu desmaiei. Mas deu certo, não? Segundo o Espírito falou, o Herói tinha de cair.

Marcelo coçou a cabeça:

— Eu imaginei este personagem quando escrevi o roteiro do filme, mas não o caracterizei. Te entreguei o papel porque a lógica da história exige um homem bonito, um pouco selvagem. Você o tornou real. Ele tomou vida no teu íntimo.

— Por isso mesmo é que eu não presto para a arte de vocês. Atores pegam almas e as deixam em paz, sem complicação. Não consigo. Gente inventada me assombra. Personagens querem existir, tanto quanto nós. Quiçá com o mesmo direito. Talvez haja mais necessidade do Ganga do que de mim nesse mundo torto. Mas veja o que faço:

arranco fora seus gestos, seus sentimentos, seus valores. Não é uma violência? Por outro lado, ele pode tomar-me de mim. Ou tornar-se um encosto.

— Respeito sua cultura religiosa, meu bem, mas você precisa relativizar. Preste atenção à lei do teatro, procure distanciar-se. É você quem faz do Herói essa zorra tremenda, com um excesso de realidade. Pegue leve! — a morena recomendou.

Ficamos em silêncio por alguns minutos. Depois, Isabel tornou a falar:

— Sabe o que acho? Você misturou canal. Estava só em parte no filme: a outra banda de sua cabeça viajava, nadava na lua.

— É verdade. Isso mostra minha limitação. Eu me empolgo demais e perco a clareza. Não resisti ao aluamento e ele foi tão forte que pegou no Herói. Por ser assim é que tomo cuidado, me cerco de dúvidas. Agora mesmo elas me tomam a história toda.

— De que está falando?

— Falo do luaréu. Por essas e outras eu nunca abandono completamente uma hipótese incômoda. Ela me serve de controle.

— Diga lá, desembrulhe a malvada — a morena insistiu.

— Às vezes penso que essa história do alalá de minha terra não aconteceu de verdade. Talvez eu a tenha criado. É um filme em desvario, que dirijo sem querer.

— Verdade? Por que acha isso?

— Tudo começou com uma advertência de minha avó, uma conversa com a marca do incrível. Naná, é verdade, não mentia nunca, mas falou de uma coisa que não viu. Tampouco disse como soube, nem quando, nem de quem. Pode ter sido um sonho. Juntei com isso os murmúrios de um bordel, umas conversas de tontos, pistas confusas. Pouco a pouco fiz o desenho de um acontecimento.

— Você fez? Tem certeza?

— Não. Imagino. É uma pura suspeita. Receio que meus informantes tenham inventado a história, provocados por minhas perguntas.

— Ai, que loucura! Mas espere... Não está radicalizando? Você juntou muitos depoimentos, falas retorcidas, porém fortes. Será que nada se sustenta nesse monte de narrativas?

— O elemento mais sólido em tudo é a reação dos que ficaram contra a minha pesquisa, o esforço de tanta gente para esconder o que eu procuro. Mas também nesse

ponto cabe uma dúvida: muitos deles têm peso na consciência, crimes ocultos, vergonhas altas no passado. Um doido cavando no tempo incomoda, mesmo que esteja atrás de fantasmas: pode ser que encontre outras coisas, esqueletos de má fama.

— Então, se bem entendi, você não acredita realmente na passagem do luaréu? — Marcelo assombrou-se.

— Acredito. Quero crer. Feitas as contas, tenho o crédito por maior. Porém não dispenso a dúvida. Que não recaia tanto na essência da coisa: toca na sua fonte. Ou seja: se o luaréu brotou em mim por inspiração de sonhos alheios e se alimenta da música dos loucos (que eu faço tocar, quando escuto), ainda assim é real, vai além do limite de minha fantasia. Escapa de seu império. Não é doidice de um só doido, nem brota completamente de nossos miolos.

— Os meus já estão fervendo — disse Isabel. E Pedro interveio:

— Se você estivesse maluco não criticaria sua loucura com tanto método. De resto, o mundo é doido. Quem for muito ajuizado não entende nada na terra. Mas pense no que o perturbou.

— Reparem: o nome *Heraldo Sofrônio* não é nada comum. E já me sobra. Há meses tomei conhecimento de um xará do seu portador mais famoso, ou seja, do homem do luaréu. O xará lá dele teria morrido em Feira de Santana, **antes** do alalá. Eis a teoria do camarada a quem devo a notícia, um investigador por vocação: segundo ele crê, o Heraldo feirense foi vestido, depois de morto, com a identidade do meu conterrâneo. Padeceu de morte alheia, com um óbito posterior ao seu. É o que pensa Werner.

— Não entendi picas — Isabel protestou.

— Eu sabia que parentes do Heraldo de minha terra tinham vindo para Salvador depois do alalá. Atrás das pistas que lhe forneci, Werner foi ao Brongo do Pau Miúdo e lá esteve com uma velha que podia ser a mãe do aluado. Essa criatura é sertaneja, mas de outro sertão, afastado do nosso. Pois bem: a mãe do Heraldo lueiro também não era nossa conterrânea. Tinha dado o filho pequeno a outra mulher. Foi sua mãe de criação que o levou à Pedra Branca. Compreendem? A mãe-de-parto de nosso Heraldo ainda estaria viva, de acordo com a boca do povo. Por tanto, tudo indicava...

— Que os contraparentes do Heraldo Lueiro foram refugiar-se junto à mãe que o pariu. É isso?

— Foi o que pensamos. Mas a velha do Brongo entortou a novela. Disse que hospedou só um primo de seu defunto, um doido manso. Esse hóspede ficou uma semana em sua casa, depois sumiu no mundo. A trama ficou muito complicada. A menos que a coisa toda seja potoca de engano, como pensa o detetive.

— Quanta loucura! — Isabel falou.

— E como se não bastasse, hoje me aparece um portador do mesmo nome, vindo justamente do Pau Miudo. O peste contracena comigo e tenta me quebrar. Imitou a conduta da história que tanto persigo.

— Como assim?

— Às vezes tenho a impressão de que ela me ataca, reage feio quando nos tocamos. Não quer que eu a reconheça, não admite que eu a veja nua. Hoje, ela exagerou: feriu também o Herói que eu fazia.

— Quanto ao Heraldo da filmagem, é possível tirar as dúvidas. Eu mesmo investigarei. Mas quanto ao Herói, o que sente você? — Pedro falou.

— No momento, nada. Ele saiu — respondi.

— Tenho uma teoria — disse Pedro. — O Herói vem a ser um elemento de tua alma, que nem sempre te comparece, porque passeia pelo mundo. De acordo com a alta metafísica dos gungas de Cachoeira, a alma de uma pessoa é geralmente maior e mais variada do que ela imagina. Só uma parte se demora junto ao corpo e lhe dá assistência de jeito constante, ou quase. O espírito, que Deus assopra, agita a alma: quando o sopro é forte ela pega a flutuar e se lança ao mundo. Às vezes, vai longe. Quer dizer, nem sempre isso ocorre. Em certas pessoas a alma agitada cresce, torna-se muito maior que o corpo e então se espalha. Já em outras, ela se encolhe tanto que gruda nos ossos. Em políticos e banqueiros é comum que ela se perca: sai na urina. Alma voadora é melhor, porém seu controle resulta difícil. Ela tende a separar-se demais do sujeito. Se esconde fora de nós e pode nos surpreender. Já vi a minha tomando banho nos olhos de uma moça.

— Legal. Deve ser gratificante encontrar a própria alma.

— Sim. Mas nem sempre a pessoa que se depara com sua psiquê a reconhece, ou com ela se identifica. Aí é que mora o perigo: quando o sujeito repele a alma que Deus lhe deu, ou contraria seus desejos, ela se dana, alucina. Por isso eu acho positivo o teu

respeito pelo Herói, o acolhimento que você lhe deu. Sei de casos em que a pessoa se ferra por não se dar valorizar sua própria alma quando a encontra no mundo.

— Boa teoria — eu aprovei. — Talvez explique o problema de Calixto.

— Quem é a figura?

— Um camarada de minha terra que endoidou por teimosia. Seu pai era um curador, sabia remédios do mato. Não ensinou a milonga ao filho. Falou que não podia, a natureza dele não aceitava. Quando o pai morreu Calixto foi atrás de outro mestre. Aprendeu de um tudo, mas enlouqueceu. Não de todo, pelo tempo inteiro: passa grandes temporadas furioso, curando os outros; depois sara, troca de nome e sai pelo mundo com a pessoa mudada a fim de enganar a loucura, na esperança de que ela não o reconheça, não lhe ache mais o endereço. No entanto ele nunca se esconde tão bem que sua doidade não o encontre para torná-lo, de novo, o bom Calixto, alucinado e terapêutico. É arte da alma dele: contrariada com a ciência que não lhe cabia, ela o persegue cheia de loucura.

Pedro concordou.

Almoçamos numa barraca de praia, onde boas cervejas nos relaxaram. Era noite quando chegamos à Boca do Rio. Comi umas fatias de bolo de chocolate que Sibyl me ofereceu, tomei uma xícara de café com leite, sentei-me ao bureau e fiquei escrevendo, enquanto Isabel fazia exercícios de tai-chi-chuan. Às nove tomamos banho juntos e nos preparamos para dormir. Foi quando chegou o nosso Assistente de Direção:

— Desculpe se sou indiscreto, mas digam: vocês estão pensando em transar agora? Do ponto de vista artístico, seria uma boa. Quer dizer, se vocês capricharem. O negócio é a intensidade. Fervor, fervor!

— Não precisamos de recomendação, muito menos de orientações — a morena protestou, um pouco irritada. — Qual é a sua, Espírito? Crítico de arte, vá lá. Mas de foda, é muito!

— Não é isso. É que o filme... Quero dizer...

— Oh, saquei — fez a morena —. Você quer filmar a nossa trepada, não é?

— Não, aqui não. A iluminação seria insuficiente. Mas sinto que está faltando uma cena de amor de vocês no roteiro. Com o realismo feroz de Lúcio, vai ser formidável. Que tal um ensaio?

Disponibilizado gratuitamente pelo autor na quarentena. Abril de 2020
www.ordepserra.wordpress.com

— Tá. Não se incomode com a iluminação — retrucou Isabel, com os olhos verdes faiscando de um modo assustador. — Tem outra tomada que dá pra fazer direitinho, aqui e agora. Com você mesmo, ó mal encarnado. Será o máximo do erotismo. Só preciso de um porrete.

O Espírito desapareceu.

XLVII

Coisa de uma semana depois da filmagem Pedro foi procurar-me em casa, umas nove da manhã. Achou-me entretido com meus cadernos. Indagou-me o que eu escrevia. Expliquei como pude:

— Faço um diário . Sugestão de Cíntia, minha antiga noiva. Quando a notícia do alalá zumbiu na minha orelha sua falta de lógica me perturbou. Mesmo assim, eu não conseguia esquecer o trem. Logo suspeitei que a confusão do luaréu tinha a ver comigo, sei lá como. Então a querida me aconselhou: “Procure observar-se. Além do enredo que investiga, registre seu sentimento”. Foi o que fiz, botei minha vida no caderno. Talvez tenha exagerado. Em pouco, o assunto de que mais tratava era ela, era meu amor. Falei, então, que tinha passado a uma crônica nova, toda sua. Uma história de Cíntia.

Pedro retrucou:

— Acho que você foi longe demais nessa tática subjetiva Acabou privilegiando o caminho indireto. Outro dia você me disse que aqui mesmo, em Salvador, teria meios de rastrear um personagem do luaréu, mas não foi atrás.

— É verdade. Quando vim para a capital esqueci o endereço de Werner, um camarada que não conheço pessoalmente mas tem colaborado comigo. Aqui mesmo o danado encontrou boas pistas, seguiu os rastros de umas figuras importantes no desenho do alalá. Correu o tempo, não tomei a providência de apelar para ele. Me envolvi com outros assuntos a que também dou importância. As novas experiências botaram luz no meu juízo, me ajudaram a perceber coisas que eu antes não via. Há pouco me lembrei do esquecimento: semana passada liguei para um colega do banco (da agência da Pedra Branca, onde eu trabalhava) e pedi-lhe o telefone do xerloque. Liguei, descobri que ele está viajando. Deixei recado.

— Você só voltou a essa procura por causa do incidente da filmagem, o encontro do novo Heraldo, não é mesmo? Pois olhe, tenho notícias. Investiguei, como prometi. Não fui mais longe por causa de uma surpresa. Já leu os jornais de hoje?

Peguei a gazeta. A foto era boa: logo reconheci o homem estirado numa mesa de morgue, com um braço engessado sobre o peito. A notícia dizia:

“O cadáver de um homem branco, vestido apenas com uma bermuda, braço na tipoia, foi descoberto ontem num matagal, perto do Encontro das Águas. O vigilante de um condomínio próximo achou o corpo e chamou a polícia. Os investigadores encontraram o extinto em decúbito dorsal, com uma bala na testa. O indivíduo terá sucumbido a uma guerra de quadrilhas. No seu bolso os policiais encontraram duas carteiras de identidade, uma em nome de Pedro Melo, outra no de Heraldo Sofrônio. A polícia acredita que se trata de um bandido procurado por diversos crimes, um estuprador e latrocida que tinha o vulgo de Boca Estrela”.

Quando acabei de ler a nota o amigo indagou-me se eu tinha reparado no riso da criatura. Falei que não. Isabel disse logo:

— Eu notei. O miserável tinha dentes de ouro. A propósito, quem convidou esse judas para a filmagem?

— Sofia, a mina do Espírito. Ela diz que escolheu os extras por critérios simples: o tipo físico, a habilidade no manejo do porrete. Mas o falso Heraldo foi segurança do seu pai. Fornecia um fumo de qualidade à gatinha — disse Pedro.

Quando a conversa chegou nesse ponto Sibyl nos interrompeu, dizendo que tinha um camarada na porta, à minha procura: um coroa grisalho, de boné e óculos.

— Werner — adivinhei. Pedi que ele entrasse e o homem foi logo explicando:

— Cheguei ontem do Rio e achei seu recado. Pesquisei para te encontrar: você não deixou indicação de paradeiro, só prometeu que ligaria de novo, mas nem o telefone deixou. Eu não quis esperar. Liguei para Heliodoro, que me deu o endereço de uma pensão na Vitória, onde você pousou por uns dias. Tem lá duas pessoas que lhe prestavam muita atenção: uma hóspede chamada Cris (uma coroa de cabelos oxigenados, viúva, canhota) e Ana Paula, a arrumadeira, bela morena com uma pinta no queixo. Elas me disseram que você deixou a pensão em companhia de duas moças. Lembravam-se de ter ouvido os seus nomes: Nan e Isabel. Recordavam-se também de que as moças falaram no Teatro Castro Alves. No teatro encontrei Nan, que me botou no rumo certo.

Pedro resumiu o caso da filmagem e falou o que sabia sobre o extra falecido. O xerloque então nos convidou a ir com ele ao Instituto Médico Legal, em busca de novas informações. Isabel não topou. Preferiu ir à praia. Pedro tinha um compromisso. Fiquei de encontrá-lo mais tarde, na Cantina da Lua. Acabou que fui sozinho, atrás do detetive —

ele em seu carrão e eu no Apolo XI, meu fusquinha enluarado. Num instante chegamos ao Complexo de Delegacias.

Logo à entrada do IML o detetive encontrou um amigo que abreviou nossa busca. Por ele soubemos que o corpo do Boca fora autopsiado e entregue aos parentes, com certeza já tinha ido para a cova. A gente podia ver umas fotos. Achei desnecessário, mas Werner quis checar. Falou em consulta a certos arquivos. Seu amigo disse que podia quebrar-lhe o galho, só não dava para introduzir nós dois no espaço reservado. O detetive então pediu-me que o esperasse no Museu Estácio de Lima, bem ao lado. Concordei, fui visitar a casa sinistra. Passei ligeiro pela exposição de armas de crimes, artifícios de ladroagem, trapas, macetes de traficantes. Mais depressa ainda atravessei a sessão dos monstros, abortos e horrores do natural. Dirigi-me à única parte bonita do Museu, onde ficam expostas peças do culto do povo de santo, coisas que a polícia roubava dos terreiros, no tempo da perseguição. Daí fui parar no trecho onde se encontram as cabeças dos cangaceiros que a Volante degolou. Lá estava uma jornalista entrevistando um senhor de terno, muito empertigado. Ela tinha um ar de menina — belo corpo adolescente, rosto suave — mas sentia-se muita força no brilho agudo de seus olhos. O figurão é que estava azedo. Quase explode quando a garota lhe indagou, com voz serena:

— Doutor, quais foram os ganhos que o conhecimento humano já teve com essa exposição? Porque não aceita que as cabeças dos cangaceiros sejam enterradas? O que a ciência tem a ver com isso?

— Escute, menina: a ciência é complexa demais para o entendimento de uma pirralha que mal saiu da Universidade. Você está questionando uma coisa que não entende.

— E o senhor não sabe explicar.

Eu sorri, admirado com o repente da danadinha. Mas o figurão deu-lhe as costas, saiu bufando. A moça voltou-se para mim:

— Pronto, afundi a entrevista. Vê-se logo que sou uma foca, não?

— Pelo contrário. Você é brilhante — retruquei.

Em seguida fui encontrar-me com Werner, que estava à porta.

Já no estacionamento ouvi um chamado. A pequena jornalista me procurava com passos tímidos.

— Posso lhe dar um beijo?

— Sim, claro — respondi.

A garota beijou-me o rosto e seguiu para seu automóvel, ligeirinha. Werner riu:

— Puxa, você é terrível, hem? Conquistou uma pequena em tempo atômico. Deve ser um Don Juan.

— Ora Werner, se uma garota beija um homem e sai correndo, está claro que ele não é um Don Juan. Mas diga lá o que apurou.

— O seu novo Heraldo Sofrônio era mesmo falso. Estavam certos os tiras: trata-se do Boca, Paulo Messias Guedes da Cunha. A família o reconheceu. Ele tinha uma ficha razoável: latrocida, estuprador, trambiqueiro. E transava uns tóxicos, por aí. Mas era covarde, o tipo que barbariza quando não tem risco. Na última cana ele cantou bastante, entregou uma porrada de sócios. Boca deve ter roubado a carteira e ficado com a identidade do Sofrônio que bateu as botas em Feira de Santana, um xará do seu conterrâneo. Que talvez não fosse apenas seu homônimo.

— Como assim?

— *Sofrônio* é sobrenome de uma grande família do interior. Acredito que o clã teve dois Heraldos na presente geração, ambos nascidos em terra sertaneja, em localidades afastadas. O truque do prefeito Magno foi dizer que os dois eram um só. Assim, oficialmente, o Heraldo seu conterrâneo “faleceu” antes do quebra-lua. A velha do Brongo, a mãe do Sofrônio de Feira, ganhou alguma coisa com a história. Confirma-se a minha hipótese.

Prolongamos a conversa num bar próximo. Werner estava feliz. Era aposentado da Aduana, detetive amador. Me falou que tinha planos de investigação *in loco* sobre o luaréu. Iria a minha terra assim que voltasse dos Estados Unidos, de uma viagem detetivesca.

— Tenho uma pista: tudo indica que está lá a doutora misteriosa de quem falamos por carta, a musa do Santinho. Aos colegas médicos ela disse que voltava logo, mas duvido que o faça. A desapareição do amigo pintor a envolveu num rolo de suspeitas. E ainda tem a questão política. Como o clima continua pesado, talvez ela prefira demorar-se no estrangeiro. Não creio que volte tão cedo.

— Por favor, Werner, me diga o que apurou com relação a Santinho. Dizem na minha terra que ele sumiu no meio da inana, que se encantou, que foi resgatado pela médica, que saiu da cadeia antes do alalá e até que ele nunca foi preso, viajou para a Europa ou mudou-se para Cabrobó.

— Acho mais provável a história do resgate, mas não do jeito que teus amigos imaginam. Ele deve ter sido espancado ou baleado no meio da confusão. Algum parente o apanhou na rua e trouxe para cá. A médica recolheu o bagaço que ainda amava. Parece que o operou, mas ele morreu na cirurgia. Pode ter sido uma eutanásia. É o que murmuram. De qualquer modo, nada se confirmou. A doutora tem costas quentes.

Logo que nos despedimos toquei para a Cantina da Lua, onde Pedro já me esperava. Tratei de contar-lhe o resultado da diligência. O cachoeirano achou razoáveis as conclusões de Werner.

Já passava das três e meia quando voltei à Boca do Rio. Isabel estava impaciente. É que tinha compromisso no Vila Velha, uma reunião decisiva com os produtores da peça. Entreguei-lhe a chave do carro e fui à praia. Lá encontrei Zé Power mais Judite, que me convidaram para jantar.

Foi uma despedida. Zé me contou que eles viajariam no dia seguinte para São Paulo e semana dias depois iriam à Europa. O primeiro objetivo era participar de um festival na Inglaterra, um grande encontro de gente de teatro. Depois eles pretendiam ir à França, à Itália e finalmente a Portugal.

— A temporada em Salvador foi importante para nós. Temos muito que agradecer a René, a Isabel e a você. Graças aos amigos a gente concluiu a elaboração da Transistória. Mas dá-se que a situação do país ainda está muito complicada, a censura não arrefeceu. No momento são poucas as chances de levar ao palco esta peça. Com mais um ano, quem sabe, nós a encenamos aqui.

— Sei não — falou Judite. — Essa porra de regime parece inabalável. Quando a gente pensa que relaxou, torna a endurecer. Na morte de Vlado houve toda aquela reação da sociedade, não se lembram? Nós fomos ao ato ecumênico na Praça da Sé e nos emocionamos, sentimos a força da multidão, pensamos que os gorilas se tocariam, que o galho deles estava podre, a queda era certa e a coisa logo ia melhorar. Saímos de lá chorando, mas cheios de esperança. Pouco tempo depois os sacanas do DOI-CODI

mataram do mesmo jeito um operário chamado Manuel. Tudo igualzinho, com requintes de barbaridade. E de novo disseram que foi suicídio. Repetiram a farsa com o maior cinismo. A meu ver, ainda demora um bocado para ter democracia em Pindorama.

Levamos horas nesta conversa. Passava da meia-noite quando retornei. Isabel ainda não tinha chegado. Deitei-me sozinho e dormi imediatamente.

XLVIII

Acordei de madrugada com um barulho de risadas, um pequeno alalá dentro do quarto. A luz acesa feriu meus olhos e a gargalhada de Isabel acabou de me despertar. Um casal improvisava uma cama com dois colchonetes no canto que antes era de Marcelo. Uma branquinha espevitada me olhava com ar de gato em beira de aquário e uma mulata de cabelos vermelhos sorria com a mesma expressão. Junto delas, um tipo que conseguia ser careca e cabeludo ao mesmo tempo tocava de olhos fechados um violão. Sentei-me na cama atarantado, esfregando os olhos. Quando vi que a confusão não passava me levantei. A branquinha bateu palmas e eu me dei conta de que estava nu. Vesti a cueca em poucos segundos. A espevitada protestou: — *Fique à vontade!* — e a outra lambeu os beiços, sentando-se na cama que eu tinha acabado de desocupar. Isabel falou:

— Calma, meu bem, essas bobas não vão te comer. Deixo não.

Dito isso, ela rodopiou pelo quarto numa dança doida. Estava completamente bêbada. Botei uma toalha nos ombros, calcei minhas sandálias e fui saindo, irritado. Dirigi-me à varanda e me deitei na rede. Mas como Isabel adivinhou, nessa altura eu já estava acordado mesmo. O sono me fugiu por completo. Tomei uma ducha a fim de esfriar a cabeça. O truque não funcionou.

Vesti o calção que horas antes eu tinha pendurado numa corda. Imaginei que um banho de mar talvez melhorasse meu estado de espírito. Quando já ia saindo, notei que o Apolo XI estava com os faróis acesos. Se não desligasse, daí a pouco a bateria pifava. Calculei que a chave do carro estaria na bolsa de Isabel e voltei ao quarto para pegá-la. Achei um breu, a luz apagada. A escuridão arfava. Liguei o interruptor. Isabel já dormia a sono solto. A mulata ruiva também, enrodilhada a seus pés. O casal trepava ardentemente na sua cama de improviso. A um canto, o violão.

Por sorte encontrei logo a bolsa. Peguei a chave, apaguei a luz e fui desligar os faróis do carro. Depois guardei o chaveiro num prego da cozinha. Lá estava o careca sentado no chão, abraçando os joelhos, com o rosto molhado por grossas lágrimas. Fiz de conta que não o via e fui saindo. Quase me bato com a branca assanhada. Ela vinha do quarto de Sibyl com um tablete e um copo na mão. Abordou-me toda gentil:

— Está de juízo quente, não é? Tome isso que fica legal.

O diagnóstico era certo, eu nem perguntei o nome do remédio. Bebi de um gole. A moça tentou me atalhar: falou que não era bom sair para o mundo com a cabeça voando. Ignorei seu conselho. A caminho da praia formei a resolução: assim que voltasse trataria de arrumar minhas coisas. Já era tempo de deixar aquela vida maluca.

O ar fresco da praia me fez bem. A irritação diluiu-se, as águas do mar levaram embora minha raiva. Pensei com calma. Achei que Isabel me desconsiderava, mas eu nem podia reclamar. Era seu hóspede, um namorado que levou para casa. Se aceitei, paciência, só tinha de ficar enquanto não desse problema. O incomodado se muda.

Tranquilo com esta decisão, respirei a aurora que me invadia, acolhi com deleite a aparição do sol. Acordei um vendedor de cocos, bebi a água de dois. Depois urinei, com muito orgulho, um arco-íris perfeito, e sai andando pela praia até um ponto que me pareceu o mais saudável, não sei por que. Nesse lugar me deitei. Duas gaivotas pousaram perto de mim: uma de cada lado. Pareciam mulheres muito atenciosas. Daí a pouco elas voaram para o mar. Tive a impressão de que mergulhavam nas ondas reluzentes, já com aparência de botos. Fechei os olhos e dormi um pouco. Uma sereia passou voando pelo meu sono. Falou que eu tinha menstruado. Era maluca, evidentemente. Dei-lhe as costas e tornei a cerrar os olhos. Achei-me numa espécie de vagão fechado. Era um trem vertiginoso, rápido demais. Em pouco me vi de novo na praia, bem acordado. Senti que o tempo me enganava, o sol exibia seus ricos poderes. Calculei que seriam sete da manhã. Toquei para casa.

No caminho assisti uma cena que tinha a impressão de já ter presenciado: dois rapazes de sunga transportavam uma folha de porta, cantando em voz baixa. Dessa vez a peça era uma obra de arte bem trabalhada. Seus entalhes caprichosos formavam um mundo de figuras coloridas. A bela tábua tinha até mamas em relevo. Borboletas

adejavam junto a suas aréolas. Perguntei aos dois carregadores pela moça do gato, mas ninguém respondeu. Liguei não. Eles pareciam drogados.

Enquanto eu admirava a beleza da porta mamífera Teobaldo apareceu não sei de onde e me explicou que ela seria plantada na areia, a fim de marcar o tempo. Terminou sua explicação com um argumento que na hora pareceu-me lógico:

— Uma porta é muito melhor que um relógio.

Concordei. Perguntei-lhe o que fazia ali tão cedo e o cabeça lisa retrucou:

— Estou nesta rua por acaso. Tomei o metrô na Lapa a fim de encontrar com o mano, na Vitória. Era pra ter saltado no Campo Grande mas afundei na meditação e esqueci o destino. Quase chego ao fim de linha. Por sorte acordei a tempo e descii aqui. Foi o universo que me guiou. O mano deve estar por estas bandas, a menos que já tenha ido para Arembepe. Mais tarde eu vou pra lá com Teresa.

— Xente, pelo que vejo, você não sabe o paradeiro de seu irmão. Como o encontrará?

— Há tempos que o procuro. Não sei quem é, mas sonho muito com ele.

Na hora dei-me por satisfeito, não estranhei essa conversa: Teobaldo é beato e esse povo que sofre de Deus esmiola um pouco, meditação deles azoa mais que bebida forte. Só de uma coisa fiquei curioso: indaguei do santo homem onde ficava a estação de metrô, coisa que eu nunca tinha visto na cidade do Salvador, na Boca do Rio nem se fala.

— O metrô não é d'agora — disse Teobaldo — Atrasa muito na Bahia, ninguém sabe direito onde chega ou passa, muito menos quando. É que nem meu irmão.

Daí ele deu uma risada misteriosa e sumiu outra vez, enfronhado na sua reza.

Mais adiante vi um pretinho que tocava uma gaita. Vestia apenas um calção azul, muito curto, quase uma sunga. Um pavão que surgiu do nada pegou a dançar com ele, acompanhando de um jeito solene os meneios de sua música. Esse encontro melódico me alegrou. Cheguei em casa bem leve. Tomei novo banho, vesti bermuda e camisa, arrumei minhas roupas na mala e me preparei para sair.

Ao chegar à porta vi uma moça que estacionava sua moto. Era bonita, mas parecia angustiada. Estudei seu rosto quando ela tirou o capacete e tive a impressão de que a conhecia. Apesar dos traços irados, achei-a muito parecida com uma senhora da minha terra, uma linda viúva chamada Piedade, que bem merecia o nome: era realmente

bondosa, sempre disposta a acudir os sofredores. Fui um dos donzelos que ela iniciou. Com esta lembrança logo me tomou uma grande simpatia, um carinho profundo pela recém-chegada. Preocupei-me com sua tristeza.

— Você está bem? — perguntei.

Ela não deu resposta. Insisti, já duvidando um pouco de meu conhecimento:

— Eu sou Lúcio. Como é seu nome?

— Lili. Não é uma boa hora, querido.

Ato contínuo a criatura foi entrando e pegou a vasculhar a casa. Senti que ela precisava de ajuda. Larguei a mala no chão e segui seus passos dolorosos. A bela mulher se deteve à porta do quarto de Isabel contemplando o casal que dormia abraçado. Um tremor a sacudiu. Pensei que ela ia ter uma convulsão. Pousei a mão no seu ombro, acariciei seus cabelos, abracei-lhe a cintura quando ela vacilou. Num instante ela se recompôs. Parou de tremer e encarou-me com os olhos incendiados. Pedi-lhe que se acalmasse e a convidei a tomar um café. Ela atendeu e me acompanhou. Fomos então para a cozinha. O careca de rabo de cavalo ainda estava lá. Lili o estapeou com vigor. O homem recuou com um gemido e seu nariz pegou a sangrar. Creio que ele teria apanhado muito se eu não contivesse a bela mulher: abracei-a por trás, prendendo seus braços com firmeza, enquanto o infeliz se afastava com a cara quebrada e lágrimas nos olhos. Estava zozzo, tão desarvorado que tropeçou num tamborete e levou um tombo feio no corredor. Quando conseguiu erguer-se, saiu capengando e chorando pela porta fora. Lili esboçou um sorriso e me pediu que a soltasse. Dei-lhe um beijo no rosto. Nas suas pupilas vibrava uma chama azul, feito uma labareda de álcool. Percebi de repente que ela esfriava, banhando seu coração em vapor de morte. Senti alívio quando toquei seu pescoço e achei a temperatura normal. Preparei um chá que tomamos em silêncio. Quando acabou ela me fez um convite:

— Você estava de saída, não? Venha comigo.

Sentei-me na garupa de sua moto. Esqueci minha bagagem, meu carro, tudo o mais. Só pensava em acalmar a linda fera que me transportava. Temia que ela se matasse.

Não sou capaz de reconstituir o trajeto que fizemos, Lili dirigindo a máquina rumorosa, eu abraçado a sua cintura. Saltamos à porta de um pequeno edifício, acho que na Pituba. Entramos num apartamento amplo e confortável, embora muito desarrumado.

Já na sala a moça arrancou toda a roupa do corpo. Do seu e do meu. Encantou-me a pequena foice tatuada em seu seio direito. Rolamos sobre o tapete numa luta ansiosa. Ao tempo em que me abraçava e atraía, ela roubava a boca a meu beijo faminto. Por fim eu a sojiguei e abri caminho entre suas ancas fortes, num rompante que a fez gritar. Da segunda vez ela me acolheu em seu ventre moreno, beijando-me a boca num arrebatado. Deu-me um branco. Acho que desmaiei. Ao despertar vi que estava sozinho. Achei na mesa um bilhete. Lili tinha saído, não sabia quando voltava e pedia que eu fosse embora: “Não quero te ver nunca mais. Não pense que sou mal agradecida nem imagine que te desprezo. Ao contrário, tanto te prezo que me contive. Peça a Deus que te livre de mim.”

Larguei na mesa o bilhete enigmático e fui ao banheiro. Percebi, então, que tinha sangue no meu sexo. Por um instante imaginei que tinha deflorado a moça, mas logo vi que era absurdo, na certa ela estava menstruada. Tomei um banho e senti fome. Na geladeira encontrei maçãs, leite, queijo, pão de forma e geleia de mocotó. Comi. Em seguida, apanhei numa estante um caderno de desenho e um lápis. Pensei em deixar um recado, um agradecimento, porém acabei desistindo.

Voltei ao banheiro. No espelho tinha uma frase escrita com batom: **LILI NÃO EXISTE**. A mensagem me perturbou, fiquei muito embaraçado: se Lili não existia, quem era a criatura com quem transei? Dona Piedade?

Em dúvida, saí do apartamento, fechando a porta com um baque surdo. Sentei-me nos degraus à entrada do edifício e me entretive com desenhos, buscando o sossego de minha cabeça. Desenhei a linda mulher que me repelia. Dei-lhe o vulto de uma Nossa Senhora da Inexistência: ela vogava numa canoa sobre uma nuvem ondulada, quase a tocar um morro azul. Remava com uma foice. Era Lili com ares de anjo, de Cíntia. No alto, botei uma lua de carvão. Não sei donde me veio isso, mas o desenho ficou muito bom.

Duas senhoras que saíam do prédio ficaram me olhando com expressão de coruja. A mais velha falou para a moça:

— Veja, é o namorado da médica. Pelo jeito, endoidou.

— Mas ele não tinha morrido?

— Por aí se vê a maldade do povo. Caluniaram a doutora, disseram que ela apagou o amante, mas o sonso tá firme e forte. Pelo jeito, dormiu com outra, fez até o retrato da bandida. É um santo do pau oco.

A jovem olhou-me de cima a baixo e concluiu:

— Não é ele não, mãe. Parece, mas não é.

— Se parece, é — retrucou a velha. — Esse povo usa muito disfarce.

Larguei na escada o desenho que a dona severa logo pegou, dizendo que dava dinheiro. Suspirei e saí a caminhar. Na primeira esquina uma senhora parecida com Tia Sônia me puxou pelo braço:

— Manoel, vá-se embora enquanto é tempo. Eles já estão atrás de você.

Eu fiz de conta que entendia seu recado, dei-lhe um beijo e segui caminho.

Pouco adiante alguém me chamou. Era Tito a oferecer-me carona em seu carro novo:

— Que há com você, rapaz? Está perdido?

— Acho que sim — confessei. — Estou procurando o metrô.

— Danou-se! Nesse caso, perdido é pouco. Entre aqui que eu te deixo em casa.

Assim que cheguei fui pegar a babagem que tinha esquecido na sala. Já estava quase de saída quando Isabel apareceu, com os olhos vermelhos.

— Meu amor, o que está fazendo? Não me deixe assim. Me perdoa, eu sei que tenho culpa. Fiz besteira, bebi que nem uma vaca. Os maluquetes que eu trouxe para cá devem ter enchido o teu saco. Nunca mais quero ver esses filhos da puta. Lazineira me contou que te deu ácido. Ela queria te comer. E Vanda é uma cobra. Inocente só Eva, que veio pra cá com o marido e dormiu com o homem da irmã. Não se incomode, já botei todo o mundo na rua. Vamos conversar, há horas que estou te procurando. Você está bem? Você me odeia?

— Eu gosto de você, Isabel. Só acho que erramos de morar juntos. Eu não dou certo com esse modo de vida.

— A culpa é minha, reconheço. Eu te arrastei numa onda louca. Mas agora estou em outra. Sabe de uma coisa? Pintou o grilo porque a gente não se resguardou. Aqui não temos um canto só nosso. A porra da privacidade, é isso. Pode ter um som burguês, mas é indispensável.

— Também acho.

— Então estamos de acordo. Você me perdoa? Eu tô puta comigo. Reconheço que fiz uma burrada. Mas no fim das contas... Pense, Lu! É bobagem acabar com tudo. Temos tantos planos, tanta coisa nos une. Admito que sou uma pessoa difícil. Você também, né? Mas não somos incorrigíveis. Olha, eu tenho uma ideia: vamos viver juntos de verdade. Nós merecemos uma chance. Você gosta de mim? Gosta? Então vamos lá! Não custa uma tentativa.

— Não sei se dá certo.

— Claro que dá. Agora, me fale: você está legal? Sentiu alguma coisa? Viajou?

— Passei um pouquinho.

— Tá bom, vamos ao que importa.

Refizemos nossos planos. A morena falou-me do acerto com uma amiga de Arembepe: deixaria com ela seu quarto, pagando mais um pouco pela casinha da praia. Lá, só nós dois. Quando perguntei por seus compromissos, ela deu de ombros:

— Agora, a única coisa que me interessa é você. A peça que ensaiei com os Novos só entra em cena depois do carnaval. A que bolamos com Zé Power vai demorar ainda mais. Zé viajou, foi a um simpósio na Inglaterra. De lá vai a Portugal, ao encontro de Glauber. Quer mostrar-lhe a Transistória, que talvez vire filme. Tudo longo prazo, né? Cuidemos de nossa vida. Ficaremos juntos que nem casal verdadeiro, sem essa de comunidade.

— Parece melhor.

— Será, com certeza. Nós nos completamos, temos tudo para viver bem. Grilos às vezes pintam, mas a gente passa por cima. Não se desiste à toa de uma ligação que nem a nossa, uma fonte de alegria. Quero te propor um trato. No caso de um vudu que a gente não supere, se o grilo for meu, abro o jogo: sei que você prefere assim. Mas se um dia você quiser dar fim a nossa relação, por favor, vá-se embora de mansinho. Deixe só um sinal bem claro, para que eu compreenda e não me aflija demais.

Dito isso, ela pegou a chorar. Então nos beijamos doidamente e seguimos para a cama, na maior paixão.

XLIX

Ficou bom o puxado que resolvi fazer ao lado da casita: um pequeno alpendre onde poria as redes. Acordei antes da chegada de Dado e Vermelho, que eu tinha contratado para essa tarefa. Eles não demoraram. Quando Isabel despertou a gente já concluía a faina da cobertura. Tomamos o café de dona Sinhana e partimos para o o banho de mar. Confessei que estava gostando da vida de casal. Era bom o convívio com o povo de Arembepe, os novos praianos e os pescadores.

Pouco adiante topamos com um conhecido. Ele estava sentado debaixo de uma árvore, com as pernas cruzadas, os olhos semicerrados. Fiquei em dúvida:

— É você mesmo, Teobaldo?

— Entre as armas eu sou o raio, entre as vacas eu sou Surabi.

— Ele está na aldeia desde ontem — a morena esclareceu.

— Como foi que você decifrou...?

— Já encontrei a Teresa.

— Eu sou Kandarpa entre os procriadores — tornou o moço.

— Sem dúvida — apoiei. (Não gosto de contrariar esse povo).

— Mas entre as serpentes, eu sou Vasuki.

— Sim, como queira.

— Lúcio, ele tá rezando! — Isabel explicou. Eu comentei, em voz baixa, enquanto a gente se afastava:

— Vamos embora. Quando um beato chega nesse ponto convém deixar quieto, senão desanda. É muita loucura.

Isabel zombou de mim. Disse que eu não devia estranhar um colega, não é justo: um santo não fala do outro. Protestei:

— Não diga bobagem, mulher. Não tenho merecimento, nem sou tão doido assim.

Mas ela insistiu:

— Bicho, vou te dizer uma coisa: você passa de santo. Nunca na minha vida encontrei uma pessoa que falasse tanto em Deus e na Mãe d'Ele. Como se não bastasse, volta e meia você se lembra de anjos e encantados. Mesmo pra baiano, é demais. Você é

o único cara que eu conheço que trepa a noite inteira e reza quando acaba. Perguntei às colegas do teatro, moçada experiente: elas jamais toparam um gato assim, tão católico.

— Fui criado no catolicismo. Gosto dos evangelhos, das histórias dos santos, das rezas, mas nunca apreciei os regulamentos do clero, a obrigação de ter as ideias que a Igreja manda ou ir pr'as cucuias. Não aprovo a intolerância dos homens de batina com os hereges, não aceito seu carrancismo. Muito menos a obrigação que eles têm de viver donzelo. Que tem a piedade contra as bocetas? Não é só isso: diabo e inferno, eu detesto. Nunca admiti. Também não vejo graça na monarquia do papa. Imagino que já não sou tão católico, né? Porém continuo religioso, por conta própria. Creio na Mãe de Deus, e em Deus, por consequência. Não nego louvor aos anjos, que são movimentos do Eterno, assim como os Orixás e os Caboclos. Acredito nos santos. Eles nos são indispensáveis. Sua doideira boa controla um pouco a má louquice do mundo. Aprecio os poderes da fé e lavo a cabeça na cachoeira das dúvidas. Acho que muitos ateus são divinos. Sou um pouco ateu.

— Tá. Nunca vou entender a teologia baiana, mas gosto assim mesmo. É aberta, criativa. Não me incomodo com a complicação quando o astral é bom. Só não aguento o transcendental que dá fossa. Meu primeiro namorado me cansou a beleza com isso. Era chegado a teorias.

— Assim como eu?

— Não. Era outro tipo de cabeça. Um geniozinho da Maria Antônia, respeitado pra caralho na universidade. Eu me sentia, ao mesmo tempo, ofuscada por sua cuca de ouro e cheia de gratidão por sua condescendência em namorar comigo, por que... Entende? Eu era só uma garotinha burguesa, por fora da transa intelectual que dava status em nosso meio. Tava de penetra no ambiente e andava com um cara que era o máximo, que sacava o corte epistemológico e tudo o mais. Pensando bem, ele foi hábil pacas. Tinha uma atitude ultra-generosa. Dirceu era um poço de maturidade e me pegou quase moleca: a menininha deslumbrada, já viu? Doida de vontade de ser inteligente. Naquela onda de politização, de engajamentos, de agora-é-sério. Me botou muito grilo. De fato, a gente não combinava. Eu sempre fui natural. Gosto de festa, de alegria. Às vezes despirocava mesmo. Imagine só que par eu fazia com aquele homem cheio de atitude, puta superego político, fissurado em estruturas, mamando nos chifres do universal

concreto. De vez em quando ele amarrava um bode, sacumé? A coisa da contradição, a crise existencial, a fossa braba. Aí eu me enchia de culpa. Depois do lance de Ibiúna, fudeu: o sacana tornou-se ainda mais complicado. Tava pensando em entrar para a clandestinidade e vivia tenso, na fossa porque não entrava. Aí eu me enchi, saltei fora.

— Nunca mais o encontrou?

— Tempos depois ele me procurou. Tinha largado a política, era consultor não sei de que porra numa múlti. Ainda atacava com o mesmo papo, embora apelasse mais para a coisa da análise participante nos aparelhos do sistema, esses trecos. Comigo, já não colava. Fui logo dizendo: “Vai te catar!” Percebi que não curtia esse gênio.

— Espero que goste um pouco de mim.

— É... Quem sabe?

Dizendo isso, Isabel disparou a correr. Eu fui atrás e acabamos rolando na areia. Foi quando nos apareceu, não sei de onde, uma menina-moça de cabelo arrepiado, com uma criança escanchada na cintura. Ela foi logo perguntando, muito sem modo:

— Pessoal, qual é o pó? Tá saindo uma trepadinha à milanesa?

— Oi, maluquete! — Isabel respondeu. — O que faz no pedaço?

— Porra de nada — a pequena retrucou, largando o nenen na areia. A morena pegou nos braços a criança.

— Puta merda, não deixe o bichinho neste sol, sua doida, Não vê que ele não aguenta?

— Ora, mulher, deixe de frescura. O sacana foi feito na praia, nasceu de parto natural, me lascando que nem um tarado, e eu crio com tudo natural. Tem mais é que curtir o ar livre. Mas vamos, me apresente o gato. Ele é um mucado bonito, sabe? Carinha de santo e tripé armado... Você sabe se tratar.

— Deixe o Lúcio em paz, sua tonta. Vamos cuidar desta criança.

— Meu boneco tá legal. Só precisa de uma molhadinha na maré.

Isabel não quis desculpas: lá se foi com a intrometida, em busca de água doce e boa sombra, refrescos para o pequeno. Percebi que minha namorada entendia mesmo de criança, embora não tivesse filho, nem irmão miúdo. Era de natureza. Por um instante, pensei até em perguntar-lhe se estava tomando a pílula direitinho.

Daí fui zanzar, explorando o mato próximo. Segui por um trecho que uma tropa de coqueiros flanqueava com ares de festa, à frente de arbustos de um verde escuro, entre as carnes brancas do areal. Logo cheguei a um ponto onde tinha uma moita elevada, dominada por uma árvore baixa, mas de boa copa, que parecia debruçar-se com os galhos gordos sobre uma pequena depressão, derramando boa sombra numa bolsa de areia plissada entre murundus. Contornei o pequeno monte coroado de verde e entrei numa espécie de concha entre dunas mabaças. Recuei logo, que não sou peru. Lá estava deitada uma senhora nua, muito lânguida, com a cabeça no peito de um caboclo também pelado. Ela era comprida e rosálva, cabelos dourados; ele, um moreno acarajé, de longos cabelos aparados em franja na testa e raspados coisa de dois centímetros na orla das orelhas, que grandes batoques enfeitavam. A moça me chamou me chamou para conversar mas recusei, nessas coisas eu sou tímido. Saí por uma trilha que despontava do lado oposto ao de minha entrada no recanto. Vencida a duna, senti movimento numa touceira. Fui olhar e me deparei com um velhote aninhado na moita. O peste foi logo indagando, lampeiro:

— Amizade, me conte: esses dois são colegas seus?

— A moça, já vi na praia. O índio, é a primeira vez que encontro.

— Ela tava te chamando pro pagode?

— Só queria conversar.

— Ah, você precisava ver a conversa dos dois. Fizeram até o carrinho de mão. O caboclo é danado mesmo. Deve ser uma reza que ele tem, especial pra boceta de branca. Todo ano ele baixa aqui, por essa época, e fica no máximo duas semanas: é o tempo de que precisa pra passar nas armas as ripas da redondeza. Não adianta vir com macho, que ele sacode a porra do feitiço pra cima dos cornos e as donas não têm pr' onde correr. É menina moça, é mãe de família, tudo ele apanha, traz pro mato e senta o ferro. Essa aí deixou o marido na praia, um gringo de quase dois metros, e veio toda sonsa pro geme-geme. Mal chegou, já se ajoelhava aos pés do caboclo. Se você for amigo do índio, meu camarado, me faça um favor: converse com ele, peça pra ensinar a oração à gente.

Eu nem respondi. Balancei a cabeça e voltei rindo à praia onde uns amigos conversavam à sombra de uns coqueiros: Tote e Renan, os inseparáveis. Daí a pouco, chegou Isabel.

— Aquela menina não tem jeito. Tivemos uma briga por causa do garoto, do Balãozinho. Fui dar conselhos, sabe o que arranjei? Ela me chamou de burguesa, velha, quadrada, hippie de boutique. Depois, teve uma crise de choro e confessou um drama: rompeu com o pai da criança mas suspeita que está grávida novamente. Para complicar, se apaixonou por um índio.

— Costuma aparecer muito indígena em Arembepe? — indaguei.

— Só sei de um que pinta de vez em quando, o Tep Kahõk. É um Krahô — disse Tote. — Vem do Maranhão. Roda pelo mundo.

— Na verdade, ele é baiano — afirmou Renan. — Um gunga velho me contou sua história. Tep é filho de um oficial do exército daqui de Salvador que foi mandado para o Maranhão e levou a família. Lá o garoto conheceu os índios. Apegou-se tanto aos Timbiras que acabou por integrar-se, entrou para a tribo.

— Talvez ele esteja por aqui — disse Isabel. — Ontem a mulher do Rick me perguntou se eu tinha visto um índio bonito na praia.

— Acho que ela já o encontrou — falei. Depois percebi que estava sendo indiscreto e mudei de assunto. Perguntei pelo Balãozinho, o Javi. Naquela altura, eu não estranhava mais nome de criança. No meio por onde andava naquela época, conheci um monte de pirralhos com batismos fora do comum: *Liló, Caju, Duca, Zaze, Nahual, Areia, Manhã, Luango, Arjuna, Pisquilha, Tapioca, Pretinha, Rá...* Javi, ou Balãozinho, não era demais nesse time. Principalmente sendo filho de uma Dana com um Gongo, chamado também de Crau e Cabeça d'Água, segundo Renan. A morena acrescentou:

— *Capítulo* é o nome que a amada lhe dá. O pestinha é filho de atriz, foi concebido entre duas novelas. Conquistou a Dana com um balão vermelho. O romance foi curto: o pai dela pintou no pedaço e deu uma carreira no Gongo, que fugiu com todos os seus nomes. Daí o coroa levou a filha de volta para Belô. O balãozinho inchou, mas o avô não quis acordo com o responsável. Perdeu tempo: assim que o menino ficou portátil Dana fugiu, voltou para seu amado. Agora, pelo jeito, a paixão acabou. Ela não tá mais interessada no Capítulo, quer partir para outra história.

L

A noite foi de sobressaltos. Tive uma enxaqueca feroz e quando consegui dormir sofri um tumulto de sonhos. Acordei perto de meio dia. Isabel estava inclinada sobre mim, agitando um pequeno leque. Tinha os olhos um pouco sombrios. Perguntou três vezes se eu estava bem. Respondi que sim: apenas sentia um torpor, uma leve pressão dolorosa na metade do crânio, um aperto nas têmporas. Tratei de levantar-me. Mal cheguei à porta, senti os olhos feridos pela violência da luz. Daí voltei para o quarto e deitei-me de novo, até que bateu a fome.

A comida estava deliciosa. Dona Sinhana preparou também um aluá que foi uma bênção. Quando acabei de comer os vestígios da dor de cabeça tinham passado completamente. Fiz uma sesta com boa madorna, tomei um banho e fui deitar-me na rede, no alpendre. Isabel sentou-se ao pé de mim, numa almofada sobre a esteira, e me indagou:

— Porque você não me contou que é sonâmbulo? Eu tomei um susto danado.

— Sonâmbulo? Sou não. Quem tinha isso era Renato.

— Não se lembra de ontem à noite?

Com esforço, toquei de leve na recordação de um sonho cansativo.

A morena ajuntou:

— Você estava muito esquisito. Levantou da cama e saiu andando feito um zumbi. Não ouviu quando chamei. Simplesmente abriu a porta e se mandou. Eu fui atrás, assombradinha. Quase na beira da lagoa, puxei teu braço. Você falou uma embolada de palavras, parecia que estava celebrando missa. Peguei tua mão e te trouxe de volta. Por sorte, era noite de lua. O que sonhou?

— Já esqueci.

LI

O amigo Terêncio ofereceu-nos o fruto de sua pesca e fez o serviço completo: assou-nos o polvo na brasa. Depois da janta voltamos à praia, Isabel e eu. Ficamos sentados num tronco de coqueiro, ao som de um violão que uma moça tocava perto de nós. Foi aí que eu falei à querida sobre a nova estratégia que eu pretendia adotar no trabalho. Eu queria dividi-lo em etapas. Decidir fazer um livrinho com a apresentação do problema e distribuí-lo na minha terra, forçando as pessoas a discutirem o assunto. Isso me ajudaria a retomar a pesquisa por lá. Quando tivesse mais elementos, lançaria outro livro, o definitivo. Isabel aprovou:

— Certo. Em termos editoriais, um suspense ajuda. O povo fica curioso. Mas tem outro aspecto que não se pode deixar de lado. Lembre-se da sua teoria: o luaréu tem alcance universal. Deve ser pesquisado também neste sentido. Já bolei um método.

— Explique, por favor.

— Parto de sua colocação, mas vou adiante com minha filosofia. Sou uma pessoa muito prática. É preciso ter os pés na terra, mas se a gente não tira de vez em quando, não anda. Quem é prático de verdade não dispensa a fantasia. Este é um ponto. Agora veja outro, mais um princípio de minha lógica: só conhecemos com certeza o que nós mesmos realizamos. Se quer saber do luaréu, faça um.

— Mas é possível?

— Claro que sim. Apesar da bagunça dos depoimentos, dá para deduzir as condições do alalá. Primeiro ponto: foi uma coisa que envolveu uma comunidade remota, um tanto isolada e pirada. Segundo: teve um gatilho, a mensagem provocante do Herald. O terceiro aspecto que eu destaco é a interferência da arte: segundo você contou, o Santinho estava pintando um quadro na cadeia, na hora do rebu. Teve também o show do Xirico. E havia um circo na cidade.

— Isso mesmo, um circo mambembe. Dizem que a companhia faminta participou da confusão. Elias foi contratado, era o palhaço da propaganda, o pernas-de-pau. Uma dançarina maluca teve papel importante no fuzuê, junto com sua irmã. Sim, reconheço que você tocou em pontos decisivos. Mas falta uma coisa essencial: falta a lua. O alalá se fez quando a viagem dos astronautas entrou fervendo no juízo do povo.

— Deixe-me continuar. Temos aqui, em Areembepe, quase todos os ingredientes. Os pescadores desta aldeia vivem isolados, fora da civilização. São baianos, facilmente piráveis. E tem a moçada que vem curtir, que já chega zonza. Se houver uma boa provocação entram todos em órbita. Usaremos o feitiço artístico em ligação com os astros. Será uma noite de lua cheia, temperada com música e dança, amor em multidão. Convém deixar a moçada solta com uns rocks na veia, batuque e fumacê no capricho. Daí aprontamos um lunaval de barcos bêbados. Imagine uma banda trielétrica, sob o comando de Armandinho, chegando a esta praia de balão, à meia noite. Não faltará dançarina tonta. Vai ser um um alto acontecetáculo. Depois de uma noite transfigurada, quando todo o mundo estiver na cinza, faremos a provocação, espalhando notícias chocantes: “A lua tá queimando! O Papa vai casar-se! Acabou a União Soviética!”

— Bela ideia. Só tem um problema: vai custar-nos uma fortuna esse teu luaréu.

— Por isso mesmo, há de ser a última fase da pesquisa. Até lá, arranjamos financiamento.

— Essa parte do estudo fica por sua conta. Você é mais prática.

— Deixa comigo.

Demorei um pouco a pegar no sono: fiquei refletindo sobre o que Isabel me havia falado. Já a pensadora estava adormecida quando cheguei a uma conclusão que me empolgou. Acordei-a com beijos no umbigo:

— Meu bem, estou de pleno acordo com o que você disse a respeito do conhecimento. Mas tirei daí uma dedução que me espanta: só Deus pode conhecer o mundo. E a Mãe d’Ele é a única teóloga.

— Tá certo — a morena falou, entreabrindo os olhos faiscantes — Muito obrigado pela dica. Mas agora preciso de uma corda.

— Para que, meu amor?

— Para amarrar seu pezinho na cama. Hoje tem lua cheia.

LII

Seriam umas sete da manhã quando despertei. Deixei Isabel na cama, levantei-me de um salto, fiz café, tomei um gole e fui à praia. Esquentei-me correndo pela franja do mar, depois caí n'água. Daí a pouco ouvi que me chamavam da areia:

— *Ôi, Da Lua!*

Era Maurício, um varapau de seus vinte anos, com uma bela coroa crespa de cabelos de fogo, cara sardenta besuntada de cremes brancos, óculos escuros. Vestido de sunga e camisa de malha, empunhava um guarda-chuva para proteger-se do sol. Tinha a pele fraca, era gazo demais. Seu banho de mar era sui generis: ele deixava que as águas lhe cercassem o pescoço e mergulhava a cabeça de vez em quando, feito um sabacu de coroa, mas mantinha elevado o para-sol. No momento, porém, ele estava sentado no casco de uma velha canoa que jazia de borco na areia, sobre um resto de grama. A seu lado achava-se um homem moreno, vestido de forma pouco praiana: calça cáqui e camisa branca de mangas compridas, sandálias rústicas. Tinha o rosto emoldurado por cachoeira grisalha. Chamava-se Floro, como logo fiquei sabendo. Conversamos um nada. Floro indagou donde vinha meu apelido local, Da Lua; em seguida fez um comentário qualquer e desculpou-se: falou que tinha de ir ao mato, em busca de plantas. Quando ele se afastou Maurício me disse, com entusiasmo:

— Esse cara tem ótima cuca. É a segunda vez que nos encontramos, porém já senti sua sabedoria. Ontem, foi ele quem me tirou das trevas do Zapa, que pintou no pedaço com um papo caveira. Se não fosse a aparição de Floro eu estaria deprê.

— Quem é o Zapa?

— Um magrelo enfezado, comprido, que usa óculos de tartaruga. Parente de Renan. Deve ter uns trinta anos porém é mais velho que sua geração. Ontem pintou no pedaço quando Renan e Tote estavam a enfrentar-se numa polêmica. Eles brigam por asa de barata, não é? Assim faziam. Eu mediava o debate, que tava pegando fogo. No que o Zapa chegou os dois se puseram de acordo e se pirulitaram. Conhecem a peça, viram logo que ele estava no breu.

— Não me lembro de Zapa nenhum. Ele é novo aqui?

— Você não está ligando o nome à figura, que com certeza já encontrou. Ele nem sempre se manifesta no tom cavernoso. Tem um lado simpático. É alto, magro, de cabelos castanhos, queixo longo. Vive cheio de urgências.

— Será o médico?

— Ele mesmo.

— Pois me parece uma boa pessoa. Apresentou-se a mim com o nome de Ramos. Já lhe dei uns três apelidos, não sabia desse. Ainda ontem tivemos um ótimo papo, conversamos quase meia hora. Aprendi muito com suas explicações. Ele esculhambou com o governo, com a cidade, com o mundo. Achei razoável. É um sujeito franco, sem papas na língua. Volta e meia me diz que sou maluco. É bem possível que tenha razão.

— Como foi que você o conheceu?

— Semana passada ele tomou-me o carro emprestado para levar uma criança ao hospital. Na volta conversamos quase a noite toda. Eu o achei muito simpático.

— Sim, ele é gente boa, todo o mundo diz. E você deu sorte de encontrá-lo num bom momento. Tem gente assim, que varia no astral. Ontem o bicho estava atacado: Chegou vuduzando brabo, boca de jiló. Parecia um jacaré com dor de dentes, um raga-mortalha, um bode velho com carrapatos. Sentenciou que a Baía de Todos os Santos está emporcalhada e mesmo aqui, na franja oceânica, tem sujeira: justamente em Arembepe o titânio de uma fábrica infernal entra na veia do mar. O Governo não se toca, o povo ignora. Assim o meio ambiente se lasca.

— Então é uma coisa séria, ele tem razão de preocupar-se. Besta sou eu que nem sabia dessa porra. Você, o que respondeu?

— Eu disse que é preciso investir na educação a fim de que o povo tome consciência e pressione as autoridades. Zapa berrou que não adianta, cantou ladainha de horrores. Segundo ele, o Brasil lascou-se, tá piripicado, tem por elite um rebotalho, sofre de estado podre, governo imbecil e sociedade fudida. Não parou por aí: declarou que o mundo inteiro caminha para a merda, a democracia virou putinha dos ricos, o socialismo se acanhou. Baixo astral completo, o negativo pintado de breu. Argumentei com a era de Aquarius, que exalta a beleza, escancara as portas da percepção. Falei no retorno de Eros, na aurora das mulheres, no crescimento das consciências, na expansão do rock. Mas o carinha nem quis saber. Uivou que os dias da vida no planeta já estão contados pois a

espécie devastadora cresceu demais. Foi então que Floro apareceu. Sentou-se aqui, com um sorriso manso e ficou a ouvi-lo em silêncio. Quando o Trombeta do Juízo perguntou-lhe que graça achava, ele falou que a paz resiste, a porta da luz se acha aberta. Zapa retrucou dizendo que é tudo ilusão, a paz está fudida e mal paga, desmoralizada em todo o canto. A guerra, ao contrário, continua a ser a pastora dos homens, dona do rebanho que berra pelo matadouro. Bandidos e palhaços governam o mundo, a ladroagem dita a lei, a portinhola de luz há muito virou buraco negro. Daí Floro recitou uma frase dos evangelhos: *Benditos os que têm fome e sede de justiça*. Zapa saiu rugindo, mas parou com o funeral.

— Que faz o Floro por estas bandas?

— Veio a Arembepe ver um amigo. É jornalista aposentado, mora na Pituba. De vez em quando pinta no pedaço. Vem visitar o velho Irineu, que ele considera uma autoridade em matéria de plantas. Irineu ainda pesca, porém hoje se dedica mais a folhas do mato. Virou uma espécie de curador, afamado na região.

— Conheço o velho. É gente boa. Segundo dizem, tem autoridade no candomblé.

Interrompemos a conversa neste ponto, no que Isabel apareceu. Despedi-me de Renan e fui zanzar com a morena. Pouco depois nos deliciamos com o peixe assado de Dona Sinhana, daí curtimos um bom descanso nas redes do alpendre. Banzamos até as quatro da tarde, por aí. Foi quando chegou Marcelo, com o Espírito.

Fiquei contente de ver os amigos, mas sofri uma picada de apreensão: senti que acabava o sossego da gente. Isabel também cismou. Foi logo dizendo que não dava pra eles ficarem conosco: morada pequena, vida de casal. Marcelo falou que era só por uns dias. Daí ela decretou que os dois chegantes dormiriam no alpendre.

Depois de arrumar sua tralha num cantinho da sala, Marcelo botou uma fita no gravador: Debussy, *O Martírio de São Sebastião*. Mordí os lábios. Era evidente que o bicho estava pensando na cena do filme que mais me preocupava: aquela em que Isabel ficaria atada a um poste, imitando o santo, porém nua e crua como o diabo gosta, a fim de ser flechada por cataventos. Me deu gastura. Eu reconhecia o direito dela, de fazer cinema. Nunca me atrevi a censurar-lhe os projetos. Sabia que a droga da cena martirial tinha sido inspirada em sua visão. Mas me dava agonia imaginar minha namorada peladona perante dúzias de marmanjos: câmeras, diretor, contrarregras, elenco, extras e

perus, todos de pau duro. Se a filmagem fosse em Areembepe atrairia os pescadores, a moçada, o povo todo. O velhote da moita, como babaria!

Tempos atrás eu tinha tentado convencer a morena da inconveniência do quadro. Falei que São Sebastião podia não gostar da paródia. Perdi meu latim: Isabel falou que espírito celeste não tem preconceitos. Acrescentou que o glorioso mártir é padroeiro dos gays, logo não lhe incomoda ser traduzido em feminino. Engoli em seco, não sabia desse dogma.

Ouvi a fita suando. Só tive um pequeno alívio quando Marcelo falou que a filmagem da cena martirial tinha de ser num estúdio, lá em São Paulo. No momento, eles queriam fazer uns takes inocentes, coisa pouca.

Lá para as cinco da tarde fomos à praia. No caminho Isabel falou aos colegas do meu encontro com o índio mais a gringa. O Espírito impressionou-se com a descrição do cenário. Fui mostrar. No que chegamos ao trecho escutei um canto que brotava dos arredores. Encontrei logo a fonte da melodia: agachado perto de uma moita, Floro cantava de olhos fechados:

Alalá da lua louca,
Vou quebrar a tua louça!
Você pode?
Você ousa?

Perguntei onde o rezador tinha aprendido esse cântico. Floro sorriu:

— Em casa de luz, irmão. Lá no Acre. Quem me ensinou foi o Mestre, um baiano do sertão. Um negro de peito largo, um gigante de alma pura.

— Severiano?

— Era seu nome.

Isabel vinha chegando com nossos amigos. Expliquei a Floro meu interesse:

— Conheço esta cantiga de outro modo: com andamento mais rápido e letra um pouco diferente.

— Não duvido. Severiano me disse que tirou seu hino da canção de um camarada, feita num dia de loucura.

— Xirico! — exclamei. — Era certo o que Mena falou.

— Quem é quem? Não estou entendendo nada — Isabel queixou-se.

— Mena é a filha de Severiano, mora lá na Pedra Branca com sua mãe. Eu preciso dar-lhe a notícia deste encontro. Por favor, Floro, diga onde está seu mestre.

— No céu — o homem respondeu.

Com tristeza pedi a Floro que me falasse do seu iniciador. Ele não gastou muito tempo com a história. Contou que seu mestre tinha feito desatinos, ganhou o mundo por causa de uma perseguição e tão longe foi que acabou escravo numa fazenda do Acre. Daí fugiu, embrenhou-se na grande floresta. Adoeceu no meio do mato, tocou as margens da morte. Foi salvo por índios com quem aprendeu artes de pajé. Mudou-se para um seringal onde se associou a um caboclo na criação de um culto novo. Os dois atraíram muita gente com seu mistério caridoso, suas práticas de fé. Severiano falava muito do Alalá e do Povo da Lua, dando a entender que se tratava de uma aldeia de espíritos. Dizia também que tinha participado de um grande tumulto, início de sua purgação: fugindo aos horrores de uma chacina, ele abandonou a vida manchada, entrou na mata e ganhou vida nova graças ao dom do vegetal, de que mais tarde fez um sacramento.

Contei a Floro que conheci seu mestre muito tempo atrás, quando Severiano trabalhou no sítio da gente. Eu era miúdo na época mas nunca perdi a lembrança do grande negro contador de histórias. Mais tarde ele mudou-se para o Sincorá. Voltou bem de vida. Um dia, porém, sua sina escureceu: ele foi preso, acusado de um crime. Estava em cana quando se deu o caso pantalunático.

Floro propôs que no dia seguinte eu fosse à casa do velho Irineu, onde ele estava hospedado. Garantiu que me daria “um presente de Severiano”. Com este acerto nos despedimos.

Já em casa Isabel me perguntou como era a versão que eu conhecia da cantiga do alalá. Falei que a música varia um pouco e a parte do perguntado envolve pimenta. Eu a ouvi de mulheres-damas.

— Elas também rezam assim?

— Não. Elas entendem a cantiga como um sotaque, um modo de debicar. Segundo Mena, foi improvisado de um candango. Uma arrelia no luaréu.

— Quer dizer que a filha de Severiano te ensinou uma versão e Floro aprendeu outra com o pai dela?

— Mena falou-me da toada do alalá, obra de Xirico. Não disse os versos, ficou com vergonha. Limitou-se a assoviar a melodia. Muito tempo depois uma moça do Bem-me-Quer, a Lulu Inês, entoou para mim o canto que virou bendito no Norte. As mudanças na letra com certeza foram feitas por Severiano quando ele entrou na religião. A forma que eu conheci primeiro foi a original:

Alalá da lua louca
Vou quebrar a tua louça!
Você arde? Você goza?
Toca lá
Alalá
Os cabelos da viola!

LIII

Assim que a noite chegou resolvi fazer uma fogueira. Chamei Terêncio, que morava perto, e com sua ajuda arrumei a lenha. Fiz munição de carne-de-sol, linguiça, cachaça. Depois fui em busca de Mário, bom tocador de violão. Com pouco armamos um pagode à volta do fogo plantado na areia. Isabel providenciou pratos e copos com suas amigas, convidou o povo da vizinhança para *fogueirar*. Logo foi chegando gente. Nasceu uma festa. Até de madrugada, o pessoal cantou, dançou, pintou o sete em honra das labaredas, celebrando o clarão da lua.

O Espírito plantou-se entre duas argentinas, beijando suas bocas de forma alternada. Marcelo formou um trio esquisito com uma garota e um rapaz. A americana agarrou-se com o índio e seu marido se entendeu com uma pretinha. Ele trouxe duas garrafas de uísque e deu conta de uma. Outros aderentes vieram com batidas de coco e maracujá. Dado providenciou uma moqueca de peixe.

Teve música o tempo todo. Verifiquei que havia lá um mundo de artistas. A festa rolou com violões, guitarras, maracas, bongô, timbales. Apareceu até um saxofone. E foi variada a cantoria.

Madrugadinha, quando a fogueira pegou a esmorecer, o Espírito levantou-se, tirou a roupa e jogou-a em cima dos tições. Suas amigas fizeram o mesmo e saíram com ele a correr, entre cristais de risada, gritos de entusiasmo. Logo sumiram os três no seio da noite, na praia do mar lunarioso. Nunca mais eu vi o moço chamado Espírito.

Não sei o que deu no povo. Todo o mundo aderiu à moda instantânea: shorts, bermudas, saias, camisas, blusas, soutiens, cuecas, tangas e calçolas em frenesi foram atiradas às labaredas por mãos risonhas e arderam lindamente: iluminaram os corpos nus de umas vinte pessoas, entre rapazes e moças (mais dois velhos e uma dona grávida, bem barrigudinha), a dançar à volta das chamas. Os músicos puxaram o cordão.

Ignoro como a festa acabou. Acordei com o sol na cara e descobri que tinha dormido um tempão na areia, abraçado com Isabel, ambos completamente nus.

LIV

Já era tarde quando despertei de novo — dessa vez, feito gente: no quarto, debaixo de um bom telhado. Levantei-me ainda bambo, com o juízo enfumaçado. Bebi logo a água de um coco e dei o mesmo remédio a Isabel, que se sentia torta por dentro. Tomamos uma ducha e saímos do chuveiro sem enxugar o corpo, ela de biquíni, eu de sunga. Fizemos um pouco de ginástica sob o teto de palha do nosso alpendre. Almoçamos um leve catado de siri. Por sobremesa, café bem forte. Depois, praia. Voltamos às quatro, mais ou menos. Fomos ver Floro. Recebeu-nos o velho Irineu:

— Floro está nos fundos, entretido com abelhas bravas. Conversa muito com elas. Sabe cantigas que atraem o inchu. Aprendeu com os caboclos. Eu só lhe peço que não me traga esse povo do zunzum para dentro de casa, é um pessoal nervoso. Já os amigos são bem-vindos. Entre, menino! Você também, moça bonita. Se acomodem nos tamboretas. Eu tava mesmo esperando: hoje de manhã, Floro me contou que Da Lua era de vir aqui, atrás de um presente. Tomei um susto, porque às vezes ele chama assim o finado que venera: Da Lua, Mestre Da Lua. Só depois me lembrei de você, do apelido que seus colegas lhe botaram. Floro me disse que lhe prometeu uma coisa de santidade.

Isabel deu um beijo no rosto do pescador, que pegou a rir:

— Eh menina bonita, que traquinagem! Beijando um velho, com um namorado tão moço ao lado... Mas agora que estou premiado, vou m'embora. Vou chamar Floro e largo a casa nas suas mãos. Me chamaram da Emerenciana, que ela não está bem. Vou ver se ajudo com minhas folhas. O doutorzinho da gente, o Zape, foi s'embora pra Salvador. Ele é o que chamo de ótima pessoa. Igual a vocês, que têm as letras mas não têm bobagem, prestam atenção aos pobres. A diferença está no gênio. Vocês andam de bem com a natureza, só pensam em namorar. Zape tem cara de brabo, parece ranheta, mas no fundo não é. Apenas gosta de xingar o mundo. Às vezes a gente dá o bom dia e ele maldiz a semana inteira, esculhamba com o mês e o ano. Eu, por mim, acho engraçado. Tem horas que ele vira um baiacu: incha que espinha, fala as desgraças todas que pode, depois dá conselho. Arranja remédio e dá receita, sempre dizendo que o mundo não presta. É uma beleza de pessoa. Um polvo cozido nas tintas, truvo e apertado, porém simpático. Gosto

de ver seus requieques. Ele embirra com a moçada arteira. Os garotos da cidade que vêm para cá, a raça alegre de vocês, ele chama de cabeças de cuia. Porém não larga de mão, sempre aparece. Todo fim do ano passa conosco uma temporada.

Falei que eu também era amigo do médico. Isabel brincou, disse que Zape mais parecia uma coruja. O velho Irineu deu risada:

— Menina, que acha de mim? Serei urubu ou tubarão?

— Mestre Irineu, o senhor é bonito, por fora e por dentro. Se eu não tivesse namorado...

O velho tornou a rir, falou que os olhos dela embelezavam carranca. Isabel protestou. Retrucou que a alegre beleza do velho era irradiante, assim como o pessimismo de Zapa. Contestei:

— Pessimista é quem acha uma situação ruim e cruza os braços, dá logo o caso por perdido. Zapa é diferente. Acusa o erro, aponta a culpa, mostra o desastre, carrega na tinta, mas tudo faz para melhorar. É um médico de primeira, dedicado e generoso. Foi o que ouvi de várias pessoas. Digo mais: quando ele esculhamba o governo, ou ri das besteiras que nós fazemos, não exagera nem um pouco.

O pescador confirmou: deu testemunho do zelo de Zapa, de sua boa vontade. Falei, então, que estranhava o sumiço repentino de nosso amigo. O velho contou que na véspera, enquanto eles dois conversavam na praia, chegou recado de um compadre do médico, pedindo sua visita. Não era coisa de urgência, mas Zapa decidiu partir. Então mudei de assunto: indaguei a Seu Irineu donde ele conhecia Floro. O velho explicou:

—No tempo em que eu morava com meu pai em Itapoã, seu pessoal passava lá o verão: o pai, a mãe e os quatro filhos. Comiam do nosso peixe. Nessa época Floro era um garoto enfezado, natureza fraca. Sofria do fígado. Dei-lhe remédio de nagô e ele sarou. Daí pegou amor às folhas. Quando teve uma febre no norte foi curado por um sertanejo daqui da Bahia, um homem que lá chegou de pau de arara e virou beato num seringal. Depois que seu mestre fez a passagem, Floro voltou para nossa terra. Cismou de fazer comparação do sistema dos índios com o da gente. É difícil: as plantas não são as mesmas, a ciência também varia. Acho bonita a lei do caboclo, mas sigo outra regra: o beabá que aprendi do africano. Na mata real, quem pegou um caminho não muda pra outro. É o que penso. Toco por minha vereda.

— Mas como é a dele?

— Uma vez assisti sessão na sua casa de Pítuaçu. A santidade é assim: o povo reza, canta, toma o chá das folhas e passa mal. Depois é que vê as luzes. Bom, daqui a pouco o próprio Floro lhe dará a explicação. Ele me contou que você é conterrâneo do seu mestre, o negro Severiano. Esta noite sonhou com ele, não dormiu direito. Na borla da madrugada escutei-lhe a cantoria. Floro preparou bem cedo a beberagem do cipó, mas não tomou. Há pouco foi atrás dos inchus. Esperem que eu vou chamar.

Floro chegou murcho e sem graça:

— Sempre que eu sinto a presença do Mestre, experimento uma força nova. Ontem de noite ele estava plantado nesta casa, copa mais alta que o telhado. Atirou folhas secas, fraqueza em vez de força. Quem decide são os Poderes. Preciso rezar.

Dito isso ele deu-me um pau-de-chuva. Apreciei o som suave do riozinho a balançar-se dentro do ramo. Floro entoou um canto cortado por esturros breves. Agitava um chocalho e batia com força o pé no chão. Demorou nessa bramura uns cinco minutos. Parou um instante, a suar em bicas. Logo tornou à cantoria, mas não passou de um verso: *Alalá da lua louca...* Largou a frase incompleta, boca de peixe na praia:

— Lúcio, você me perdoe. Faz pouco eu mesmo lhe preparei o chá do cipó, o brinde de Severiano. Mas agora não posso lhe dar. Estou sem forças. Quem bebe, precisa de assistência. Eu não me acho em condições de lhe valer.

Dito isso pegou na mesa uma cuia coberta por um pano branco e foi-se embora com ela nas mãos: tocou para os fundos da casa. Dei a mão a Isabel e fui saindo. Meu coração rugia.

— Ele tem uma dívida comigo. Não compreendo por que recuou. É caranguejo? Estará brincando?! Acho certo o que fala Renato: *Quem promete e não dá, me chamou pra brigar.*

Isabel fitou-me espantada:

— Não há motivo para zanga.

— Imagine que eu prometa uma coisa a você e não lhe entregue, jogue no mato.

— Não é a mesma relação.

— Detesto quebra de palavra.

A morena suspirou:

— Tá bom, vá lá, peça ao coroa que se explique. Num papo legal se esclarece tudo. Mas vá com calma. Eu te espero em casa, viu?

Voltei sobre meus passos a gritar por Floro. Entrei na casa do pescador, vasculhei os cômodos humildes, não achei ninguém. Na beira do mato escutei um zumbido. Segui o som até uma árvore de boa copa, uma bela paineira. Entre suas raízes estava a cuia deposta sobre o pano branco, quase cheia de um líquido pastoso, de cor marrom. Os marimbondos dançavam à volta. Agachei-me, apanhei a meia-cabaça e bebi lentamente seu conteúdo, em grandes goles amargos. Em seguida, voltei para casa. Os copos d'água não me tiraram o travo da boca. Isabel perguntou o que acontecera. Contei-lhe tudo e me encaminhei para a porta.

— Não saia — a morena advertiu. — Se lembre do que Irineu falou: quem toma essa bebida passa mal, só depois curte o barato. Descanse, querido. Talvez daqui a pouco você precise de outro chá, de folha mansa. Eu já preparo.

Sentei-me numa pedra, a coisa de uns trinta metros da casa. Fiquei admirando as cores do crepúsculo e a passagem da viração que agitava o leque de uma palmeira próxima. Um zumbido forte me chamou a atenção. Senti uma pontada no estômago. Cerrei as pálpebras, respirei fundo e a dor passou. Quando abri os olhos de novo dei com a palmeira vestida de fogo: longas labaredas se levantavam do chão e se enrolavam feito cobras no seu estipe, que virou uma torre de cinzas a desmoronar-se lentamente. Só a coroa mantinha seu esplendor. Por fim as palmas desapareceram. A ave nervosa flechou no rumo das chamas com um grito agudo e de novo subiu com uma serpente entre as garras.

Peguei a vomitar. Lançava aos arrancos os jatos escuros da boca, em convulsões do estômago revoltado. Subia o tumulto pela garganta, empurrava-me em borbotões o jorro imundo para fora, a tirar-me o fôlego. Caí de quatro. Depois de um longo minuto fiquei de joelhos. Limpei-me como pude, arrancando a camisa molhada. Serenei um pouco. Mas o sossego não durou: voltaram a dor asfixiante, os soluços, as vascas. De novo esgoelei-me nas golfadas grossas — até que uma gosma rompeu, amarga, do vazio mais que espremido e se soltou com a borra do cuspo, num último engulho. Senti as lágrimas frias no rosto, a baba dos vômitos repetidos no queixo trêmulo. Resfoleguei. Levantei-me cambaleando e procurei o rumo da casa. A bolha de um vento escuro colou

suas paredes moles em minha pele e me arrastou num rodopio. Já deitado no chão, vi minha língua saltar da boca e perder-se na areia sedenta. Meu corpo estalou. A alvura dos ossos apareceu entre as carnes derretidas, entre fumaças da bruma podre, na poça que fervilhava. Desfaleci.

Não sei quanto tempo fiquei apagado. Quando dei acordo de mim, estava diante de uma lagoa estrelada. Escutei a voz de Isabel, mas não a enxerguei. Suas palavras me abraçaram: — *Lúcio, querido, vamos para casa. Você é sonâmbulo?! —* E um fio de prata guiou-me pela escuridão. Vi-me deitado na cama. Uma luz violenta rasgou o teto e me agarrou pelos cabelos. Flutuei. Caí na sombra que oscilava, num chão de folhas. Divisei uma árvore imensa. Entre as raízes, bem acima do chão, tinha um animal de pele mosqueada. Perto dele estava meu mano com os olhos cheios de lágrimas. Uma sombra roxa caía sobre seu vulto. Adiante, o corpo inerte de Cíntia. Um curso d'água fluía entre nós. Quanto mais eu avançava em sua direção, mais ele crescia. Até que virou um mar. Na praia sombria uma menina mostrou-me um espelho. Não tinha meu o rosto o vulto que nele enxerguei. Era outra pessoa. Lembrava Dona Piedade, lembrava Lili.

Tentei ir em frente. Quase caio numa teia, numa espécie de rede branca. Uma voz me puxou: — *Lúcio!* — Vi então o rosto aflito de Isabel. Achei-me sentado na cama, com a cabeça apoiada nas mãos, os cotovelos fincados nas coxas. A luz acesa feria-me os olhos. A poucos passos, Marcelo me olhava preocupado.

— Ele está se recuperando — falou o rapaz. Eu retruquei:

— Quem me chamou? Quem soube meu nome? Quem me trouxe para aqui?

Ninguém respondeu. Passado um tempo, escutei de novo minha voz: pedi água e bebi um pequeno gole do copo que Marcelo trouxe. Roguei que apagassem a luz. Senti que me deitava. Esperei no escuro por um longo tempo. Por fim levantei-me. Isabel e Marcelo dormiam: ela a meu lado, ele no chão.

Num instante cheguei à praia. O frio das águas me envolveu até a cintura. Deitei-me no bojo de um barco, os olhos no céu. Me esqueci de tudo. Minha presença deslizava na beira do mundo. Nave no vão do nada. Um corpo nu de mulher, as gaivotas na proa. Pouco a pouco a respiração me trouxe de volta. Saltei outra vez na água, nadei rumo à praia.

Onde estaria Cíntia? Renato, onde estava? Senti que não podia perder os dois. Precisava fazer alguma coisa contra a ameaça do sonho. Rezando em silêncio, agradei a Severiano o aviso de suas folhas amargas.

Achei Isabel e Marcelo deitados na areia. Na certa eles deram por minha falta algum tempo depois que eu deixei a cama e saíram a minha procura. Marcelo tinha a seu lado uma lanterna de pilha. Devem ter seguido meu rastro até a beira do mar. Dormiram esperando que a noite me devolvesse. Agora eu voltava e meus queridos se cobriam de sono. Brotaram lágrimas de meus olhos. Ajoelhei-me e beijei os dois, maravilhado com sua beleza. Tirei do pescoço o cordão com a medalha branca de que nunca me havia separado e o deixei no colo de Isabel. Pedi-lhe, em silêncio, que não se afligisse. E me afastei.

Não demorei a reunir minha pequena bagagem, que pus no carro sem fazer barulho. Tomei ainda um rápido banho, vesti a roupa, entrei no Apolo e parti.

Era suave a manhã quando cheguei à pensão do Garcia, no centro ainda calmo da bela cidade de todos os santos.

LV

O telefone chamava, ninguém atendia. Liguei para o outro número. Uma senhora muito simpática me atendeu. Falou que o chefe tinham viajado. Quando me identifiquei, ela abriu o verbo:

— Lúcio? Prazer. Semana passada, liguei várias vezes a sua procura, mas ninguém sabia de seu paradeiro. Sou secretária do Doutor Renato. Ele viajou com Dona Laura. Sim, conheci, ela é um encanto. Ficamos amigas. Ainda não se encontraram? É estranho, já faz quase uma semana que os dois viajaram. Isso mesmo, para a Bahia. De onde o senhor está ligando? Ah, de Salvador? Então é isso, seu irmão contou-me que não passariam pela capital. Pois é, foram de automóvel. Ligue para sua terra, eles já devem estar lá, na famosa Pedra Branca. Por favor, diga a sua mãe que Rosana mandou lembranças. Tenho saudades dela e do meu chefe, que admiro muito. Fiquei triste quando soube que ele pretende deixar a empresa. A firma está de vento em popa. Espero que seu afastamento seja por pouco tempo. O outro sócio majoritário, Doutor Henrique, até hoje se pergunta o que lhe deu na telha. Me chamou para conversar quando o colega lhe comunicou sua decisão, pois sabe que me tornei sua amiga. Eu falei sinceramente que estou perplexa. Mas aqui para nós, creio que pesou a influência de Dona Laura. Faz tempo que ela deseja voltar à Bahia. Anda muito saudosa. Doutor Renato foi levá-la mas disse que ainda vem a São Paulo, agora com outros objetivos. Quer cursar uma faculdade. Dona Laura aprova, só pede que ele decida logo qual será.

Estendemos a conversa por alguns minutos. A moça explicou que não estava trabalhando, era feriado, passou na firma a fim de pegar uns documentos, ver se adiantava um processo. Foi mesmo sorte eu ter ligado justo naquela hora. Gostei da mulher afável, que imaginei parecida com Dona Lavínia, minha velha professora: uma dama de cabelos brancos, muito elegante. Depois eu soube que ela não era idosa coisa nenhuma, teria lá seus trinta anos. Minha preocupação com a saúde de Renato a deixou intrigada. Perguntei três vezes se ele estava bem. Ela falou que sim. Ficou até um pouco assustada, indagou se por acaso eu tinha tido alguma notícia desagradável. Mostrou alívio quando neguei. Nos despedimos como velhos amigos.

Logo em seguida, telefonei para casa, discando um número que Rosana me dera. Ninguém atendeu. Fiquei preocupado. Na república, respondeu a empregada nova. Mais tarde tentei de novo e falei com Apolônio. Chuva de perguntas: onde eu estava, por onde andei, o que fazia? Tinha recebido as cartas? Era verdade que larguei o Banco?

Aos poucos vieram as informações: minha mãe e meu irmão tinham tinham viajado, voltariam logo. Foram assistir o casamento de uma prima da gente, a Luzia de Tio Quelé. Sim, estavam bem, com muita saúde, todos os dois. Já tinham tentado comunicar-se comigo, mas ninguém soube informar onde eu me achava exatamente. Cartas de São Paulo que chegaram à república, ele mesmo, Poló, tinha-me enviado a Salvador, ao endereço da pensão. Na Pedra Branca a última pessoa a saber de mim foi Heliodoro. Werner contou-lhe que eu tinha virado hippie e morava com uma atriz, numa praia remota. Renato, meu mano, estava a minha procura. Decidiu procurar-me em Salvador assim que voltasse do casório da prima.

O moço da portaria entregou-me uma caixa com envelopes (eu lhe tinha pedido que me guardasse a correspondência). Tomei um suco de melancia no restaurante e fui para o quarto com as cartas.

Minha mãe se queixava de saudade. Estranhava a cidade grande e me censurava por ter cedido à proposta do mano, concordado com seu negócio, mas dizia que a iniciativa deu certo. Ele estava ganhando dinheiro, progredindo. Trabalhava que nem um louco, fazia planos mirabolantes, dava até medo. Era um tal de comprar e vender que não parava nunca. Tinha namoradas, vivia trocando. Eram todas maluquinhas. Ultimamente, andava um tanto aborrecido, ela não sabia direito com quê. Mamãe culpava-se de ter ficado muito alheia ao mundo, depois da morte de minha avó: “Eu sei que você é um homem, deve tornar-se independente. Mas ainda não tem juízo. Nem você, nem Renato. Eu não soube criar os dois. Tentar, eu tentei, com a pouca força de meu coração. Nunca o considere menos que um filho. Já que está de férias, porque não veio me ver?”

Em outra carta saudosa ela anunciava o retorno. E se queixava do meu silêncio.

Renato também me escrevia, cheio de novidades. Mãe Laura realmente não se adaptou, queria voltar, ficaria comigo. O mano tinha passado adiante a antiga loja do catalão, a casa por que tanto batalhou. Teve um grande lucro. Investiu o dinheiro numa empresa nova, em sociedade com um antigo patrão. Mas o lucro já não lhe importava.

Não queria passar a vida correndo atrás de dinheiro. Mudaria de rumo, seu interesse era outro: tinha visto que em São Paulo se pode aprender muita coisa, tem gente do mundo inteiro e oportunidades de estudo em todos os ramos do conhecimento. O mano percebeu que não desfrutava da verdadeira riqueza, que perdia tempo labutando com transações intermináveis. Falava ainda de aventuras extravagantes com umas moças gringas, de shows de rock, de espetáculos de teatro e de missas cantadas, uma doideira. Tinha decidido mudar de vida: queria tornar-se fotógrafo, teólogo, cientista, não sei mais o quê.

Não fiquei surpreso. O mano tinha inegável talento para os negócios, mas uma coisa é talento e outra vocação. Sua atitude no comércio era esportiva, por assim dizer. Gostava dos desafios. Quando tudo começava a dar certo ele mudava, partia pra outra. Sempre foi assim.

Reconheço que somos parecidos. Mãe Laura se queixava de nossas venetas. Ficou muito aborrecida quando largamos os estudos — sem necessidade, ela sempre dizia. Nato nem quis fazer o colegial. Eu parei no penúltimo ano do científico. Procedemos desse jeito pelo mesmo motivo: impaciência, o desejo de ficar logo independentes.

Achei uma grande vitória entrar para o banco. Era um ótimo emprego, muito desejado naquele tempo, dava segurança e nele se podia fazer carreira. Abandonei o colégio sem pena. Acontece que meu entusiasmo não durou muito. Com pouco tempo me cansei da rotina bancária.

Renato também é assim.

Mãe Laura tem razão, a gente nunca sabe o que quer.

Peguei para ler a carta de Poló. Era só um bilhete. O amigo se desculpava: rompera o segredo de meu endereço, não resistindo à pressão de Cíntia. Isso explicava a aparição do envelope com a letra inconfundível. Quando eu me preparava para abri-lo, deu-se o novo chamado.

Passei um bom tempo no telefone com Mãe Laura e Renato. Finalmente me convenci de que o mano estava bem. Anunciei meu retorno, disse que breve estaria de volta a nossa casa. Minha mãe ficou contente. Tinham-lhe dito que eu havia largado o banco por causa de perseguição política e estava morando em Salvador. Ficou preocupada. Se dispunha a morar comigo, em nossa terra ou na capital. Já Tio Clemente a queria na fazenda. Ela me esperava para decidir o que faria. Em São Paulo não dava mais,

ela ficava muito sozinha. O mano só cuidava em trabalho. Agora falava em estudo, só que nunca se definia na escolha. Continuava mulherengo, num vaivém de namoradas de dar agonia. Mas tinha feito boas amizades com religiosos.

Depois da longa conversa fui para o quarto com a carta de Cíntia. Ela confessava que tinha sido rude comigo, reconhecia sua culpa em nossa briga, se arrependia e falava que eu também fui precipitado, além de grosseiro. Me xingava um pouco. Depois contava do seu abalo com a minha partida. Sofreu muito porque não a procurei na hora da aflição. Claro que ficaria do meu lado, me daria apoio. Descobriu que sentia por mim um amor de verdade, definitivo.

Liguei para ela. No começo, quase não conseguimos falar. Por fim, acho que passamos meia hora ao telefone.

A excitação me tirou o sono. Reli as cartas do meu povo duas ou três vezes, antes de dar com outra, de um remetente desconhecido. Quem seria o Doutor Isaac de sobrenome ilegível? Depois de muito matutar, lembrei-me do médico que me escrevera algum tempo atrás, a propósito de uns exames feitos quando eu tentava um emprego em Camaçari. Ele tinha-me enviado outro bilhete, com traços impacientes:

“No seu próprio interesse, peço que o senhor me procure. É para que tome conhecimento dos resultados dos seus exames. Não se trata do emprego, trata-se de sua saúde. Por favor, anote meu telefone.”

Fiquei intrigado. Decidi que na manhã seguinte o procuraria. Guardei o bilhete e fui tomar um banho morno. Depois, dormi. Acordei cedo e fiquei um bom tempo na cama, só matutando. Pensava em minha mãe e no mano, pensava em Cíntia. Senti alívio ao lembrar-me de Renato, da firmeza de sua voz, sinal de saúde. Saboreei de novo as notícias, principalmente as de minha noiva. Ela queria reatar. E estava forte, cheia de saúde. Senti uma grande alegria, um alívio profundo. Mas logo em seguida meu pensamento voltou-se para Isabel. Tive o impulso de sair correndo a seu encontro, de pedir-lhe que me perdoasse e me recebesse de volta. Peguei a chorar.

Um longo banho me reconfortou. Daí fui tomar café. De volta ao quarto pensei nas visões que tivera com o chá de Severiano. Que recado me dava a miração? Que significavam as lágrimas de Renato, o corpo inerte de Cíntia? Aquele vento funeral?

Inquieto, decidi voltar a minha terra. Comecei logo a arrumar a bagagem. Foi então que me lembrei do recado do médico. Peguei o telefone, disquei o número indicado no bilhete. Respondeu uma voz conhecida. O doutor não se lembrava da carta que me escrevera, mas disse que me receberia. Até me apressou, explicando que seria difícil encontrá-lo depois. Não demorei. Quando nos deparamos, tive uma surpresa:

— Da Lua! — ele também se admirou. — O que faz aqui?

— Atendo a seu chamado. Cá está o bilhete, doutor.

— Homem, estou perplexo. Até agora eu achava que nos conhecemos em Arembepe. Só neste instantinho vejo que não, constato que já o examinei. A gente fica meio impessoal entre estas paredes, não é? Você tampouco me reconheceu. Há pouco nos falamos por telefone e eu nem percebi que conversava com o famoso Da Lua, celebridade na praia dos loucos.

— Também estou encabulado. Custa a crer que o médico desta firma, dantes um barbudo de poucas palavras, é o mesmo Zapa de cara raspada, abelhudo e conversador, com quem tanto prosei. Tem costume de se disfarçar?

— Disfarce não uso, não exagere. A surpresa foi mútua, não? Reconheço que você tem uma desculpa: quando veio fazer os exames, eu estava mesmo diferente, barbudo e sem óculos. Mas só isso não explica tudo. O fato indiscutível é que você apagou da lembrança minha figura, anulada pela circunstância. Agora ponha-se no meu lugar e sinta o drama. Aqui por esta sala passa muita gente que nunca mais encontro na vida. Minha atenção se concentra na saúde das pessoas que examino em série. Procuo ser um bom perito, faço o exame clínico de modo meticuloso. Acabo me tornando técnico e impessoal. Até por causa do número, não gravo as fisionomias. Com a clientela de meu consultório é outra coisa. A esses pacientes dedico mais tempo. Como eles reaparecem, imprimo seu rosto na memória. São poucos, cabem na minha cuca. Admita: no dia do exame, você tampouco reparou na minha pessoa. Viu só um funcionário de roupa branca cumprindo um protocolo. Não me distinguiria de um autômato. Mas deixa pra lá, vamos ao que importa. Já lhe explico meu bilhete. Faço aqui um trabalho estúpido: examino candidatos a emprego desta firma cavernosa. Os diretores fazem questão de só envenenar gente sadia. Por isso pedem um verdadeiro check-up a quem se candidata ao serviço. Às vezes os pacientes fazem os exames e não pegam o resultado. É mais comum do que

imagina. Eu guardo, estudo as fichas de quem não volta. Quando vejo que a pessoa tem algum problema, escrevo, peço que me procure. Dou conselhos, oriento, encaminho. É o que me diferencia do autômato. Meus padrões consideram esse cuidado um puro desperdício. Agora chegamos ao limite da paciência, deles e minha: estou largando esta porcaria. Por isso lhe dei pressa.

Falando assim, Zapa foi até um fichário onde pegou um envelope com meu nome. Tirou de dentro uns papéis que ficou a estudar, de testa franzida. Por fim olhou-me nos olhos e disse:

— Sabe, Da Lua, aparentemente você tem um problema de saúde que pode ser grave. Terá de repetir alguns exames. Você tem sentido alguma coisa, ultimamente? Algum tipo de mal estar?

— Tive umas enxaquecas, umas ressacas brabas e...

— Ressaca não conta, cabeça de cuia. Nem de cachaça, nem das outras drogas que vocês tomam para sentir-se maravilhosos.

— Então é só uma dor de cabeça. E uns esquecimentos repentinos, com gosto de vertigem. Tontura, às vezes.

— Hum... Tá bom. Tenha juízo: não volte correndo para a praia.

— Deixei Arembepe.

— Certo. Me procure quando tiver os resultados dos novos exames. Mas preste atenção: eu não estarei mais aqui. Vou montar um consultório lá perto de casa. Já lhe dou o endereço. Estou de saída. É uma droga, logo hoje meu automóvel pifou.

— Estou de carro. Onde você quer ficar?

— Na Barra.

No caminho, a prosa rendeu: o amigo ficou curioso quando lhe falei das minhas últimas experiências. Almoçamos juntos num pequeno restaurante, tocando a conversa. Já passava de duas da tarde quando eu o deixei em casa.

LVI

Levei o resto do dia com os exames. Feito isso tentei distrair-me. Fui a um cinema e dormi na poltrona o tempo todo. A moça que estava a meu lado me acordou no fim da fita. Era bonita, lembrou-me a prima Luzia. Saímos do cinema juntos, conversamos um pouco num café ao lado. Ela indagou com quê eu tinha sonhado e revelei: com a Encourada. O apelido a intrigou, ela quis logo saber de quem se tratava. Expliquei:

— Chamam assim um linda mulher que de vez em quando aparece no sertão à caça de homem donzelo. É de sua natureza, só se diverte com virgem. Veste roupa de couro, monta um cavalo preto e canta aboios que amolecem as pernas de qualquer cristão. É morena, alta e elegante que nem você.

Moira ficou curiosa, pediu mais informações sobre o assunto. Recomendei-lhe o romance de Sigismundo, a história comovente da Bela Vaqueira e do fradinho que ela pegou a laço. Falei ainda que no sonho ela cismava comigo.

A moça comentou que eu tinha lucrado com a soneca: meu sonho era muito melhor do que o filme. Deu-me o número do telefone, disse que gostaria de encontrar-se de novo comigo. Revelou que joga xadrez e gosta de cavalgar, mas aderiu ao motociclismo. Mostrou-me sua máquina e fez cara de tristeza quanto falei que já fui laçado.

— Com jeito de santo e não é mais virgem... O mundo está perdido! — lamentou a bela mulher, antes de botar o capacete que lhe dava aparência terrível.

Depois que me despedi da motoqueira dei uma caminhada sem rumo. Na primeira esquina quase me bato com um galego. O tipo me olhou com expressão de pânico, deu um grito esganiçado: — *Valha-me Deus, é o Cara de Anjo!* — e disparou a correr. O espanto me paralisou por alguns segundos.

De volta à pensão, liguei para Cíntia. Expliquei-lhe que demoraria mais um pouquinho em Salvador. Em seguida jantei, assisti o jornal da televisão e fui me deitar.

Passei três dias de molho. Fraqueza, corpo mole, sono pesado. De vez em quando, uma tontura. Só deixava o quarto para as refeições e uma pequena caminhada no fim da tarde.

No quarto dia despertei animado, às cinco da matina. Sentia-me forte, com um vigor incomum. Mal pude esperar o café da manhã. Comi com tremendo apetite, vesti uma camisa leve, uma bermuda simples, calcei um tenis e saí. Atravessei o Campo Grande, entrei pelo Corredor da Vitória, desci a ladeira da Barra e ganhei a orla. Meu corpo bebia avidamente a luz do sol, o saboroso vento marinho. Fui andando até Ondina e voltei sem a menor fadiga. Na volta desci à praia do Porto, tirei camisa e sandália, entrei n'água de bermudas. A sensação era tão boa que duvidei de minha doença.

A impressão de saúde durou uma semana, enquanto eu esperava o resultado dos exames. Só doíam os pensamentos. Escrevi três longas cartas a Isabel, não mandei nenhuma. Para Cíntia, mandei uma só.

Criei uma nova rotina: longas caminhadas pela manhã, banhos de mar no Porto da Barra, muita leitura no Instituto Goethe, breve passeio no fim do dia.

Na pensão, eu pouco entrava nas conversas. O assunto era futebol, MPB, ensaios, carnaval. Moraes Moreira e o Ilê Ayê eram destaques, junto com os Novos Baianos e o trio elétrico Tapajós. Também se comentava o novo shopping-center, a igreja que Lelé arquitetou no Centro Administrativo, a Feira da Bahia, coisas assim.

Não se falava muito em política. Só duas pessoas tocavam no assunto: um farmacêutico entusiasmado com o fim da guerra fria e uma boa senhora, Dona Dinah, preocupada com o sobrinho estudante. Ela comentou a enorme greve da universidade e as perseguições que se seguiram. Eu mostrei simpatia, daí entabulamos uma longa conversa. A amiga disse que era católica e estava grilada com os choques entre a Sé e o governo. Eu respondi que a igreja tinha mesmo de se opor à ditadura, já era tempo de romper a velha cumplicidade, Dom Hélder tinha toda a razão. A boa senhora tomou confiança e me revelou que vinha de São Paulo, conhecia Dom Paulo Evaristo Arns, tinha participado do ato ecumênico por Vladimir Herzog. Lembrei-me de Judite, de suas lágrimas iradas e da

emoção de Marcelo ao me contar essa mesma história. Tive uma saudade imensa dos amigos, quase corro a sua procura. Foi com muito trabalho que me contive. E depois que Dona Dinah viajou, me senti mais só na pensão.

No dia seguinte encontrei Nieta, que foi minha colega no Central. Fiquei muito perturbado com uma notícia que ela me deu: Beto estava preso no quartel de Amaralina. Falei que ia visitar o amigo e ela me disse que não adiantava, preso político era incomunicável, se eu chegasse lá perguntando por Beto com certeza seria preso também. Nieta planejava ir a um centro de estudos chamado CEAS, se não me engano, à procura de um padre jesuíta. Queria ver se o cardeal interferia no caso. Estranhei o miserê: cadê a distensão de que os jornais falavam? Nieta riu com amargura:

— Distensão é só para os adesistas do MDB. A repressão continua duríssima.

Fiquei puto. Me despedi da boa moça xingando a porcaria do mundo. Ao chegar ao Instituto Goethe, não fui direto à biblioteca, como sempre fazia. Me sentei a uma mesa do pátio, diante da cantina, e pedi cerveja. Bebi logo umas três, ignorando o conselho do médico. Já estava na quarta quando uma senhora me interpelou, com uma folha de papel na mão:

— Por que fez isso comigo?

Demorei a entender de que se tratava. Só depois de alguns segundos reconheci a criatura: era a maluca que me pediu autógrafo na festa da Pituba. Na folha que ela mostrava eu tinha escrito com uma letra tortuosa: *João Ninguém*. Respirei fundo, e respondi:

— Amiga, é este o nome que me cabe. Não sou astro nem pessoa importante, nada do que você pensou. Me perdoe. Sou um homem comum, nem bandido nem santo.

A dona ficou parada por quase um minuto a olhar-me com cara de espanto. Por fim murmurou:

— Obrigada, João. Guardarei seu autógrafo com muito carinho.

LVII

No dia seguinte acordei cedo e fui à procura de Zapa. Achei-o sentado no chão, entre caixotes, móveis, livros empilhados. Passamos a manhã na arrumação do seu novo consultório. Almoçamos num restaurante perto do farol. Ao deixá-lo, quase volto a Arembepe. Penei com essa ideia, mas resisti.

De noite, aguardando o sono, lembrei-me da brusca aparição do médico à minha porta praiana. Ele estava acompanhado por uma senhora tristonha com uma criança nos braços. Falou com autoridade:

— Pegue seu automóvel. Esta menina precisa de ser levada agora mesmo ao hospital. O meu carango encrencou, como sempre.

Eu tinha machucado o pé num baba, minutos atrás. Entreguei-lhe a chave e os documentos do Apolo, explicando que não estava em condições de dirigir. Só de noite ele veio devolver o carro enlameado. Ficou para jantar. Comemoramos a recuperação da garota com algumas cervejas e o peixe que preparei. Isabel achou o meu convidado um cara esquisito, mas gostei dele. Conversamos até de madrugada e nos despedimos como velhos amigos. Daí em diante, passamos a nos encontrar quase todo dia, normalmente no fim da tarde. A boa prosa me dava imenso prazer. Zapa também curtia: em geral, era ele que me procurava.

Nosso papo não deixava de ser engraçado, porque as ideias da gente não coincidiam. Ele me achava biruta, eu nunca escondi que o considero um bicho estranho, cruzamento de jacupemba com caburé, ou de raposa com gato do mato, um trem desses. A gente brincava trocando apelidos: Lunático versus Brugunço, Astrapalhado versus Corujão. Terminava tudo em risadas. Depois fiquei sabendo por Maurício de seu apelido oficial e aderi: Zapa era mesmo sua cara, um nome estrambótico. Mantivemos o jogo de alcunhas, mas normalmente ele me chamava Da Lua.

No meio dessas lembranças, adormeci.

LVIII

O vulto não me assustou, mas deixou-me surpreso. Comentei que ele era muito grande para sua espécie e o bicho respondeu dizendo que lá no norte é assim Reconheci a voz e sorri. Ele então pegou a cantarolar, enquanto seu corpo se dissipava em manchas de luz.

Esfreguei os olhos. Meu relógio marcava sete e trinta. Quando tentei levantar-me tive uma vertigem. Caí de novo na cama. Em pouco me reanimei e um bom banho acabou de clarear-me os sentidos.

Fui logo ao laboratório e daí para a casa de Zapa. O amigo já me esperava. Pegou o envelope, deteve-se com a testa franzida, estudando os laudos, falou que era preciso falar com um especialista. Seguimos imediatamente para uma clínica da Graça. O gordo bonachão tirou um mundo de radiografias da minha cabeça, do meu corpo. O resultado visivelmente não agradou os médicos.

— Seu caso é grave. Não tem sentido nada?

— Umas vertigens.

— Bom, às vezes isso acontece. Um desenvolvimento quase assintomático.

— Então não era com eles, era comigo. Percebo agora. Renato chorando, Cíntia desmaiada... Quanto tempo me resta, doutor?

— Calma, ainda não o mediquei. Peço que siga a prescrição e volte dentro de...

— Um mês — resolvi —. Moro no interior, estou viajando hoje mesmo.

— Está certo. Siga as recomendações.

No carro, Zapa falou:

— Quiser não ser esta coruja que você conhece. Gostaria de dar-lhe ânimo. Falta-me o jeito, mas por sorte você tem fibra. Não se abaterá.

— Zapa, você bem sabe que está me ajudando muito.

— Falemos de seus planos. Você disse que pretende ir hoje mesmo para sua terra. É uma imprudência, não se precipite. Não lhe convém dirigir, tem vertigens. Ligue para seu irmão, peça que ele venha lhe buscar. Enquanto isso, fique em minha casa.

— Não, meu caro. Já estou com a cabeça na viagem. Irei de ônibus.

— E o carro?

— Por enquanto, fica com você. Depois veremos seu destino. Agora, por favor, me deixe na pensão. Vou descansar, arrumar a bagagem. Ainda te darei mais um trabalho: peço que me leve à Rodoviária, às seis horas da tarde.

Ao chegar à pensão deitei-me logo. Acordei às quatro, tomei um banho, saí. Comi um sanduíche numa lanchonete do Campo Grande. De volta, fiz as malas. Daí a pouco, chegou Zapa no Apolo XI.

Já quase anoitecia quando nos despedimos. Com um aperto no coração, entre saudades alucinadas, deixei a esplêndida Salvador.

LIX

Ontem voltei a levantar-me no meio da noite para escrever. Avancei pela madrugada. Mãe Laura veio ao meu quarto por volta das três da manhã, ralhou fracamente, depois me trouxe um pouco de leite. Ela sabe da importância que tem para mim a conclusão deste livro, sabe que isso me mantém aceso. É uma mulher muito forte, minha mãe. Receei contar-lhe que estava desenganado, falei primeiro com Renato, esperando que ele a preparasse, porém foi o mano que fraquejou. Ela reagiu melhor.

Renato ainda se culpava pela mudança que nos afastou. Eu falei que a culpa cabia aos dois: ele fez uma bobagem e eu consenti. A minha obrigação era fincar pé, até o ponto de uma boa briga, como as que sempre tivemos e nunca nos separaram. Em vez disso, me enchi de razão, que nem uma besta. O afastamento foi meu, também.

O mano sofre muito. Uma vez me disse que se eu “for embora”, não ficará nesta terra nem mais um minuto. Perguntei-lhe se pretende mesmo voltar a São Paulo, se levará de novo nossa mãe. Isso ele negou:

— Mamãe fica. Ela já resolveu. Tem a companhia de Lucina, que aceitou meu convite pra morar conosco. Tua xará é de confiança, cuidará de mamãe melhor do que nós. De resto, Tio Clemente está se mudando para cá, com Tia Francisca e Diana, a caçula deles. Vão deixar a fazenda aos cuidados de Daniel, nosso primo mais velho. Luzia e o marido também pretendem morar na Pedra Branca. A família está se reunindo, Mamãe não ficará desassistida.

Perguntei de novo o que ele faria. Pouco a pouco, o mano me expôs seus planos, que achei muito doidos. Me falou que ia dedicar-se à religião e à justiça.

— *Optavi et datus est mihi sensus.*

Não entendi, reclamei:

— Homem, que latinório é esse? Onde aprendeu?

— Com os dominicanos, em São Paulo. Descobri sua sabedoria e dela quero participar. Provarei da vida monástica.

— Logo você, tão inquieto! E mulherengo!

— Vou recolher-me por uns tempos, a fim de refletir. Mas não ficarei alheio ao mundo. Me preocupa a situação do meu povo. Quero fazer alguma coisa em benefício de nossa gente, que tanto sofre. Não sei ainda de que modo. A fé me revelará.

— Desde quando você é crente?

— Minha fé não precisa de crença: basta-lhe a pura liberdade. Ela me pegou pela música, pela alegria e pela dor.

— Como assim?

— Já te explico. Cheguei aqui todo contente, com novos planos, que agora viraram fumaça. Ao saber que você estava desenganado, me senti péssimo. Nasceu uma revolta muito grande em meu coração. Me veio uma gana estúpida de sair por aí barbarizando. É horrível, mas foi o que senti: gana feroz de loucuras, desejo de quebrar a lua. Penei remorsos por ter-me afastado de você e levado mamãe para longe, contra a vontade dos dois. Minha angústia cresceu tanto que fugi. Me encontrei sem forças, sem condições de te ver derrubado na cama. Agora melhorei. Saí do desespero por um sinal que não entendo e por uma lembrança muito boa.

— Explique melhor.

— Em São Paulo fiz amizade com uns dominicanos, de quem me aproximei por causa da música. Um dia levei minha mãe a uma cerimônia na sua igreja e me encantei com a beleza do gregoriano. Até me esforcei por aprender os cânticos. Por causa deles cismei de estudar latim. Um noviço chamado Isidro me ensinou alguma coisa, deu-me livros. Quando tive a visão, lembrei-me desses amigos.

— Como assim? O que você viu?

— Meu rosto. Ou melhor, o teu. Foi há coisa de uns quinze dias. Eu estava caminhando pela beira do rio, chorando escondido. Me sentei numa pedra e fiquei lá parado não sei quanto tempo. Quando voltei as vistas para a água, viu um rosto sereno, luminoso. Não podia ser a minha cara de choro, inchada, certamente muito feia. Talvez tenha sido um efeito de luz no balanço das águas, mas aquela imagem instantânea me tocou, me trouxe uma estranha paz. Era feita de música, entende?

— Não.

— Era completamente silenciosa, tal como o vazio que fica no ar, por eternos segundos, quando se fecha o canto dos monges. Me lembrei também da expressão de uma moça que vi desmaiada num show de rock, lá no Sampa. Era a luz do céu. Era você.

— Agora é que não entendo mais nada.

— Nem eu, mano. Foi um sinal de mistério. Eu me levantei para a fé. Com a luz que brotou da correnteza, percebi que tenho um caminho. Farei um retiro no convento. Depois, vou meter-me no mundo, já de um modo generoso. Em São Paulo ganhei dinheiro, mas perdi tempo. Contrariei minha natureza, seguindo um caminho que não é o meu. Vivi que nem uma besta, sem pensar em nada de sério. Até hoje, pouca coisa fiz de bom. Mas só com isso tenho alegria. Lucina, por exemplo, me deu muita felicidade. Quando cheguei, fui a sua procura no lugar que ela hoje chama de Malmequer. Lembrei-me de tua carta avisando da morte de Zefa, a querida Zefa, que ajudou em nossa criação e sumiu no mundo de modo tão estranho, a esconder-se da gente, com vergonha de seu mal. Eu lhe devia esse cuidado com sua neta. Por sorte, logo a encontrei. Lucina estava desesperada. Tinha tentado vida nova, abrindo seu ateliê de costura com o dinheiro que Zefa lhe deixou, que você lhe mandava. Mas foi roubada e voltou ao brega, sofrendo muita exploração. Eu paguei suas dívidas. Ela reabriu sua oficinazinha e acabou vindo morar conosco, para alegria de Mamãe. No dia em que eu desbandeirei, ela me acudiu: me encontrou lá na beira d'água, na minha pedra de amargor, e me guiou de volta pra casa. Foi ela quem me trouxe a visão, na hora cega. Sim, minha irmã me iluminou. Ela tem a música, o rosto da fé.

Não entendi, não discuti. Percebo que Renato ficou muito abalado com minha doença. Por doido que seja, o sonho da fé lhe dá forças. Não serei eu a questionar.

LX

Mãe Laura me esconde seu sofrimento e me infunde ânimo. Quando as vertigens se amiudaram, senti medo. Teve um dia em que o pânico me prostrou. Ela sentou-se a meu lado e pegou a contar-me histórias do meu pai. Falou-me de seu rosto bonito, de sua força incomum, de seus talentos, de suas manias. Também contou casos do tio Ricardo, que eu ainda conheci. Encheu a casa com a presença desses homens. Falou também de suas mulheres: Mãe Valéria e ela mesma. Adormeci com essas imagens cheias de vida. E acordei mais forte, limpo de terror.

Lutei em vão com a esperança de Cíntia. Ela zangou-se quando falei que não convinha reatar, que era perda de tempo seu compromisso com um homem sem futuro. Não aceitou a proposta de rompimento. Respondeu que todos estamos desenganados no mundo, mas nem por isso se desiste da vida presente, muito menos do amor. Bateu o pé. Exigiu que eu lutasse. Foi mais por sua causa que voltei a Salvador, ao encontro do especialista.

A notícia de minha enfermidade logo se espalhou. Muita gente mostrou simpatia. Talvez por isso o prefeito deixou de me hostilizar. De resto, ele já me considera uma carta fora do baralho.

De vez em quando recebo visita de colegas. Poló e Lola são constantes. Heliodoro e Celestino apareceram há pouco. Fizemos as pazes no dia em que fui ao banco tratar da minha licença. Lá eu soube que Morotó foi promovido, tornou-se gerente de uma agência maior. Seu substituto é um camarada exigente, mas correto, chamado Túlio. Celestino entrou para o sindicato. Antônio Carlos elegeu-se vereador, largou a república. Clariválter era o novo presidente da república e Zuza se casou. Irineu também. Heliodoro tinha outra

atividade, além do banco: dava aulas de matemática no colégio. Revelou-se um bom professor. Já Fernando Henrique subiu muito, mudou-se para a capital. Segundo Poló, o desgraçado é um gênio: dá desfalques e ninguém o pega.

Mãe Laura fica contente quando Sigismundo e Sabiniano aparecem. Eles sempre me deixam animado. Sabiniano continua a investigar o luaréu. De vez em quando vem contar-me suas descobertas. Pedi-lhe que escreva uma crônica. Dei-lhe o endereço de Enoque, recomendando que lhe envie o escrito, se não me encontrar. Sabiniano ficou triste quando eu falei “se não me encontrar”, mas guardou o endereço e garantiu: fará o que pedi. Quero que a *Crônica de Cirão* componha uma parte do meu livro, mas uma parte independente. Como o *Lunispício* de Ramón e o texto de Enoque, seu mosaico de poesia. Eu, por mim, falo do luaréu segundo o pouco que adivinhei.

Cíntia me ajuda. Todos os dias, ela vem me ver. Passa muitas horas comigo. Conversamos, namoramos, até fazemos planos. Ela passa a limpo meus escritos, faz a revisão. Uma vez perguntou-me, de repente:

— Ela é mesmo bonita?

— Sim — respondi. — É também sincera e generosa. Uma grande mulher.

— Se não fosse, eu não te perdoava — minha noiva respondeu.

Nesse dia, minha mãe tinha ido ao sítio com Renato. Deixou-me aqui com Cíntia e Lucina. A xará preparava a janta. Cíntia fechou a porta do quarto e pediu-me que lhe ajudasse a tirar a roupa. Fiquei surpreso — ela sempre foi tímida, vivia me cortando.

No gozo, brotou-me um relâmpago de morte. Enquanto durou essa sensação, mantive os olhos fechados, o rosto nos cabelos de Cíntia. Ela ainda gemia com a emoção do defloramento, um gosto doído e doido. A custo nos desençamos. Cíntia abriu um sorriso radiante e levantou-se que nem uma vitória.

LXI

Zapa chegou de surpresa. Seu verdadeiro propósito era levar-me ao encontro com o especialista — adivinhou que eu não tinha intenção de comparecer. Cíntia decidiu ir conosco. Viajamos no Apolo XI, depois de muita discussão: o amigo queria devolver-me o fusca. Sugeriu que a gente fosse para Salvador com Renato, no carro do mano. Eu lhe propus que ficasse “por enquanto” com meu foguete. O doutor enfezado protestou, alegando que assim me prejudicava. Então eu lhe pedi que me apresentasse a conta de seus serviços médicos. Nos acusamos de bestas, nos xingamos por meia hora e Zapa acabou cedendo.

(Na verdade, eu já tinha decidido dar-lhe o carro de minha aventura. Para mim, ele tem um valor especial. Não pode tornar-se mercadoria).

Durante a viagem, o amigo contou-me novas de Arembepe:

— Marcelo ainda te procurou muito, mas Isabel desenganou-se logo: como achou no colo tua medalha, correu para casa. Aí viu que você tinha apanhado toda a bagagem e que o Apolo XI não estava no lugar. Então compreendeu. Foi-se embora no mesmo dia.

— Ela quis assim. Falou que não gosta de explicação.

— A notícia de teu sumiço espalhou-se entre os hippies, virou um enredo fabuloso. Você teria navegado para longe, num barco que voltou sozinho.

— Realmente eu entrei numa espécie de bote. Mas ele estava ancorado.

— Sim, você me contou. Era uma pequena embarcação de um pescador chamado Vermelho, não é mesmo? Um Hare Krishna comprou-a. Teobaldo, você se lembra? Ele ia sempre meditar a bordo, no fim da tarde. Dizia que estava esperando a Duma pra entrar em contato com você. Não me pergunte quem é a Duma: não faço a menor ideia. O certo é que Teobaldo passava horas deitado na embarcação. Segundo as más línguas, era acompanhado por duas moças bonitas nesse exercício espiritual. Foi o que contaram a sua mulher. Um belo dia, Teresa foi à procura do meditativo e não viu sinal dele, nem do seu nicho. Deu-se um fuzuê. Finalmente os pescadores encontraram o barquinho flutuando, muito longe da praia: a âncora soltou-se, o navegante nem percebeu. Estava só. As acólitas, se é que existiam, com certeza sabiam nadar.

— Ele não se apavorou?

— De jeito nenhum. Falou pra todo o mundo que tinha feito o contato, ou seja, que tinha visto você no Paravyoma, no Vaikunthaloka.

— Onde mesmo?

— No mundo da lua. Foi o que ele disse, mas Teresa ficou brava. Pagou a uns homens que arrastaram o barco pela areia até um trecho de praia bem seco. Aí o reduziram a lenha e fez-se uma grande fogueira, em tua homenagem. Dezenas de moças e rapazes te celebraram...

— Atirando suas roupas ao fogo e dançando nus até de madrugada — Cíntia adivinhou.

LXII

A consulta ao especialista não trouxe grandes resultados, mas a temporada na capital foi muito agradável. Cíntia ficou comigo, em casa de Zapa. Eu ainda me sentia forte, apesar de uns torpores. Tivemos nossa lua de mel.

Passei uma tarde conversando com o Professor. Pedi-lhe que cuidasse do livro. Fiquei de mandar minha parte, dei-lhe a de Ramon. Garanti também que teremos a crônica apalavrada com Cirão. Enoque jurou fazer como lhe pedi. Mostrou-me um envelope com poemas. Disse que tratavam do luaréu.

— Só ficou uma dúzia. Foram muitos os que recolhi em mesas de bar, em pequenos jornais, em sebos. Guardava numa pasta que logo inchou. Tentei compor um mosaico, mas nunca me satisfazia com o arranjo, muito menos com a seleção. Quase desespero. Um dia tive uma bela ideia: espalhei os preferidos numa grande mesa e chamei uma moça para me ajudar. Minha ajudante é uma dançarina que trabalhava num circo, mas largou esse emprego quando ficou cega. Levei-a para junto da mesa e lhe pedi que escolhesse doze papéis, depois de indicar-lhe a posição de um por um. Ela fez a coleta com muita graça: dançando. Dei ao conjunto o título simples de *Fragmentos*. Penso nesses poemas como cacos de um espelho onde talvez se reflita o luaréu. Mantive a ordem da coleta dançante, mas tirei os títulos. Ou melhor, só mantive um, avisando que estava fora de lugar.

Peguei os poemas selecionados para ler com minha noiva, no sossego da cama. Pedi para ver também os preteridos, mas Enoque disse que sua amiga os sacrificou numa fogueira xamânica. Falou quase chorando:

— Lamento sinceramente. Muitos dos poemas desprezados eram meus. Ainda sonho com eles a queixar-se da imolação. Alegam que foi injusta. Eu concordo. Mas fazer o quê? Fedra exigiu. Disse que sua escolha era sagrada, merecia a proteção do irreparável.

Pedi ao professor que incorporasse os poemas ao nosso livro, entre o escrito de Ramón e a Crônica de Cirão. Só mudei um pouco o título do conjunto.

LXIII

Voltamos de Salvador há coisa de duas semanas. Apesar do tratamento, me sinto cada dia mais fraco. Passo a maior parte do tempo na cama.

Hoje acordei por volta das dez. Cíntia estava aqui. Falou que ficaria comigo só um pouquinho. É dia de festa em sua casa: aniversário de seu pai. Ela andou um tanto afastada do pobre homem, que naturalmente reprova seu compromisso comigo. Agora os dois se reaproximam: por fim, ele percebeu que não pode contrariar o coração selvagem da filha.

Minha querida estava muito contente. Disfarcei a fraqueza que me tomava, para não sombrear sua alegria. Ela disse que espera uma ótima notícia, amanhã terá a confirmação. Seus olhos brilhantes não queriam calar-se.

Depois que ela saiu, tornei a adormecer. Tive muitos sonhos. A bela Menina da miração apareceu-me de novo. Primeiro, tomou os traços de minha avó; depois sua delicada figura cresceu, tornou-se imagem de uma grande mulher negra, de rosto faiscante. O esplendor era tanto que desviei a vista. Quando olhei de novo, enxerguei a velha Zefa sentada a meu lado, muito serena. Pegamos a conversar, com uma fumaça de palavras que escapavam de minha memória. Finalmente, perguntei-lhe o que fazia no seu mundo.

— Sonho! — ela disse. — Na verdade, nós dois estamos sonhando.

Dito isso, ela se levantou, atravessou a porta, botou capacete, montou numa moto enorme e saiu na disparada. Acordei com minha própria risada. Reuni as forças de meu corpo entorpecido, sentei-me à mesa e comecei a escrever. Agora, vou parar. A fadiga volta, ameaçando uma vertigem. Mas estou tranquilo: já acabo.

Cíntia reunirá estes papéis. Logo seus belos olhos estarão procurando por mim, numa lonjura infinita, com a doce luz que me encantou para sempre...

LIVRO SEGUNDO
TRANSPECULAÇÃO DO LUNISPÍCIO
ASTROPELIA SEGUNDO RAMÓN

Magnanimal de zoemas klaros, multinaturante, matrício, logoluminoso — superest, pois não hai causa que lhe impeça a panexistência — vem! Corre emphetado de guizos, de florolários, de glúons, pelo cacumbi da kamaleoa, pela quissamba do teu pleroma, com bordão e bordadura: vem transfinito, zoezoando, supracélio volador com favos de solimar, lume que lavras abrasil, verivoraz, vulcante popocatepleno! Vem sutil e carnaval, tão certo como respyra teu fogo na trévola fusca e vive no ipsalmo comundo feito relâmago zoiro, fréu que flasha em qorpo santo, no xis da sistência magnecessária. Essente ser de sobrassomos, solevante, abre o caminho! Assim te invoco e tu me arrebatas. Sequioso da fonte clara e da verdade redonda, logo me ultrapasso, graças a moças do sol maior que tocam a musicarruagem e com suas éguas transsagazes, ciosas do meu desejo, me impelem pela vereda multicanora num galope belorizonte, rumo aos domínios da santa demônia que arriba do humano leva o sabedor, o vistorioso da luz. Ai! Xispeteó cirandeiro, que se passou? Da senda do ser, a outra não sendo, como descendí? Cuando más alto subia, deslumbróseme la vista, o floiro relampsial tenebrilhou-me e eksistente me fui revolco desde a korola dos ángeles, rholando katabatido — e chovi na perigaia, triflei na islena da volva, resvalando no morrão, cai na cuia do borborô. Num corpo tumbado de lunaquém, psicapto, subvim. E as trévolas não me compreenderam. Adfui peregrino em Stapa, na ilha da Gryla, no Cafundó do Xipoko, na Ixemaria, na Kaiatinga, no Fudistério de Iseu, na Casa Oscura de Helena Selena, em Bale, na Brecha Preta, em Brigadoon, no Vraso da Katharina, em Wasteland, na Calunga, no Vale do Leutha, em Ixtlan, em Xibalba, no Eskambau. Me transkolhi o fosforéu de meu qorpo com raios prumos hologrados nos brejos de tenebreu e fui sinclinado à ploia que nem o çapo na poça: Brekekekex! Acolá era a princesa feiticiosa de tudo, e sophria amante. Entre quatro quartetos, ao pé da árvore alada, ladrou a canícula. Ai que malumbro! — eu rebramei — luciferido quetzal implume — face à desdonzela das imprudícias prokáustikas. Era ela mesma, porém, a dama perfeita. Erramos deceptos, eu e meco, perduti na insalva: Óia que é-vem tigrança, lionza, mai-la xibunga! Kiriéléis, meu Congo Real! E agora? O rhaio veio piriplumado, e São Passarim acordou a iara da serra branca, em nome do facho transfiel do luscofogo do inconforme, e seu aleluz soprou as rendas, alevantou a roupa do Cosmo, a saia de Nostra Dama. Colibri me columbrou sua língua no meu olho (clarilume feito faca): era xamã com bracelete de branas. Fiquei

scego sabedor, astrurdido, belvidente: Saravá Santa Serena, Selena Maremotora! Brilancei no tom do vrilho, lucilando a flô de febre. Mas bebi jurema boa, o Santo Pai Jaguaretê me valeu: mandou barravento nos cabelos de Sophia e Kaboco chegou e dixe: — ‘Aruandê, camarado!’— E assobiou e dixe mais:

“Sol existia solamente no puro começo onde era o ser primeiro de todos, até acender-se nos achegos de seu qorpo inspirituado a escuridão da Mulher Divina que lhe pariu Mana Maná e adespois o nosso Lua. Nosso Senhor o Lua era ômi bonito mas se axava necessitado, tempinteiro necessitado, purkausa de que numtinha cumcuja de seu furunfá. A uma zistente era a mãe, a outra, a hirmã. Solipso ele se axou, virificou-se inamoroso no despoder. E ficou foi duro. Aí tava duro mesmo. Antão pôs sentido em bananeira e inventou um furuburako, çuço no kaule macio. E tempo todo era lá, seu xafo-xafo, cum musa paradisiaca. Mana Maná, kwando lo viu, kwando enxergou com seus olhos iço, deplorou em las palavras: ‘Ay meu kaçula, koitado! Apois li falta o dicumquê, tadim do germano pobre! Mas eu li empresto lo que tenho: já lhe empresto, pobre mano, meu xibiu de caridar. Vem pela noite, hirmão, que lhe ensino como é o certo — uma vez sóssola, sóssola’. Ansim pela treva da noite foi Nosso Senhor ao incomundo onde vigiava la hirmã. Mana Maná deu-lhe casa de gosto nas entrepernas, com todo o xio: hasta quase matinê fikaram doisum vadiando. E dessa vez em diante, aquando klaro, Nosso Senhor andava seu dikostume; porém, ansim que noitava, kurria pra vadiar a vadiação de kovuco. Mana Maná recebia, falava nada. Com pouco, ela tava prenha. Ahi teve ideia çonsa: tintura de jenipapo! Na inskuridade, kwando Lua xegou que amuntou lá nela, Mana Maná meteu as mãos no tintipote embeira da rede e kom karíssia de treita passou a nigruma da fruita no rosto do namoralvo. Na dimanhã que dimanheceu, Sossenhör achou de especular-se nas águas e viu sua kara manchada de mácula preta. Ahi amassou folhage, fez pasta, esphregou na kara pra tirar mancha — mas nada. Kiriéléis! À corredeira ele foi, em baixo totalas horas fikou, iágua na kara. Nemnada! Antão ele adoeceu, de vergonhoso. E morreu. E fikou foi podre. Ssumiu, que Ssó tinha osso. Kwando Pai Sol foi prokurar o Belo Filho, Ssó tinha osso. Kiriéléis! Kapitão do Mundo fikou Santamaro de Malinconia. Mas ele mesmo era o Rei Maior: pegou o barro e fez a karne, qorpo de Nosso Senhor oultra vez. Dispois assoprou-lhe enkanto, cum fumo e rhapé de seu santabaco. E Nosso Senhor ressurexit. Aleluia! A únika koisa é que Pai Sol

no lugar da piroka, no Filho refabrikado botou xaruto. Num teve outra forma, num teve outra arkhé di piroka, ahi botou foi xaruto mesmo, dele, El Sol, do fumo de kura. Logo se alevantou o Filius na Floresta e aproxegou-se à maloka da gente humana, onde soavam klamores de pranto. (Isso eles tavam aprendendo: antes da falta de NosSenhor, primeiro dos mortos, não tinha o xoro do protokolo de nojo, guai de lamuriage, da karpitiva). El Sol vinha çatisfeito com o Filius pela mão e dixe: ‘Acabou chorare!’ Mas ahi passarim atentou, Penin disgraçado, Lokinho qui numpresta mesmo, e fez arrelia: ‘Tsi tsi, ô xente! Vem vê, ô xente! É vem Sossenhör o Lua cum piroka de fumo! Ô piroka di fumo!’ Ahi Nossenhör numguentou: morreu travêis, de vergonha. E dixe El Sol: ‘Meu Filho é morto, num volta mais. Sempre há de ser, doremvante, que morto, difunto, num volta mais’. E Nossenhör foi procêu, e lá está, se criando e se descriando, feito phantasma.”

Nisso parou o verbo kataphático e o santo retroceliu obscuro para aldilá, conforme o galo cantou — e alma antiga me retornou na embarkassão de mimego, scingela que tenebrilhava, soulmente pulsando no florislume. Provei o mel da melodia, o doce dom. E me animei: Xega de Congoxa! Com licença de curiacuca, com licença de curiandamba, anda, Luzia, pulá carnavá. Memento mori. Deus é mais. Cada qual com seu cadaqual. Por cima dos ombros me vi quem era, qual estava, e me disse a meu futuro, vigia de minha volta: J’étais insoucieux de tous les équipages, embuçado no meu Dasein, e flutuei na veravoz e o trilúvio nos xoveu por el dulce cono de la Virgen Sophíssima e pelo zóio da lua por onde a santa derramou det fortrylled lys, a mais preciosa vor alles Wundererscheinungen, Beatrix quae sera tamen, epekeína tês ousías. Katu! Mas descemos ao fundo do poço e tumbalalá! Tumbamos. E quindi uscimmo a riveder starlets: arà orun, dreams in a mirror, etan bé welì mashá. Os tigres de trigo me atakaron entrementes de suas garras: sangue na rosa dos ventos, no graal da islena. Phogo sobre trovão: divisa, a penúltima linha mostra o chujeito mastygando karne resseca. Broken arrows. A indivisa sexta linha mostra o desinfeliz na kanga, de ourelhas kortadas. Busque-se novo instrumento. Agora, as estampas: dous homens caem da torre. Quem azsinala? Sereias al som de mescalina, cabelos quage zazuis. Cio de sereias célias no insilêncio — falou Sophia: “A krueldade era fotóxica. Em sua luz eu me apaguei, mas na sombra desmorri, salvando a mistericórdia: minha mãi me pintiou, minha madrasta

minterrou, eveio chuva e brotei. Com o axé e os tétrigos tigrés arranhando a carne da terra. Agora vejo, do alto de minha copa: O jogo não acabou! A saída é de ponta cabeça pelo black hole de uma symphonia konkreta: pro alto, mas evitando a lavareda do sol. No pago da diaporía, com pura história me pagarás.” E eu lhe dixei em resposta:

Naquele tempo, deu-se que uma senhora do Brazil, da banda do sul, estéril nas partes sexuais, mas com beleza de vantagem, veio com seu marido, no komesso do ano, à cidade xamada do Salvador, que stá na Bahia de Todos os Santos. E entrado o terceiro dia do carnaval, os dous compareceram à praça que há nome Castro Alves, onde era muyto folgar ao pé do jazigo de um òmi poeta. E quis o destino que se perdessem recíprocos. Mas a senhora, nesse transe, não phicou dezassistida: vários varões se xegaron a ela, mui xegados. Com jeito e beicim, a Cosmadama os dezafachstava. Até que surgiu um melhor, que lhe deu apoio de modo muyto agradável. E arrupiou um tremelejo na damiana, arrupei que lhe deu em fraco. Foi então que o òmi bõ, de rosto koberto por negra máskara, levou a sinhora a um kanto, na Ladeira da Montanha, onde prestou-lhe muyto sokorro, de forma tal que lhe fez gosto e regalo. E findos esses belos trabalhos, os dous se despediram e a Cosma axou seu marido e se foi com ele recíproca. Passado hum tempo de kwatro meses, notou a dama que o ventre seu lhe krescia e o imbigio se lhe espixava. Doutor espuiu e a Cosma soube que era prenha. Louvados sejam Todos os Santos! E nove meses depois do carnaval, foi o minino tirado do ventre — segundo a norma daquela terra — antes que o qorpo da mãi o expulsasse. Não xorou ao modo claro dos que surgem da karne humana: apenas deu um gimido breve, como de quem se aporrinhasse, tikim, tikim. E pegou a dormir. Dessa hora em diante, só dormia, num sono sem intervalo. [E mamava, e fazia mijo, e outras coisas obrava na mesma ausência]. Passou-se o ano, lua por lua. Certa noite em que estava a sós com sua criança no kolo, xeia de pena lhe dixei a sinhora: ‘Ah, pobre filho de quem sou mãi... Nunca te verei desperto?’ E seu minino lhe retrucou:

“FILHO?”

“MÃE?”

QUER DIZER QUE NASCI!

O NADA NÃO TEM SEGURANÇA NENHUMA!

Foi como narrei. E tornou-me Sophia nestas palavras avoadoras: “Vi a revelação dos barcos, as lâmpadas flutuando no mar amargo. Assisti a dança das locomotivas no ferry-boat, sailing to Byzantium. Vi a chuva de flogos quando o licorne saltou do escuro sobre o carro naval, junto à carranca da sphynge, o arlequim com a guitarra elétrica hermafrodita, a serpente cantadeira, o gavião de duas cabeças no último céu. Os milagrosos volitavam ao pé da torre do vento. O bico de ferro prepotente cantou no fígado beliscoso do herói. O orago disse minha sentença que saiu no telejornal. E tive pressa da última hora, se bem que receava o hidrigo e sperava meu defensor. Mas ele não veio, não: nem Jorge, nem Campeador, nem Sultão das Matas, nem Flash Gordon. O pobre monstro no escuro rendeu-se a mim — que Fera, Fera, Lúcifer sou, minha Bela! E danço que laço, e te keimo a carne, e te corto a zaza, te cego o zóio, te amo, te amo, te amo...”

LIVRO TERCEIRO
LUNÁRIO DE ENOQUE

)

a luz cega do céu
com o olho decepado
procura-te
se finge carecer
de ti o deus (adeus)
em visita que passa
e cobre a noite com seu véu rasgado

)

toca-me esta paixão bem suave ao piano
ao sopor dos narcisos e dos gatos
em asas de navio
e teares de pedra
nas usinas da noite.

derrama seu clarão sobre os gestos infusos,
deita sua melodia sobre o tempo perdido.
com o negro luar
de nosso alumbramento
toca-me o som das sombras feito um rio
nos espelhos do céu.

)

ai, como a vida seria bela
se os olhos de nulna se revelassem!
as impossíveis maravilhas,
graças que nunca puderam ser
(e nos afligem com sua falta)
dançam no limbo, frias estrelas,
com sua eterna luz apagada.
mundos silentes
deuses sem vida
cegos do santo olhar de nulna
sonham com a clara plenitude
presos nas trevas incolores
dentro de onde se existe fora
na vaga ausência de nulna

)

então você pergunta por que
as pessoas se comportaram de um modo diferente
numa ocasião em que nada indicava isso
mas o que é comportar-se de um modo diferente
se antes o drama era outro
e o futuro não tinha ainda
eles lá se comportaram segundo calhou
com as escolhas que podiam colher
deixando as outras
a ocasião só toca o existente
com o possível lá dela
você é muito louco



A TERRA É REDONDA
O SOL É REDONDO
A LUA É REDONDA
O SENHOR DEUS É REDONDO

— **PUTA MERDA,**
OS QUADRADOS SÃO INCRÍVEIS!

)

quando o sono se estende
sobre todas as coisas
de que serve o luar?
a beleza está louca.
!oh vaidade das vaidades!
se deus não existe
quanto mais a gente

)

meu amor, acredite:
maravilhas tremendas acontecem
nesta terra de anjos duvidosos
e piratas que rezam
com a cabeça nas nuvens.

achou-se uma pedra a flutuar
no rio das trevas.

o vizinho celebrou o laudo favorável
com uma festa de arromba.
recuperou o sono, o tesão, a coragem.
dia seguinte, morreu atropelado.
mas é verdade que não tinha câncer.

não se intimide, amor.
beba o vinho e venere
a graça provisória.

realidade
é uma fantasia que não dominamos.

como disse o piloto
no lançamento da última bomba:
um mundo com tantos eus
não podia mesmo dar certo.

! HOSANA NAS ALTURAS !

)

Eu sou Adapa, o homem.
Eu quebrei a asa do vento.
Eu subi aos céus.

O Pai preveniu-me que não comesse.
O Filho avisou-me que não bebesse.
Quando o Espírito ofereceu
o pão da vida,
a água da vida,
eu não comi,
eu não bebi.

Eu sou Adapa, o homem
que subiu ao céu.

Todo homem é mortal.

)

em noite de lua impura
tempo atravessa tempo.
a flutuante paisagem
com inesperado lume
da sombra que cria à volta
trespassa o túnel. e quando
entre novas formas
de tempo e tempo, ocorre
o súbito acordo
(o claro contraste)
há mundo:
a contingência dos traços
opostos
é o que acontece.
ao termo
some-se a margem
do tempo-horizonte no tempo
que tempo encerra.
dissolve-se uma na outra
veloz imagem.
o ser sobrenada
só



Lua cheia vem surgindo
por detrás do Corcovado.

Ó Cristo!
Cadê o poema?

Ressurrexit
non est hic

PRELÚDIO
(NO LUGAR ERRADO)

palavras almas
puro voo evoco
de vós a ecoar
e só o sou.
luzeiro cego
(pássaro
passado)
implume lavro
o canto
apenas vago.

A SOMBRA NO FUNDO DO POÇO
COM UM LAÇO DE AÇO NO PESCOÇO
ULULA

— UH LA LÁ! —

É A LUA QUE TROCA DE FACE
E SE DEGOLA COM A PRÓPRIA FOICE

LUARÉU

Disponibilizado gratuitamente pelo autor na quarentena. Abril de 2020
www.ordepserra.wordpress.com

LIVRO QUARTO
CRÔNICA DE CIRÃO

A manhã se dissimulava com palidez enganosa, porém o vento marinho já começava a tirar-lhe a máscara: desfazia o algodão das nuvens que pouco a pouco se esfumavam, à medida em que o sol crescia. Em breve seria manifesta a pujança do dia de verão. Meu relógio acusou: eram quase oito horas.

Me distraí contemplando o pequeno jardim à frente da casa bem conhecida. Vi logo o homem que não me esperava. Respirei fundo, tentando preparar-me para o encontro. E divaguei. Recortei da paisagem o vulto sereno do professor entretido com suas flores, transferei sua imagem para não sei quando, numa recordação incerta. Por conta do meu devaneio, foi ele quem me surpreendeu: voltou-se de súbito e falou comigo feito quem desce de um sonho:

— É você, querida? Já tão cedo? O que me traz do sertão?

Respondi com uma voz cinzenta:

— Muito pouco. Me perdoe. Venho dar-lhe má notícia: você não terá a Crônica de Cirão.

Mordi os lábios, no esforço inútil de conter as águas amargas que já escorriam pelo meu rosto. O Professor pegou minha mão e apertou-a de leve, sem uma palavra, fazendo-me entrar em sua casa. Nos acomodamos no seu escritório, uma ampla sala guarnecida por muralhas de livros. Mergulhei numa gorda poltrona e quando o mestre sugeriu um gole de café, logo aceitei. Ele me deixou sozinha por um minuto enquanto buscava a bebida. No que chegou com a bandeja, eu já me tinha recomposto. Tomei um gole e me abri:

— Cirão era um homem notável. Ele me marcou para sempre. E só nos encontramos três vezes. Na primeira, tivemos uma grande briga. Na segunda, a amizade era velha. Passamos horas deliciosas a conversar. No último encontro nos despedimos sem dizer palavra. Agora tenho a sensação de que me atrasei na vida. Cheguei tarde, não a um lugar, ou a um simples acontecimento, mas a uma esplêndida pessoa. Nesse atraso perdi a Crônica. Cheguei a entrever seu desenho, pensei que logo a teria pronta. Não esperava o corte súbito. No dia em que conheci meu pobre amigo fiz-lhe poucas perguntas. Depois de uma xinga que lhe despejei feito uma doida tive de me apresentar, morta de sem graça. Lembrei-lhe, então, o compromisso que ele assumiu com você. Deixei que falasse da sua busca interferindo o menos possível. No outro dia

programamos uma longa série de entrevistas. De imediato, fiz uma. Ele me entregou suas notas, rascunhos quase ilegíveis, disse que preferia escrever com minhas mãos. Falou da encomenda, ficou emocionado com a lembrança do autor. O destino cortou a fita. Agora, volto com as mãos vazias, muitas nuvens no coração.

— Quando chegou?

— Há quatro dias. Vim para ver Sabiniano, já no hospital. Ontem foi o seu enterro. Eu lhe telefonei, você estava viajando.

— É verdade. Cheguei às onze da noite passada. Por favor, diga como foi que nós perdemos o cronista.

— Assassinato. Ele foi baleado na estrada, quando vinha para cá. Viagem repentina, por conta de um chamado urgente. Uma armadilha. Sabiniano Cirão tinha grandes inimigos. E poucos amigos, parece. Havia menos de dez pessoas no seu enterro: uma sobrinha remota com o marido meio cego, um oficial do Exército, um poeta, uma médica, um cabeleireiro chamado Paulo, uma freira idosa, meu namorado e eu. Sigismundo, o poeta, contou-me que a morte do seu camarada resultou de guerra antiga: uma moça de quem Sabiniano gostava foi assassinada por pistoleiros, junto com o pai. Crime de mando. O homem fazia oposição a um cacique do interior. Você sabe como é a política no sertão da Bahia. Sabiniano jurou vingança. Em parte, conseguiu: justicou os carrascos e um dos mandantes. Mas acabou eliminado. Enfrentava uma família poderosa.

— Teve muito trabalho para encontrá-lo?

— Depois de duas incursões naquela cidade maluca, achei umas pistas, rastros de nuvem num morro azul. Quando voltava de uma visita a um vilarejo próximo, encontrei a criatura tão procurada num bar. Não imaginei que aquele homem esquisito era o cronista. Me espantou seu nariz escandaloso. Ele estava em companhia de um sujeito nem jovem nem velho, um rapaz com cara de mulher, olhos de um azul vertiginoso, que vestia uma calça bege muito surrada e um bata de pano de saco. Volta e meia esse homem sem idade balançava a cabeça, agitava os longos cabelos e fazia uns gestos vagos, apalpando o ar. Era estranhamente bonito. O narigudo reclamou do garçom uma pinga especial, “o preparado da contrapauta”. Serviu-se moderadamente da cachaça, de uma garrafa com uma cobra de molho, depois encheu o copo do moço, que repetiu a dose três vezes. Depois do brinde, Sabiniano (era ele o narigudo) pediu um garrafão de vinho e continuou

a servir o companheiro, que nos intervalos assoviava, batia palmas e golpeava as coxas com as palmas das mãos. Assim o desgraçado enxugou muitos copos vermelhos, um atrás do outro, com intervalos de pinga. Fiquei revoltada. Aquilo estava me parecendo um assassinato. Fui até sua mesa e falei ao grandalhão que parasse com a perversidade. Ele me olhou com um sorriso de cobra e disse: “Calma, garota, vá brincar com suas bonecas. Meu amigo só está tomando uns aperitivos com que refresca a memória. Isso, pra ele, não é nada. Mas o que faz uma guria num bar de marmanjos?” Aí, eu me danei. Disse que estava ali para dizer-lhe que não fosse tão exagerado em sua raiva contra a espécie humana, que já lhe bastava aparecer à luz do dia, deixando o inferno sem chaminé. Falei um monte de barbaridades. Cirão ficou de boca aberta, desarvorado. Eu estava furiosa. Quem me acalmou foi a suposta vítima: “Moça, não se zangue, Sabiniano é meu amigo, não está me fazendo mal. Posso beber três vezes isso. Veja, estou ótimo. Sou bobo quando não bebo, mas com o vinho me curo e com a pinga me apuro.” Fiquei zozna: o sujeito de repente me pareceu muito equilibrado. Perguntou meu nome, disse que se chamava Diniz e me apresentou a Cirão. Este se levantou e me ofereceu cadeira, pedindo desculpas por ter-me tratado como criança. Eu quase morro de encabulada. Mas logo me sentei com eles, pedindo desculpas também. Diniz falou que beberia em minha homenagem.

— Não caiu?

— Não deu sinal de embriaguez. Dentro de mais uns minuto chegou Lauro, meu namorado. Diniz nos deixou. Ficamos os três a conversar por coisas de três horas. Expliquei a Cirão que o procurava, mandada por você. Ele disse que estava mesmo em falta com o professor. Contou que teve a iniciativa de lhe escrever, garantindo a Crônica, encomenda de amigo comum, mas via-se em dificuldades com a promessa. Então eu lhe ofereci ajuda e perguntei dos embaraços. Cirão respondeu: “Às vezes, eu acho que a história caçada é perfeitamente impossível. No entanto, ela não pode deixar de ser real.” Combinamos um encontro para o dia seguinte. Ele foi-se embora quando anoiteceu e eu fiquei um pouquinho na espelunca, comemorando com Lauro a sorte súbita. No outro dia Cirão me procurou no hotel, pouco antes da hora combinada. Levou-me uma agenda de endereços, um caderno de anotações e um buquê de flores. Pediu desculpas: não podia dar-me a entrevista, ter a planejada conversa. Tivera a má notícia da morte de uma

parenta, em Salvador: a última que lhe restava. Teria de viajar imediatamente. Prometeu que na volta me dedicaria tanto tempo quanto eu achasse necessário. Até marcamos dias e horas. Azar puro, professor. Minha expedição teria sido mais pobre se não fosse uma dúvida que me atacou no momento. Desconfiei. Achei que Sabiniano queria livrar-se de mim, com uma boa desculpa. A gentileza seria um modo de me desarmar. Perguntei-lhe francamente se ainda estava aborrecido comigo. Até reconheci que ele tinha motivo de zanga, pois eu tinha sido precipitada, infantil e injusta, além de histérica. Era razoável que ele me detestasse. Sabiniano protestou: “Que é isso, Virgem?! Não fale assim! Eu não estou zangado com você. Nem mesmo ontem fiquei. Era natural que você se enganasse, não conhecendo a natureza doida de Diniz e ignorando quem sou. Admirei sua coragem de intervir quando achou que estava acontecendo um despautério de maldade. Quase todo o mundo tem medo de mim, porque sou estouvado e feio como a desgraça. Uma moça que me enfrentou daquele jeito, eu só posso admirar.” Nesse ponto eu quase morro de vergonha. Se dissesse que já não o achava feio, soaria falso. No entanto, era bem verdade. Fiz cara de choro. Sabiniano ficou aflito. “Virgem, escute: minha parenta já está morta, não creio que ressuscite com minha chegada. Se você quiser que eu fique aqui conversando, ficarei.” Recusei o oferecimento. Não fazia sentido impor-lhe uma coisa dessas. Fico transtornada quando penso que se tivesse concordado, meu amigo estaria vivo.

— Por favor, não se culpe — Enoque pediu — Não faz sentido.

Fiz uma pausa e prossegui, enxugando as lágrimas:

— Chegamos a um acordo. Ele adiará a viagem de algumas horas. Partiria só de tarde, o enterro ia ser no dia seguinte. Ficamos batendo um papo animado. Não falamos só do luaréu. Eu não queria dar-lhe a entender que fiz cena com o puro interesse de uma entrevista. Trocamos ideias, como velhos amigos. Lauro encontrou-nos já tagarelado alegremente e juntou-se à conversa com entusiasmo. Almoçamos juntos. Depois Cirão foi à barbearia. Na volta retomamos a conversa, que se prolongou por quatro horas. Por fim meu amigo lembrou-se da maldita viagem. Tornou a garantir que voltaria logo. Arranjou-me o que fazer enquanto esperava seu retorno: recomendou-me que procurasse duas pessoas da terra, Calixto e Jaburu. Avisou: “Esse Calixto é doido. Quanto ao outro, não garanto nada, mas que parece, parece. Aliás, devo lhe dizer que nessa empreitada a gente tem de

lidar com malucos a todo instante.” Pouco depois vi que Cirão tinha falado sério. O próprio Calixto me declarou que estava louco. Acrescentou que quando sarasse não falaria mais: estaria mudo, surdo e cego. Passei a tarde entrevistando esse homem. Logo de saída ele achou-me reimosa. Deu-me uns passes, que nem caboclo de terreiro, e acabou dizendo que estou grávida. Não sei como descobriu. Eu tinha ficado ciente disso pouco antes de viajar e não tem nada visível ainda, não é?

— De jeito nenhum. Parabéns, menina.

— Obrigada. Foi uma surpresa, a gente não planejou. Mas ficamos contentes. Até pensamos em casamento.

— Muito bom! Serei convidado?

— Claro. Você e Flávia serão nossos padrinhos.

— Com muita alegria, meu anjo. Então, temos boas novas! É bom lhe ver com este sorriso.

— Agradeço de novo. Agora, deixe-me concluir o relatório.

—Vá em frente. Quando Flávia chegar, festejaremos.

— Naquela tarde da nossa última conversa, enquanto a gente se despedia, apareceu no bar do hotel um conhecido de meu novo amigo, um moreno alto e forte, de gestos delicados, chamado Marlene. Sim, isso mesmo: Paulo Marlene. Sabiniano nos apresentou e foi logo me aconselhando a entrevistá-lo. O rapaz prometeu encontrar-me depois. Disse que no momento não podia demorar-se conosco pois um camarada o esperava não sei onde. Tomou um gole e despediu-se. Na hora marcada, não voltou. Fiquei decepcionada, mas não perdi tempo. Passei o resto da tarde às voltas com Calixto. À noite conversei com o Jaburu, ou seja, com Elias, que assim ele se chama. Pedi também a Lauro que fosse à zona procurar umas pessoas. (Cirão nos fizera saber que tinha amizades no cabaré, onde fez pesquisas). Conversando lá com uma dama, meu amor descobriu que ela sabia de histórias relacionadas com a Crônica. Desse jeito recolhi curiosas revelações do brega.

— Como assim “curiosas”?

— Esquisitas, descontraídas. Você vai ver, fiz o registro no meu diário. No dia seguinte, de manhã, dei uma volta pela cidade com o Jaburu, fotografando o possível

cenário do drama. O croquis que tentei fazer nesse mapeamento resultou confuso: logo vi que a narrativa de Elias misturava os lugares de um modo bárbaro.

— Ainda tem esse mapa?

— Tenho, mas é inútil. Não bate com as outras indicações. Em todo o caso, me ajudou a refletir. E me animou à procura. À tarde fui ver uma senhora chamada Alexandra, cujo endereço encontrei na caderneta de Cirão. Conversei também com uma tia sua, de noventa anos ou mais. Depois fui encontrar-me com Lauro, que me esperava num barzinho com uma prostituta chamada Lulu Inês, a nova informante. Tivemos uma boa conversa (pagando, é claro, pelo tempo que ela nos dedicou). Daí meu mapa se embaralhou de vez. O relato de Lulu me sugeriu outra série de acontecimentos, cosidos uns aos outros de modo caótico. No dia seguinte passei a manhã com Alexandra. Depois do almoço Lauro e eu voltamos a encontrar-nos com Lulu, no mesmo barzinho. Foi lá que tivemos a má notícia: um caminhoneiro recém chegado de viagem contou-nos que Cirão tinha sido baleado na Rio-Bahia, entre Feira e Salvador, e estava hospitalizado nesta capital. Viajamos imediatamente. Chegamos de madrugada. Lauro, que é médico, viu logo Cirão. Mais tarde consegui entrar com meu amor na UTI. O nosso ferido ainda estava consciente. Reconheceu-me. Pegou em minha mão e fez como se escrevesse. Entendi que aludia à Crônica. Dei-lhe um beijo no rosto, acariciei-lhe os cabelos e saí logo, ofuscada por minhas lágrimas. Lauro tinha-me falado que o caso era sem esperança. Uma das balas não pôde ser extraída, a hemorragia interna não se estancou. Pouco tempo depois nosso amigo entrou em coma. Morreu no dia seguinte.

O Professor fez um carinho paternal nos meus cabelos e pediu:

— Por favor, mostre o que trouxe. Eu sei que você não veio de mãos vazias.

— Não espere grande coisa. Tenho a caderneta de Sabiniano, minhas anotações em estado bruto e uma dezena de fitas gravadas, mais o diário. É só. Trouxe tudo nesta sacola, para mostrar que trabalhei.

— Espere... O que tem nesse classificador?

— Maluquice. Umás páginas de rabiscos. Imagens com que me oriento, sinais de mim para mim.

Enoque pegou o classificador e folheou com rapidez as folhas garatujadas. Em seguida atacou meu diário, numa leitura sôfrega. Por duas vezes voltou do fim ao

começo, com os olhos cintilantes. Recostei-me na poltrona e esperei de olhos fechados, entregue à lembrança de Cirão. Seu rosto, que no primeiro momento me pareceu medonho, já era bonito depois do nosso diálogo. Lauro achou a mesma coisa: Sabiniano dava a ideia de um belo homem estranhamente mascarado.

Esta observação me trouxe de novo o pensamento para Enoque. Minutos atrás, quando nos encontramos à porta de sua casa, eu o achei um tanto envelhecido. No que ele estudava meus papéis com uma atenção de gato caçador, surgiu-lhe no rosto uma juventude impressionante. Daí minha lembrança viajou até o dia em que o mestre me fez a encomenda.

Fiquei feliz com seu chamado. Foi em boa hora: eu tinha deixado o jornal, estava desempregada. Pouco tempo atrás havia decidido morar com Lauro. No amor, tudo bem, mas nossa situação financeira não era nada invejável. Minhas economias estavam mingando, os frilas não rendiam grande coisa e o orçamento de um jovem médico, funcionário público, tinha limites que contrastavam demais com nossos projetos. Corri ao encontro do professor, tão interessada quanto curiosa. E fiquei zonha com sua proposta: parecia fruto de uma extravagância, com ares de invenção absurda. Enoque tinha sido procurado por um moço que pretendia escrever um livro sobre um acontecimento de sua terra, um sucesso que ele não testemunhou, mas cuja ocorrência deduziu de sinais confusos: na sua remota cidade sertaneja teria havido um tumulto quando por lá se espalhou a nova do pouso dos astronautas na lua. Embora recente, o barabadá não teve registros e o fato era negado pelas autoridades locais.

Achei a coisa inverosímil. Porque essa notícia interessaria o povo dos cafundós? Se num lugarejo do interior tivesse descido não digo um foguete, mas uma aeronave muito moderna, ou um balão tripulado, eu penso que seria provável um fuzuê. Mas uma aventura tão distante! No entanto, havia indícios e o moço estudioso queria saber por que uma aventura de fora da terra incomodou tanto seu povo. De acordo com sua teoria, a história do tumulto tinha um sentido que envolvia até mesmo seu esquecimento. Portanto (mas como me intriga este “portanto”!) era uma coisa a ser estudada, também, através da poesia.

Enoque se encantou com a tese do rapaz e imaginou um processo de pesquisa lírica: sugeriu a pessoas de sua escolha escrever sobre a ideia de um luaréu, sem lhes dar

outras indicações além desta palavra estranha, fabricada por seu amigo. Juntou os poemas numa ordem que inventou, acrescentando versos de sua lavra. Concluído o arranjo, mandou-o ao rapaz. Eles tinham combinado trabalhar independentemente. A pequena coletânea de Enoque seria acrescentada ao relato do amigo. Só quando este editasse o livro o Professor conheceria o resultado final.

Foi o que acertaram. Mas um belo dia o moço reapareceu, com um novo pedido: falou que só teria tempo de concluir uma parte do seu estudo. Disse que logo mandaria a Enoque seu escrito, mais o texto de um colega. Falou ainda que o Professor receberia, depois, uma crônica feita por outro camarada, sobre o mesmo tema. O tal cronista faria um trabalho independente, sem conhecer os dos companheiros. Enoque seria o editor de todo o conjunto, a que daria o título.

O Professor aceitou. Decidiu chamar a obra inteira de *Alalá*. O texto do moço, autor da encomenda, era o mais longo. Seguia-se o escrito menor, que também já estava pronto. Faltava a Crônica.

Custei a crer naquele arranjo. Até suspeitei que Enoque tinha inventado não só a história do luaréu como as pessoas de seus colaboradores. No entanto ele deu-me logo indicações de como achar o último escriba: mostrou-me a carta com a promessa da Crônica de Cirão e mais outra em que o homem se desculpava pela demora em cumprir o trato, alegando dificuldades inesperadas. A proposta que Enoque me fazia era esta: procurar Sabiniano, ajudá-lo a escrever sua Crônica. Para isso me contratava, pagando-me muito bem.

O terrível mestre deu-me pequenas dicas e impôs condições que achei rigorosas, mas aceitei: eu também não teria acesso aos textos já escritos, até que estivesse pronta a edição do conjunto (do *Alalá* inteiro). E se descobrisse novidades relacionadas com essa história, devia passá-las a Sabiniano. Em suma, eu seria uma colaboradora direta do último escriba: seria corresponsável pela Crônica de Cirão.

Enoque me falou de um modo vago do autor do primeiro texto, o rapaz a quem se devia a encomenda dos outros. Só o chamava de “meu amigo radiante”. Não sei se combinou este silêncio com o último colaborador. É provável: nas conversas que nós tivemos, Sabiniano poucas vezes se referiu ao “menino de ouro” a quem prometera a Crônica. Ficava, então, muito emocionado. E mudava logo de assunto.

Sorri ao pensar numa criança dourada — e não sei onde me levou esta imagem, pois adormeci. Quando despertei Enoque olhava-me em silêncio, com um caderno sobre os joelhos. Tirou-me do embaraço dizendo que eu cochilei só um pouquinho, menos de cinco minutos. Sua gentileza me deixou à vontade, embora o relógio mostrasse que dormi muito mais. Fui ao banheiro e lavei o rosto. Senti-me logo recomposta. O pequeno descanso me fez muito bem.

No entretanto chegou Flávia, a mulher do mestre, que foi minha colega na Faculdade. Ficamos nós duas a conversar enquanto Enoque examinava meus cadernos com seu jeito meticuloso, passando de um a outro e voltando atrás muitas vezes. A manhã escorreu feito água de chuva. Acabei aceitando o convite do casal para almoçar. Lauro só estaria em casa de noite e não acho graça em comer sozinha. Foi um belo almoço, quase festivo: brindou-se a meu casamento com um ótimo Borgonha. Depois do repasto o professor e eu voltamos aos negócios.

Na avaliação de Enoque eu tinha feito um bom trabalho, tanto que ele me pagou um mês inteiro (estive em campo pouco mais de uma semana). Tranquilei-me como pude, com a promessa de entregar-lhe um relatório decente. Mas o mestre não quis. Tinha outra proposta:

— Considero encerrada uma etapa do caso. Agora, vamos à outra. Os seus rabiscos são preciosos, mostram boas pistas. Confio em você, menina. Quando a escolhi eu sabia o que estava fazendo. Não esqueço os nossos diálogos na Faculdade: eram sempre iluminados por sua argúcia. Também gosto de seu jeito de escrever. Nunca lhe disse, mas você foi minha melhor aluna. Outra coisa que levei em conta foi sua amizade com o mestre excêntrico. Sabia que você não sairia correndo quando eu lhe falasse em luaréu, não faria piadas. Deve ter pensado que aprontei uma doidice, inventei uma fábula, mas deu-me um crédito de confiança. Aceitou um trabalho que meio mundo acharia insensato. E foi corajosa, não me decepcionou. Trabalhou a sério numa coisa esquisita, que talvez não faça sentido, desde seu ângulo de visão. (Lembre-se: eu conto com outros elementos para avaliar. Já li o texto de meu amigo radiante). Tem mais um dado que pesou: nunca vi mulher tão enganadora.

— Meu Deus, Enoque! O que é isso? Você vai acabar ofendendo minha amiga com esses elogios — Flávia protestou. — Posso lhe garantir que ela é uma pessoa muito franca. Não tem uma gota de falsidade.

— Eu não disse que ela é falsa. Apenas falei que engana muito, com essa aparência de de garota frágil. Na verdade ela é brava e teimosa: exatamente o tipo de fera de que eu preciso no momento. Pequena, vou lhe fazer um desafio. Escute bem: tenho certeza de que você não conseguirá deixar de lado a história louca em que a envolvi.

— Sim, você me passou uma obsessão. Já foi muito xingado por esta dádiva.

— Ótimo. Agora, escute: eu lhe ofereço a oportunidade de realizar o que seu amigo não pôde. Nós lhe devemos isso, não é? Você lhe deve...

— O que está dizendo?

— O que você espera, menina: quero que escreva a Crônica de Cirão.

Enoque não teve muito trabalho para convencer-me. Além do mais, ele me propunha um pagamento fabuloso. No melhor dos empregos a que me candidatei, eu não ganharia a mesma coisa em um ano. Eu sabia que o Professor era rico e estouvado, mas não esperava tanto... Percebi que além do empenho num compromisso, um interesse profundo de seu coração o prendia ao propósito do livro. Ainda assim fiz um pouco de charme, pedi uma concessão:

— Não é nada demais. Não atinge as cláusulas pétreas do nosso trato. Respeito as regras do jogo. Só num ponto peço que você me ajude, falando um pouquinho do livro que editará. Nada que me tire da ignorância essencial do já escrito. É um pormenor que me intriga.

— Diga! Vamos ver se posso...

— Por que *Alalá*? Eita nome estranho!

— Não conhece a palavra?

— Conheço, claro. É muito usada na gíria da minha profissão. Minha estranheza vem justamente daí.

— Como assim?

— Na linguagem das redações, *alalá* tem sentido negativo. É um tipo de mentira jornalística: “fazer um alalá” significa dar repercussão exagerada a um pequeno

acontecimento, na base do sensacionalismo. É dar relevo a miudeza, tocando trombetas à toa. Para ouvido de repórter esse título é temerário. O luaréu parece ter sido o oposto do que o nome *alalá* sugere: um acontecimento muito significativo sobre o qual se impôs um silêncio pesado. Um barulhão que muitos fingiram não ouvir, disseram não ter soado. Foi a ideia que Sabiniano me passou.

— Sim, é verdade. Foi um estouro que acabou inaudito, exceto para algumas pessoas. Como a terrível música da lua.

— Compreendo. De certo modo, até encontro uma razão para sua escolha. Dou-me conta de uma coisa curiosa: na gíria jornalística, temos o nome *alalá* para um tipo de falsificação, mas não temos rótulo nenhum para a mentira simétrica, também frequente na mídia. Imagine, por um instante, esta situação: no país inteiro, de norte a sul, multidões enchem as praças. Em capitais, em muitas cidades grandes, centenas de milhares de pessoas se reúnem em meetings, em megacomícios, com um forte clamor. A mobilização é poderosa, a rua se agita, o povo ferve. Em casa você liga a tevê e nada disso aparece. As câmeras não mostram o acontecimento, o noticiário não o menciona. Dá pra imaginar?

— Sim, claro.

— Pois bem, tenho a impressão de que você lida com esse tipo de fenômeno. E dá-lhe o mesmo nome do oposto: *alalá*. Está certo: se a gente lê a palavra ao contrário...

— Juro que eu não tinha pensado nisso. Parti de outro ponto. Na sua gíria, pelo que vejo, *alalá* tem um sentido limitado, carregado de má fé. É o nome de uma enganação. Mas antes de ser incorporado ao jargão dos jornalistas com essa tara *alalá* tinha um sentido mais amplo, com que ainda se usa aqui na Bahia, no meio do povo: seu significado primeiro é “clamor”. A palavra parece ter base onomatopaica. A repetição do *a* bem aberto sugere o propagar-se de um grito humano. Ora, quem escuta um clamor pode não saber sua origem, pode interpretar-lhe erradamente a natureza, enganar-se com ele. Sim, o alarido às vezes corresponde a um rebate falso. Não há como saber *a priori* de que se trata. Talvez o que ouço neste momento traduza um fenômeno real, interpretável de algum modo, porém não é impossível que ele me fique (talvez para sempre) diluído no vago da intuição mais tênue. Acordo à noite com um escachoar de vozes ao vento e imagino a multidão que o provoca, mas me detenho no limbo da sonoridade vazia,

intraduzível. Talvez um sonho se aproprie dessa matéria e lhe dê uma forma significativa muito rebuscada; talvez o incorpore a um sentimento meu; talvez o deixe perder-se na treva...

— Entendo.

— Não é só isso. Existem outros espaços semânticos que a palavra incorpora. Clamores geralmente assinalam uma comoção. Muitas vezes, indicam uma confusão. Por metonímia, *alalá* também quer dizer “tumulto” em baianês de negro pobre. (Presto muita atenção à linguagem desse pessoal, o mais interessante que tem aqui). Porém a ideia principal em *alalá* é mesmo a de *clamor*. Para exprimir “tumulto conflituoso”, nosso povo usa uma palavra parecida com essa: *arerê*.

— É verdade. Está na moda.

— Em *arerê* as duas fricativas próximas sugerem atrito. *Alalá* tem força de eco, mostra a distância multiplicada (*lá... lá...*). Bate asas, que exalam um sopro luminoso. Em todo o caso, uma coisa reconheço: você deve ter razão quando aponta um desejo contraditório na minha escolha. Em minha cabeça o som de *alalá* puxa uma associação sombria.

— Como assim?

— O clamor fica aquém ou além da fala: em geral, é fala transformada em ruído. As palavras da multidão se misturam e chegam a mim feito bruma sonora, indistinta, de que os significados já se escoaram. Perde-se a comunicação, a massa longínqua **não** me fala. Sua voz sucumbe a uma estranha alalia.

— Uma inversão, não é? Estava correta minha hipótese.

— Sim. De certo modo. Mas minha escolha desse título deve-se a outro motivo. No texto do meu amigo radiante ele dá a entender que o termo *alalá* acabou se transformando em nome de uma entidade relacionada com o luaréu, uma criação religiosa. Isto me impressionou.

— Uma entidade?! Em relação com o luaréu?

— Bem agora chega, danadinha! Quase que eu falo demais, contra as regras do jogo. Garota, você é muito perigosa. Já quase me pegou na armadilha de seus rabiscos. Pensa que não saquei? Foi um anzol muito bem atirado. Sem a ajuda dos deuses que a

fizeram adormecer, eu teria mordido a isca vergonhosamente e acabaria entregando uns segredos.

— Menina, depois quem vai te contratar sou eu. Preciso de umas aulas — disse Flávia, admirada.

Eu não pude deixar de rir.



Recomecei o trabalho imediatamente, com o apoio entusiástico de Lauro, que até brincou:

— Viajaremos assim que você quiser. Ainda estou de férias. E se as coisas continuarem desse jeito, com chuvas tão boas na sua horta, eu deixo o emprego, largo a medicina, vou ser seu secretário. É muito mais lucrativo.

Nossa busca principiou em Salvador. De certo modo, já tinha começado. No dia do enterro de Cirão conversei um pouco com Paulo Marlene na capelinha do Campo Santo. Nós dois fomos os que mais choraram. Até a sobrinha do morto veio consolar-nos. Assim acabamos nos aproximando. Falamos do amigo perdido e de sua busca. Foi um papo rápido, entrecortado, mas rico. Paulo disse que tinha de voltar daí a pouco, viera a Salvador só para o funeral. Na despedida me fez um convite: disse que esperava minha visita em Feira de Santana. Garantiu que lá me falaria do luaréu. Tinha feito esta promessa ao morto no dia em que ele nos apresentou. Fiquei ansiosa, mas não cheguei a marcar uma data. Deixei solto esse fio de meada.

Outro apareceu (e quase sumiu) na mesma ocasião. Foi assim: depois do enterro troquei umas palavras com a médica que atendeu Sabiniano, a doutora Délia. Ela havia dito a Lauro que conhecia o sertão onde encontramos o finado. Contou-lhe que viveu lá com um pintor, anos atrás. “Não muito tempo, mas o bastante para nunca esquecer”. Na saída do cemitério, quando ela veio despedir-se de nós, eu lhe perguntei se sabia alguma coisa do luaréu. A bela médica ficou um instante calada, perturbou-se, corou. Por fim disse que não queria falar do assunto, fez-me com a cabeça um rápido cumprimento e foi-se embora, com passos enérgicos. Anotei mentalmente a reação da criatura, que só mais tarde liguei com o objeto de minha busca.

Logo após meu segundo acerto com o professor eu me entreguei ao trabalho. Passei a noite estudando o material que já tinha recolhido. Ao reler a caderneta de Cirão encontrei o endereço de um homem chamado Werner, com quem ele teria conversado sobre o alalá. Fui procurá-lo em sua casa de Nazaré. Dei com o infeliz numa cadeira de rodas. Tinha a cara torta, o olhar imóvel, a expressão longínqua. Sua irmã me explicou que ele havia sofrido um derrame ao voltar de uma viagem desastrada pelo sertão, pouco depois de uma curta estadia nos Estados Unidos. Quando perguntei o que ele tinha ido fazer lá, a criatura rosnou qualquer coisa sobre uma investigação de maluquice e sobre uma tal de Doutora Deia que seu mano visitou em New York. Intrigou-me seu lamento: “Depois que viu essa criatura Werner nunca mais foi o mesmo”. Dito isso ela abriu a porta e me pediu que fosse embora. Tinha a cara enfezada, impaciência à flor da pele. Repetiu várias vezes que o irmão já não falava e ficava nervoso por não conseguir, quando alguém tentava comunicar-se com ele. Não discuti, vi claramente que ela tinha razão.

Só à noite me caiu a ficha e liguei o nome resmungado pela irmã de Werner a outro, só um pouco diferente. Um comentário de Lauro acendeu a lampadazinha. Meu amor me disse que ficou impressionado com a atitude de sua colega, a Doutora Délia. A médica assistiu Cirão com um carinho especial e chorou ao constatar-lhe o óbito. Segundo ela contou a meu bem, na chegada ao hospital seu paciente ainda conseguia falar; os dois conversaram um pouco. Ela tratou de explicar-lhe o quadro, deixando claro o risco da cirurgia. Queria ser autorizada: a intervenção podia não dar resultado, como não deu. No curso da difícil entrevista a doutora ficou sabendo de onde vinha Sabiniano e lhe revelou que lembranças muito boas do lugar. Comoveu-se quando Cirão lhe falou que a tinha procurado até em sonhos. Fez-lhe até uma confidência: contou-lhe um segredo que em vão um investigador tentara arrancar-lhe, nos Estados Unidos. Mas não o revelou a Lauro.

Era uma pista frágil, mas melhor que nada. De manhã fui com Lauro ao hospital e abordei sua colega. Disse-lhe que eu me tinha encontrado com um conhecido seu. Joguei o verde, como diz mamãe. E tive uma confirmação.

Délia mal se lembrava de Werner. Disse apenas que ele a procurou em Nova Iorque, mas a conversa não rendeu: ela desconfiou de suas intenções, julgou que ele fosse

um cão do regime a farejar-lhe a vida política. Pediu a pessoas do seu partido que o investigassem aqui. Todos a tranquilizaram: disseram que seu entrevistador era um aposentado com mania de detetive, mas inofensivo, sem ligação com o governo. Délia divertiu-se com as cartas de amor que o pobre homem lhe enviou, uma dúzia em uma semana. Tratou de esquivar-se do velho maluco. Mas ficou penalizada quando lhe falei de seu AVC.

Avancei um passo: a doutora me confirmou que tinha vivido na cidade do luaréu com um pintor chamado Santinho, um homem maravilhoso. Disse que “por desgraça” eles tiveram de se separar. Acrescentou que no fim da vida o amado foi seu paciente. Contou ainda que nos delírios da agonia Santinho falava no alalá, mas de jeito incompreensível.

Nesse ponto, a bela médica encerrou a entrevista com lágrimas nos olhos. Parecia irritada consigo mesma por ter-me dito essas poucas frases. Falou que não tinha tempo, precisava assinar uns papéis, estava deixando a clínica, tinha viagem marcada. E levantou-se de modo imperativo para levar-me à porta.

No dia eu tibe um monte de coisas a resolver. Na volta encontrei um envelope com meu nome na portaria do edifício. O porteiro falou que uma senhora tinha deixado aquela encomenda para mim. Era um desenho em bico de pena, com um bilhete anexo: “Cara amiga, não leve a mal a maneira brusca como encerrei nossa conversa. O assunto me dói. Quero esquecer. Jurei que nunca mais falaria nisso. Deixo-lhe um presente, o único testemunho que lhe posso dar. Por favor, entenda: é o fim”.

Por assinatura, um simples D.

O desenho era intrigante: a imagem de bela doutora, completamente nua, de pé sobre a grama pontilhada de flores, segurando com as duas mãos uma foice cuja lâmina se encostava ao pescoço de um homem ajoelhado à sua esquerda. Ambas as figuras tinham sido desenhadas de frente, voltadas para o espectador. Não se miravam, portanto. A única ligação entre elas era o instrumento, a que não davam atenção. A segadora parecia distraída, desligada do próprio gesto, como se este não tivesse qualquer importância, não fosse nada demais. Seu sorriso era discreto, gentil. O homem ajoelhado, de mãos postas, colo rodeado pela curva ameaçadora, também sorria, com uma expressão de felicidade.

Fiquei por alguns minutos parada, admirando essa composição. Mostrei a Lauro o desenho e o fiz ligar para o hospital, onde ele conseguiu o endereço da colega. Depois do almoço tocamos para um edifício luxuoso no Alto do Itaigara. Na portaria fomos informados de que não havia ninguém no apartamento da doutora. Ela tinha viajado. O porteiro acrescentou, com um sorriso irônico, que a médica fizera uma previsão: falou que muito provavelmente apareceria a sua procura uma moça, talvez um casal. Deixou um bilhete pedindo que nos fosse entregue. Recebi com um sorriso o pequeno envelope e o passei a Lauro ainda fechado, dizendo em voz alta o conteúdo da mensagem: “Por favor, não insista.” Quando saímos, meu bem me indagou o que eu ia fazer. Respondi sorrindo:

— Quanto à doutora? Nada. Esperar que ela me escreva.

Lauro balançou a cabeça com um sorriso cético, de pura ingenuidade masculina.

No dia seguinte, viajamos.



Treva branca, treva preta. Eu conversava com Sabiniano em minha modorra e o sonho confuso se esgarçava sem querer dissipar-se, embora já mordido pelo sentimento do irreal. O amigo repetia o nome que me deu e achava graça do meu protesto. Acusei seu triunfo com irritação: já naquela terra ninguém me conhecia de outro jeito e a cada dia o tratamento se tornava mais absurdo. Tentei mostrar-lhe de um modo bem didático a inconveniência do apelido:

— Olhe só minha barriga, como está crescendo. Já ficou enorme. Só posso ficar encabulada quando me chamam assim.

Ele não ligou a mínima:

— *Virgem! Virgem!* — repetiu.

— Estou grávida, Cirão. Conteí a Alexandra, a Diniz, a todo o mundo, mas não adianta. Seguem seu decreto. Você precisa dizer-lhes...

Meu amigo balançou a cabeça e tornou a falar, risonho:

— *Virgem!*

Furiosa, acabei despertando. Era Lauro quem me chamava.

— Até você? — protestei.

— Não pediu que eu lhe acordasse, meu bem?

Gemi preguiçosamente enquanto apalpava meu corpo, com o juízo ainda no limbo. Fiquei decepcionada: minha grande barriga tinha encolhido para o tamanho de sempre, talvez um pouco maior que o normal. Arre, onde se escondia essa criança? Perguntei a Lauro se ele não me achava um tantinho mais grávida. Ele riu. Atirei-lhe o travesseiro e me levantei.

Fazia já uma semana que nós tínhamos deixado a pensão, mudando-nos para a Colina. Alugamos uma casa bem plantada numa pequena elevação, varrida por doce corrente de vento e cercada por um pequeno jardim. O chalé pertencia a uma família que viajava nessa época do ano. Estava mobiliado e tinha (para nós) muitos cômodos: dois quartos, dois banheiros, uma sala grande, cozinha, despensa, varanda, amplo quintal e até um pequeno anexo, o quarto dos fundos. Era agradável. Deu-nos uma liberdade de movimentos impossível na pensão.

Dona Alexandra era nossa cozinheira. Eulália cuidava da limpeza e da arrumação. Tinham pouco trabalho, sobrava-lhes tempo para nossas conversas. (Na verdade, foi por isso que as contratei). Sentindo-se à vontade conosco, de vez em quando Alexandra nos trazia umas amigas que lhe prestavam imponderável ajuda e repartiam o almoço na cozinha. Eu lhes dava uns trocados, mas logo percebi que a comida era o atrativo. Principalmente a carne, que Lauro, de propósito, sempre comprava a mais, ultrapassando de forma extravagante a necessidade da gente (nós dois não somos grandes carnívoros).

Alexandra cozinhava com gosto e exagero. Quando eu lhe perguntei se queria trabalhar para mim, disse que aceitava “por qualquer salário”, desde que a comida fosse farta. No primeiro dia, sobrou muito e eu lhe falei que levasse para casa. Ela morava sozinha com uma tia chamada Veia (nome de batismo Celi), frugal nos seus noventa e lá vai. Alexandra fez marmita para as vizinhas, que logo vieram visitar-me. Ficaram sendo minhas freguesas, como diziam.

A verdade é que eu fiz tudo para atraí-las. Elas tinham o que contar. Comprei-lhes renda de bilros, bordados e fuxicos. Dei-lhes presentes (roupas, sandálias) que eram sempre retribuídos. Ganhei bonecas de pano, balaios, fitas, até um ninho abandonado de João de barro.

Veia, a tia de Alexandra, só aparecia de quando em quando. Miúda e rija, com a cabeleira toda branca, às vezes se mostrava lúcida, às vezes totalmente caduca. Constante era minha xará, que a princípio me chamava de Siá Menina, depois simplificou pra Menina: uma velha alta, espigada, sempre com um xale branco. Tinha um ar majestoso, em contraste com sua pobreza. A seu lado eu me sentia realmente uma garota. Todo o mundo a chamava de *Mãe Virgínia*. Até Lauro e eu. Dona Eulália teria uns cinquenta anos. Parecia frágil, mas seu rosto humilde às vezes se transfigurava, com uma expressão fervorosa.

Dona Carmen era negra, alta, esguia: uma quarentona aprumada, com a elegância quase inexplicável das sertanejas pobres. Com a exceção de Mãe Virgínia, todas estas senhoras me chamavam de *Virgem*. Isto não mudou quando lhes falei de minha gravidez.

Eu estava muito bem servida. Tinha ainda a lavadeira, uma linda mulata de seus vinte e poucos, que todos chamavam de Zabelê. Morava com um alfaiate “Um homem muito bom, que me tirou da vida”. Logo entendi a dramática expressão: graças a esse xodó ela tinha deixado o prostíbulo.

Contratei também Diniz, que Cirão dissera fortemente ligado ao assunto da Crônica. Ele podia ser doido, mas era bom jardineiro. Dava-se por muito bem pago com casa, comida, algumas roupas... e bebida. Todo o dia, de tardinha, ele me indagava: — Cadê meu juízo? — e eu lhe oferecia pinga, depois cerveja, lembrando-me contritamente de Cirão. Aos domingos, a regra era vinho. (Mas só aos domingos, não sei o motivo). O salário dele, em dinheiro mesmo, a gente dava a Dona Alexandra para guardar. Nosso amigo não fazia questão, mas tanto Lauro como eu achamos um horror ter uma pessoa trabalhando para nós por casa e comida, condição de escravo. Resultou que os serviços do tonto eram os mais caros.

De quebra tivemos de nos acostumar com seus modos bizarros. Certa manhã Lauro me chamou para ver como descansava o nosso jardineiro. Fui até seu quarto e tomei um susto: Diniz estava deitado na rede, em pleno sono, com um pé amarrado por uma corda a um bloco de ferro, que não sei onde arranjou. Mais tarde ele me explicou que tinha esse hábito, só conseguia dormir assim.



Enquanto tomava café contei a Alexandra que tinha sonhado com Cirão. Ela falou que podia ser um sinal. Dessa vez, calhou: daí a pouco recebi o bilhete de um colega, Afonso, a quem pedi que investigasse a morte de meu amigo. Afonso é repórter policial, com grande talento para o jornalismo investigativo. Na redação a gente brincava dizendo que o doce Afonsinho se dedicou ao crime. Anos depois ele se tornou especialista em política. Ou seja, continuou fiel à vocação. Embora famoso, ele vive a queixar-se: tanto num campo como no outro, nem sempre lhe permitem ir fundo. Volta e meia cortam-lhe as matérias.

Não jornal onde ele trabalha a notícia da morte de Cirão resumiu-se a uma notinha. Afonso ficou desconfiado. Seu faro acusou que ali tinha coisa. Insistiu, mas o editor não ligou, mandou esquecer o assunto. Ora, meu colega não é de esquecer. Foi com alegria, portanto, que acolheu meu apelo: disse logo que ia "fazer o garimpo". Não quis pagamento. Falou que talvez lucrasse material para o livro com que vive sonhando, o mui esperado "Reportagens proibidas". O bilhete que ele me mandou parecia uma mensagem cifrada, nem o nome de Cirão aparecia. Anunciava uma visita para breve e confirmava que a polícia tinha abortado o inquérito. Me queixei a Alexandra: o sinal era fraco.

— Sinal fraco às vezes é bom — ela retrucou, enigmática.

Aproveitei que o dia estava enfarruscado e a temperatura tinha caído muito: botei um vestido longo, de mangas compridas. Calcei também sapatos altos. Alexandra concedeu que eu parecia “menos ameninada”. Suspirei. Peguei meu caderno de notas e lá fui, ao volante do nosso fusca. Deixei Lauro no hospital. Um colega tinha-lhe pedido ajuda numa cirurgia. Meu bem prometeu que depois dessa operação ia ver Calixto. Daí eu toquei para a Prefeitura.



Alto, grisalho, cara de pedra, o homem tinha olhos estagnados, expressão quase ilegível. Convidou-me a tomar assento diante da mesa de mogno, reclinou-se na cadeira de alto espaldar e perguntou o motivo de minha visita. Respondi que era pesquisadora, interessada na história de seu município. Ele retrucou, com um sorriso ralo:

— Está perdendo seu tempo, moça. Nós não temos história. Esse luxo é para as cidades adiantadas. Nós somos um jebe-jebe da beira da caatinga, quase nos beiços da boca de forno do sertão. Para ter história precisa progresso, não? Isso aqui tá difícil. Quando a gente avança, tropeça. Dá logo em recuo. Esta é a terra do acabou-se. Tivemos uma agência do Banco do Brasil e outra da Caixa Econômica, mas o luxo só durou alguns anos: já fecharam a Caixa, alegando que não dava lucro. Não levaram em conta meus apelos. Sempre apoiei o Governo, esperava outro tratamento. Mas quem sou eu? Um bicho do mato. Aqui só tem bicho do mato, professora. Somos um povo ignorante e atrasado, uma raça de caititus. Temos pouca gente letrada. Pode tirar por mim, que sou o prefeito e mal completei o primário.

Nesse ponto ele sorriu, como que saboreando as palavras. Em seguida, continuou:

— Tempos atrás apareceu-me neste fim do mundo uma equipe do Governo falando em construir um Centro Cultural. Na época, era moda: fizeram dúzias pelo interior. Indaguei para que serve esse trem, disseram que é pra cultivar as tradições. Eu falei que apoiava, por uma questão de política, mas achei uma perda de tempo: cultura, aqui, é o algodão, a mandioca, o arroz, essas coisas. Tirante isso, nós não temos cultura nenhuma. Nada de civilização. Tabaréu amansa, mas não civiliza. Somos pé-duro. E nada fazemos de tão especial que se bote em crônica. Quem tem tradição aqui é cachaceiro. Os pingüços desta terra bebem nas horas certas e principalmente nas erradas, mas tem uns tão acostumados que caem sempre no mesmo lugar. Afora isso, não sei. Quer dizer, tem as escolas. Fiz um colégio que forma até professora pro gasto da região. Mas nada desse negócio de intelectuais. Quando aparece um, endoida logo. É o clima, eu acho. O Centro Cultural é um prédio bonito, um dia há de ser histórico. Por enquanto, só tem a casca. Ficou anos trancado, até que lhe achei uma serventia: virou um silo.

Nesse ponto eu sorri, divertida. O homem era coerente. Sorrindo também, ele prosseguiu:

— É como lhe digo, não há no sertão essas coisas que o povo estuda na capital. História? Só dá uma página. O município foi criado há coisa de uns cinquenta anos, fingiu progresso por algum tempo, depois caiu no paradeiro. Cresceu, encolheu, inchou. Se aguenta como pode, e olhe lá. Não acaba porque sempre fazemos a política do Governo. Estou sendo sincero. Não pense que estou de má vontade. Vou dizer a meus secretários que lhe mostrem a papelada, o que for de seu interesse. A senhora é jornalista e eu sei o peso do papel de jornal. Político miúdo, assim de minha laia, quando desconhece repórter, acaba na rua da amargura.

— Fico-lhe muito agradecida — falei. — Estou interessada num acontecimento que agitou esta cidade, tempos atrás: um quebra-quebra ocorrido aqui, em pleno comércio, no ano de 1969. Pode dar-me uma entrevista sobre o assunto? Na época, assim como hoje, o senhor era o prefeito, não?

— Entrevista, carece não. Agora mesmo esclareço a coisa, com quatro palavras: não teve quebra nenhum.

— Não houve aqui, nesse ano, uma agitação?

— Nada acontece neste fim de mundo. Agitação é raposa num galinheiro, um bêbado que erra de mulher. Mas isto não dura nada. Ano passado apareceram uns vagabundos falando em movimento social, este negócio de sem-terra. Invadiram a fazenda de um compadre meu. Os líderes eram de fora. Depois que foram enterrados, o resto sumiu. Mas isto já se noticiou, não é novidade. E a fazenda do compadre fica em outro município.

— Mas em julho de sessenta e nove...

— Julho é um mês bem morto. Nem festa de santo se faz aqui. Nesse ano e nos outros, foi tudo igual. Agora, por favor, desculpe: hoje eu tenho muito trabalho. Converse com meus assessores, se tiver mais assunto.

Agradei. Não esperava outra coisa. Disse ao prefeito que mais tarde procuraria seus auxiliares e voltei para casa.

Lauro demorou. Teve trabalho no hospital. Depois foi ver Calixto, como tinha prometido. Chegou às três da tarde, faminto, dando notícias do raizeiro. Disse que ele estava muito bem de saúde, lúcido e sereno. Protestei:

— Ele *falou* com Você? Te *ouviu*? *Enxergou* teu rosto?

— Sim, claro. Conversamos bastante.

— Pois fique sabendo que esse danado não tem palavra. Prometeu que ficaria surdo-mudo, e até cego, quando sarasse do miolo.

— Olha, eu investiguei. Fiz uma longa anamnese. Pedi-lhe que me explicasse como era sua vida nos últimos tempos. Calixto contou-me que esteve louco muitas vezes. Agora tem certeza de que sarou completamente, porque está surdo e cego, igual ao resto dos homens: nada ouve, nada enxerga do que a Divina Providência prefere esconder de nós. Em sua boca não sente mais o ardor das palavras vivas. Esta notícia entristeceu o povo. Acabei atendendo umas três pessoas que o procuravam buscando remédio. Minhas receitas foram um pobre consolo: todos lamentavam a cura do curador.

— Você lhe indagou do luaréu?

— Sim. Ele falou que não conhece a palavra, não sabe de que se trata.

— Pobre homem normal! — lamentei.

No dia seguinte voltei à Prefeitura. Estive também no Cartório, na Delegacia, na Escola, na Biblioteca, no Fórum, na sede do pequeno jornal do lugar. Não achei nada do que procurava. Mas na porta de uma casa abandonada tirei uma foto muito interessante.



Visita de Afonso. História incompleta, mas sugestiva. Desconfio que só vou saber de tudo no dia remoto em que o livro dele for publicado. Por enquanto, o que o colega me expõe é um quadro turvo onde talvez sua imaginação escolha as tintas. Os elementos concretos são poucos. A primeira coisa que ele fez foi visitar o local da emboscada, um posto de gasolina à beira da Rio-Bahia. Um garçom que conhecia Cirão abriu o jogo: disse que o viu, no dia fatal, conversando com uma bela senhora vestida de branco. Os dois fizeram um lanche juntos. Meu amigo teria deparado a dona elegante ali mesmo, com o automóvel encrocado, à espera de alguém que faltou ao encontro, segundo ela disse. Cirão prometeu-lhe carona. Depois de um café com pão de queijo, a gentil senhora disse que ia dar uns telefonemas. Deixou o cavalheiro à mesa, ainda às voltas com um sanduíche. Disse que o encontraria no estacionamento. Lá se plantou, à espera — e o

recebeu com um tiro. Outra bala derrubou um vendedor que teve a desgraça de aparecer na má hora, oferecendo bijuterias à moça fina. O infeliz nem viu o revólver na mão da criatura, mas quase morre de importuno. O barulho dos tiros chamou a atenção de gente curiosa. A mulher entrou num automóvel e se mandou com toda a velocidade. O garçom contou tudo aos policiais, que não deram qualquer atenção a seu depoimento. Nem mesmo ouviram o vendedor baleado. Arquivou-se o inquérito. O bom Afonso concluiu esse resumo decepcionante com uma afirmação taxativa, que emoldurou com uma pausa dramática:

— Eu sei quem matou seu amigo.

— Homem, diga logo.

— A Viúva Branca.

Vendo minha cara de surpresa, ele tratou de defender sua tese:

— Duvide não. Muitos colegas acham que eu inventei essa criatura, dizem que é maluquice minha. Caçoam do nome que lhe dei. Mas não é gratuito, ela bem merece. Digo *branca* em homenagem a sua cor predileta e *viúva* por dois motivos: porque ela se fez assim e porque me lembra aquela aranha desgraçada, numa versão alva e sonsa. Reconheço que a alcunha soa novelesca, mas posso garantir que sua dona existe, não é fantasia. Há pouco levantei sua história por uma fonte muito boa.

— Você já me falou dessa mulher terrível. Creio no seu feeling, mas não vejo porque ela se ocuparia de Cirão, que nada tinha de belo moço. Além do mais, a técnica da malvada é outra, segundo você mesmo diz.

— De fato, ela prefere o veneno. Mas sabe atirar. Antes de casar-se foi namorada de um policial. E já passou por um treinamento que aumentou sua eficiência. Neste caso d'agora o vendedor a atrapalhou e mesmo assim ela fez o serviço. Podia ter sido mais discreta, é verdade. Com certeza não quis envolver-se com o alvo. Ele não era um homem atraente, como costumam ser suas vítimas. Presumo que ela fez este serviço por encomenda de gente grande, ligada ao governo. Seu amigo deve ter incomodado pessoas graúdas, com influência na política. Ele era um homem perigoso, com mortes nas costas. Acabar com um tipo assim exige manha. Para os interessados, a Viúva Branca foi boa solução.

— No ano passado você me falou vagamente dessa dama assombrosa. Agora percebo que já a conhece melhor, estudou seu currículo. Por favor, resuma para mim.

— Tentarei. Não sei como ela se faz chamar atualmente pois volta e meia muda de registro, mas seu nome verdadeiro é Lili dos Anjos. Moça de alta classe, podes crer: engenheira, doutora em química, bonita, casou-se com um músico de talento. O marido envolveu-se com uma dona descolada, sua excelente amiga. Melhor dizendo, envolveu-se com um casal. Esse negócio de *ménage à trois*. Ela pegou no flagra seu belo esposo transando com a mulher do outro, que nem participava. No momento Lili se conteve, limitou-se a dar uns tapas no corno voyeur. No mesmo dia expulsou de casa o maridinho. Não demorou a reconciliar-se. O arrependido teve morte súbita, uma semana depois de fazer as pazes. Daí a um ano, Lili foi presa: encontraram seu amante geladinho num motel. Já era o terceiro galã que eliminava assim. Confessou de cara limpa. Só lamentava o erro técnico no caso da vítima recente. Foi parar no Manicômio Judiciário. Saiu logo.

— Fugiu?

— Não precisou. Um belo dia chegou uma ordem superior determinando sua libertação, contra o parecer do psiquiatra. Conversei com esse doutor, que é meu amigo e contou-me tudo. A paciente nada lhe escondeu. Disse que matou o marido e quase todos os amantes que teve. Depois do matrimônio foram quatro, se contarmos o primeiro, o único que ela poupou. Com esse rapaz Lili só teve um xumbrego, no dia em que se viu traída.

— Arre, como foi isso?

— O moço a encontrou transtornada, logo depois do flagra, e tratou-a com grande carinho. Ela então o levou a seu apartamento, onde os dois se amaram furiosamente. Quando acabou a transa ele dormiu, ou teve uma síncope. Lili ficou maravilhada ao ver o rapaz nu e indefeso a seu lado. Pensou que seria uma vítima excelente para sua raiva. Mudou de ideia porque ele tinha sido muito simpático, de uma gentileza incomum, e aliviara sua dor com um belo orgasmo. Pensando nisso ela se controlou. Tratou de sair, deixando um bilhete no qual recomendava ao moço que nunca mais a procurasse. Dominou o impulso feroz, mas ficou com aquela ideia estranha na cabeça. Quando a coisa virou obsessão ela sacrificou jovens igualmente bonitos, que atraiu com seu charme. Um deles era músico, outro era xará do marido dela. O último era um pobre

turista italiano, vítima, talvez, da própria beleza. Sim, a Viúva Branca tem seus caprichos. Mas é generosa, podes crer. Ofereceu seus préstimos ao psiquiatra, um belo rapaz: “A vida é dura, queridinho. Às vezes esmaga as pessoas com sofrimentos insuportáveis. Mal não lhe quero, mas ninguém está livre, não tem vacina contra a desgraça. Se algum dia tiver uma infelicidade que lhe faça desejar o último recurso, me procure. Ajudarei com muito gosto”.

— Me explique como foi que essa praga saiu do manicômio para acabar com gente que nem Cirão, com desejo de viver.

— Uma bela mulher com suas habilidades pode ser muito útil a quem hoje manda no país. A ordem de sua libertação veio de cima. Acho que ela foi recrutada pelo SNI ou por outro órgão dessa natureza.

— Espero que essa Branca de Morte fique logo desempregada. O regime está podre, não demora a cair.

— Se for o caso, o desemprego da Viúva será radical. Ela é uma candidata típica a queima de arquivo. Seus empregadores sabem se safar.



Vinte dias. Vinte e um. Boa conta para quem anda em círculos. Sonhei caminhando pelo cemitério em companhia de Cirão. Era seu enterro que a gente acompanhava. Acordei abafada, com dor de cabeça. Depois do café melhorei um pouco. Voltei a pensar em Heraldo Sofrônio. Concentrei-me no arranjo dos testemunhos de Jaburu e Diniz. Não faziam muito sentido. Fantasiei, desvairadamente, soltando a imaginação.

Pensei em Elias a equilibrar-se em suas pernas de pau, com enormes calças de pijama, camisa cor de rosa, um excessivo paletó azul. Diniz soprou-lhe as orelhas, oscilaram as canas das andas e moveu-se o carro estrelado. No mesmo instante Heraldo acordou com o próprio grito, com o gume do pressentimento a roçar-lhe a garganta de cordas trêmulas. Tinha olhos arregalados de globo da morte e soltou o brado vermelho que penetrou na cadeia, nos ouvidos do mestre pintor. O brado dobrado encarnou-se na

boca do artista, nos muitos clamores da praça, feito bicho de fogo na terra bêbada, feito cobra de raio a correr com os cassacos doidos que prorromperam num só espanto, com as lavaredas do berro que se vestiu de formas e cores, virou ordem, virou desordem: — **TEM GENTE NA LUA!** — Assim Heraldo picou as almas, rompeu a nuvem de gema negra, atravessou os brejos de sombra, pisou as parras sangrentas, quebrou o pote, remexeu a escura massa transformada em lama de lume donde saiu a bolha de vidro a estalar feito casca de ovo ao toque da imagem remémora, quando a cena sideral vazou da televisão e transfluiu na treva azul de seus olhos que lhe gritavam coruscando fora da órbita da terra: — **TEM GENTE NA LUA! TEÔMENALUA!** — Foi então que um sonho saiu de si, a bater no real do dia que nem um sino e o arauto viu-se, na véspera, tonto de calma insensata perante o delírio da tela celeste, na cova fria da indiferença, mas já entregue, no íntimo, ao sopro do vento futuro e disposto ao golpe do grito faiscante que estremeceu a torva cadeia, onde o furor brotou com lampejos: — **PISARAM NA LUA, EÔ! É A GENTE NA RUA!** — Daí Paulo toma o cassetete do meganha, mete-lhe o pau que acende o galo, Severiano domina outro guarda com o cacumbu na veia grande do pescoço, toma-lhe as armas, as chaves, a porra toda. A malta chega e rola o ferro e o olho do sol lhes fura as nuvens, solta as plumas da ventania que ordenha raios, canta aleluia, lá vai rojão, a bomba estala no cu de judas, toma-home que mija o medo e olha o bando rua abaixo a ver a lua vadiando léu e louco e beleléu à la gaiola escancarada. Então gritaram horrorizados os donos do mundo com um duro estupor de apavorar-se uns aos outros no sem-sentido e o pipocar desses brados alucinava os espelhos, enfurecendo o bom Manoel: — **CACETE NA RUA! É HOJE! TEÔMENALUA!** — E vieram os presos com seu tumulto, a dançarina em piruetas com os cavalinhos do circo, o pífaro azul e as crianças cruas que repercutiam batendo latas na hora em que a língua colubrina do artista pingou na tela as sete cores apanhadas em sua pluma de pavão com sangue elétrico e assim passou à boca rubra do profeta que ele acabava de desenhar a absurda flor da proclamação:

— **SE INVENTE, GENTE! É LEITE E DELEITE, É DIA COM NOITE! É O SOL QUE TÁ SOLTO, É O RIO SEM FUNDO, O FIM DO MUNDO! FENÔMENA LUA!**

Aí me detive. Minha cabeça doía muito. Lauro não estava. Alexandra achou-me pálida. Mãe Virgínia fez-me um chá, tão verde que a febre diminuiu. Dormi, sonhei. Mas era um turvo pesadelo, o unicórnio cego entre os juncos no pavoroso brejo das almas. Quando acordei vi a coruja na janela. Joguei-lhe um beijo e fui jantar, zinha sozinha. Depois, voltei ao trabalho. Quando Lauro chegou eu estudava a entrevista com Paulo e Marlene:

▣ ... *Então ele veio, pegou a porra do cassetete e entrou na cela para me quebrar. Eu já tava esperando por isso. Da primeira vez que me botaram na cadeia, foi assim. De uma hora pra outra, sem razão especial, o desgraçado do carcereiro me olhou, rosnou e partiu pra miséria. Trancou-se comigo e sentou-me o sarrafo. Deu-me logo uma cacetada tão seca nos peitos que eu mijei de dor. E foi aí que ele tomou gosto, era só virando o braço, e o pau que cantava em cima de mim. Eu me esquivava e fugia daqui pr'acolé, mas não tinha jeito. Numa cela de merda, pr'onde é que eu ia correr? O grosso da chuva foi nas costas. Terminei caindo, aos berros, e ele esfregou minha cara no chão, onde eu tinha urinado. Fez isso tudo só de sacanagem: nem estava me interrogando.*

Pausa longa, enfumaçada. Som do rádio tocando sua plena inconveniência na hora da entrevista. Peço, mas ele não desliga. Baixa o volume, apenas. Diz que adora esta música: uma velha canção, muito patética. Lacrimoso, acrescenta que já foi conhecido pelo nome desse antigo sucesso brega: “Boneca Cobiçada”. A música não é de seu tempo, ele diz, mas sua mãe cantava. Insisto para que volte à história. Ele morde os lábios e recomeça, ajeitando o bastão de incenso, a voz oscilante:

▣ ... *No dia famoso, quando Praga de Mãe parou os olhos em mim, eu já esfriei, na certeza da peia. Severiano estava na cela do lado. Comigo só tinha um pé-de-chinelo e Jonas, um cabra danado de brabo que, ainda na véspera... [] ... Bicha apanhar, é coisa que o mundo aceita bem, inda mais na cadeia. Na primeira cana, no que o mequetrefe me sentou o pau, os outros presos fizeram folia, cantaram sambalelé. Eu girava feito uma louca, aos berros, e os bons colegas batiam palmas, davam risadas.*

Nova pausa. O rádio zumbe de modo irritante. Eu o desligo sorrateira, gesto rápido.

▣ ... Mas [d]essa vez foi diferente. Deu-se o não-sei. Mestre Gonçalo gritou, um grito da porra. E Marlene baixou, com toda a força. Num instante, o carcereiro tava estirado no piso virando os olhos, com a cara toda ensanguentada, e Severiano agarrava outro guardinha pelas grades, Jonas tomava-lhe a arma. Xirico é-veio abrir a porta e Marlene rompeu, barbarizando: cacete nas fardas, pimba-la-porra.

Pausa longa, tumultuada. O teimoso torna a ligar o rádio. Reclamo suavemente. Ele rompe no choro, afirma que não dá pra continuar. Insisto um pouco, espero que ele se refaça. Por fim me vem a inspiração de perguntar-lhe pela Figura. Paulo se entusiasma:

Ela não é fantasia, não. As que eu invento, eu domino: sei como faço. Por exemplo: hoje, no meio artístico de Feira eu sou Daiana. É assim que desfilo meu rebolado. Sigo uma linha, compreende? E fico segura. Daiana, eu governo. Já Marlene é diferente. Ela dá as cartas. Não foi inventada como as outras, pintou sem aviso prévio. Desde que eu me conheço por gente, sempre soube que ela tava aí, eu sentia na carne essa mulher. A princípio eu queria que ela me deixasse em paz, porque em casa, na escola, em todo o canto, por causa de sua influência, pegavam a me estranhar. Eu queria agir de um jeito e me comportava de outro. Só não sei quando apareceu na minha cuca este nome de Marlene. Não estou sempre na dela. Temos nossas diferenças. Tem umas pessoas que eu gosto, a danada não suporta. Mas também acontece ela se amarrar num tipo estranho, ou fazer umas amizades que eu não aprovo de jeito nenhum. Acho ótimo quando coincidimos. Você, por exemplo, eu fui logo com sua cara e tenho certeza de que Marlene também te ama. Você é uma pássara com veneno, perigosa, mas sem hipocrisia. Quem vai nas suas águas, já sabe que é pra se afogar. Que nem o finado... Cirão, não é mesmo? Olha, por pouco não me cai o queixo. Deus me perdoe, não se deve falar assim dos mortos, mas foi um vexame, um baita homem daquele, de nariz e meio, cair arriado como eu vi no hotel, pedindo castigo a uma zinha que ainda se lembra das bonecas. Um absurdo. Quase morro de pena, ao ver como ele te lambia os pés e paparicava teu namorado. Já Marlene gostou... Ela te adora, sua cobra!

[DELETE!]

. No quebra-lua, Marlene tava com a corda toda. Foi quem comandou a inana, tomou o revólver de um macaco e bateu no outro, botou o resto dos guardinhas debaixo da chave e soltou a gentaça da gaiola. Marlene, sim, com Severiano e Xirico. Depois invadiu o serviço de alto-falantes que fica na esquina da cadeia, onde fez um puta discurso e soltou o berro da proclamação: **INÔMINA LUA!**

. O locutor oficial, um zé-bigodinho, levou seus coques e se picou. Com certeza não era gente boa: foi só ele sair correndo que duas madames do Bem Me Quer rasgaram atrás, aos gritos de — Pega! — e o jeito que ele achou foi atirar-se na cova do lixo, despejo de uma carroça tombada na buraqueira, na quebra de um beco. Ai Xirico tomou conta do microfone, deu um show da porra. Ele era artista, cantor, nunca tinha tido uma oportunidade. Essa foi sua consagração.

Novo corte. Mais incenso. O entrevistado canta e chora. Passa a falar de sua infância, da beleza de sua mãe, de como ela sabia todas as músicas do rádio, de sua alegria, da roxa paixão pelo homem horroroso que ele teve de chamar de pai e que matou a bela mulher. Descreve sua criação com a madrinha tonta, fala de sua aprendizagem da arte de cabeleireiro e do feitiço da maquiagem, de corte e costura, do carnaval. De repente, já está me entrevistando: Porque me casei assim tão nova? Como é ficar grávida? Enjoa muito? Por fim, consigo trazê-lo de volta ao meu campo. Agora tenho a impressão de que ele improvisa, fantasia um pouco (fumaça, fumaça!). Mas gravo:

▣ Marlene só não passou da conta porque tava de olho num gajo que libertou e que não ficou na paróquia por muito tempo: ganhou o mundo com os ciganos. Ela foi atrás. Inda passou na cadeia, na volta da Radiofônica, olhou da porta para dentro. Além dos guardas trancafiados, só viu o Mestre Gonçalo, bem do seu, terminando a pintura de um quadro. [Eu fui na onda, coitada de mim.] Ainda me lembro vagamente da balbúrdia da praça, da festa dos candangues, de Heraldo Sofrônio na porta da igreja, feito um pregador. Tudo isso de passagem. A paixão da fera me salvou. Pois tirante o Mestre, os

romis e eu, os fugitivos da cadeia ficaram na rua, dando sopa. Acho que se esqueceram do mundo, banzando na festa — para sofrer e morrer horrivelmente, depois.

. Ah, sim! Quase me esquecia: teve ainda o lance com o Delegado, que Elisa encontrou debaixo da cama de Maria Perfeita e foi arrastado pelo colarinho, debaixo da vaia de todas as grinfas. O sacana era um homem bonito demais. Marlene não resistiu, deu-lhe uma bela bofetada e um beijo na boca. Ele desmaiou.

Daí em diante era só Marlene quem falava, a poderosa. Gostei de ver a transformação de meu amigo. Não era um puro fingimento. Paulo é Marlene. É e não é. Não inventou a figura: ela surgiu de seu natural e se tornou incontrolável. Meu diálogo com a dama foi uma loucura. O tempo todo ela me provocava, bordando o relato com fantasias, torcendo a história de todo jeito, com uma estranha sinceridade: me confessou que estava mentindo, que adora mentir.

Depois de ouvi-la novamente desliguei o gravador. Me entretive com as notas de Cirão e com meus próprios comentários, alinhavados entre desenhos num caderno esperançoso. Lauro me perguntou o que eu procurava nas mal traçadas. Respondi que zanzava num labirinto. Mostrei-lhe, então, o registro de um depoimento de Diniz. Quando lhe indaguei do luaréu, meu bom jardineiro rezou uma estranha ladainha, a dizer que se lembrava perfeitamente de tudo: dos três agualumes, da trovoadas na boca da lapa, da procissão dos mestres ciganos, da aparição do Bom Jesus, do doutor branquim que beijou o jegue, da sagração das xiriqitas, do pega, do tibiriri, do rock, do grande toré na igreja matriz, do belo velório com a chuva seca, dos rojões com nariz de prata, da velha parida na Rua das Flores, da bailarina chamada Brilhante, do lava-jato e da suruba municipal.

Lauro comentou que era muita lembrança.

No jantar, comi um pouco de salada e tomei uns goles de laranjada. Depois, fui dormir. Acordei de novo com dor de cabeça, fadiga, enjoo. Fiquei no meu quarto por toda a manhã, sem ânimo para nada. Meio dia tomei só um caldo. Em seguida voltei à cama e adormeci. Quando despertei, às duas da tarde, Mãe Virgínia estava a meu lado. Mandou-me tomar um banho, depois me pegou pela mão e levou-me ao quintal, onde me fez

sentar numa cadeira, à sombra de um flamboyant. Dona Carmen já me esperava, com um ramallete cheiroso. Pôs-se a rezar uma oração borboleta, enquanto passava pelo meu corpo os ramos calmos. A reza durou uns três minutos. Até cochilei. Quando terminou, o ramallete estava murcho. Aquilo me divertiu. Mas fiquei preocupada, porque Carmen passava mal. Sentou-se no chão, trêmula e tonta, precisou das amigas para levantar-se. Queixava-se de estômago embrulhado, formigamentos, dores no corpo. Fazia caretas incríveis. Fiquei com pena — e mal podia conter o riso. Dona Alexandra preparou o banho da rezadeira, com sal grosso e água quente. O segundo banho foi morno, o terceiro, frio. A criatura melhorou. E voltou, heroica, a meu tratamento. Eu protestei que estava bem, não queria acabar com a amiga. Mãe Virgínia não quis acordo: ralhou, que eu deixasse de teimosia. Voltei à cadeira. Dessa vez, me cobriram com um lençol branco. Toda embiocada, eu apenas ouvia o murmúrio da reza escandida e sentia, a intervalos, pequenos golpes verdes na minha cabeça, nas minhas costas, no meu peito. Borboletas. Quando Mãe Virgínia me descobriu, vi Dona Carmen sentada no chão, trêmula, roxa, com os olhos arregalados, a língua de fora, o ramo de folhas mortas na mão. Caí na gargalhada. Mãe Virgínia achou ótimo.

Daí a pouco Lauro chegou. Encontrou-me a rir feito uma doida, enquanto a rezadeira careteava, derreada num canto, com as outras senhoras abanando. Teve de dar remédio à minha terapeuta.

Alexandra botou o almoço e comi bem. Depois, resolvi desenhar. Estava encabulada com Heraldo Sofrônio: cada boca de aluado me descrevia a criatura de um jeito diferente. Eu tinha diversas imagens dele na minha cabeça. Tentei levá-las ao papel.

No primeiro retrato saiu-me um sujeito alto, magro, de olhos fundos, cabelos grossos muito enrolados, queixo em ponta. Quando lhe mostrei esta figura Dona Alexandra estremeceu. Falou que evidentemente aquele era um assassino, um miserável capaz de ofender a carne da própria mãe, um estuprador, um ladrão perverso, covarde, um filho do Cão. Bastou Dona Eulália olhar o papel que se assombrou: pegou a benzer-se, chamando pela Intemerata. E Mãe Virgínia diagnosticou:

— Minha filha, esse deve ser algum encosto de alma ruim que tava lhe perseguindo. Me dê essa figura.

Intrigada, passei-lhe o desenho que tinha feito numa folha de papel canson. Ela o levou para debaixo do araçazeiro, acendeu uma vela benta que Alexandra lhe trouxe e queimou na sua chama o assassino. Depois, juntou a cinza num apanhador de lixo e foi enterrá-la perto da moita de cansação, no fundo do quintal. Chamou ainda um garotinho da rua e mandou-lhe que mijasse no lugar onde tinha sepultado as cinzas ferozes. Eu tive de dar ao pequeno sete moedas. (Pelo resto do tempo que lá passei, quase diariamente esse garoto me aparecia, perguntando se eu precisava de uma mijadinha).

Embora espantada com o sucesso do primeiro desenho, tentei de novo. A figura que saiu eu achei parecida com Fred Astaire. Alexandra aprovou:

— Agora, tá muito melhor. Ela fez um Zé Pelintra.

— Leve pro Centro de Siá Teresa — a Mãe Virgínia mandou. — Nossa Menina é médium de riscado.

E lá se foi o segundo.

Interrompi o trabalho quando o rapaz dos Correios me trouxe um envelope grande, remetido de Salvador, do endereço da gente. (O porteiro do prédio nos enviava nossa correspondência). O envelope continha outro em que o nome do remetente era quase ilegível, mas seu endereço se decifrava bem: um hotel de New York.

— Já sabemos onde está sua colega — eu disse a Lauro.

Meu amor não foi o único a espantar-se. Tive uma bela surpresa com o desenho recém-chegado. Pedi a Dona Eulália que me trouxesse uma pasta guardada em meu quarto, numa gaveta do armário. Dela peguei fotos e desenhos, que espalhei na mesa do pátio. Fiquei por uns quinze minutos comparando imagens. Depois tratei de despachar Zabelê para os Correios, com uma cartinha. O texto era curto: “Fique sossegada”. No lugar do remetente botei meu nome, mas o bilhete assinei com outro: *Marpessa*.

Lauro ficou intrigado, me indagou quem é Marpessa. Falei que tratava de responder no mesmo tom a sua colega misteriosa, a fim de deixá-la encabulada, como fiquei. Expliquei, depois, meu pequeno enigma.

— Mamãe queria me dar esse nome, em homenagem a uma professora americana. Por sorte papai resistiu. Conteí a Enoque e ele adorou, disse que minha mãe estava certa, Marpessa era o nome de uma sibila. Sempre que digo alguma coisa extravagante e me

recuso a dar explicações, Enoque brada: — *Marpessa!* — Diz ele que tenho manhas sibilinas.

— Concordo. Mas agora diga o que pensa do desenho de minha colega. Para mim, é outro enigma.

— Me lembra umas pinturas de vasos gregos. Com uma diferença: os mestres antigos jamais dariam a mesma imagem à Caçadora e a uma vítima sua. Délia não se inspirou na arte dos helenos, tinha modelos próximos. Eu estava justamente comparando a imagem recém chegada com outras, da fonte em que ela bebeu.

— Sou capaz de ver o parentesco entre as figuras que você pôs na mesa: as fotos, o desenho vindo de New York e a estampa que Délia te deu em Salvador. Mas não consigo ler bem o conjunto, não sou treinado como você em matéria de arte.

—Vamos lá, meu amor: o que acha desta pintura que fotografei?

— Fantástica. Há pouco passei pela casa onde você a clicou. A foto saiu ótima e o original me encantou ainda mais. A cabocla parece iluminar a parede onde se acha. Já vi em pinturas do povo umas índias com a mesma apresentação: os peitos generosos de fora, um saiote de penas, um arco. Mas esta é singular: a lua lhe serve de auréola, seu rosto lembra uma linda Madona, seu corpo é de mulher fatal. Ela quase se move: percebe-se com clareza que acabou de disparar uma flecha. Vê-se o arco, não a seta, mas o gesto enérgico é tão forte que a gente quase escuta o silvo. Seus olhos brilham, seu breve sorriso é fulminante. Uma beleza assustadora.

— Segundo Mãe Virgínia, a bela cabocla é uma santa de terreiro. Baixava no canzuá onde avistamos sua imagem. Veia falou que se trata de uma entidade do reino da Jurema. Era cultuada pelo pai de Calixto, que a chamava só de Cabocla, nunca revelou seu nome. Ela apareceu ao curador, anunciando o luaréu. Diga agora o que achou deste desenho recém chegado de Nova Iorque.

— Muito estranho. Uma mulher nua flechando outra, uma loucura. As duas se parecem muito. Têm os traços da autora. Acho que Délia está tentando dar-lhe um recado.

— Ela já disse o que podia. Admiro seu empenho: os desenhos com certeza lhe custaram esforço. Ela é amadora e imita um artista soberbo. Repare: o traço do desenho recém chegado é o mesmo do primeiro que ela nos enviou, mas apenas se aproxima, estilisticamente, das figuras que eu fotografei aqui. Percebe?

— Sim. Agora que você falou...

— Falta aos trabalhos de Délia a força expressiva, o toque poderoso do autor da Cabocla, dono de um estilo inconfundível. Ela imitou o melhor que pôde a arte do mestre, mas não o igualou. O primeiro desenho que a doutora nos deu deve ser uma cópia. O original certamente ela guarda com carinho. Já o desenho recém chegado é lavra sua, da discípula. Ela pode ter-se inspirado na imagem da cabocla e também em um nu de que foi modelo. Veja esta outra foto.

— Linda. Pelo que vejo, você já tem um álbum desse mestre.

— Sim. Estive admirando as obras de Santinho na prefeitura, no fórum, no colégio, no hospital e até na casa de uma prima dele, uma senhora que não gosta de conversar. Tirei muitas fotografias. Fiz também o perfil do autor: um homem com fama de santo, de louco e de artista, pelo menos esta bem merecida. Ele e sua médica viveram um bom ano juntos na Pedra Branca. Não falta aqui quem se lembre do par. Mas tem um mistério: ninguém sabe como nem quando o pintor sumiu. Dizem que a amada o abandonou e ele passou uns tempos alucinado, depois melhorou, daí teve uma recaída e foi a Salvador em busca de tratamento. Aí acaba a história. Alexandra reconheceu o mestre Santinho no primeiro desenho que ganhamos, aquele em que um homem oferece o pescoço à foice distraída. Como disse, creio que se trata de uma cópia. Já este desenho que ela enviou há pouco me parece criação da própria Délia. É sua última declaração.

— Seu pessimismo não se justifica. Délia tinha dito que ia calar-se, atirou-lhe um “não insista” e acabou “falando” pelo correio, segundo você mesma previu.

— Não foi difícil minha profecia. Percebi sua ansiedade. Mas agora o jogo acabou. Guardarei os desenhos que ela me destinou mas me desobriço de qualquer avanço nessa pista escura. Respeitarei sua dor, sua fuga.

— Você mal viu essa mulher, conversou com ela apenas uma vez...

— Foi uma boa entrevista, pesquei o essencial. Délia sofreu estranha surpresa quando o acaso levou-lhe Cirão baleado. Nosso cronista a reconheceu, adivinhou quem era ela. Desde muito a procurava. Sua colega sentiu-se tocada no fundo da alma. Quer uma prova? Como você bem sabe, não é costume de médicos acompanhar enterro de paciente desconhecido.

— Tem razão. Achei estranho. Desde o começo, Délia parecia empenhada no caso muito pessoalmente. Até lhe perguntei se ela se dava com nosso pobre amigo. Acho que ela respondeu com sinceridade: nunca o tinha visto antes. Fui eu quem lhe falei de Sabiniano, de sua Crônica, de você.

— O paciente brotou-lhe da terra inesquecível que nem um fantasma. Lembra-se, querido, do resultado de nossa pequena investigação, lá em Salvador? Do que apuramos sobre o fim de Santinho?

— Sim. O pintor de Délia foi achado num hospital público, baleado, sem documentos, mas com um retrato da amada no bolso. Um plantonista a reconheceu na foto e ligou para a colega avisando. Pensou que o homem era um bandido a quem tinham encomendado sua morte. Délia o foi buscar e tratou do infeliz, mas sem êxito.

— Isso mesmo. O resto, só podemos conjecturar. Santinho foi ferido, talvez no alalá, talvez depois, já em Salvador. Não faço ideia de sua última trajetória. Imagino que ele estava à procura da amada. A doutora o encontrou por acaso e o assistiu na sua morte. Agora pense no efeito produzido por Cirão na sua médica. Segundo ela mesma me revelou, nosso cronista a reconheceu. Na certa ele viu um de seus retratos pintados pelo amante. Cirão também disse a Délia que estava a sua procura. E morreu a suas mãos, que nem o pintor. Imagino o abalo da mulher. Respeito sua decisão de calar-se. Penso, aliás, que ela disse tudo. Olhe bem para este desenho, ouça o que ele grita.

— Traduza, Marpessa. Meus pobres olhos nada escutam.

— *Eu conduzi meu amor para a morte. Mas veja quem foi que eu matei realmente...*



Lauro ainda dormia quando me levantei. A janela estava aberta. Tudo escuro. Tinha um pequeno bando de vaga-lumes no quarto. Dancei entre eles, nuinha. Adoro esses bichos. Tornei a deitar-me, quando a coruja piou na janela do quarto, feito um despertador ao contrário. Acordei com o sol no rosto. Depois do banho, fiquei um bom tempo na frente do espelho, contemplando com orgulho minha barriga. Quisera ter um

jeito de comunicar-me com meu habitante. Acho maravilhoso ter outra pessoa na minha carne: um homem vindouro, ou mulher matutina, que me partilha sem o saber. Pensei no amado que me fecundou, pensei em todos os homens, e tive pena de sua infinita pobreza. Coitadinhos, eles não podem ser habitados.



Depois do café coloquei uma mesa no quintal, à sombra de uma árvore. Aí recomecei meus desenhos. Fiz um burrico pontudo com a lua no lombo. Em seguida, tracei uma paisagem. Achei boas essas coisas que concebi. Na cabeça, usei este fraseado solene “as coisas que concebi”. Mas logo o achei absurdo. Impliquei com a metáfora embutida na palavra corriqueira, tão acomodada ao uso que a gente nem nota. Senti sua impropriedade. Quando desenhiei o licorne e o vale sombrio, eu mesma criei os traços, segundo o projeto que tinha. Produzi uma coisa claramente relacionável ao processo de que derivou. Imaginei, fiz. Isso é lá conceber? Não, de jeito nenhum. Isto não se parece nada com gerar uma criança. Não só porque “gerar” implica uma parceria muito curiosa e ninguém concebe sozinho, mas principalmente por uma coisa muito simples: nem pai nem mãe imaginam o filho para depois o fazer. A criança não é obra sua. Eles ignoram o plano e ficam alheios à fábrica, que pode trabalhar contra sua vontade. Eu mesma acho difícil relacionar o resultado com o processo — melhor dizendo, com a parte voluntária do processo —. É mais por um raciocínio lógico muito *a posteriori* que associo aquela folia toda com o bichinho dentro de mim. (Arre, parece que a gravidez me deixou meio doida. Esta situação pode ser natural, mas tem sua esquisitice: é certamente loucura gostar de um desconhecido).



Após um cochilo, voltei à tentativa da véspera. Dessa vez trabalhei relaxada, soltando a fantasia, sem ligar às diferentes descrições do tipo que eu quisera retratar.

Quando acabei vi que tinha desenhado um homem muito bonito, um rosto conhecido. Eu só não sabia de onde ele chegava, de que tempo ou lugar me vinha. Fechei os olhos, buscando na memória a semente da imagem estranhamente recordada e esquecida. Sim, era uma pessoa que eu tinha visto. Pelo jeito, uma forte impressão, guardada no fundo da consciência, escorregou até meus dedos, construiu-lhe a imagem, sei lá de quem.

Por fim me lembrei: era o rosto de um moço que encontrei só uma vez, por um breve instante. Ele mal falou comigo e logo me fascinou. Eu estava trabalhando num lugar lúgubre, num horroroso museu da polícia. Tentava arrematar uma entrevista muito difícil com um medalhão. O rapaz interessou-se por nosso diálogo. Eu estava chateada, me sentia uma foca: por causa de um comentário que fiz o entrevistado cortou a conversa. O rapaz me consolou, disse coisas simpáticas, sorriu e foi-se embora. Quando nos encontramos no estacionamento eu dei-lhe um beijo.

A lembrança deixou-me encabulada. Larguei o desenho em cima da mesa e fui ver Lauro, que tomava na sala o seu café. Foi então que chegou visita, o Jaburu. Alexandra serviu-lhe farofa de torresmos, um ovo frito e um bom pedaço de carne de sol, pois o Jaburu sempre comia um pouco antes de nossas conversas: o assunto lhe *dava na fraqueza*, ele carecia de forrar o estômago. Era o que dizia.

Nhá Eulália chegou um pouco depois. Peguei o gravador, mas logo me detive, escutando o barulho que vinha do quintal. Fui ver de que se tratava e tomei um susto. Diniz rodopiava feito bailarino com o meu desenho na mão. Assim que me viu, o doido gritou três vezes: — *É o Rei! É o Rei! É o Rei!* — e disparou a cantar, num falsete escandaloso:

Alalá da lua louca,
Vou quebrar a tua louça.
Você fode? Você goza?
Toca lá, alalá,
Os cabelos da viola!

Zabelê atirou-lhe um caneco de água no rosto e o arrastou pelos cabelos, até perto do araçazeiro. Aí o obrigou a sentar-se numa pedra. O rapaz ficou quieto, com os olhos arregalados, um sorriso estranho no rosto. De vez em quando, um tremor sacudia seu corpo e ele gemia:

— *Mar de Maria, Maria Mária!*

Finalmente, ele se acalmou. A moça o pegou pela mão e levou-o para o quarto dos fundos. Lá o fez deitar-se na rede e amarrou-lhe o pé. Lauro murmurou no meu ouvido:

— Ela sabe o que faz. É a única pessoa que entende essa criatura. E por boas razões.

Apanhei o papel que o jardineiro tinha deixado cair no chão. Era o meu desenho, um pouco modificado, com uma cicatriz na testa do personagem e uma pequena mancha escura na face, do lado esquerdo. Passei logo o retrato a Lauro, que o mostrou a Elias.

Ao bater os olhos no desenho, o bom Jaburu estremeceu. Grossas lágrimas rolaram pelo seu rosto. Indaguei-lhe por que chorava e o velho clamou:

— É ele. O Filho da Lua.

— Quem?

— Heraldo Sofrônio.

Ditas essas palavras, o homem pegou a tremer. A bela Zabelê mandou-lhe que se aquietasse. Alexandra lhe trouxe café quente. Elias sorveu três goles rápidos. Por fim, Zabelê ordenou: — *Fale, homem! Desengasgue!* — e o Jaburu principiou, discursando para o gravador:

)|(.)|(

Foi a roda do sol que rodou parada, aquele grito. Me assustei, minhas pernas se embaraçaram na ventania. Me vi navegando seco, os mastros em nula nuvem; daí meu corpo emborcou e minha cabeça fugiu. Girei que girei, turbilhão na torre, dando um salto por cima da sombra. Tombei na carroça do lixo e o animal disparou. Acordei no monturo, perto do asno de meu carregamento que esperneava deitado, um trêmulo trem de

osso quebrado. Livrar-me das andas, foi um custo. Fiquei de urubu na sujidão, com as penas pretas que penava, na feia mundícia do mundo. Jaburubu! Com trabalho me ergui, sacudindo o corpo, mas escorreguei. Caí pra dentro, nos intestinos do que não presta. Subi depois, com dificuldade: arroteei a boca podre e fui cercado por um pavor. Vi que se dava uma tiborna, a puta perturbação da pandemônia do mundo. O vento cresceu na boca do dia. Na roda dos ecos encavernados, a gritaria lascou-se: o pavoroso rumor de um brabadá de berré. Tiros, foguetes, papocos, tudo trovejava. Pedi socorro à Providência que me tirou do trem de treva, do buraco da podridão, pra que também me salvasse do alumbre dos alaridos que priquitou a terra e o céu. Achei que os clamores eram da Besta, tive certeza do Último Dia. Preparei-me: arrancando as roupas malcheirosas, fiquei como o Criador me pôs no mundo. E caí de joelhos em cima de meus pecados. Apareceram, tinindo, línguas de ferro: duas damas descabeladas escarreiravam um tipo lorde que se atirou na goela do lixo. Danei-me a correr. Desci a rua feito uma bala perdida, na polvorosa da feira, derrubando gentes e coisas por onde chispavam fogos, a faiscar-me. Não tinha rumo nem prumo, quando parava, disparava. Os busca-pés me perseguiam, meus cães revoltos. De fora a fora me esbafori, a desbandeirar. Numa ruela de boa ideia, saltei o muro do quintal de uma casa gorda e caí entre bichos de pena, de voos doidos. Rompi a cerca a pontapés. O quintal era grande, com árvores dessas de fruta-pão, caju, sapoti, juá. Gritavam todas, com saguis nos cabelos. Quebrei pro lado da horta e alcancei um tanque. A lavar o corpo, esperei a trombeta do juízo, mas o que soou foi o alto falante, proclamando o homem na lua. A voz enorme sermoneou, dizendo que a hora tinha chegado de reverter-se a disgrama: de quem apanhava, bater; de subir, quem vive arriado; de faminto se fartar e sedento embriagar-se. Falou que acabou Governo, abaixo os soberbos, viva Deus e a Senhora Marlena, o amor bem dado. Mandou que o povo rompesse com a lei ruim e soltasse a franga. Felicitei-me com a última parte da pregação: com o pontapé que eu dei na cerca, a franga, a conquém, o galo, a galinha, os pintos, os gansos e os patos, tava tudo solto. Tomei coragem, saí da água, peguei um robe no varal. O alto-falante berrou de novo: uma voz clara proclamou a inômina lua. Tirou cantigas: A Volta da Asa Branca, o Quebra-Quebra Guabiraba. Tapei os ouvidos. Invoquei a Mãe dos Homens, a Intemerata, a Santa Rosa Generosa, Regina Patriarcária. Dona dos ângelos, valei-me!

Tomei ânimo. Se fosse o transe do terror da passagem do mundo, o Dia Alzira — oh! paciência! — esconderijo não adiantava, onde estivesse eu me acabaria. Era preferível o campo aberto, a praça de toda a gente. Subi a escadinha, passei à varanda onde a velha surda cochilava, gato no colo, e cruzei a casa. Pela porta saí, sem que ninguém me atalhasse. Fui para o centro da cidade. E voz profunda clamou o alalá. Vi zé-povinho assaranhado nos armazéns, nas vendas e lojas, no grande mercado, corre que corre: mantas de carne, cordas de linguiça, puxada de peixe, cortejo de frango. Sacas de arroz, feijão, açúcar. As pilhas pilhadas, as vozes velozes. “Lá vai renca! Pobre e rica! Lá vai penca! Muita e pouca!” Afobou-se o bom fubá, fugiu com a farinha de guerra e mais a rica do reino. Entre berros, rolaram barris que choviam pinga. Vinha o vinho das garrafas por mãos e bocas adivinhado. Cerveja andava a galope, tinindo os cascos no mundo. Dançavam as varas de pão e os cordões de macarrão. Lutavam latas de leite, de azeite doce e conservas. Rolavam as cuias, cabeças de queijo. Corriam os carros de marmelada. Sumiam secos e molhados. Os doces davam pinotes, todos com pés de moleque. As massas andavam desgovernadas. Eu vi, eu falo! Vi um cego numa calçada, bem do seu, o puro cego, abraçado com um bacalhau, roendo uma grande cenoura. Vi aleijados e capengas a correr, com caixotes na cabeça. Guabiru, corró, miúdos, sacos pesados nos ombros. Sorriu a velha banguela, boca cheia de azeitonas. Vi peão lelé, de cara pro alto, beber sua dúzia de ovos crus, entre bocados de biscoito, bolacha de sal e broa. Cabras com cartucheiras de alho e cebola roxa, atacando a carne do sol. Vi mendigo encher capanga com pão e presunto, galinha assada com requeijão. Quenga velha papou chouriço, paroara comeu salame — e mortadela, o morto de fome. Alalá que eu falo! Vi cachorro beber cerveja, tomar lambada de salsichão. Vi papagaio de puta debicando das ameixas. Vi homem com quartos de boi, mulher com língua de vaca, rapaz com lombo de porco, moça com pernil de cabra, no fandango da grandeza, da fartura desatada. Menino amarelo, barriga d’ água, enchia a boca de mel e de uva passa. Menina miúda se pintava com o puro pó do chocolate. Riam pretinhos com a cara branca de leite em pó. Cabrocha mirrada se encorpou de roupas e roupas. Cassaco se encasacou, embrulhou rapadura com panos de seda. Um Chico Chué botou três calças, duas camisas e bata rendada de dona prenhá por cima, para arreliar. Outro gaiato saiu da loja com uma toalha de torso e um vestido estampado. Formou-se um bloco de

malandrins. Moleca bambina botou sutiã. Um bando de tabaréus estrepitava, batendo palmas de marimbar, as mãos metidas em bons sapatos de sola com selo, beatamente. Não era só arraia-miúda que aproveitava o tangolomango do rapa-comércio: no Pegue-Leve, entrou madama atrás de quenga. Nesse dia, tenho certeza, professora comeu filé. Vi moça fina seguir batuque, Iaiá dar corda a nego mobral. Tornei a crer que era o fim do mundo. Acho que foi. Mas escolhambou-se. Quando eu já tava fazendo o Nome do Pai, veio o bloco da caçoada e me chamaram de sinhá. Banana benta, que Deus me perdoe. Me escabreou a dona inquieta arengando pra minha comadre, no meio daquele carnaval: “Mariá, no Beco do Lixo tinha um homem nu bradando aos céus que te comeu e pedindo misericórdia.” Sai de fininho, rumo da igreja onde o sino cantava alegre, como por morte de criança. A moça com os peitos de fora, da Casa Santa ela veio, dando alalá. Soou um gongo, soou um tabaque, e o doido Diniz guiou o Caboclo. A lua rolou. Na praça, Heraldo — bem no pé do meu ouvido — gritou a proclamação. Senti que estava caindo do alto das andas abandonadas, com rodas de fogo, pro alto. Que nem espuma de vidro, a Besta de trevas entrou no meu olho.

Ditas essas palavras Elias afundou o rosto nas mãos com um suspiro fundo e se calou. Nhá Eulália aproximou-se toda trêmula e principiou a sua arenga:

Aqui, pelas ruas do comércio, por todo o centro, eu mesma vi a tropelia, o desparrame do grito dos homens tocando um rio revoltoso, mas nada sei de asno mandrago, ou lubisone que entrou na igreja, tomou a coroa do querubim, com a boca de babilão. Frei Zidoro fugiu, diz-que a moça laçou, lá Ela, amontada num cavalo branco, diz-que arrastou o chorão de Deus, tascou no circo das liberdades. Vi a lei montada num jegue, vi o pai da sentença no desfile com o povaréu batendo latas atrás. Numa estrada morta, picaram o bicho com sustos de fogo, rudes rojões.

Não! Não foi! Digo que nego, pois nada disso aconteceu.

O alto falante berrou que era festa de minalua, de se comer e beber de graça. A candangada do pau-de-arara saltou de riba do caminhão, e lá foi o povo... Nas vendas,

nas lojas, no mercado... ‘Tem Minalua! Tem Minalua!’ Os fugitivos da cadeia davam seus tiros pro céu, o preto Severiano armou-se de espadas e busca-pés. A cavallhada dos ciganos passou, com o chefe tocando rabeca. Depois fizeram carnaval. Quem era famílias pegou o seu, quem não era precedeu. Na rua, Zé-Povo. E eu disse: OH TEMPO, QUE TEMPO É ESSE? OH LINDRAMOR EMBRIAGADO! Caiu no claro a librina: “Lá vai a Viúva Cacho de Uva!” Bordou-se o dia que nem a noite, o sol deitou escumas brancas. Era o dia, era o diamante, com apocalipse da lua. O Tempo estava embriagado. Aí pegamos do bom e melhor. Eu disse à metade: “Emílio, família, vamos vadiar.” Assim fiquei, ficamos, ficaram... Eu e o Zotro Zeu. ‘Xá ver como foi: Xaxando, bebendo e comendo no meio da rua. E foi Diniz que matou o bode. Fizeram churrasco. Me deram vinho. Tantas moças, tantas senhoras... As damas demasiadas no Bloco de Maria Perfeita. Meu olho viu, minha boca piu. Brinquei na Praça Municipal. Heraldo falou que era o fim da Soberba. Bati palmas. Era tudo alegre. Até o moço embarcado, que o povo dele abandonou: um adormecido da hora, ele até sorria. Dentro da rede, pois não gostava da caixa escura. Na hora do truvo da tropelia, quando rompeu a chuva de fogos com busca-pés e tiros de arma, que teve estouro de gente e bicho, passou a fera, caiu o raio, largaram tudo, só a namorada ficou. Com uma barriga de espera. Mas veio um grupo de reiseiros, botou o prinspe no jardim. Damas fizeram sua honra, que teve rezas e cachaças, dança, batuque, maculelê. Também rezei, também dancei...

Não, eu não!

FALEI QUE NÃO!

E NADA DISSO ACONTECEU.

Eulália calou-se, Elias recomeçou:

)|O|(

Senti que subia acima das andas abandonadas com rodas de fogo rompante, vi cavalos de prata. Agradei à Providência que me tirou do lugar imundo e me livrou da escuridão. Achei-me num sítio de flores-aves e sinos em giroflê, tendo alimpado meu corpo em raios brancos. Tirei a lama da alma. Largou-me a dor, o fedor da morte. Soprou-me o espírito do céu, o arcanjo com a luz na boca. Perdi o medo. No derrepente, elevou-se meu espinhaço feito palmeira imperial — e por seu tronco subi, com passo alegre, e alevantei meu coração por entre as chispas espiritadas no azul, e disse lumes, disse as glórias:

♠ *É hoje que é amanhã e tudo será renovado assim como subo e desço na praia de malacacheta, pois línguas de fogo me anunciaram. É hoje que é amanhã: o anti-ontem. Plantei minha estrela, broto meu relampo. A graça divina me queimou. Lancei no túnel dos ouvidos a minha grande invocação: Imperador da Pura Verdade, Sabaó, Ganga de Guerra, Turuna, Heralmo do Rio, Lanceló da Taba Redonda, Braço Forte, Aldebarão — eu fui real, fui maioral, consagrado e multiplicado. Em nome de Deus e da Última Hora, tomei aguardente e vinho, comi do bom e do melhor. Sultão das Matas na Casa da Rainha Serena, honrei a Madona, honrei sua flor. Fiz louvação da Intemerata e Maria Mária se apresentou. Era a Dançarina dos Olhos Brilhantes, a companheira do Mestre Diniz, que deu a ordem de liberdade e mandou folia. Sim, Diniz, que soltou os presos, pintou a televisão, encheu a rua de ciganos e se vestiu de mulher. Ele puxou a dança do quebra e me acordou do meu desmaio nos alalás, nas aleluias, Diniz Elói. Então bebi de matar a sede, comi o fim da minha fome e desfrutei sem maldade a beleza que me abraçou. Acabou vexame: o dia brincou com a noite. Fiz a obra do contente, provei o mel das estrelas. Lá estava o Touro, coroa de ouro, o rei que a Terra pariu que nem um facho na escuridão. Abriu-se a lapa com abelhas na boca, rasgou-se a veia de água clara. Então subi no carro de fogo. Quando a noite me tomou, quando me tomou o sono, o silêncio dos meus lábios cantava ainda. Quem se olhava nos meus olhos era a face da alegria. Na rede em que me puseram, no chão onde me deixaram, continuei a sorrir. ♠*

)|(.)|(

Ao som de um sino que tocou de repente Elias calou-se e baixou a cabeça, escondendo o rosto molhado de lágrimas. Eulália sentou-se no chão, apoiando as costas no muro, e se pôs a tremer. Alexandra plantou-se junto a ela, igualmente trêmula.

Pedi a Zabelê que trouxesse comida. Ela prontamente atendeu: num instante encheu a mesa do quintal com travessas de salada, arroz, feijão, carne de sol. Trouxe ainda farinha, godó, uma frigideira de ovos. Era um banquete.

Pela primeira vez nossos amigos aceitaram sentar-se conosco à mesa. Diniz tomou a cabeceira e todos comemos com grande apetite.

Alexandra foi quem primeiro se levantou, pra fazer café. Depois de uma xícara, Jaburu pediu licença. Eulália recolheu os pratos, ajudou Alexandra.

A lavadeira foi a última a deixar a mesa. Agradei sua ajuda providencial e fui com Lauro fazer uma sesta. Quando me vi a sós com ele, comentei:

— Zabelê está se revelando uma ótima governanta. Despachada, enérgica, tem autoridade até com Diniz. Porque será? Entendi que você já conhece o segredo.

— Ontem à noite teve um foguetório que me despertou. Me levantei e fui ao quintal olhar o céu. Fiquei por coisa de um minuto a contemplar a noite estrelada. De repente, ouvi um ruído no quarto dos fundos. Tive receio de que Diniz estivesse aprontando alguma loucura. Entrei, acendi a luz. A lavadeira estava em cima do nosso doido, nuinha, fazendo uma ginástica muito interessante.

Ao sair do quarto, depois da madorna, encontrei Zabelê a minha espera. Queria um minuto de atenção. Lauro saiu discretamente e a linda moça foi logo dizendo:

— Virgem, não fique brava comigo. Imagino que seu marido já lhe contou. O que fiz não foi por semvergonheza. Tenho meu homem, que é muito bom. Mas fiquei com pena do pobrezinho. Trocando o óleo, talvez ele melhore. Você sabe, né? O homem, quando guarda, sobe pra cabeça. O são fica doido, imagine o aluado...

— Zabelê, minha beleza, Lauro não te censurou, nem eu. Está tudo bem — respondi, dando-lhe um beijo no rosto. Ela retribuiu, risonha:

— Virgem, Virgem, amiga dos doidos e das putas, Deus te dê juízo!



Depois do almoço abri o folheto de Sigismundo num trecho com falas marcadas, que nem peça de teatro. A indicação está clara no texto que reproduzo: letras maiúsculas encabeçam algumas estrofes indicando quem se pronuncia. Ao narrador corresponde a letra **A**. Logo entendi que se trata do grande astronauta, Armstrong, relatando uma visão: uma cena espantosa que ele teria assistido ao rodar o filme de sua aventura, modificado de modo misterioso.

Entende-se que na ocasião ele se acharia sozinho no seu gabinete, num cômodo reservado, por certo em seu próprio lar, repousando das muitas viagens que fez por céus e terras. Por algum motivo, resolveu assistir o filme em que era o personagem principal. Mas dessa vez, tudo mudou na projeção.

Segundo o poeta dá a entender, foi um sonho verdadeiro, revelando ao herói uma coisa que não aparece na filmagem divulgada por todo o mundo. Talvez fosse uma projeção de sua mente, de Armstrong.

Nesse novo filme o segundo astronauta não desceu do módulo. Duas senhoras surgiram do nada. Pouco depois surgiu a terceira. Tudo isso se passou num intervalo em que os olhos se abriram para outra forma de percepção. (É o que imagino. O poeta não explica o sucesso).

Achei fácil adivinhar a identidade do trio de damas mesmo antes de seus nomes serem ditos. As letras **M** e **V** indicam as visitantes. O **S** corresponde à dona da casa. Uma declaração de **V** e uma resposta de **S** tornam manifesta a identidade das três senhoras. O poeta não as descreve, mas eu as vejo com nitidez. As gêmeas, **M** e **V**, são mulheres altas, de porte majestoso, que se distinguem apenas pela cor de suas roupas. O vestido longo de **M** é todo preto e ela tem a cabeça coberta por mantilha cor de cinza. Também imagino **V** com trajes de santa, porém seu véu é furta-cor e o vestido que lhe desce até os pés é verde claro. A terceira dama eu diviso muito linda no seu traje branco. Ela ostenta uma espécie de tiara. Contemplo as três enquanto leio, mas repito que essa descrição não é feita no cordel. Nasce de minha fantasia. O poeta passa logo à narração do astronauta:

***A.** Eu assistia na tela.*

A minha lenta descida,

*Disponibilizado gratuitamente pelo autor na quarentena. Abril de 2020
www.ordepserra.wordpress.com*

*No chão de nossa vizinha,
Esfera branca e luzida.
Meus pés marcavam no pó
A marcha bem sucedida.*

*Tomou-me um sono ligeiro
E a fita foi adiante:
Passou do que nós gravamos,
Do conteúdo de antes.
Mostrou-se um vulto espantoso
Na minha tela brilhante.*

*De uma virou-se em duas
A figura que eu olhava.
A Dama com sua Gêmea
Que nem espelho, falava.
Palavras silenciosas
O tempo movimentava:*

*V. Irmã que vieste comigo,
Com Aldres e Braço Forte,
Você na certa conhece
Onde é que nos trouxe a sorte.
Aqui eu nunca passei.
Só pode ser tua corte.*

*M. Mulher, deixe de ironia!
Não seja tão influída:
Só por que vem de foguete,
Não queime sua parecida.*

*Disponibilizado gratuitamente pelo autor na quarentena. Abril de 2020
www.ordepserra.wordpress.com*

*Como é que eu podia estar
Onde nunca andou a Vida?*

*O Criador nos fez juntas
No mesmo gesto encantado:
Predeu-nos uma na outra
Com a força de seu mandado.
Andamos na mesma estrada,
Tangemos o mesmo gado.*

*V. Senhora, sei disso bem.
Não gaste sua ciência!
Mas sei de outra coisa ainda
Que oculta Vossa Insolência:
O seu reinado, em verdade,
É feito de minha ausência.*

*A. As duas dessa maneira
Estavam lá discutindo
Quando, no palco do espaço,
Vi outra dama surgindo
Vestida de claridade
Serenamente sorrindo.*

*Ela voltou-se pr'as outras
Com gestos de cortesia
Sua cabeça inclinando
Onde a tiara se via
De uma luz marejada*

*Disponibilizado gratuitamente pelo autor na quarentena. Abril de 2020
www.ordepserra.wordpress.com*

Enquanto sua voz dizia:

S. Senhoras, peço desculpas:

Confesso que me atrasei.

Não tinha muita certeza

E até agora não sei

Quem é que vem ver a casa

Tão pobre onde me instalei.

Eu tive uma profecia

Segura, mas esquisita,

Dizendo que nesses dias

Teria eu a visita

De heroicos embaixadores

Da gente que a Terra habita.

Disseram que três humanos

Pra cá tinham viajado:

Vinha Armistrão no comando

Por Aldres acompanhado

E pelo Miguel Colines

Que é outro macho retado.

Há horas que estou aqui

Os tais heróis esperando.

No entanto, não vi ninguém

Por estes lados chegando.

Apenas vi uns insetos

*Disponibilizado gratuitamente pelo autor na quarentena. Abril de 2020
www.ordepserra.wordpress.com*

Naquelas pedras pulando.

*Só neste exato momento
Notei Vossas Senhorias
Que são presenças reais
A me trazer alegria
E as boas vindas lhes dou
Na regra da cortesia.*

*Nomes que tenho são muitos.
Contá-los, não vale a pena.
A fim de simplificar,
Me chamem só de Selena
A quem o Supremo deu
Esta morada pequena.*

*V. Não é motivo de espanto
Você não nos conhecer.
Somos da esfera terrestre,
Só hoje vimos te ver.
Mas digo sinceramente:
Querida, muito prazer!*

*Na lua, nunca estivemos.
Mãe Terra nos dá guarida.
Dos entes que ela procria
Nós somos bem conhecidas.
À mana chamam de Morte
Os homens; a mim, de Vida.*

Selena, nós somos gratas

*Disponibilizado gratuitamente pelo autor na quarentena. Abril de 2020
www.ordepserra.wordpress.com*

Por sua delicadeza.

Devo louvar sua bondade,

Devo louvar sua beleza.

Mas sua preguiça é grande...

Perdoe minha franqueza!

A sua casa, querida,

É muito da mal cuidada.

Está cheia de buracos

Às pressas foi mobiliada.

Não vejo onde aqui ficar

— Ó penúria desgraçada!

O seu jardim só tem pedras.

Nem plantas, nem criação.

Pela poeira ajuntada,

Há muito não varre o chão.

A seca aqui foi lascada...

Você não se banha, não?

M. *Selena, você desculpe!*

Não dê a ela atenção!

A minha mana, coitada,

Não tem muita educação.

Só gosta de ver bagunça

Folia e descaração.

Eu adorei sua casa:

Discreta e bem arranjada

*Disponibilizado gratuitamente pelo autor na quarentena. Abril de 2020
www.ordepserra.wordpress.com*

*Silenciosa e tranquila
De arrumação esmerada,
Na sua simplicidade
Como por mim decorada.*

*Porque gostei de você
Vou corrigir seu engano:
Insetos que você viu
São mesmo esse povo humano
Um estranho bicho da terra
Que anda lá soberano.*

*É fraco, mas extravagava.
Mistura o bem com o mal.
Tem e não tem consciência.
Junta real a irreal.
Por causa da inteligência,
Dos bichos é o principal.*

*É filho de minha irmã
Que lhe dedica afeição.
Mas ele não a respeita,
Presta-lhe pouca atenção.
Tem medo e pavor de mim
— E entrega-me o coração.*

*Não faça pouco do trem:
Essa porqueira de nada
Foi quem nos trouxe a você,
Uma com a outra ligada,
Pra conhecer o mistério*

Da tua casa caiada.

Teu olho não é treinado.

Não sabe ver essa gente.

Não tendo o nosso costume,

Teu óculo é diferente.

Mas para ver a visita,

Espie com nossa lente.

S. Desculpe, minha senhora.

Eu tenho meios de ver

O povo que me procura:

Nunca haverei de esquecer

Que a poesia também

Me deu vidente poder.

Vou estudar o bichinho

Na palma da minha mão.

Pra que não morra de susto

Lhe assopro uma distração,

Que lhe adormeça o juízo

E poupe seu coração.

Agora estou enxergando:.

Este merece carinho!

É o famoso Armistrão

Que vejo no meu caminho?

Por que não trouxe o pistão?

Julguei que era mais pretinho!

Neste ponto, fechei o folheto. Diniz me chamava. Tinha visto um teiú no quintal, queria pegar. Pedi-lhe que deixasse o bicho em paz. Desenhei o lagarto numa folha de papel e dei-lhe a figura. O jardineiro ficou satisfeito e eu aproveitei para tirar um cochilo. Acordei uns cinco minutos mais tarde, com Lauro avisando que tínhamos convite para jantar:

— O Grande Homem quer mostrar-nos sua gratidão. O rapaz que operei é seu afilhado. Foi uma cirurgia de urgência. O colega Menezes, diretor da clínica, estava inseguro, mas eu lhe ponderei que se ele mandasse o paciente para um hospital de outra cidade a morte sobreviria no caminho. Dei a mesma explicação aos pais do moço. Eles pediram que se fizesse a tentativa. Menezes ficou nervoso e eu assumi a operação. O rapaz já está fora de perigo. Dei-lhe alta. Eu não sabia que Magno é seu padrinho. Seu pai é o juiz da comarca. Resumindo: temos festa na corte. A mãe de Sua Excelência mandou pedir-me que te leve. Insistiu muito, segundo o mensageiro.

— Sei. Ela quer ver a maluca que atormenta seu filho com uma pesquisa importuna, a moça grávida com o apelido de Virgem que encheu a casa de loucos. É assim que a cidade me conhece. Isabel contou, a Zabelê.

— O jantar será num fazenda, a trinta minutos daqui. Temos tempo de sobra. Vou primeiro ao hospital.

Me despedi do meu querido com um beijo, sentei-me numa espreguiçadeira sob o flamboyant e voltei ao folheto:

V. Amiga, deixe o rapaz

Cumprir a sua missão.

No que é destino marcado.

Melhor não meter a mão.

Nós duas agradecemos

A sua recepção.

S. Senhoras, foi um prazer.

*Disponibilizado gratuitamente pelo autor na quarentena. Abril de 2020
www.ordepserra.wordpress.com*

Sou eu que me sinto honrada.

Vivo sozinha no céu

E pouco sou visitada.

A solidão me persegue:

Me sinto muito isolada.

V. Será que não vem aqui

A seu rincão pedregoso

Alguém que lhe dê carinho

E faça um calor gostoso?

Na Terra, já ouvi falar

Que Vosmecê tem esposo.

S. De fato, morou comigo

Um espírito iluminado

Forte guerreiro bonito

Que apareceu todo armado

(Não sei porque, em minha casa,

Homem só chega enlatado!)

Ele anda no seu cavalo

Numa batalha comprida

Com um jacaré fumacento

A combater toda a vida.

Mas é um homem retado:

Tá sempre com a lança erguida.

Meu ótimo companheiro

No espaço da imensidade

(Ainda choro, ao lembrar

*Disponibilizado gratuitamente pelo autor na quarentena. Abril de 2020
www.ordepserra.wordpress.com*

a antiga felicidade)

Zangou-se, largou o posto

E me deixou na saudade.

Ele era santo famoso

Ungido e canonizado.

Não era da oposição

Nem comunista fichado,

Mas, de uma hora pra outra,

Não sei por que, foi cassado.

Foi procurar outro emprego

Nas plagas da imensidão

E aqui me deixou tristonha

Curtindo minha paixão.

Mas isto não fica assim:

Tomei uma decisão.

Chega de dor e abandono!

Mulher sozinha se ferra.

Achei a a oportunidade

Que a minha desdita encerra:

Vou já pedir a Armistrão

Carona pra ir à Terra.

É uma viagem de estudos

Essa que estou programando.

Os astronautas que vieram

Nesse foguete voando

Deixaram porteira aberta:

Mais outros virão, em bando.

*O dia já não demora
Em que serei habitada
Por essa raça terrena
Que aqui erguerá moradas
Trazendo vocês, amigas
Pra serem cá instaladas.*

*Pois bem: quero ver de perto
As coisas daquele plano.
Quem tira a prova por si
Fica mais livre de engano:
Eu quero saber direito
As manhas do povo humano.*

*V. Amiga, não lhe aconselho
A ir nessa lotação.
Já está bastante apertada;
Mais uma não cabe, não.
Além do que, na chegada,
Seria uma confusão.*

*M. A imprensa toda estará
À espera dos viajantes
Com cientistas, milicos,
Políticos irritantes
E a multidão assanhada
De homens de todo o quadrante.*

*Você sequer imagina
De que esse povo é capaz.*

*Disponibilizado gratuitamente pelo autor na quarentena. Abril de 2020
www.ordepserra.wordpress.com*

*Nós, que em seus olhos moramos,
Os homens não veem mais;
Porém enxergam de longe
Mulheres celestiais.*

*Você vai sofrer horrores
Da praga dos jornalistas:
A cada passo que der,
Lhe pedirão entrevistas.
Logo lhe fazem posar
Pelada numa revista.*

*S. Queridas, eu compreendo!
Não tinha pensado nisso...
Dispensando o foguete e vou
À Terra com meu feitiço.
É um veículo antigo
Porém nunca teve enguiço.*

*Me basta achar um só homem
De espírito enluarado
Dos que no globo da Terra
Têm fama de alucinados:
Os adoráveis poetas
Meus ótimos namorados —:*

*No instante em que sua mente
Sentir minha vibração
Já me dará pra viagem
A barca do coração*

*Disponibilizado gratuitamente pelo autor na quarentena. Abril de 2020
www.ordepserra.wordpress.com*

*E eu lá chegarei risonha
Montada numa canção.*

*Meu povo é eficiente,
Trabalha bem e com raça:
Já vejo um deles disposto
Num santuário da praça,
Copo na mão, consultando
Minha profetiza Cachaça.*

*Não vou a cidades grandes,
Podem ficar sossegadas.
Não quero por todo o mundo
Ser prontamente notada.
A zona em que descerei
Será das mais apartadas.*

*Já escolhi o país
A região e o estado:
Vou ao sertão da Bahia
Lugar por mim estimado:
Consta que o povo baiano
Da terra é o mais aluado.*

*A. Dizendo isso, a divina
Sumiu-se na cerração
Que se formou num instante
Depois de um forte clarão
No espaço da eternidade
Fechando sua aparição.*

*Disponibilizado gratuitamente pelo autor na quarentena. Abril de 2020
www.ordepserra.wordpress.com*

*As outras duas senhoras
Muito surpresas ficaram
Uma a olhar para a outra
Como esquecidas quedaram
E só depois de um minuto
Ouvi que elas comentaram:*

*V. Irmã, esta nossa amiga
Deixou-me agora espantada.
Me pareceu, no começo,
Tranquila, calma, educada
Porém mostrou de repente
Que é mesmo da pá virada.*

*Com toda uma experiência
Que tenho de longas eras,
Com tudo que vi e sei,
Agora, pra ser sincera,
Esta menina assustou
... A mim, que pari mil feras!*

*M. De fato, querida irmã:
Eu, que pari o Terror,
Quase me sinto assombrada
Por seu oculto furor:
Lembrei-me do lindo monstro
Que os Homens chamam de Amor.*

Foi uma delícia a conversa que tive com o poeta quando lhe comprei o folheto.

Sigismundo acolheu com gentileza o meu pedido de entrevista. Disse logo que faria outro cordel sobre o assunto. Recitou poemas, cantou, paquerou-me descaradamente, mas fez mistério quanto ao prosseguimento da sua obra. Alegou que estava negociando com Selena e contou-me uma história maravilhosa:

— Quando acabei de escrever o livrinho fiz uma longa viagem. Numa cidade do sertão, quase igual a esta, mas que de fato não era esta, por falta de ser a mesma, encontrei uma moça bonita. Não tão bonita quanto você: apenas se aproximava. Também não era moça real, assim do seu modo. Tinha uma velha juventude, bem antiga e renovada. Ao contrário da sua, a boniteza da esquisita talvez fosse feia. Faltava o mel que você tem. Ela me desafiou para uma partida de gamão. Ora, eu jogo muito bem gamão. Apostamos. Perdi. Nos termos da aposta, fiquei sujeito a seu capricho. Ela falou que é canibal e se alimenta de miolos de trovador, de poeta que nem eu. Como tinha gostado de mim, só ia me comer um pedacinho da memória. Botaria no lugar um punhado de sonhos com certa força de verdade. Sim, senhora: além de feiticeira e jornalista, a danada é médica. Eu tinha dado a palavra de honra, me submeti à operação. Foi assim que esqueci a segunda parte do romance. Careço ainda de um curativo no miolo. A doutora se apresentou como Virgínia, mas desconfio que era a própria Selena. Foi ela quem me contou a experiência do astronauta. Me disse a Encantada que através de um sonho fez Armstrong apreciar a verdadeira visão do seu encontro na lua, o filme que a máquina dele não captou; fez o astronauta assistir a fita sozinho, num noite de febre, mas logo em seguida tirou-lhe esta lembrança, derramada mais tarde no cérebro de um poeta cujos miolos ela pretende comer aos poucos.



A casa era ampla e severa, parecia um forte. Destacava-se no centro de uma vasta clareira no mato, onde a pequena estrada vicinal desembocava. Erguia-se a construção sobre um suave platô. Uma parte da fachada mal se via de longe, quase encoberta por um juazeiro a cuja sombra estava amarrado um cavalo. Num plano mais baixo, como se abrissem alas para a vista da casa grande, havia outras edificações: três casinhas soltas de

uma banda, um pequeno bloco de cômodos geminados da outra, com meia dúzia de portas rústicas. Entre esse bloco e uma umburana havia alguns carros estacionados. Foi aí que paramos. O lugar era fresco, agradável. Um riachinho fazia vereda não longe da casa grande, à direita, seguindo em curva caprichosa no rumo do mato. Adiante havia uma lagoa (a menos de um quilômetro, segundo mais tarde me disseram). Mais além do regato ficavam os currais. A gente podia ouvir dali uns mugidos melancólicos. Dois postes no terreiro da entrada davam boa luz. A casa grande também estava ricamente iluminada.

O prefeito levou-nos a uma ampla sala de visitas onde já se achavam o juiz, o presidente da câmara municipal, outro vereador e um secretário, com suas esposas. O Meretíssimo veio logo a nosso encontro, junto com a madame, entoando uma ladainha de agradecimentos. Lauro protestou: só tinha feito seu dever, colaborando com um colega. O prefeito contradisse:

— Ora, Doutor, deixe disso. Mané Menezes falou com sinceridade que sua intervenção foi decisiva. Essa palavra não é difícil de traduzir. Entendi logo: se o senhor não estivesse aqui, o rapaz estava perdido. Nem Manezinho, que não passa de um tabaréu com diploma, nem outro médico dos que temos na cidade ia lhe valer. Os enfermeiros também comentam, todo mundo fala: foi o senhor quem teve a decisão, a coragem e a arte para o necessário. Agora já vieram da capital outros doutores, que mandamos buscar. Eles todos disseram a mesma coisa: “Tomou-se a medida certa, na hora certa.” Lhe deram parabéns. Bom, o senhor é muito educado, tem suas regras, nunca dirá o que a gente já sabe, mas o certo é o certo, suas modéstias à parte. Se fosse pela ideia dos outros, o menino era levado na ambulância pra não sei onde e morria na estrada, comendo pó. Por sorte, havia aqui um médico de verdade, um doutor que garante as calças. A mão que não treme eu admiro, eu bendigo. Não acredito em ciência frouxa. Mas também sou grato a Manezinho: escutou quem sabe.

— Ele pediu minha opinião e fui feliz. Depois, trabalhamos juntos no caso. Foi só isso — Lauro replicou, constrangido. Mas o prefeito não deixou por menos:

— Devo-lhe a vida de meu afilhado. O bem que me fez não tem paga. Permita que eu lhe agradeça.

Meu querido ficou sem jeito, completamente embaraçado. Por sorte a mãe de Sua Excelência apareceu bem nessa hora. Ela cumprimentou a todos com gentileza mas foi a

mim que dedicou maior atenção. Era uma mulher espigada, de cabelos brancos, com poucas rugas no rosto moreno, olhos muito vivos. À mesa, pôs-me a seu lado. Aprovou quando repeti o tutu.

— Isso, minha filha: sirva-se à vontade. A mulher prenha deve comer bem. Nada desses luxos de passar fome, que é coisa de gasguita.

Depois que passamos à sala de visitas dei-lhe o pretexto, elogiando a beleza do lugar. Circulamos um pouco pelo casarão. Num cômodo amplo onde se destacava um belo oratório, a velha sentou-se comigo num sofá e puxou o assunto de seu interesse. Começou perguntando para que jornal eu trabalhava.

— No momento, não tenho ligação com jornal nenhum — repliquei, abrindo o jogo. — Estou fazendo uma pesquisa para um livro em que colaboro, por encomenda de um professor.

— E o assunto é mesmo a gente daqui?

— Sim, tem a ver com a história desta cidade. Trata de um acontecimento misterioso, o alalá de sessenta e nove.

— Então é isso... Quem diria, o pessoal civilizado se interessou pelas artes de nossos doidos. Estão botando em livro, a fim de estudar. Benza Deus! Quando um rapaz daqui falou em pôr este assunto em letra de forma, eu achei bobagem. Mas percebo que o moço tinha tutano. Descobriu, o atrativo de nosso mundinho: a maluqueira. Neste caso estamos bem servidos. Eu julguei que ninguém se importaria tanto com a gente. É que eu não conhecia esse negócio de pesquisa. Depois dele teve outros, vindos de fora. Apareceu até um branco da cara vermelha, muito esquisito, com ares de americano, mas sem ingrisia. Passou uma semana nesta terra fazendo perguntas ao povinho. Meu filho se engasturou à toa. De uma hora para outra esse tipo sumiu. Só que o assunto não estancou. Logo mais reapareceu o varapau de nariz assombroso: Sabiniano, que Deus o tenha. E agora, você: uma moça fina, bonita, casada com um médico de qualidade. E grávida. Taí uma coisa que nunca imaginei...

— O que mesmo, Dona Joana?

— Que mulher prenha faz pesquisa de maluco. Não lhe dá antojo? Enfim, o pessoal moderno é diferente. Mas isso não vem ao caso. Eu estava com muita vontade de lhe conhecer. Já me tinham dito que você trabalha para um grande lá da capital, um homem

poderoso, muito rico. Você agora me confirma. Vejo, portanto, que a coisa andou. É como eu disse a meu filho, quando o narigudo entrou no assunto: a história enterrada tinha semente. O grão que se esconde no barro, um dia ele brota. Temos água de cheia no rasgo da barragem. Mas olhe, sou positiva: a cheia que perturba pode dar proveito. A fruta nova talvez seja boa. Mandioca tem veneno, mas também se come. Não condeno essa lavoura da escrita, não é tudo a mesma coisa. O perigoso é papel de jornal. O livro não incomoda. É importante. Outras cidades sertanejas se acham nos livros e o povo se orgulha dessas histórias encadernadas sobre sua terra, mesmo quando são lembranças pavorosas, dos horrores de antigamente. Nossa loucura merece prestígio? Vocês acham? Pois seja. Eu não me assusto com gramáticas. Mas entendo quem se assombra. Essa lavoura quase sempre contraria o natural. Se planto arroz, arroz eu colho; se planto feijão, dá feijão. Já uma história enterrada brota outras diferentes. Aqui, na eira do silêncio, na beira do mundo, foram plantadas vozes e nozes... de maluquice. Com razão, você quer razão. Tanto terá como não terá. Ficaremos todos satisfeitos: vós e nós. Sim, menina: tenho certeza de que nós duas vamos nos entender. Já vim que somos da mesma raça. Quando você apareceu, meu filho ficou preocupado. “Velha, a jornalista me procurou. Tem um jeitinho de colegial. Não há quem diga que é mãe de família. Me perguntou do quebra-lua e sorrii quando neguei. Nem se deu ao trabalho de insistir. Foi-se embora tranquila, com seu passinho de raposa.” Eu respondi: “Pois conte-lhe o caso.” Magno então me retrucou: “Não. Acho difícil lidar com esta raça nova, letrada, que astúcia demais. É missão para vosmecê.” Concordei. Meu filho tem tutano, mas na parte do miolo, fica-me devendo. Há poucos dias ele chegou aqui embatucado de novo: “Mãe, a feiticeira me pegou. Agora, estou em suas mãos. Seu marido salvou o menino.” Eu respondi: “O ingrato não tem honra. Convide o médico e sua mulher para a nossa mesa. Eu conversarei com a moça. Tenho certeza de que nós duas nos entenderemos. Você amarrou sua boca de não, porém a minha está livre. Ela quer a história, procurou entre os loucos, ainda busca. Posso dizer que também sou doida: chegar à minha idade é loucura.” Falei certo?

—A senhora vai me propor um trato, não é? Uma condição.

— Eu vou lhe pedir uma coisa fácil: que deixe o assunto em forma de livro, não derrame em papel de jornal.

— Quanto a isso, não há problema. É um compromisso que já tenho.

— Peço-lhe ainda outra coisa: que me deixe contar o caso como sei, com a liberdade da minha boca. Não faça perguntas. Eu não lhe exijo que me creia, mas vou expor o assunto do meu modo.

— Como quiser, Dona Joana.

— Então começo. Naquele dia a gente estava noutra fazenda que temos, a Furna, a duas horas daqui. Meu filho saiu para caçar. Voltou inchado, encalombado: surpresa de inchu. Siá Terência tirou os ferrões, eu mesma botei remédio. Ele teve febre. Ficou na rede da varanda, queimando. Dei-lhe um chá. Magno então serenou. Dormiu. E o tempo voou. No meio da tarde nós tivemos o primeiro sinal: defronte da casa da fazenda, rompeu um gordinho, caixeiro de loja. Vinha airado, mal assombrado, num cavalo suarento. No apear-se do catrumano a montaria deu um pinote. O homem relinchou. Caiu de quatro, chorava que se abusava. Meu filho acordou com os gritos: “Prefeito, a cidade está louca. Tem minalua, um carnaval de doidos na praça. Minha mulher me largou, foi dançar com as quengas. O diabo amontou na lei.” E novamente pegou a relinchar. Magno deu um grito: “Amarrem esse corno no mourão, encham-lhe a boca de capim. Se ele não se aquietar, desçam-lhe a peia.” E assim se fez. Meu filho voltou a dormir. Horas depois chegou mais um. Esse era feirante, um caboclo vesgo empapuçado, amarelo demais. Quando viu o seu precedente encolheu-se com ar de tatu bolinha e falou contrito: “Me amarrem também, que estou doido igual ao compadre.” E assim se fez. Grande intervalo se passou até que apareceu um terceiro: um pretinho de seus dezenove, magro, bem apessoado. Quando viu os cabras no mourão, tomou um susto. Porém aprumou-se logo. Veio até onde eu estava e disse, com seu bom modo: “A bênção, madrinha.” Aguardou que eu perguntasse: “Meu filho, o que o traz aqui?” Então respirou fundo e falou com calma: “A cidade não está normal. Presos fugiram, fizeram estrepolia atacando o comércio. Os doidos andam pela praça em micareta fora de tempo, as famílias fogem para o mato ou caem na baderna. O juiz foi enxotado, o promotor também. E o delegado está louco.” Assim ele falou, sem pressa nem demora. Meu filho se levantou da rede com um brado: *Então é hoje, meus diabos!* Saiu gritando por homens e armas. Encheu o caminhão, a kombi e a camionete com a brabeza dos cabras. Indaguei ao pretinho quem chefiava a rebelião. Ele me respondeu que era um tal de Severiano, mas tinha outros: um

bêbado por nome Sofrônio, um maluco do pão chamado Diniz e os subversivos. Estremeci. Falei a meu filho Magno: “Faça como entender, mas no doido não me toque: esse Diniz nasceu de seu pai e de uma quenga de sangue ruim.” Magno partiu com seus homens de fogo. O resto não vi, escutei. O Prefeito encontrou o mundo de pernas pro ar. Um carnaval dos últimos dias. Topou os rebeldes na praça. O cabeça conseguiu fugir. O tal de Sofrônio fazia um discurso aos cassacos, no meio das mulheres damas. Não completou. Diniz, coroadado de flores, dormia na porta do Fórum, entre moças nuas. Foi atado pro hospício. Um cabra que berrava no alto-falante foi preso nos estertores. Uma vaca bêbada gritou: — *Tem homem na lua, prefeito!* — e levou uma chicotada no rosto. Num instante se repôs a ordem. As famílias que tinham fugido voltaram para dentro de casa. Mulher sem-vergonha levou seus bolos, malandro dançou na peia. No outro dia, a grande labuta: todos removendo os sinais do quebra. Meu filho botou a regra: convocou os homens de peso e quando viu que não faltava nenhum, ditou a sentença caridosa: *Nada aconteceu*. Aqueles que fraquejaram, como viveriam com a lembrança de seu tombo, de sua fuga, de seu soçobro? Os que viram suas esposas correr para a rua, no carnaval da imoralidade, os que viram suas filhas misturadas com as mulheres-damas, e os infelizes que fizeram absurdos, a pensar que era o fim do mundo, como voltariam ao mesmo antigo mundo normal, se não desdissem do falso fim? Magno prendeu os bandidos, expulsou os perniciosos, derrotou a subversão, deu socorro aos comerciantes, afastou os candangos, mas exigiu esta correção: exigiu que todos desmentissem o disparate que não tivera qualquer direito de acontecer. A vergonha pede esquecimento. E sem esquecimento não há perdão. Ele tinha de punir os atrevidos, mas devia também perdoar os fracos, que foram muitos. A cidade inteira delirou.

[Lembrei-me de Cirão: *Eram quase cem homens no pátio da Câmara. O Prefeito os deixou esperando debaixo do sol um bom tempo e assim que veio fez a pergunta: “Aconteceu alguma coisa?” Só um velho caduco respondeu: “O homem na lua e o fogo na rua.” Levou uma dúzia de bolos. Então, todos entenderam...]*

Dito isso, Dona Joana fez uma pausa. Pegou-me pela mão e me levou de volta à sala de jantar, onde serviu para nós duas um vinho delicioso, em taças de cristal. Depois que bebemos, prosseguiu:

— Só muito depois vieram as pesquisas. Meu filho encabulou-se. Turrou, errou. Sua palavra já dera fruto. No princípio, tinha lógica: “nada aconteceu” é a resposta certa para “o mundo acabou”. Mas passou do tempo, trocou o sentido. Caducou. Era como se Magno admitisse padecimento de vergonha, guardasse em casa uma trouxa de coisas feias, tivesse males a esconder. Agindo assim, ele mesmo se injustiçou. Não posso admitir tamanho engano. Tenho orgulho do que ele fez: na hora amarga, enfrentou a loucura do mundo. Assim sendo, por que calar? Num caso desses, quem fecha a boca dá comida à mentira. Só hoje ele entendeu. Agora se vale de minha língua. Conto com você, amiga: bote em seu livro a pura verdade que a velha Joana lhe falou”.



Demoramos a pegar no sono. Eu repassava na lembrança a conversa da velha, enquanto Lauro se agoniava com as homenagens recentes, os elogios que lhe fizeram as autoridades, rasgando seda. Ainda por cima o prefeito lhe ofereceu a secretaria de saúde, a direção do hospital, um mundo de vantagens. Tanto Magno como o juiz lhe pediram que ficasse na Pedra Branca. É claro que ele recusou.

Eu também sentia um embaraço: não conseguia tirar da cabeça as estranhas coisas que Dona Joana me dissera. No dia seguinte falei a respeito com Alexandra, que em parte me esclareceu:

— A mulher de Magno morreu há tempos, não lhe deu filho. Aí ele resolveu que nunca mais se casaria. Vingava-se emprenhando as mulheres dos outros. Tem marido que ainda agradece, como é o caso do juiz. Esse menino de Dona Carol é o preferido. O Grande ficou alucinado quando soube do risco de vida que o rapaz correu. Por isso ficou tão grato. Pra ele, agora, é Deus no céu e Doutor Lauro na terra. Mas se o garoto não resistisse... Sim, senhora, agradeça a Deus: seu marido saltou fogueira.

— Percebo. Mas foi a mãe de Magno quem me deixou perplexa.

— Já sei o que lhe intriga. Escute, menina, a história vem de longe. Nhá Joana se casou muito moça com um mangangão, o finado Sinhô, de quem teve Magno. O pai d'égua tava embelezado, arrastou asa por um tempo enorme. Na mocidade, pode crer, Joana era bonita que nem um anjo, além de prendada e muito rica. Não lhe faltavam candidatos. Sinhô penou, teve muito que labutar na conquista. Por fim a desejada aceitou seu pedido, mas botou condições: pelo sim da aliança, ele teve de expulsar da fazenda um ror de amásias. A mãe de Diniz era uma delas. Morreu do último parto. Seu caçula foi criado por uma irmã, que também paria de Sinhô. Ele arranhou-lhe uma casita, numa vila próxima. Ao perder a mãe de criação Diniz veio para a sede. Trabalhou num hotel. Quando enlouqueceu ficou debaixo da guarda do irmão mais velho, ou seja, do que nasceu da mesma mulher.



Depois do almoço principiamos a arrumação. Acabavam-se as férias de Lauro. Eu ainda ficaria, se tivesse esperanças. Mas sentia claramente que havia chegado ao limite de minha busca. O luaréu continuava a recusar-se. Essa era a única coisa certa na Crônica de Cirão.

Marcamos a viagem para a manhã do dia seguinte. Com o coração apertado, ficamos quase o dia todo em acertos e arrumações. À tarde tratamos dos presentes para os amigos que íamos deixar: roupas, sapatos, remédios. Pusemos tudo em cestos novos, comprados na feira. Quando acabou esse arranjo eu fui ver Diniz, que me chamava. Ele deu-me uma pedra branca, redondinha. Estava imundo, coberto de terra da cabeça aos pés. Pedi-lhe que tomasse um banho. Zabelê ponderou:

— Depois, que roupa ele vai vestir? Todas as outras estavam sujas, lavei inda hoje e botei na corda.

— Pegue meu roupão amarelo no quarto. Empréste. Depois, ficará para você.

Lá se foi ela com o robe e o doido para o banheiro dos fundos:

— Hoje ele fica limpo, Virgem. Deixe comigo.

Voltei ao quarto e fiquei escrevendo, não sei quanto tempo. Em seguida, fui tomar meu banho. Lauro deitou-se para descansar. No que eu acabava de me vestir, Zabelê bateu na porta:

— Virgem, venha, chame o doutor. Os seus amigos estão esperando: querem despedir-se. Traga sua máquina.

Seguimos a bela moça, que nos levou ao quintal.

No centro, sob o flamboyant, vimos a mesa posta com a toalha branca enfeitada de flores, garrafas de vinho, copos. Em dois bancos compridos assentavam-se, de um lado, Lulu Inês, Jaburu, Carmem e Eulália; do outro, Alexandra, Joana do Bago Doce, Veia e Mãe Virgínia. Diniz, ao lado de Zabelê, plantou-se numa cabeceira. Nós nos assentamos na outra. Alexandra serviu-nos o vinho. Bebemos. E então eles começaram:

♪ Um grito de rasgar as almas ardeu no vento e tomou conta do mundo, era um sinal que repicava com labaredas de todos os santos, a estrela de fogo, o sino salmão. Heraldo viu sair a espada de sua garganta e voar feito gavião no que ele mesmo se vestiu com a bandeira do Divino e Maria Dama deu-lhe o cálice e proclamou “Bebe-te, bêbado!” e ele contou que foi Elias, que foi Elisa, ali na porta da promessa. O animal assobiou, gritaram bocas e bocetas. Então começou a cheia.

✿ O trem se espalhou num galope de boca em boca, a língua de ferro furou o túnel, a voz vermelha, a voz amarela e a mais escura se enroscaram. O caminhão deu um ronco de besta feroz, bateu nos homens a livrosia, o barco avoou com um arco-íris em cada asa.

♪ As moças do circo se vestiram de vaga-lumes, o leite da noite escorreu na face do dia. Dançava o tempo nas águas da lua, nos olhos de Maria Mária. Um bando de auroras entrou na capela e começou o alalá.

⋔ *Era entre fogos a micareta dos presos que invadiram as casas comerciais, a chamar o povo, e juntamente os cassacos do pau-de-arara vieram, porque foi dado o pregão da nova lei do homem na lua, que todo o mundo aprovou, com muita razão.*

▼ *Quem ignorou o decreto foi exemplado, o tapa comeu na orelha, daí fugiu muita gente. Autoridade se escondeu debaixo da cama. Anu cantou no formigueiro. A Intemerata montou a cavalo e passeou pela cidade. No dia claro, o sol fez máscaras de chuva e se enfeitou de cores leves.*

⋔ *Um frenesi de batuques no solto do céu. No meio do zé-pereira, deu-se um clamor de milagre. Viu-se uma santa no trapézio. Na caveira de boi chisparam abelhas, brotou de um ninho de nuvens a Dançarina. Vieram os anjos batendo lata e o negro zambeta com sua maraca. A moça, com seu vestido assoprado, fez um cinema: era a Dama Damiana, era a Flor das harmonias. Dancei, dançamos, dançaram, todos os mundos... Quebra-lua!*

▼ *Um espelho em chamas: era o show de Xirico, os passarinhos na garganta. O povo do circo se espalhou. Urrou o leão e dançou o palhaço, com a lua no bolso.*

● *Saiu da terra o trovão. Papoco de doidos fogos, tiros, derrame de espadas. Corisco lambendo pedras, nos cascos do boi Surubim. Labareda, folha d'água. ALALÁ !*

◇ *Foi no tumulto da tropelia maior que ele veio na sua rede, caminho da cova. Um belo rapaz chorado, porém risonho: uma semente de alegria. No momento do estouro ele saltou de sua barca. Todos correram. Só a noiva ficou, de vestido preto, e com seu corpo se abraçou, gritando: !! LÚUUUUUCIO !!*

☼ *E desmaiada, a bela mulher era a metade do rapaz, ele de branco, ela de preto, ele de riso, ela de lágrima. As moças do Bloco das Aleluias de Maria Perfeita vieram depois e recolheram o casal, botaram no meio do jardim. E Mãe Virgínia com as outras beatas ficou rezando. E fez-se o baile do velório, com muitas danças e xaxados, a bela boda.*

☽ Então bebi o vinho vivo e sai pulando. Eu era o Caboclo da Mata Virgem, o Reis Glorioso da Jurema do Catendê de Jesus Menino, o Xangô de Ouro — e o sol me arrastava, que cabriolava no olho do céu. Corri para o mato. Lá estava o Pai, que comigo reina. Lá estava eu na lapa de meu presepe, que fosflorava de bons aromas.

† E de repente, acabou-se o mundo. Uma chuva de tiros. Heraldo caiu, que dançava na frente do bloco, e os paroaras o carregaram, dentro da rede do outro. O show de Xirico parou, com a faca na sua garganta. Correu pro mato a manada de moças. O Cordão das Aleluias de Maria Perfeita se espedaçou.

✿ A praça já se esvaziava, porque findou a procissão dos pretos ciganos e adormeceu nosso carnaval. Os santos estavam recolhidos. Chegou a hora do dragão.

▼ Disseram que a torre da igreja tinha caído e o Bom Jesus Conselheiro estava morto.

† Gemiam os homens, gritavam as mulheres arrastadas pelos cabelos, espancadas, corridas a panos de facão. Os que não fugiram nem tombaram foram amarrados, puxados com as cordas no pescoço, debaixo de pau. As damas se aputanharam de novo, os que comeram e beberam tiveram os dentes quebrados.

☐ Encheu-se a cadeia, os caminhões levaram muitos para atirar no chão da estrada, longe daqui, amarrados de pés e mãos, enquanto o carro corria a toda a velocidade.

▶ E os loucos foram pro hospício, e os pobres pro cativoiro. A festa parou.

✿ Mas o rapaz coroado de flores, o homem divino que estava na praça deitado com sua mulher, o Lúcio da luz, o bom Manoel, o nosso Renato, esse ninguém pôde deter.

▶ Ninguém o viu, ninguém o achou, a treva não o cativou: a sua força foi maior.

Disponibilizado gratuitamente pelo autor na quarentena. Abril de 2020
www.ordepserra.wordpress.com

☀ *Nada jamais o vencerá.*

Disponibilizado gratuitamente pelo autor na quarentena. Abril de 2020
www.ordepserra.wordpress.com

GLORIA
IN EXCELSIS